

REVISTA DA
ACADEMIA
CEARENSE
DE LETRAS



FORTI NIHIL DIFFICILE
Divisa de Beaconsfield

Fortaleza, 2017



Patronos

- 1 - Adolfo Caminha
- 2 - Álvaro Martins
- 3 - Antônio Augusto
- 4 - Antônio Bezerra
- 5 - Papi Júnior
- 6 - Antônio Pompeu
- 7 - Clóvis Beviláqua
- 8 - Domingos Olímpio
- 9 - Fausto Barreto
- 10 - Padre Mororó
- 11 - Barão de Studart
- 12 - Heráclito Graça
- 13 - D. Jerônimo Tomé
- 14 - João Brígido
- 15 - Capistrano de Abreu
- 16 - Franklin Távora
- 17 - Joaquim Catunda
- 18 - Moura Brasil
- 19 - José Albano
- 20 - Liberato Barroso
- 21 - José de Alencar
- 22 - Justiniano de Serpa
- 23 - Juvenal Galeno
- 24 - Lívio Barreto
- 25 - Oliveira Paiva
- 26 - Soares Bezerra
- 27 - Soriano de Albuquerque
- 28 - Mário da Silveira
- 29 - Paulino Nogueira
- 30 - Rocha Lima
- 31 - Farias Brito
- 32 - Cônego Ulisses Pennaforte
- 33 - Rodolfo Teófilo
- 34 - Samuel Uchoa
- 35 - Tomás Pompeu
- 36 - Senador Pompeu
- 37 - Tomás Lopes
- 38 - Tibúrcio Rodrigues
- 39 - Araripe Júnior
- 40 - Visconde de Sabóia



FORTI NIHIL DIFFICILE
Divisa de Beaconsfield

Revista da Academia Cearense de Letras

Ano CXXII - v. 78
2017

Fundação Demócrito Rocha

Presidente

João Dummar Neto

Diretor Geral

Marcos Tardim

Edições Demócrito Rocha (EDR)

(Marca registrada da Fundação Demócrito Rocha)

Editora Executiva

Regina Ribeiro

Editor Adjunto

Humberto Pinheiro

Editor de Design

Amaurício Cortez

Editoração Eletrônica

Welton Travassos

Revisão

Giselda Medeiros

C387r REVISTA da ACADEMIA CEARENSE de LETRAS /
Academia Cearense de Letras. -Fortaleza, v.1- ;

n.1- ; 1896-
2017, v. 122, n. 78

1. Literatura brasileira - Periódicos - Ceará. 2. Academia
Cearense de Letras – História.

ISSN: 0102-8820

CDD: 869.05



edições demócrito rocha

Av. Aguanambi, 282/A - Joaquim Távora - CEP: 60.055-402 - Fortaleza-Ceará

Tel.: (85) 3255.6037 - 3255.6256 - Fax (85) 3255.6271

edicoesdemocritorocha.com.br | edr@fdr.com.br | livrariadummar.com.br

Academia Cearense de Letras

Fundada em 15 de agosto de 1894
Filiada à Federação das Academias de Letras do Brasil

Diretoria do Biênio 2017 – 2018

Presidente de Honra	José Murilo Martins
Presidente	Ubiratan Diniz Aguiar
Vice-presidente	Angela Maria Rossas Mota de Gutiérrez
Secretário Geral	Juarez Fernandes Leitão
Secretário Geral-Adjunto	Francisco Flávio Leitão de Carvalho
Diretor de Finanças	Giselda de Medeiros Albuquerque
Diretor Cultural	Maria de Lourdes Dias Leite Barbosa
Diretor de Patrimônio	Ednilo Gomes de Soárez
Diretor de Publicação	Noemi Elisa Aderaldo
Conselho Fiscal	Durval Aires Filho, Francisco Ernando Uchoa Lima e Pio Rodrigues Neto

Comissão de Redação desta Revista

Noemi Elisa Aderaldo - Presidente
Linhares Filho - Sânzio de Azevedo
Horácio Dídimo - Giselda Medeiros

Revisão: Comissão de Redação

Colaboração:
Madalena Figueiredo - Bibliotecária CRB3/ 311

Sede da ACL

Palácio da Luz
Rua do Rosário, 1
60055-090 - Fortaleza - Ceará – Brasil
Telefone: (85) 3253 4275; (85) 3226 0326
E-mail: acletras@accvia.com.br
Horário de Funcionamento
Segunda a Sexta-feira, de 8h:00 às 16h:00

Normas para publicação

1. As colaborações devem ser encaminhadas à Comissão de Redação em cd, acompanhadas de cópia impressa, digitada em Microsoft Word.
2. Na primeira página deverão constar o título do trabalho, o nome do autor e a sua qualificação.
3. Os títulos de livros, revistas e jornais devem ser colocados em itálico, e não entre aspas.
4. As colaborações, cujos autores não sejam acadêmicos, deverão ser aprovadas pela Comissão de Redação.

Aceitam-se permutas.

- As ideias e conceitos emitidos pelos colaboradores são de sua única responsabilidade.

Sumário

1ª PARTE – Estudos

De *Sânzio de Azevedo*

Adolfo Caminha: 150 anos 15

História como ficção 17

Naturalismo em Machado 19

De *Luciano Maia*

O canto flamenco 21

Seguir ou continuar 23

Um prócer da língua 25

De *Ubiratan Diniz Aguiar*

Cidadania: acesso a educação e à cultura 27

De *Beatriz Alcântara*

Grupo SEARA, Amizade e Literatura 42

De *César Barros Leal*

Prefácio do oitavo volume da Série Diálogo ambiental, constitucional e internacional, organizado por Bleine Queiros Caúla, [...] 47

De *Giselda Medeiros*

O objeto ausente 50

De *Lourdinha Leite Barbosa*

Canção do amor inesperado 52

De *Dimas Macedo*

Percursos da literatura no Ceará 55

De *Rumen Stoyanov*

Um olhar para o Nordeste desde a Bulgária:

Dimas Macedo e Francisco Carvalho 58

De <i>Gizela Nunes da Costa</i>	
A presença de Giselda Medeiros nos periódicos cearenses.....	63
De <i>Vera Lucia Albuquerque de Moraes</i>	
A Espessura enigmática do Silêncio, no Livro <i>O Silêncio da Penteadeira</i> , de Angela Gutiérrez.....	74

2ª PARTE – Poesia

De <i>Marly Vasconcelos</i>	
Cetim	81
Alaúde.....	82
Vida	83
Esmeralda.....	84
De <i>Horácio Dídimo</i>	
O céu aberto	85
Os habitantes do espaço.....	86
O castelo	87
Asas	88
O segredo do Guajara.....	89
De <i>Regine Limaverde</i>	
O pensamento é o ladrão da felicidade	91
Reencontro.....	92
De <i>Lúcio Alcântara</i>	
Sertão	93
De <i>Giselda Medeiros</i>	
O Retrato.....	94
De <i>Linhares Filho</i>	
A Nossa Senhora Aparecida, Padroeira do Brasil.....	95
Despedida do Grupo SIN a Pedro Lyra	97

Após a cirurgia ocular	98
<i>De Noemi Elisa Aderaldo</i>	
Reflexões	99
<i>De Révia Herculano</i>	
Perfil	100
<i>De Luciano Dídimo</i>	
Em minhas veias	101
O Poeta aos oitenta	102
Um pai poeta.....	103
<i>De Ana Luiza Almeida Ferro</i>	
Quando	104

3ª PARTE – Prosa de Ficção

<i>De Juarez Leitão</i>	
A arte da boemia.....	107
<i>De Giselda Medeiros</i>	
O Aniversário de Cecília	111

4ª PARTE – Discursos

<i>De Pedro Paulo Montenegro</i>	
Flávio Leitão na Academia Cearense de Letras.....	115
<i>De Flávio Leitão</i>	
Discurso de Posse	119
<i>De José Augusto Bezerra</i>	
Reinauguração do Palácio da Luz	128
<i>De José Augusto Bezerra</i>	
Despedida da Presidência.....	133

De <i>Ubiratan Aguiar</i>	
Discurso de Posse da Diretoria da Academia Cearense de Letras: biênio 2017/2018	137
De <i>Beatriz Alcântara</i>	
Celebração pelos 123 anos de fundação da Academia Cearense de Letras e homenagem póstuma a Ivens Dias Branco e Airton Queiroz, dois de seus notáveis benfeitores	143
De <i>Linhares Filho</i>	
Celebração do centenário de Acadêmicos.....	160
De <i>Angela Gutiérrez</i>	
Espaços e inespacos na memória da infância em Itinerário: trinta anos de poesia, de Linhares Filho	168
Teolinda Gersão: breve notícia de seu percurso na literatura.....	176
De <i>Beatriz Alcântara</i> Universalidade e literatura	182
De <i>Teolinda Gersão</i>	
Revisitar a Odisseia e repensar Ulisses	201
De <i>Francisco Marialva Mont'Alverne Frota</i>	
A Escalada de Sisifo	210

5ª PARTE – Transcrições

De <i>Sânzio de Azevedo</i>	
José Albano: versos de 1906	217
De <i>Luciano Maia</i>	
Sem desespero	219
Poeta oceânico	221
De <i>Pedro Henrique Saraiva Leão</i>	
Variações Natalinas.....	223
Bíblías Médicas.....	225

De <i>João Soares Neto</i>	
Morre Zygmunt Bauman	227
De <i>Barros Alves</i>	
Um verão de Plutarco	228
De <i>Eduardo Fontes</i>	
Ideais: Academia renovada	230

6ª Parte – O Livro da Academia

De <i>Virgílio Maia</i>	
Sete Chuvas para meu pai.....	233

7ª Parte – Literatura Intercontextual

Técnica mista sobre canson Côca Torquato	253
--	-----

8ª Parte – Programação Cultural

Prêmio Osmundo Pontes de Literatura	263
---	-----

9ª Parte – Nossos Mortos

Carlos Neves d'Alge † 20.12.2017	267
--	-----

10ª Parte – Ata das Sessões

Ata da reunião da Academia Cearense de Letras de 02/02/2017	271
Ata da reunião da Academia Cearense de Letras de 13/03/2017	272
Ata da reunião da Academia Cearense de Letras de 10/04/2017	276
Ata da reunião da Academia Cearense de Letras de 12/06/2017	278
Ata da reunião da Academia Cearense de Letras de 10/07/2017	281
Ata da reunião da Academia Cearense de Letras de 09/08/2017	283

Ata da reunião da Academia Cearense de Letras de 10/10/2017	286
Ata da reunião da Academia Cearense de Letras de 10/11/2017	288

11ª Parte – Relação dos Acadêmicos e seus Endereços

Distribuição dos Patronos e Acadêmicos por Ordem de Cadeiras	293
--	-----

1ª PARTE

ESTUDOS

Adolfo Caminha: 150 Anos

Sânzio de Azevedo

Temos um sesquicentenário: Adolfo Caminha, que nasceu no Aracati em 29 de maio de 1867, honra as letras de sua terra, e veio a falecer no Rio de Janeiro em 1º de janeiro de 1897, portanto antes de completar trinta anos de idade.

Notável ficcionista, dois livros seus, *A Normalista* (1893) e *Bom-Crioulo* (1895), garantem sua presença na literatura brasileira.

Foi oficial da Marinha, fez parte do Centro Republicano do Ceará e, apesar de ter tido uma polêmica com Antônio Sales, foi convidado por Sales para ser um dos membros da Padaria Espiritual, o mais original dos grêmios cearenses do século XIX. No jornal do grupo, *O Pão*, escrevia a seção “Sabatina” com o nome de guerra Félix Guanabario.

Mas antes disso foi protagonista de um escândalo, ao se ligar a uma mulher que o amava, mas que era casada, e com um alferes do Exército. Depois de idas e vindas, como seus superiores quisessem mandá-lo à Europa, decidiu se demitir e foi ser funcionário do Tesouro.

Começou romântico na literatura, mas seu primeiro romance, *A Normalista* (1893), é obra naturalista, como o segundo, *Bom-Crioulo* (1895), tendo este último sido traduzido para o inglês, o francês, o alemão, o turco e não sei mais quais idiomas...

Para dar uma ideia de sua prosa, leiamos o início d’*A Normalista*: “João Maciel da Mata Gadelha, conhecido em Fortaleza por João da Mata, habitava, havia anos, no Trilho, uma casinhola de porta e janela, cor d’açafração, com a frente encardida pela fuligem das locomotivas que diariamente cruzavam defronte, e donde se avistava a Estação da linha férrea de Baturité.”

Várias edições desse livro foram publicadas com alterações indevidas, mas, com a ajuda do saudoso José Bonifácio Câmara, pude preparar em 1998 uma edição com base na primeira, de 1893.

Aliás, o Armazém da Cultura, dirigido por Albanisa Lúcia Dummar Pontes, está editando esse livro, assim como a 3ª edição de *Adolfo Caminha: vida e obra*, escrito por mim em homenagem a esse escritor, que é o Patrono da Cadeira nº 1, que tenho a honra de ocupar na Academia Cearense de Letras.

O escritor publicou ainda um livro de viagem, *No País do lanques* (1894) e um de crítica, *Cartas literárias* (1895). Após sua morte saiu, com a data de 1896, *Tentação*, seu último romance.

Graças a Italo Gurgel, a Coleção Nordestina publicou, pela UFC, a 2ª edição das *Cartas literárias* (1999) e o livro *Contos* (2002), com onze narrativas do escritor.

História como Ficção

Sânzio de Azevedo

Era eu aluno do Ginásio Agapito dos Santos, nos anos 50 do século XX, quando o professor de História, o saudoso Luís Edgard Cartaxo de Arruda, me falou de Paulo Setúbal, escritor que romanceava episódios do passado brasileiro. Paulista de Tatuí, onde nasceu em 1893, publicou livros como *A Marquesa de Santos*, *O Príncipe de Nassau* e outros, mas gostava mesmo era de reviver a epopeia dos bandeirantes, e assim nasceram *A Bandeira de Fernão Dias*, *O Ouro de Cuiabá*, *Os Irmãos Leme*, *Eldorado* e *O Romance da prata*, entre outros.

Fernando Jorge, que publicou uma biografia do escritor, *Vida*, obra e época de Paulo Setúbal, conta que, após sua morte, Oswald de Andrade, combativo adepto do Modernismo, confessou que “temia escrever bonito demais. Temia fazer a carreira de Paulo Setúbal”. Como disse também que só os reacionários gostavam de Setúbal, escreveu Fernando Jorge: “Coitado do Paulo! Ele nunca foi reacionário e ídolo de reacionários”.

Interessante é que Paulo Setúbal escrevia como ficcionista, mas todos os seus livros se fundamentam em fatos reais, e o autor citava documentos históricos e obras de Pedro Taques, Calógeras, Toledo Piza e Washington Luís.

Mas, para que o possível leitor sinta o estilo do escritor, tomemos *Os Irmãos Leme*, livro que conta as façanhas dos irmãos João e Lourenço Leme, que viviam cometendo crimes, até que tiveram suas cabeças a prêmio.

Leiamos um trecho da morte de Lourenço Leme:

“Antemanhã. É dentro do mato bruto. Clarões frouxos põem na barra do céu vagos tons de ouro aguado. Nem um pio ainda. Nem um bater de asas. Tudo dorme.”

Num rancho desmantelado um homem, “com passos fofos, passos de gato bravo, aproxima-se cautelosamente da ruína. Espia”.

Dentro, sobre o chão duro, está deitado dormindo um caboclo de feições escaveiradas.

“O homem, ao dar com o caboclo, estremece. Os olhos faíscam-lhe.
- Quatrocentos mil réis!”

Puxa um trabuco e atira. O caboclo tenta se levantar mas cai.

“O caboclo não diz ai! Nem sequer se mexe. Apenas, pela arca do peito, brotam fios de sangue nos buracos da chumbada: Lourenço Leme acaba de morrer ali.

O batedor de mato ganhara quatrocentos mil réis.”

Isso não era absolutamente só escrever bonito. Era também saber transfigurar em ficção, com arte, fatos que povoam a história do Brasil.

Paulo Setúbal faleceu na Capital de São Paulo, aos 44 anos de idade, no dia 4 de maio de 1937.

Naturalismo em Machado de Assis

Sânzio de Azevedo

Sabemos que Machado de Assis se iniciou literariamente no Romantismo e chegou a ser a maior figura do Realismo no Brasil. Sabe-se que os romances *Ressurreição*, *A Mão e a Luva*, *Helena* e *Iaiá Garcia* são românticos, e realistas, *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, *Quincas Borba* e *Dom Casmurro*. O que não se diz é que ele pagou seu tributo ao Naturalismo, uma exacerbação do Realismo, que muitas vezes focalizava o patológico, enquanto este ficava no biológico.

"A Causa Secreta", conto das *Várias Histórias* (1896), tem como personagem central Fortunato, que é um tipo no mínimo esquisito.

Garcia, estudante de Medicina, viu-o num teatro: "A peça era um dramalhão, cosido a facadas, ouriçado de imprecações e remorsos; mas Fortunato ouviu-a com singular interesse". Veio uma farsa e ele saiu. Garcia também, e viu-o dando bengaladas nos cães que dormiam.

Reencontrou-o quando um homem foi esfaqueado na rua. Fortunato, que não o conhecia, fez questão de ajudar nos curativos, "olhando friamente para o ferido, que gemia muito". Garcia, atônito, "viu-o sentar-se tranquilamente, estirar as pernas, meter as mãos nas algibeiras das calças e fitar os olhos no ferido. Os olhos eram claros, cor de chumbo, moviam-se devagar, e tinham a expressão dura, seca e fria".

Já formado, encontrou-o algumas vezes e Fortunato, dizendo que se havia casado, convidou-o: "Vá jantar conosco domingo." Garcia foi e simpatizou com Maria Luísa, a esposa.

Funda o médico uma casa de saúde e, lembrando o acidente citado, convida o amigo para ajudá-lo como enfermeiro. Extremamente dedicado ao trabalho, "Fortunato estudava, acompanhava as operações, e nenhum outro curava os cáusticos. Tenho muita fé nos cáusticos, dizia ele".

Atendendo a um pedido da própria esposa de Fortunato, Garcia conseguiu que ele parasse de "rasgar e envenenar cães e gatos" em

casa. Mas um dia, encontrando a esposa do amigo aflita, flagra Fortunato a torturar um rato, cortando-lhe os membros e queimando-o numa vela. “Nem raiva nem ódio; tão somente um vasto prazer, quieto e profundo”. Ao ver o médico, mostra-se enraivecida, dizendo que o rato estragara uns papéis dele, e demonstra uma cólera que pareceu fingida. “Castiga sem raiva”, pensou Garcia.

Ao leitor deste artigo, aconselho a leitura desse conto, cujo final é seu ponto mais alto. É inesperado. Por isso, não o conto, para não estragar a leitura de quem encontrar esse conto notável.

O Canto Flamenco

Luciano Maia

O sul da Espanha foi, por mais de setecentos e cinquenta anos, submetido ao domínio árabe, havendo dele recebido importantes influências, desde a invasão da península em 711 por Tárík Benzema ibn Ziyad al-Layti, ou simplesmente Tárík (Gibraltar é uma adaptação do árabe Jaba al-Tárík, ou a montanha de Tárík) e o aliado Musa ibn Nusayr com seu exército berbere, até a expulsão definitiva do último reduto árabe da Espanha, Granada, em 1492.

A partir do século XV, por volta de 1447, chegaram à Andaluzia grandes levas de gitanos, vindos da Catalunha, que parece ter sido a sua porta de entrada na Espanha. Passaram anteriormente pelo Egito (vinham do noroeste da Índia), daí talvez a sua denominação, oriunda de egípcios (em inglês gypsies).

Quando desejamos falar da música andaluza, devemos ter em conta as variadas influências exercidas na região, desde tempos remotos, por romanos, bizantinos, vândalos (Al-Andalus!), muçulmanos, judeus, árabes (moçárabes), além, principalmente, dos ciganos, que a ela deram um colorido especial. O flamenco, palavra de origem algo obscura, parece vir do árabe felamengu (homem errante) e de flahencon (cancioneiro). Assim, flamenco seria a denominação dada por moçárabes (andaluzes mestiços arábigo-espanhóis) aos gitanos, notórios andarilhos e músicos extraordinários.

Não devemos reduzir o conceito de flamenco a um guitarrista, um cantaor, um tablado e uma dançarina! O flamenco comporta, além do cante hondo, romances corríos, martinets, soleares, tientos, peteneras, bulerías, fandangos, seguiriyas... uma miríade de estilos e ritmos. E há, sobretudo, a poesia flamenca, uma estética especial: Se adesperta un rey celoso,/ coje la pluma y escribe, / y enel primer renglón pone; / quien tiene celoz no vive! Ou: Dezpué de haberme llevao/ toa la noche de harana, / me vengo a purificá/ debajo de tu ventana, / como se fuera um artá.

O poeta andaluz Federico García Lorca, ele próprio se autodefinindo gitano, escreveu, em tom encantatório: Cuando la cabeza inclina / sobre su pecho de jaspe, / la noche busca llanuras / porque quiere arrodillarse. A música andaluza cantada reflete uma herança ancestral vincada sobre a voz gitana. Ela tiene duende, como disse o poeta.

Há evidente semelhança, não somente temática, mas de intensidade dramática, entre o flamenco e o tango argentino. Matéria para um estudo. E já os há, a respeito.

Seguir ou Continuar?

Luciano Maia

A nossa língua, como qualquer outro idioma, é um organismo vivo, naturalmente sujeito às transformações de caráter endógeno e exógeno, como tudo, aliás, no Universo. Por outro lado, existem as desnecessárias intervenções novidadeiras e o desrespeito, fruto da ignorância, à nossa língua. Ignorância que vem, quase sempre, travestida de erudição.

Assistimos hoje no Brasil a uma verdadeira onda de ligeirices no uso da nossa língua, com agressivos ataques ao nosso vernáculo. “Com os últimos resultados, a equipe segue líder”. Não é necessário ser estudioso da nossa língua para perceber nesta frase uma desnecessária afetação. Ou nesta: “A vítima segue hospitalizada”. Nos dois casos, o verbo a ser empregado, de forma natural, sem frescura, é o verbo continuar.

Nos últimos anos, a imprensa no Brasil parece disposta a sepultar o verbo continuar, de uso tão frequente e útil no nosso vernáculo, em todas as circunstâncias. Na nossa língua, o verbo seguir está mais afeito à ideia de movimento (real ou abstrato): seguir andando, seguir uma ideia, seguir um caminho e assim por diante. Em resumo, o verbo seguir não se presta, de forma adequada, a substituir o verbo continuar, que não exige necessariamente movimento: continuar dormindo, continuar ouvindo o discurso etc.

Outra afetação hoje muito ouvida nos telejornais são as saudações “ótima-tarde”, “ótima-noite”, e assim por diante, quando o normal, o natural, seria o nosso “boa-tarde”, o nosso “boa-noite”. Não vemos ninguém na rua, ou em qualquer lugar, dizer “ele segue aposentado” ou “ótima-noite, José”. A naturalidade faz falta...

Também na crônica esportiva ouvimos tolices como esta: “Ele é um visionário”, pretendendo dizer que alguém previu uma situação ocorrida depois, como o resultado de uma partida. Vidente, alguém

com visão premonitória, seriam as palavras para isso. Visionário é outra coisa. Um visionário é alguém que sonha em realizar mudanças revolucionárias, acredita num futuro grandioso, geralmente utópico.

E os políticos? Estão a proferir besteiras, eles também: “O deputado pensa de forma errática”. Errático é vagamundo, nômade, errante. Não errôneo, como pretende a frase acima. Parece que a onda, impingida pela ignorância, não vai pegar. Não nos obrigamos a seguir essas bobagens. Continuaremos a falar a nossa língua de forma natural. Na verdade, não consigo atinar sobre o que desejam os novidadeiros da fala.

Um Prócer da Língua

Luciano Maia

Lendo *Esboços e Arquétipos* – língua – ciência – literatura, do professor Vianey Mesquita (Fortaleza: Expressão, 2016), inteiramos-nos de que o descaso das instituições de ensino no Brasil não fez esmorecer o trabalho daqueles que se dedicam ao estudo dos fatos linguísticos, com uma percuciente abordagem dos aspectos científicos relevantes que o tema envolve. O estudo, o conhecimento e, por consequência, o amor à nossa língua é atributo que deve ser exaltado em nossos dias, tão escassos de estudos revestidos de competência e seriedade e, portanto, de alto valor.

O professor Vianey Mesquita é já bastante conhecido e reconhecido em seu labor, por quantos se interessam pelas coisas da cultura e da arte. Mas ainda nos surpreende, numa escansão do soneto, desde a sua invenção/criação/descoberta, no século XII, até agora. Interessantíssimo é o soneto de sua autoria “Insânia lúcida”, escrito ainda em 1965 e apostado como objeto de estudo neste livro, peça, como ele mesmo nos informa, “produzida de maneira adrede (grifo nosso), isto é, em tarefa procedida intencionalmente para a então matéria Língua Portuguesa (...)”. O título do soneto já nos dá a indicação de um oximóron, aliás o tema do poema, inserido na primeira parte do livro – língua.

Em seguida, oferece-nos explicações sobre o emprego do advérbio adrede, que pode tomar a forma adredemente e até de adrede, como nos aponta, inclusive com a citação de autores de prestígio que utilizaram essas variantes. O advérbio, segundo alguns dicionaristas, provém do latim *ad rectus*. Porém os mais destacados dentre os lexicologistas afirmam provir do germânico *at reth*, de onde *at red* (por conselho). Chegou ao português pelo espanhol adrede.

A segunda e terceira partes do livro *Esboços e Arquétipos...* dedicam-se à ciência e à literatura, em que são objeto de apreciação vários autores cearenses. Por último, temos uma literatura passiva, isto é, sobre o autor.

Desejo ressaltar as páginas que Vianey Mesquita dedica a *Espíroá*, livro de Augusto Rocha: a sua leitura me induziu a buscar esse livro, que ainda não conheço, mas que, pelas referências de Vianey Mesquita, merece lido, mercê de “constituir artefato imponente da literatura nacional.”

Cidadania – acesso à Educação e à Cultura

Ubiratan Aguiar

A afirmação de uma Nação decorre do pleno desenvolvimento da cidadania de cada um de seus membros. Não é possível imaginar-se a construção de uma sociedade verdadeiramente democrática se o exercício da cidadania não é assegurado a todos os seus segmentos. E uma das condições básicas para tanto é a de que cada um tenha acesso à educação.

Neste sentido, não basta que se aprovelem leis e bem elaborados planos de governo. É fundamental que, através de ações concretas, por vezes bastante simples, sejam oferecidas oportunidades educacionais reais, proporcionando a disseminação do conhecimento técnico-científico e dos valores que constituem a base sobre a qual se assenta a sociedade.

A oferta de educação é, pois, condição indispensável para o desenvolvimento de um povo, conferindo a cada cidadão os necessários requisitos para sua função como pessoa e como elemento integrante do processo de construção coletiva de seu meio. A educação é ferramenta básica para a participação do indivíduo na vida social, política e econômica de seu país, permitindo-lhe atuar responsavelmente nas decisões que norteiam os destinos da sociedade.

Um povo no qual largas parcelas se encontram marginalizadas do acesso ao saber e, portanto, da consciência social, é um povo sujeito aos mais diversos e odiosos processos de dominação às relações mais subalternas de exploração, à estagnação cívica e dependência em todos os aspectos.

Uma sociedade em que a educação constitui privilégio de poucos grupos sociais, está fadada aos desequilíbrios internos, ao proveito de poucos em detrimento do bem-estar da maioria. Uma sociedade em que as oportunidades educacionais são desigualmente distribuídas, necessariamente mantém, em contínuo processos de reforço, as

demais desigualdades, de natureza econômica e política. A educação, nestes casos, opera como sutil e perverso mecanismo de reforço das desigualdades sociais. Por sua força ideológica e aparente neutralidade, torna-se efficientíssimo instrumento de legitimação das diferenças e das relações do poder.

Este é o ponto central da questão educativa. Pouco interessa às elites dominantes, em uma sociedade desigual, a efetiva democratização das oportunidades educacionais, posto que isto significaria uma real ameaça à sua posição de dominação. A educação das camadas menos favorecidas da sociedade constituiria uma possibilidade concreta de mudanças e transformações sociais que, sem dúvida, iriam destruir privilégios baseados no servilismo e na docilidade que decorrem da inconsciência e da ignorância.

Este é, pois, o limite da decisão política com respeito à educação. E, paradoxalmente, é esta razão que toma a solução do problema educacional no Brasil uma QUESTÃO DE DECISÃO POLÍTICA.

A história da educação brasileira já foi recuperada e interpretada por inúmeros autores, das mais variadas correntes teóricas e ideológicas. Em todos eles, porém, pode-se perceber alguns pontos comuns, dentre os quais ressalta que, ao longo dos séculos, a história da educação brasileira constitui uma eterna tensão entre a manutenção de privilégios e a possibilidade de acesso à educação para as camadas menos favorecidas da população, em estreita correlação com o desenvolvimento da sociedade brasileira.

Durante os séculos do Brasil Colônia, a educação aqui desenvolvida refletiu de modo nítido a situação de dependência econômica e política. A marginalização cultural se corporificou na ausência de um sistema educativo solidamente organizado. Os poucos estabelecimentos de ensino existentes voltaram-se, de um lado, para o aperfeiçoamento das elites e, de outro, para a aculturação dos povos indígenas aqui existentes. Se os estabelecimentos mantidos pelos padres jesuítas alcançaram, segundo os historiadores, destacados níveis de qualidade de ensino, atendiam eles a uma minúscula clientela, tão reduzida

quanto as elites que aqui representavam a hegemonia da metrópole. Se, em Portugal, as mudanças impetradas na época do Marquês de Pombal podem ter servido, ainda que modestamente, para introduzir o país na era do Iluminismo, para o Brasil elas resultaram desastrosas, implicando na total desorganização do pouco que já existia em termos de educação. A expulsão dos jesuítas serviu para atrasar, em décadas, a evolução da educação brasileira.

As mudanças políticas ocorridas no início do século XIX, mais uma vez alteraram os rumos da educação brasileira, posta a serviço da afirmação das estruturas de poder vigentes. A vinda da Família Real Portuguesa para o Brasil, no seio de uma intrincada crise política, militar e econômica que, envolvendo a França e a Inglaterra, refletiu-se diretamente em Portugal, ocasionou importantes modificações na vida da antiga colônia - então promovida à categoria de Reino Unido. A necessidade de desenvolvimento das estruturas políticas e militares locais levou à instituição de estabelecimentos e academias que, mais tarde, deram origem às faculdades de engenharia, medicina e outras. Esboçou-se uma vida cultural menos insípida, com a fundação da Biblioteca Nacional, a criação do Jardim Botânico e outras instituições que até hoje perduram. Mas de todo modo, como característica da época, a ilustração permaneceu como privilégio das elites, como mecanismo de autoafirmação e de formação de quadros necessários à sua sobrevivência e ao exercício do poder político e econômico. A educação do povo jamais se colocou como meta política e social.

O quadro também não se modificou com a Independência, ao longo do Império e, sequer, durante os primeiros anos da República. Passaram-se, portanto, mais de trezentos anos sem que a educação dos brasileiros constituísse uma meta política, eis que obviamente não interessava fosse ela desenvolvida.

Foi somente nas primeiras décadas do século atual que se iniciaram alguns movimentos para a disseminação da educação a parcelas mais amplas da população. Mesmo assim, com características bastante limitadas. A Constituição de 1891, por exemplo, desobrigou a União

da responsabilidade com relação à educação primária, passando-a à competência dos Estados que, com certeza, naquele tempo não dispunham de estrutura e de recursos para implementá-la. O resultado desta disposição constitucional foi que, simplesmente, a educação básica não se desenvolveu, ao mesmo tempo em que o Colégio Pedro II, mantido pela União, atuando no nível secundário, após o breve período crítico em que foi denominado Ginásio Nacional, se constituía em estabelecimento modelo, do mesmo modo como o fora no Império.

Nos anos 20, intensas discussões se estabeleceram no sentido de que seria necessário dotar o povo brasileiro de instrumentos fundamentais para inserção do País no cenário internacional. Foi o período em que, de modo claro, surgiram os debates no sentido de se introduzir, no ensino primário, a instrução profissionalizante, chegando mesmo a se formar uma Comissão específica, denominada Comissão Luderitz, nome do especialista contratado pelo Governo, para estudar o assunto. Mas certamente a questão não ficou resolvida: simplesmente a educação primária não estava universalizada. Em alguns Estados, sequer, se encontrava organizada de modo adequado. Fora dos Estados mais ricos, nada ou quase nada existia.

É também neste período que se aceleram os movimentos para a reforma educacional nos Estados e no País como um todo, que vão culminar, nos anos 30, com o movimento dos pioneiros da educação nova. É o momento em que Lourenço Filho realiza a reforma educacional no Ceará, Anísio Teixeira na Bahia, Fernando de Azevedo em São Paulo e no Rio de Janeiro.

Os ideais de democratização da educação passam a tomar corpo no cenário nacional, e a defesa da escola fundamental e pública torna-se bandeira adotada por educadores e políticos ilustres. Nos anos 30, a Constituição passa a prever a gratuidade do ensino público primário, embora, em 1937, com o Estado Novo, tenha sido esta obrigatoriedade do Estado abolida. De todo modo, ainda que sob uma inspiração marcadamente paternalista, passou a educação a ocupar uma posição menos secundária no discurso político e na legislação.

As reformas do ensino que se seguiram, porém, abordaram apenas marginalmente a questão da educação básica do povo. Com efeito, tanto as reformas de Francisco Campos nos anos 30, como as de Gustavo Capanema, nos anos 40, contemplaram basicamente o ensino secundário e o superior atendendo, portanto, a uma diminuta parcela da população, eis que a larga maioria permanecia analfabeta e sem acesso às primeiras letras. Além disso, vinham tais reformas ainda marcadas por uma nítida cristalização das diferenças sociais quando, por exemplo, destinavam a educação técnica profissionalizante aos filhos das camadas menos favorecidas da população. E mais, os ramos do ensino técnico e do ensino geral constituíam caminhos estanques, sem comunicação, de modo que o diploma do ensino técnico não dava direito de acesso ao ensino superior.

Enfim, o sistema educacional que se esboçava vinha marcado pelas mesmas desigualdades que caracterizavam a sociedade brasileira. As decisões políticas, em matéria educacional, portanto, nada mais faziam do que confirmar barreiras, reforçar marginalizações e assegurar estrutura social e a posição das elites.

Se a lei de diretrizes e bases da educação, aprovada em 1961, por um lado, eliminou algumas destas barreiras, estabelecendo a equivalência dos diplomas, por outro lado, criou as condições para o desenvolvimento de outras, numa refuncionalização, como instrumentos de discriminação social, dos diferentes segmentos do sistema educacional, particularmente a barreira de natureza econômica. Verificou-se, sobretudo, no nível secundário, a proliferação de cursos noturnos de baixa qualidade, de um ensino a baixo custo que permitia alimentar a esperança dos estudantes em ingressar no ensino superior.

As reformas no final dos anos 60 e início dos anos 70 tiveram a pretensão de modernizar o sistema educacional e dotá-lo dos meios organizacionais, administrativos e metodológicos para ampliar o seu raio de ação e aumentar a sua eficiência como instrumento de controle político-social, coerente com o regime então vigente.

Os anos 70 e 80 foram realmente marcados por uma notável expansão do número de vagas disponíveis no sistema educacional, sobre-

tudo nos níveis de 1º Grau e superior. A expansão quantitativa é, sem dúvida, uma notável conquista dos últimos anos. Há, porém, que observar o contexto em que ela se deu, e, sobretudo, enfatizar os problemas que, paralelamente, ao invés de se resolverem, foram agravados. Na realidade, um exame atento dos fatos vai revelar que ao aumento das vagas correspondeu, no mais das vezes, um aumento dos problemas estruturais do sistema, dentre eles a qualificação dos professores, os baixos níveis salariais, a pobreza dos meios pedagógicos e didáticos, as irracionalidades na expansão da rede, as inadequações na localização das escolas, a multiplicação dos turnos escolares, o gigantismo das estruturas burocráticas de administração do ensino, o empreguismo descabido, a ineficiência na gestão dos recursos. Tudo isto resultou num dos maiores sistemas educacionais da América Latina, com quase 30 milhões de estudantes nos diferentes níveis de ensino, no qual também existem alguns dos maiores problemas estruturais. E este perfil certamente não ocorre por uma mera casualidade. É preciso, pois, desvelar o verdadeiro significado das decisões políticas que levaram ao seu surgimento.

Com efeito, o período de 1965 a 1980 é um dos momentos em que mais se desenvolveu o processo de planejamento, como consequência inclusive do esforço realizado, em nível internacional, para racionalizar o desenvolvimento econômico e social e, dentro deste, o do sistema educativo.

Na área educacional, a primeira manifestação pode ser encontrada no Plano Nacional de Educação, elaborado pelo Conselho Federal de Educação que, em 1965, voltou a escrevê-lo. Trata-se de um documento com metas bastante precisas, voltadas para a estrutura do sistema então vigente, com base nos Fundos Nacionais de Ensino Primário, do Ensino Médio e do Ensino Superior, com dotações orçamentárias que resultavam de aplicação direta de explícitos mandamentos constitucionais de 1946, particularmente no que respeita à vinculação de recursos da receita de impostos à educação.

Este esforço inicial de planejamento e aplicação de recursos, contudo, foi desmantelado com a promulgação da Constituição de

1967, que proibia qualquer vinculação da receita de impostos. Extintos os Fundos Nacionais de Educação, o Plano neles baseado obviamente perdeu sua razão de ser e suas condições de aplicação.

Paralelamente, porém, esta mesma Constituição marcou o início da era do planejamento institucionalizado no País (art. 8º, V e XIV, sendo o último inciso voltado especificamente para a área educacional). O Decreto-lei n. 200, de fevereiro de 1967, já definia os conceitos para a criação de um processo integrado e setorial de planejamento. A Lei Complementar nº 3, de dezembro do mesmo ano, por sua vez, normatizou a sistemática de elaboração dos Planos Nacionais e de sua aprovação pelo Poder Legislativo.

Criou-se, pois, toda uma estrutura especificamente voltada para o planejamento do desenvolvimento do País que, pelo menos na elaboração de documentos, obteve êxito considerável. Com efeito, os Planos Nacionais e Setoriais, a partir de então elaborados, além de seguirem metodologia primorosa, ofereciam metas e propósitos que sem dúvida podem ser louvados por todos. O primeiro grande documento, o Plano Decenal 1967-76, preparado segundo a mais elaborada técnica, representa exemplo do esmero e da competência atingida pelos setores responsáveis. Embora não tenha sido efetivamente implementado (sequer chegou a ser apreciado pelo Congresso Nacional), foi ele, sem dúvida, a base para o Programa Estratégico de Desenvolvimento, para o período 1968-70. O setor educacional foi amplamente contemplado neste programa, a partir de um enfoque metodológico largamente baseado no método das necessidades de mão-de-obra que, por sinal, constituía o procedimento em voga na época.

Já em 1969, através do Ato Complementar nº43, definiu-se o Sistema Nacional de Planejamento, criando uma estrutura na qual os Planos Nacionais deveriam ser desdobrados em Planos Setoriais para cada área de ação de Governo. Surgiu, pois, em 1972, o I Plano Setorial de Educação - PSEC (1972-74), ao qual se seguiram o II PSEC (1975-79) e o III PSEC (1980-85).

Tais documentos são inequívocos exemplos da capacidade diagnóstica do aparato governamental brasileiro em vislumbrar as reais necessidades e as soluções cabíveis, compreendidas obviamente dentro do quadro referencial de suas respectivas épocas.

O I PSEC, largamente influenciado pelas concepções derivadas da teoria do capital humano, seguia fielmente as recomendações metodológicas propugnadas pela UNESCO, sem dúvida, a agência internacional que mais contribuiu para a difusão do planejamento nas áreas educacional e cultural dos diferentes países. Preocupado em promover a relação entre o sistema educacional e o mercado de trabalho, procurou definir metas para os diferentes níveis de ensino, enfatizando o aperfeiçoamento técnico do processo educativo e a oferta de formação profissionalizante de diferentes tipos, particularmente de mão-de-obra de nível médio e de recursos humanos de alto nível (graduação e pós-graduação) para o desenvolvimento científico e tecnológico do País. De fato, vivia-se o momento do chamado “milagre econômico”, em que se esperava uma maciça criação de empregos para os quais importava formar mão-de-obra qualificada. Por outro lado, o discurso nacionalista pressupunha que se, num primeiro momento, era necessária a importação maciça de tecnologia externa, gradativamente este eixo tecnológico do desenvolvimento deveria ser deslocado de fora para dentro, sendo, pois, necessária a rápida e eficiente formação de competência e massa crítica no País. O I PSEC parece ter enfatizado com mais vigor este último aspecto: dos 33 projetos prioritários, cerca de 1/3 voltaram-se para o ensino superior. Dentre os demais, contudo, as ações ligadas para o ensino de 2º Grau e ensino supletivo ficaram claramente em posição minoritária.

O II PSEC procurou dar continuidade ao que se estabelecera no I Plano, embora acrescentando algumas outras novidades, como, por exemplo, um pouco mais de atenção à pré-escola e à educação especial.

O III PSEC apresentou algumas inovações, definindo eixos temáticos em torno dos quais se desenvolveriam as ações voltadas para os diferentes níveis e modalidades de ensino, dando especial destaque à educação no meio rural e nas periferias urbanas. Também este Plano

buscou contemplar, de modo mais explícito, o imperativo de se adequarem as estratégias às necessidades regionais, como instrumento privilegiado de eliminação das disparidades entre elas.

Estes são efetivamente os principais exemplos que se podem encontrar sobre a prática de planejamento educacional no nível federal. Com certeza, em nível estadual e, em alguns casos, municipal, tal sistemática teve seus desdobramentos, mesmo porque o quadro legal assim supunha.

Desde 1985, porém, o setor educacional, ao menos na instância federal, não dispõe de um plano de desenvolvimento. Embora a Constituição de 1988, em seu art. 214, imponha a obrigatoriedade de um plano nacional de educação, de duração plurianual, nada ainda foi feito. Dizem alguns que se espera a aprovação da nova lei de diretrizes e bases da educação, de modo a que se possa fazer um plano com efetivas chances de execução. Dizem outros que tal plano ainda não foi elaborado simplesmente porque não interessa fazê-lo ou porque a educação não é de fato prioridade nacional. As razões, neste caso, podem ser todas ou mesmo nenhuma. Importa, porém, destacar que se trata de efetiva incúria do Poder Público, uma irresponsabilidade social absolutamente inadmissível.

Mas, que balanço pode ser feito de tantos e tantos anos de planos e projetos educacionais? Terão eles resultado em real progresso da educação brasileira?

Sob a ótica quantitativa, parece ser inquestionável. Os números, neste sentido, são bastante expressivos. No ensino fundamental de 1º Grau, por exemplo, a taxa de atendimento da população de 7 a 14 anos atingiu a mais de 80% a partir dos anos 80. No ensino superior, a expansão foi igualmente surpreendente. E isto, porém, não significa que, em termos de população discente de nível superior, o Brasil se encontre em situação privilegiada. Com efeito, o País conta apenas com cerca de pouco mais de 10 estudantes por 1.000 habitantes enquanto países como a Argentina, a Venezuela e o México já superam uma relação de 20:1000.

O próprio ensino médio, que constitui ainda uma séria lacuna do sistema educacional brasileiro, atendendo apenas a pouco mais de 15% da população da faixa de 15 a 19 anos de idade, também experimentou, ao longo destes anos, um crescimento expressivo.

Sob a ótica da expansão quantitativa, portanto, não se pode negar que, nos últimos 30 anos, o esforço educacional do País foi considerável. Este crescimento, porém, nem sempre se fez de modo ordenado, com as necessárias garantias em termos de preservação dos níveis qualitativos e dos padrões de funcionamento dos sistemas educacionais.

Recente pesquisa realizada, em 1987, pela Fundação Carlos Chagas, de São Paulo, a pedido do Ministério da Educação, numa amostra de escalas públicas de 10 capitais de Estados brasileiros, distribuídas por todas as regiões do País, demonstrou o baixo desempenho dos alunos em testes padronizados de Matemática, Língua Portuguesa e Ciências. Em artigo publicado na revista Educação e Seleção, HERALDO VIANNA e BERNADETTE GATTI apresentam as seguintes conclusões:

A primeira constatação é a já veiculada em inúmeros trabalhos de diferentes naturezas: a escola está falhando em sua atividade específica da transmissão de conhecimentos.

Levando em conta que, no sistema, há uma reprovação razoável de série para série, ..., seria de se esperar melhor desempenho dos alunos que conseguiram ir superando a barreira das avaliações escolares de série para série, o que não ocorre.

Uma última questão que o estudo levanta advém não dos desempenhos em si, mas destes associados aos conteúdos que em geral são propostos nas diferentes disciplinas e a forma concreta que assumem através dos livros didáticos, instrumento amplamente utilizado pelos professores, como constatamos, pois são eles em geral sua única referência pedagógica. A análise desses conteúdos para a

construção dos instrumentos e análise das dificuldades dos alunos apontam a necessidade urgente de se repensar em detalhes o que está sendo proposto em sala de aula aos alunos, em que sequência e como.

Se pretendemos com o 1º Grau oferecer uma educação básica para a população brasileira é preciso que atribuamos um sentido claro a ela. Onde nos propomos a chegar de fato, não em teoria, com o oferecimento de 8 anos de escolaridade básica? Aonde seria desejável chegar, em cada área do conhecimento? (HERADO M. VIANNA & BERNADETIE A. GAITI. "Avaliação do Rendimento de Alunos de Escolas de 1º Grau da Rede Pública: uma aplicação experimental em 10 cidades", in: *Educação e Seleção: Função Carlos Chagas*, São Paulo, 17:5-52, jan/jun. , 1988).

Esta é infelizmente a realidade de boa parte, senão a maioria, das escolas públicas de primeiro grau do País. Salvo umas poucas exceções, as escolas públicas de nível fundamental apresentam qualidade de ensino bastante aquém do desejável. E o fenômeno apresenta uma característica regressiva dramática: quanto mais afastadas dos centros urbanos, ainda mais precárias são as condições do ensino. Da cidade em direção à periferia e desta em direção à zona rural, observa-se um decréscimo significativo nas condições de operação dos estabelecimentos de ensino.

Em pesquisa realizada no estado do Rio de Janeiro, ao final dos anos 70, FRIGOTIO e MARTINS assim escreveram em suas conclusões:

"Parece, pois, que os dados revelam uma situação paradoxal. O paradoxo consiste em que as escolas frequentemente se constituem em espaços deseducativos, sendo isto tão mais verdadeiro quanto mais pobre a região em que se encontram.

O quadro assim configurado parece sugerir uma situação em que, para uma estratégia de expansão sistemática da rede escolar, não há uma outra destinada à manutenção ou preservação dos prédios. Em suma, são abertas escolas, faz-se o investimento inicial em capital físico cujo desgaste ao longo do tempo, é *progressivo*. (...)

Esta desigualdade torna o preceito constitucional da obrigatoriedade escolar, a nível fundamental, uma irrealidade diante das desigualdades de origem... a forma como são alocados os recursos públicos na educação acaba por ampliar esta desigualdade, na medida em que são distribuídos de forma desigual. (GAUDÊNCIO FRIGOTTO e RICARDO R. MARTINS. "As Múltiplas Faces da Desigualdade no Ensino Público: indicações de uma pesquisa", in: *Fórum Educacional: Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, v. 6 (4): 52-64, out/dez., 1982*).

Com relação ao ensino médio, a expansão do sistema, como já visto, alcançou modestíssima parcela da população na faixa etária própria. Em síntese, o padrão-médio de escolaridade da população brasileira ainda está longe de alcançar sequer as séries terminais do 1º Grau, que dizer do ensino médio. E ainda assim, as oportunidades se encontram largamente concentradas nas grandes regiões urbanas, caracterizando geograficamente um verdadeiro funil que bem representa a pirâmide da escolarização brasileira.

No ensino superior, é bem sabido que a expansão ocorrida ao longo dos anos 70 deu-se principalmente pela via privada. Embora as oportunidades de estudos nas universidades públicas também se tenham ampliado, o resultado é que, hoje, apenas um quinto dos estudantes de nível superior se encontram nas universidades federais, enquanto a esmagadora maioria dos demais se acha matriculada em estabelecimentos particulares, quase sempre isolados e, inúmeras vezes, de qualidade duvidosa.

Em resumo, estes breves comentários evidenciam a afirmação inicial: a expansão da quantidade não veio acompanhada da expansão da qualidade. Ao contrário, o aumento das matrículas parece ter sido acompanhado de uma ampliação dos problemas estruturais do sistema educativo.

Como explicar que, ao lado de um planejamento tecnicamente bem elaborado, ao lado de importantes conquistas ao menos na oferta de vagas, permaneçam profundos e insistentes problemas estruturais?

Como escrevem MACHADO E MARTINS:

A correta análise do planejamento educacional não pode, pois, ser feita apenas dentro dos estritos limites dos planos, da análise de seu discurso e dos mecanismos de implementação. Qualquer interpretação que almeje alguma aproximação à realidade deve considerar a questão do sucesso ou insucesso dos planos no contexto mais amplo das relações sociais. Isto porque não é óbvia a relação que se estabelece entre planos educacionais, seu discurso e as metas ou objetivos necessários para o reforço de um dado projeto social. Eventualmente o insucesso no atingimento de algum objetivo do plano educacional pode significar, na realidade, um sucesso na afirmação de uma determinada forma de relações de poder. Esta aparente contradição se desfaz quando se considera que um discurso revestido de racionalidade técnica, mas que não apresenta consequências concretas, pode ter uma função altamente relevante na consecução de objetivos não explicitados de consolidação de um dado modelo social. EDSON MACHADO DE SOUZA e RICARDO R. MARTINS. Planejamento Nacional da Educação: a experiência e as perspectivas brasileiras, in: *Estudos e Debates*. Brasília, CRUB; 15: 27-32, julho, 1988).

Esta é chave para que se possa realmente compreender as ambivalências do desenvolvimento do sistema educativo brasileiro, que

pode ser caracterizado como um forte reprodutor das desigualdades sociais, reforçando-as de forma tão subliminar como nítida.

É de fazer pensar a afirmação de GAUDÊNCIO FRIGOITO, em seu livro *A Produtividade da Escola Improdutiva*:

A escola também cumpre uma função mediadora no processo de acumulação capitalista, mediante sua ineficiência, sua desqualificação. Ou seja, sua improdutividade, dentro das relações capitalistas de produção, torna-se produtiva. Na medida em que a escola é desqualificada para a classe dominada, para os filhos dos trabalhadores, ela cumpre, ao mesmo tempo, uma dupla função na reprodução das relações capitalistas de produção: justifica a situação de explorados e, ao impedir o acesso ao saber elaborado, limita a classe trabalhadora na sua luta contra o capital. A escola serve ao capital tanto por negar o acesso ao saber elaborado e historicamente acumulado, quanto por negar o saber social produzido coletivamente pela classe trabalhadora no trabalho e na vida.

(GAUDÊNCIO FRIGO'ITO. *A Produtividade da Escola Improdutiva*. São Paulo, Cortez e Autores Associados, 1984).

Não compartilho necessariamente da visão de que a escola, na sociedade capitalista, sempre há de se colocar a serviço de interesses antagônicos àqueles das classes trabalhadoras. Mas também não posso deixar de concordar com o fato de que, realmente, no caso brasileiro, assim como no de outros países, a desqualificação da escola destinada às camadas menos favorecidas da população efetivamente as condena a uma situação de dominação ideológica e econômica, reforçando relações de poder que, em muitos casos, caracterizam verdadeira situação de exploração.

Esta talvez seja a explicação mais ampla para o paradoxo da realidade educacional brasileira. Quantidade à custa de qualidade. Oferta

aparente, desprovida de conteúdo. Frequência à escola sem real acesso ao saber. Tudo isto provavelmente servindo a interesses de conservação de poder: massa ignorante não reivindica, não participa, não ameaça posições cristalizadas de controle, não implica mudanças nem reformas sociais. Esta a explicação para a distância entre o discurso e a prática. E esta provavelmente a razão para que os planos não tenham sido elaborados de forma participativa e para que as leis de reforma do ensino realizadas nos anos 60 e 70 tenham sido feitas sem nenhuma consulta aos diversos segmentos interessados ou à própria sociedade como um todo.

Quando Secretário de Educação do Ceará (período 1983-85) procurei dar ênfase ao planejamento participativo através do Projeto “Ouvindo a Escola Pública”, instante em que educadores de todos os municípios, durante um final de semana, reuniram-se para discutir os problemas da escola e apontar as soluções. Ao final do encontro elaborou-se um relatório que, condensado em nível regional e, a seguir, estadual, foi submetido e aprovado por uma Assembleia Geral de Professores, transformando-o no I Plano de Educação com efetiva participação da comunidade educacional. Estávamos no período do Estado controlador, servindo a interesses de que todos temos conhecimento. Talvez esta seja a razão por que o projeto de lei de diretrizes e bases da educação tenha sido elaborado de forma participada como nunca antes vista na história da República, consagrando importantíssimas conquistas sociais e educacionais.

Grupo SEARA, Amizade e Literatura

Beatriz Alcântara

Várias jovens, um grupo, emoção literária, gavetas repletas de contos, poemas, crônicas e mesmo ensaios, muito questionamento sobre a escrita feminina, uma revista, três revistas, sete revistas no total, muito ânimo a unir, inicialmente dez escritoras e, sem perceber, encontramos-nos amigas.

Aproximando essas mulheres que escreviam, uma espécie de linha oblíqua foi sendo traçada, bem à feição feminina, aquela coisa persuasiva, a driblar obstáculos, tangenciando oposições, enquanto expandiam domínios e assenhoreavam-se de uma verdade que antes teria sido inacessível de tão limitada se achar aprisionada entre linhas paralelas.

Pensamento e ação passaram a estar ligados em sutil descoberta. O achado veio consciente, erigiu e forneceu sustentabilidade a um projeto literário, originou-se o **Grupo SEARA de Literatura**.

Primeiro encontro formal. Fernanda Benevides de Vasconcelos, que assim assinava à época, chamou, reuniu, acolheu e agrupou, na sala de sua casa escritoras que lhe eram mais próximas.

Um aspecto único preencheu a reunião dos primeiros aos últimos instantes: as escritoras se mostravam descontentes com a inércia a que estavam submetidas por não terem onde publicar sua escrita desconhecida de público, portanto, afastadas do leitor e de um salutar julgamento crítico.

Amigas das amigas foram chamadas para um segundo encontro. Várias reuniões informais aconteceram, o local foi-se deslocando da residência de uma para outra, e o grupo foi tomando corpo e consciência.

Eram dez escritoras a reunirem-se para discutir a produção e o universo literários femininos, algumas estreantes, experientes outras: Ângela Barros Leal Farias, Beatriz Alcântara, Christina Cabral, Dulce Ma-

ria Viana, Fernanda Benevides Vasconcelos, Glícia Rodrigues, Isa Magalhães, Marly Vasconcelos, Mary Ann Leitão Karam e Regine Limaverde.

Primeira meta, iniciar a formação de um círculo de leitores do grupo SEARA. Decididas e sem temer recusa, as escritoras procuraram e expuseram sua proposta ao jornal *O Povo* que de pronto lhes cedeu o suplemento literário “*O Povo Cultura*”, para que a estreia ocorresse no domingo 29 de setembro de 1985.

Algumas reações e muito espanto com aquelas escritoras, muitas delas casadas, com filhos pequenos, uma delas com seis netos, todas se recusando a continuar sob a aquiescência masculina e dispostas a trilhar um caminho próprio, longe do estabelecido tema “*flor-amor-dor-cor*”. Diferentes de um esperado grupo feminino, gentil, elas discorreram sobre o círculo hermenêutico da compreensão e surgiram com versos secos: *Aprendi com o Nordeste/ a sobreviver sem inverno/ ou padecer de inundação*. Motivadas com a apresentação literária em jornal, o grupo firmou-se e passou a ter um rosto diante do público, contudo nem todas participaram do lançamento em jornal.

Marly Vasconcelos sugeriu um manifesto a expor os propósitos literários das escritoras. Fomos à luta e alcançamos o objetivo. Em 27 de fevereiro de 1986, o “*Manifesto SEARA*” estava impresso e passou a ser distribuído entre leitores, parceiros de letras e artes, amigos e familiares solidários.

Observem-se trechos: *Não propomos a simples criação de versos ou legendários personagens como forma de preencher o tempo ocioso. Lutamos pelo reconhecimento do nosso trabalho, nossa Literatura. – Não clamamos contra esta, aquela corrente literária. O que queremos é combater a paralisia, o emparedamento das nossas criações... Por que SEARA? Reflexo dos campos semeados. SEARA é eloquência telúrica, sol, corpo que germina. Se ara a Literatura... Plantio. Palavra. Verso. Narrativa. SEARA. Ceará. Resistimos unidas. Defendendo nosso terreno. Relativizando a geometria de seus limites. Esgarçando a linha da demarcação... SEARA – Arte Viva – Resistência – Discurso Feminino.*

Raros leitores e escassos elogios não desestimularam as escritoras que perseveraram na determinação de conseguir conquistar seu próprio espaço. Venceram. Um ano decorrido do início das reuniões, maio de 1986, enfim saiu o primeiro número de SEARA: revista de literatura.

Nessa publicação de SEARA, singela, mas inteiramente comprometida com a Literatura, cada escritora obteve seu próprio espaço. Toda autora tinha sua foto antecedendo uma curta entrevista e, logo após, um trabalho selecionado pelas editoras.

Continuamos com um reduzido número de leitores, mas isso em nada desmobilizou.

No segundo semestre do mesmo ano, 1986, editava-se outro número da revista, já com uma feição gráfica mais elaborada, tendo a Fundação Waldemar Alcântara como patrocinadora. Ampliou-se o quadro de autoras, além das fundadoras, participaram Joyce Cavalcante e Samira Abrahão.

Do editorial na segunda revista extrai-se: *Da união de forças tão díspares se faz SEARA. Seu objetivo não é outro senão o de divulgar esse discurso de mulher, feminino no melhor sentido da palavra, porquanto signo de linguagem do desejo... Desse desejo de sensibilizar e de se deixar sensibilizar... Desse desejo em forma pura: linguagem, texto que seduz, que alicia, que envolve... Nisto reside o fruto de nossa germinação... Trabalho aprimorado e burilado com todos os requintes do sabor.*

O grupo SEARA amadurecia. Não era possível perseguir um ideal literário continuando apenas a esvaziar gavetas. Havia que se urdir uma escrita que viesse com o novo e não mais o passado guardado, sem alento. As fundadoras resolveram submeter a terceira publicação a um tema, e como decorriam dez anos de morte de Clarice Lispector, seu universo literário foi a proposta de criação para a revista de 1987, a terceira, com o patrocínio do Grupo J. Macedo, do Ceará. Novas colaboradoras foram introduzidas.

O editorial da terceira publicação levantou polêmica, o discurso feminino: *Sem dúvida, existe uma expressão humana, independen-*

temente de sexo... A literatura expressa o eu do autor, a partir das peculiaridades da sua captação do mundo. A mulher, ao se expressar, sofre das contingências da situação social, psicológica e política do eu feminino. Este número é dedicado a Clarice Lispector. Que dissecou a individuação feminina com um questionamento inquisitorial e o fez num corpo-a-corpo com a linguagem.

No segundo semestre do mesmo 1987, saiu a quarta SEARA: revista de literatura, ainda patrocinada pelo Grupo J. Macedo.

O leque de colaboradoras continuou a expandir-se, com destaque especial para Aglaeda Facó Ventura, Olga Savary e Nelly Novaes Coelho.

Cumprindo os desígnios insondáveis de sua natureza camaleônica e feminina, a SEARA, número cinco, apareceu em 1988, com novas dimensões, nova diagramação, nova apresentação gráfica, tudo agraciado com o patrocínio do Ministério da Cultura – MINC e com o apoio da Fundação Waldemar Alcântara.

O editorial desafiou: *A SEARA, com nova aparência. Os céticos certamente aproveitar-se-ão do fato para acusar... instabilidade feminina, coisa-de-mulher. Fato é que, acima de ser coisa-de-mulher, a SEARA se pretende coisa-de-literatura.*

Em 1989, com o patrocínio das Empresas M. Dias Branco e o apoio da Fundação Waldemar Alcântara, foi publicado o número seis de SEARA: revista de Literatura. A parcela de colaboradoras ampliava-se, sobressaindo Nilze Costa e Silva, Aíla Sampaio e as escritoras portuguesas afamadas, Teresa Rita Lopes e Agustina Bessa Luis.

Mais uma vez recortando o editorial: *Há uma concentração, proposital, do conto neste número... em função do encorajamento que esta forma literária recebe ao apreender o ilógico, o inexplicável e o fugaz momento da verdade contemporânea... nossa mostra oferece uma amálgama de neonaturalismo, alegoria, introspecção, erotismo, ironia, lirismo, política e sátira. Precisamos dizer como nos tem sido gratificante receber a opinião dos que nos leem, mesmo que discordem de nossa busca central: a existência de um discurso feminino na literatura.*

Saliente-se que desde a publicação dos primeiros números de SEARA: revista de Literatura, ficou expressa a vontade de que a pesquisa sobre o discurso feminino na literatura não fosse além de sete edições, tendo em vista as incontáveis dificuldades, o não haver uma organização formal do grupo, sequer hierarquia, apenas um improvisado entendimento sempre a tudo nortear. Achávamos, as fundadoras, que a amostragem com sete publicações era suficiente para concluir sobre a existência, ou não, do discurso feminino na Literatura. Todas sempre estiveram de acordo com a propósito de que o finalização do grupo deveria ocorrer em torno da sétima publicação. O fato consumou-se.

Marly Vasconcelos e Beatriz Alcântara redigiram o último edital das publicações. Retira-se essa passagem: *Sete. Totalidade do universo em movimento, renovação positiva, término, plenitude do tempo. SEARA significou desejo. Desejo de empreender travessias. SEARA cumpriu sua trajetória, ciclo completo, resguardando no corpo o desejo, nosso desejo, de encontrar na escrita a revelação do voo, a chama, o perfume, o ruído indizível.*

Extinta SEARA: revista de literatura, sob o protesto geral do público, então já havíamos conquistado leitores, evidenciava-se que muito ainda haverá para ser esclarecido sobre a existência ou não de um discurso feminino. Mas do que foi dado observar, por meio dos 116 trabalhos publicados, de 43 autoras, nos sete números de SEARA: revista de literatura, uma evidência: o registro onírico da dor e da solidão; uma profunda identificação com o ventre da terra; a sublimação pela água e de todas as restrições à sua aparentemente docilidade e o verso à sua incontável força. Em suma, uma simbiose imagética, ponte biológica, nutriz e placentária, uma natureza por si-mesma tão diversa da ação imediata própria ao universo masculino.

O pouso da noite encerrou o ciclo de SEARA, seu grupo e suas publicações. Primeiro semestre de 1991.

**Prefácio do oitavo volume da série
*Diálogo ambiental, constitucional e
internacional*, organizado por Bleine Queiroz
Caúla, Marco Anthony Steveson Villas Boas e
Valter Moura do Carmo**

César Barros Leal

Em breve manifestação, na solenidade de lançamento do livro *Direitos Humanos: Histórico e Contemporaneidade* (Unifor, 2016), publicado com o selo da Lumen Juris, sob a coordenação dos professores Ana Paula Araújo de Holanda, Bleine Queiroz Caúla, Frederico Antônio Lima de Oliveira, Jefferson Antônio Fernandes Bacelar e Valter Moura do Carmo, fiz questão de destacar o significado e a relevância daquela obra coletiva, sobre temas diversos em sede de direitos humanos, assinalando, com imperiosa ênfase, que ditas compilações propendem a se multiplicar, com o apoio de pequenas e grandes editoras, posto que “permitem ao leitor, como o fazem as revistas de conteúdo acadêmico, o acesso a uma pletora de ideias e reflexões não necessariamente coincidentes entre si, de autores que encontram nesses espaços, por vezes, a chance de reproduzirem conferências anteriormente ministradas ou sumarizarem seus projetos ou relatórios de pesquisa, suas monografias, dissertações de mestrado e teses de doutoramento.

Eis que agora, mercê da deferência de seus ilustres organizadores (Bleine Queiroz Caúla, Marco Anthony Steveson Villas Boas e Valter Moura do Carmo), recebo, desvanecido, o convite para prefaciá-la uma nova coletânea, a saber: este oitavo volume da série *Diálogo Ambiental, Constitucional e Internacional*, no qual se reproduzem textos de autores nacionais e estrangeiros que participaram, na condição de expositores, do VIII Diálogo Ambiental, Constitucional e Internacional, em Palmas, Tocantins, em junho de 2016, na Escola Superior de Magistratura daquele estado.

Testemunha e partícipe de algumas dessas iniciativas (em Fortaleza, Palmas e Tarragona), confesso-lhes meu engajamento na legião dos que acompanham e enaltecem a realização periódica desses seminários, em diferentes cidades do Brasil e no exterior (numa progressão que abarcará, além de Portugal e Espanha, outros países europeus e da América hispânica), assim como a subsequente publicação dos trabalhos neles apresentados, através dos quais se busca renovar e instigar o debate sobre as ideias, os conceitos e as teses que emergem desses eventos.

Refreio, aqui, o ímpeto natural de me debruçar sobre cada um dos escritos que se seguem. Fazê-lo seria privá-los do prazer de mergulhar de imediato em sua leitura, recolhendo lições sobre múltiplas e heterogêneas matérias, como áreas protegidas na Amazônia legal; tutelas do meio ambiente; justiça ambiental; água como direito fundamental autônomo; democracia, eleição e eleitorado; acesso a medicamento; vírus da Zika e microcefalia; operação lava-jato, pessoa jurídica hipossuficiente e a assistência integral e gratuita pela Defensoria Pública; novo Código de Processo Civil e a inversão do ônus da prova no direito do consumidor; princípio da isonomia tributária; responsabilidade internacional do Estado por dano ecológico; desastre de Mariana à luz do direito europeu da responsabilidade por danos ambientais; direito e política internacional do meio ambiente para as áreas úmidas sul-americanas e proteção dos biomas do pantanal brasileiro e do chaco boliviano; e crença na Justiça: por uma Corte Constitucional Internacional.

De pensadores como os portugueses Jorge Miranda e Carla Amado Gomes (que igualmente são coordenadores destes anais e estiveram em Fortaleza como conferencistas do Curso Brasileiro Interdisciplinar em Direitos humanos, promovido anualmente pelo Instituto Brasileiro de Direitos Humanos e pelo Instituto Interamericano de Direitos, através de seu Escritório Regional em Montevideu, junto com o Centro de Estudos e Treinamento da Procuradoria Geral do Estado) nasce nas páginas seguintes, em parceria com conceituados professores brasileiros (Marco Anthony Stevenson Villas Boas, Francisco de Assis Filgueira

Mendes, Ângela Issa Haonat, Felipe da Silva Dias, Frederico Antônio Lima de Oliveira, Aquilino Paulo Antunes, Bleine Queiroz Caúla, Fernanda Mikaelle Dias Braga, Júlia Maia de Meneses Coutinho, Francisco Alberto Bastos Barreto, Teresa Cristina Cruz, Amélia Soares da Rocha, Tiago Vinicius Soares Silva, Roberto de Oliveira Almeida, Thais Emilia de Sousa Viegas, Raquel Gonçalves Mota, Tiago Antunes, Valério de Oliveira Mazzuoli, Diogo Marcelo Delben Ferreira de Lima e Paulo Ferreira da Cunha), um mosaico de contribuições, distribuídas nos três eixos fundamentais da obra e que orienta a montagem dos conclave: Ambiental, Constitucional e Internacional.

O agrupamento de temas tão variados, de incontroversa importância e atualidade, reflete a exuberância e o caráter interdisciplinar dos Diálogos, levados a efeito por estudiosos de sólida formação universitária, inquietos, entusiastas (o elogio não é contaminado pela acendrada amizade que nos vincula), atentos à pluralidade de concepções, de ideologias, num território em que as divergências – políticas, doutrinárias, jurisprudenciais etc. – são incondicionalmente legítimas e, por conseguinte, cumpre sejam acolhidas e respeitadas.

Li detidamente os textos enfeixados no presente volume e lhes recomendo, caros leitores, inobstante sua inclinação por este ou aquele âmbito do direito (uma das vantagens das coletâneas é exatamente a possibilidade oferecida para que cada qual eleja a/s temática/s de seu interesse particular), debruçar-se sobre seu inteiro teor e navegar nas águas de um oceano de conhecimentos, sob os ventos da curiosidade e da sede intelectual, as quais constituem, em definitivo, o sentido maior que nos estimula a perscrutar horizontes mais vastos, a submergir no saber, fugindo da indigência usual da superfície, da insipidez da platitude e da estagnação. Muito mais do que um truísmo, esta é a grande diferença.

Fortaleza, 2 de maio de 2017.

O Objeto Ausente

Giselda Medeiros

O prestigiado escritor, ensaísta, poeta, jornalista e professor Carlos D'Alge vem de lançar, em elegantíssima noite no Centro Cultural Oboé, mais um de seus livros. Trata-se, agora, de *O Objeto Ausente* (Editora ABC, Fortaleza, 2003), obra que nos chega não para provocar polêmica, mas para provar e comprovar o talento desse homem que, sendo grande, bem maior se tornou pela coragem de levar a público seus dramas pessoais, desnudando-se completamente, deixando sobre si apenas a túnica da verdade, esta que o conduz durante todo o processo narrativo da obra.

Quem teve ou ainda tem o prazer de compartilhar da amizade de Carlos D'Alge, e beber dele a sabedoria e a experiência advindas do manancial de sua inteligência, pode julgar-se verdadeiramente um privilegiado.

Sendo ser humano em toda a extensão do termo, não poderia ele, porém, passar incólume sobre este chão pedregoso da vida, sem ferir-se e, em assim sendo, ferir também, embora de maneira involuntária, aqueles que lhe estiveram ou lhe estão ao redor. Entretanto, jamais permitiu que ninguém ultrajasse com gestos ou palavras as pessoas que ama, pois o seu caráter, a sua formação ética falam muito mais alto que toda a pequenez dos invejosos.

Neste livro, Carlos D'Alge comprova, mais uma vez, que a sua escrita é uma verdadeira epifania, na qual ele se vai doando, em festa, ao banquete do leitor. E quanto mais se o vai lendo mais gostoso vai sendo o ato da leitura, isto por que o seu texto viabiliza o conhecimento de si, do outro e do mundo. Profundamente cuidadoso na linguagem, que aparece supimpamente trabalhada, ele demonstra ainda maior a discrição em não revelando nome das pessoas envolvidas em sua trama amorosa, evitando desse modo qualquer constrangimento para as personagens.

Seu drama não é menor nem maior que o de muita gente. Por isso, o leitor vai, aqui e ali, identificando-se com particularidades das vivências do autor, mesmo por que quem nunca se deixou levar pela ardência de uma paixão? Quem nunca teve de tomar decisões que a outrem pareceriam pura loucura? Se ainda não, certamente fá-lo-ão um dia. Eis por que concordamos com ele quando diz: “Sem paixão não existimos, deambulamos, e só”.

Mas, o livro não trata apenas da narrativa de seus amores, de suas paixões, das crises de depressão que o atormentaram, das doenças, da dissolução matrimonial. Há a história de uma vida coroada de êxito, de uma vida dedicada ao trabalho, à literatura, ao jornalismo, aos amigos que fez nesta terra de Iracema, à família. É uma maneira que ele encontrou para dar satisfações suas ao leitor, dentro daquele princípio que sempre lhe norteou a vida, ou seja, o de fugir à mentira, ao fingimento, às especulações dos que alardeiam um falso moralismo. Carlos D’Alge é transparente e, de conformidade com Adélia Prado, coloca o sentimento “como a coisa mais fina do mundo”. Como artista que o é, não poderia ser diferente. Escrever é um ato de verdadeira entrega ao sentimento, e é este que move as pessoas, que dá colorido ao mundo, que torna poética a vida. Só a beleza salvará o mundo, diz Dostoievski.

Enfim, Carlos D’Alge, munido do prazer aliciante da palavra, constrói em *O Objeto Ausente* um mundo onde a sinceridade se faz presente em todos os rincões, e a verdade se planta em todos os ventos que, alvissareiros, vão-lhe invadindo o coração numa canção de amor à vida, buscando o objeto amado que se fez ausente na fúria dos desencontros e conflitos humanos.

E, para concluir esta modesta apreciação, lembramos-lhe o patricio Fernando Pessoa: “Para ser grande, sê inteiro: nada teu exagera ou exclui. Sê todo em cada coisa. Põe quanto és no mínimo que fazes”.

Assim é Carlos D’Alge.

Canção do Amor Inesperado

Lourdinha Leite Barbosa

Regine Limaverde publicou inúmeros livros de criação literária e também ensaios de cunho científico. Já contou histórias baseadas em fatos reais e criou outras tantas, falou de amor, da precariedade da vida, até publicou poemas que dialogavam com fotografias. Em *Eternas, Lanternas do Tempo*, publicado em 2012, o canto emudeceu, fez-se dor, pranto, e a vida ficou em suspenso. Aos poucos, os pés voltaram ao chão, e os caminhos, a se cruzarem e eis que, num desses inesperados momentos, os olhares se encontraram e uma fagulha reacendeu o canto, trazendo o renascimento. O resultado foi um incêndio e este livro de poemas, dedicado ao amado, em que o eu-lírico confessa, ora com delicadeza, ora com urgência, sua paixão e seu desejo. Aristóteles já compreendia a importância do prazer para o homem, colocando-o ao lado da mimese como “causas” possíveis da origem da poesia. Na literatura contemporânea, Eros apresenta-se não mais como tema, mas como articulador do próprio texto.

O belo título, *Canção do Amor Inesperado*, e a sugestiva capa, de Audífax Rios, indiciam o que virá a seguir: uma comunhão perfeita entre poemas e ilustrações.

O livro abre-se com um poema-dedicatória e divide-se em quatro partes: Promessa, Dúvida, Certeza e Via Sacra.

Na dedicatória, a autora oferece a obra ao amado: “Para você que cortou minha dor./ Que me trouxe paz, alegria e canto./ (...) Fiz para você/ esses cantos de amor”.

George Bataille, em sua obra *O erotismo*, afirma que “Em nossa origem há passagens do contínuo ao descontínuo ou do descontínuo ao contínuo. Somos seres descontínuos, indivíduos que morrem isoladamente (...), mas temos a nostalgia da continuidade perdida”. E conclui que essa nostalgia comanda em todos os homens as três formas de erotismo: o erotismo dos corpos, o erotismo dos corações e o erotismo sagrado.

Assim, o homem busca a continuidade, tentando introduzir em sua vida descontínua toda continuidade possível. Em *Canção do Amor Inesperado*, predomina o erotismo dos corpos, embora o erotismo dos corações apresente-se em alguns poemas.

O desejo de prazer sensual perpassa todo o livro, às vezes velado, às vezes explícito. No primeiro poema, "Premonição", um eu-lírico feminino, dominado por intensa sensualidade, confessa sua incontrolável paixão: "Quero-o na noite estrelada,/ no sol nas tardes,/ nas manhãs orvalhadas". A representação erótica, marcada pelo discurso, revela a instabilidade emocional própria da desordem amorosa que ora aponta para o corpo — "Quero seus toques e eu gritando/ de amor, de prazer, de paixão (...)" — ora para o coração — "(...) sua boca a falar ao meu coração". Percebe-se, no entanto, que a busca é mais profunda: "Não, não o desejo pulsando em parto ou dor,/ eu o desejo assim: poesia dentro de mim".

Alguns poemas fazem alusão ao descompasso entre tempo interior e tempo exterior, ou seja, entre a idade cronológica e a idade psicológica: "Não me reconheço na imagem/ que vejo,/ no fundo da superfície prata./ Não me vejo fruta madura,/ sendo minha alma verde". Além da constatação de que não há idade certa para o amor, Regine, ao referir-se aos contrários "fruta madura/verde", vale-se do aspecto lúdico para provocar uma ambiguidade com o seu próprio sobrenome: Limaverde.

No poema "Desilusão", o eu-lírico, sob o domínio da forte emoção, escapa ao controle da razão, viola o interdito, e sofre a angústia que se segue à transgressão: "A desrazão prevaleceu./ E a paixão inundou meu mundo./ (...) E o que é a paixão, senão alegria e dor?".

Em "Convite para um Bolero" o que está em questão é o relacionamento: "Por que o segredo?/ Por que não te proclamo/ se vives aprisionado em minhas entranhas?". Os dois últimos versos produzem um estranhamento, quebram o paralelismo semântico e sugerem a possibilidade de uma mudança no ritmo na parceria: "Danças?/ Bolero?". Essa parece ser a solução para o desequilíbrio provocado pela interdição que motivou os questionamentos do eu-lírico. Ambos devem seguir o ritmo, sem perder o compasso, pois um passo errado pode prejudicar a harmonia da dança.

As consequências da interdição e da conseqüente transgressão, indicadas pelos questionamentos, no poema anterior, são retomadas em "Dupla Lição", em que o eu-lírico faz reflexões acerca das dificuldades impostas pelo interdito, fala de "um duplo caminho" e de "uma pesada bagagem - tua inconstante presença".

Em "Ardência", a explosão de erotismo traz à tona o lado instintivo do eu lírico, que confessa seu insaciável desejo do corpo do amado. Os adjetivos e verbos revelam a urgência da paixão: ardendo, tremendo, latejando, querendo, implorando.

O olfato, a visão, o tato, o paladar e a audição possuem intenso valor erótico e são signos denunciadores da "crise". Em Canção do Amor Inesperado há uma profusão de impressões sensoriais: "Meu homem tem o cheiro das samambaias/ plantadas nos penhascos úmidos e/ a cor dos trigais balançando/ ao sabor do vento", "Meu homem, ah meu homem (!) é doce/ como o mel dos engenhos./ "(...) tem mãos leves, fortes, que me tocam e tatuam", "E suas palavras?/ Me fazem adormecer.", "Nada me excita mais do que tuas palavras".

O erotismo, desequilíbrio em que o ser se perde voluntariamente, traz grande prazer, mas também angústia e sofrimento: "Eu já sabia. Não, não foi surpresa./ Foi suicídio premeditado". A paixão promete o impossível, o fim do isolamento descontínuo e a plena fusão de dois seres, mas essa promessa é ilusória: "Ele parte,/ ela permanece./ O olhar vago de um adeus./ E o vazio rápido se desenha no caminho". É somente na violação da individualidade descontínua, violação que confina com a morte, que a amada tem a ilusão da continuidade a partir do ser do amante: "Você/ é uma fenda/ que me leva à morte./ É prêmio - vitória/ que me mostra a sorte".

Segundo Bataille, a poesia, da mesma forma que o erotismo, conduz à indistinção, à fusão dos objetos distintos e à eternidade, à morte, e pela morte, à continuidade.

O livro fecha-se com um poema denominado "Via Sacra", cuja epígrafe, do Cântico dos Cânticos, faz o elogio das pernas do amado, e uma voz feminina descreve o amor em XIV Passos, desde (Re)Conhecimento até A Grande Descoberta (do mistério do amor).

Percursos da Literatura no Ceará

Dimas Macedo

A literatura cearense acha-se razoavelmente estudada pela historiografia e pelos aportes da crítica e do ensaio literário, graças, principalmente, aos esforços de Dolor Barreira e Sânzio de Azevedo. O primeiro debruçou-se sobre as suas fontes, documentadas por historiadores de outras áreas do conhecimento, e o segundo, fez a condensação de todas essas fontes, sistematizou aquilo que passou ao largo das visões superficiais, e deu à nossa história literária, o seu critério de cientificidade e rigor metodológico.

Sânzio destaca-se, ademais, pelos estudos sistemáticos dedicados a instituições do nosso passado literário e pelos seus ensaios acerca de poetas e prosadores de talento, cujas produções elevam-se por sua importância e pela qualidade.

As contribuições de Otacílio Colares (*Lembrados e Esquecidos*), Artur Eduardo Benevides (*Evolução da Poesia e do Romance Cearense*), Braga Montenegro (*Natureza e Evolução do Conto Cearense*) e aquilo que registrei nos meus livros *Leitura e Conjuntura* (1984), *A Metáfora do Sol* (1989), *Crítica Imperfeita* (2001) e *Ensaio e Perfis* (2004) constituem, igualmente, fontes que merecem ser repassadas.

A partir da década de 1970, quando foi publicado o livro *Literatura Cearense*, de Sânzio de Azevedo, o Curso de Letras da UFC passou a assumir uma vanguarda nesse campo de estudos, especialmente naquilo que interessa à análise e interpretação da obra dos nossos escritores, feitas, inicialmente, pelos seus professores e, posteriormente, pelo seu corpo discente.

Ali foram divulgados ensaios e teses de mestrado sobre a produção de autores do porte de Francisco Carvalho, Moreira Campos, José Alcides Pinto, Eduardo Campos, Artur Eduardo Benevides, Pedro Lyra e Rachel de Queiroz; e pesquisas sobre instituições como a Padaria Espiritual e o Grupo Clã.

Difundiou-se, também, no Curso de Letras da UFC, a realização de seminários e a formação de grupos de pesquisa que dirigiram os seus olhares para a literatura cearense, atividade exitosa de que é exemplo o livro que ora se publica – *Percurso da Literatura no Ceará* (Fortaleza: Expressão Gráfica, 2017), o qual constitui um dos melhores conjuntos de ensaios sobre a nossa produção literária.

O livro comporta uma visão panorâmica, contemplando escritores de todas as idades, cujas obras, indiscutivelmente, têm a sua relevância e clamam pela sua interpretação e leitura, cabendo, aqui, ressaltar os exemplos de José de Alencar e Juvenal Galeno, os dois escritores cearenses da minha maior predileção.

As releituras de *A Normalista*, de Adolfo Caminha, e *Dona Guindinha do Poço*, de Oliveira Paiva, pagam tributos à transição de nossa literatura e ao salto de qualidade com a qual ela se impôs, na virada do século dezanove para o século vinte, onde o realismo se fez uma presença mais do que marcante, tendo-se em vista, fundamentalmente, a produção destes romancistas.

Os ensaios dedicados à obra teatral de Carlos Câmara e Eduardo Campos – indubitavelmente, os nossos maiores teatrólogos – chamam a atenção do leitor. A importância destes escritores, para além da qualidade das suas criações, reside num ponto que considero de vital importância: a exposição dos nossos costumes e a denúncia das nossas contradições, no plano social.

No âmbito de todas as culturas, situam-se o mito e a parlenda, a carnavalesca da história e os engenhos faustosos do picaresco, que, às vezes, nos levam ao armorial. Nesse caso, um dos artigos reunidos se volta para essa seara, aí contemplando as astúcias e artimanhas de João Grilo, tecidas por Arievaldo Viana e Francisco Melchíades.

A ficção de Rachel de Queiroz, Moreira Campos, Airton Monte, Socorro Acioli, Jards Nobre e Caio Porfírio Carneiro, e a poesia de Roberto Pontes aparecem expostas neste livro, em menor ou maior proporção, destacando-se, entre os ensaios reunidos, um panorama da crônica cearense, traçado por Maria Lílian Martins de Abreu.

Fernanda Diniz, de sociedade com Alexandre Vidal de Sousa, Fernângela Diniz da Silva e Francisco Wellington Rodrigues Lima, cuidam da organização do volume *Percursos da Literatura no Ceará*, e nos dão, desta forma, um testemunho de amor aos nossos escritores.

Trata-se de livro produzido no âmbito do projeto *Ceará em Letras*, que é o marco, talvez, de maior expressão da nossa pesquisa literária, nos dias atuais, e a cujas raízes ligam-se os nomes de Fernanda Diniz e Jailene de Araújo Menezes.

Irmano-me com os organizadores desse livro e a todos agradeço o convite para escrever o seu prefácio. Recebo-o como homenagem ao trabalho de pesquisa que realizei, tendo como foco a nova literatura cearense, pois de outra forma não saberia entender a deferência.

Um olhar para o Nordeste desde a Bulgária: Dimas Macedo e Francisco Carvalho

Rumem Stoyanov

Em 1859, o *Tsarigradski Vestnik* (*Jornal de Tsarigrad*, ou seja, Constantinopla) publica a novela curta *Imigração ao Brasil*. O autor, cujo nome hoje ignoramos, narra as peripécias de uma família camponesa que, por causa duma seca, vê-se obrigada a vender sua terra e ir ao Brasil. Assim, com aqueles 18 folhetins, traduzidos por Mikhail Zafirove Iossif Dainelov, inicia-se a temática brasileira em língua búlgara. É o começo da brasilística búlgara. Devido ao reduzido espaço destas linhas, não cabe explicar por que o primeiro livro brasileiro editado na Bulgária data apenas de 1938: *Dona Paula*, contendo contos de Machado de Assis e Artur Azevedo, trazidos por Krum Iordanoav, provavelmente via francês.

A poesia brasileira estreia ainda mais tarde: 1962. Naquele ano, o semanário *Literaturen Front*, órgão da União dos Escritores Búlgaros, no seu número 12, inclui versos de Ribeiro Couto e Drummond de Andrade, junto ao artigo “A Poesia Contemporânea Brasileira”, assinado por Caetano da Silva. Os textos foram vertidos por Gueorgui Mitskov, através do francês. Porém já são dezenas os livros brasileiros em búlgaro, a partir de 1955, trabalhados diretamente do português.

Nesta crescente presença literária do Brasil na Bulgária, o Nordeste tem seu lugar cada vez de maior destaque, tanto na prosa como na poesia. Os dados existentes permitem e exigem uma pesquisa detalhada sobre a presença do Nordeste na Bulgária. Nesta oportunidade, limito-me apenas a mencionar nomes e fatos, sem entrar em interpretações e conclusões.

Jorge Amado é o pioneiro das letras nordestinas na Bulgária. Em 1948, o diário *Izgreve* publica *Terras do Sem Fim*, em 82 números, com o título *O Direito do Forte*. A tradução, do inglês, pertence a Sider Florin. O romance reaparece com outro nome, *Cacau e Sangue*, no

ano seguinte. Curiosamente houve outra versão (1956), desta vez por Jeliaz Tsvetanov, também através do inglês. Desde 1948, temos numerosos textos de Jorge Amado, inclusive *O Cavaleiro da Esperança*, a biografia de Luis Carlos Prestes. Atualmente o baiano está sendo reeditado. Durante décadas Jorge Amado foi o principal representante das letras brasileiras na Bulgária, a tal ponto que houve um período no qual a quantidade de seus livros superava o resto dos brasileiros e ainda hoje ele é o campeão da literatura brasileira entre os búlgaros.

Josué de Castro chegou a ser Presidente do Conselho da Organização da Alimentação e Agricultura da ONU. Talvez isto, contribuiu para a edição do seu impressionante trabalho sociológico: *Geopolítica da Fome*, cuja tradução ao búlgaro data de 1956, sendo tradutor Todor Neikov.

De 1963 é o romance *O Sol do Meio-Dia*, que pertence à pena de Alina Paim, sendo tradutor Todor Tsenkov. Surpreende que naqueles tempos de lenta e difícil comunicação tenha aparecido apenas dois anos mais tarde que o original.

Em 1969, sai *Vidas Secas* de Graciliano Ramos, traduzido por Rumen Stoyanov, com um breve posfácio deste. Numa antologia e na imprensa há três contos de Ramos, devidos ao mesmo brasilista: "História de um Bode", "Uma Canoa Furada" e "A Espingarda de Alexandre".

A prestigiosa editora Narodna Cultura (Cultura Popular) lança em 1968 a antologia *Poesia Latinoamericana*. Os tradutores Alexandre Muratov e Atanas Daltchev escolheram oito brasileiros: Manuel Bandeira, Mário de Andrade, Joaquim Cardoso, Murilo Mendes, Drummond de Andrade, Cecília Meireles, Vinícius de Moraes, Ferreira Gullart. Das 30 peças, 11 pertencem a Bandeira, mais de um terço. E se acrescentamos os de Cardoso (três), veremos que quase a metade dos títulos é de nordestinos.

Em búlgaro temos textos de Câmara Cascudo, que Rumen Stoyanov traduziu de *História de Nossos Gestos*, e uma revista para cegos os imprimiu em braile. Mas um dos brasileiros mais conhecidos mediante contos avulsos é Osman Lins.

Poetisa e pintora, nascida em Maranhão, Josélia Costandrade visitou a Bulgária com meninos brasileiros que participaram da Assembleia Mundial da Paz e assim nasceram três poemas relativos ao país balcânico.

Em 1989, foi traduzido *Norte das Águas*, coletânea de narrativas (tradutores Gueorgui Alexandrov e Margarita Drenska) e versos (Gueorgui Belev) de José Sarney, com reproduções de quadros dele, com o título de *Curso das Águas*.

O ano 1996 traz para a Bulgária mais um livro de textos produzidos no Brasil: *Solo Para Quinze Vozes* (seleção, tradução, prólogo e notas de Rumen Stoyanov). Deles, quatro vieram de nordestinos: Manuel Bandeira (5 trabalhos), Ledo Ivo (2), Jorge de Lima (1), Odilo Costa Filho (7), Ferreira Goulart (4). Quer dizer, dos 62 poemas, 19 são de nordestinos.

O teatro Sava Dobroplodni, na cidade de Silistra, à beira do Danúbio, em 2005, incluiu no seu repertório o *Auto da Compadecida* de Ariano Suassuna, traduzido (do alemão) por Stefan Staitchev, que é o diretor da encenação.

A partir de 1992, na Universidade de Sófia São Clemente de Ojrida, funciona um curso de graduação em filologia portuguesa. O titular é Rumen Stoyanov. Os alunos obrigatoriamente estudam, durante dois semestres, letras brasileiras. Nele são tratadas as obras de Lins do Rego, como integrante do regionalismo. Naturalmente, comentam-se também Graciliano Ramos, Jorge Amado, Os Sertões de Euclides da Cunha. Outro curso de Stoyanov, sobre relações culturais búlgaro-brasileiras, contém numerosas referências a livros relacionados com o Nordeste.

O cearense Márcio Catunda é, de longe, o poeta nordestino mais divulgado na Bulgária, pois viveu nela durante anos, até 2000, como diplomata. De 1999 ficou *À Sombra das Horas*, bilíngue. Rumen Stoyanov realizou a escolha dos 33 títulos, tomados de 6 coletâneas, a versão dos originais em português e espanhol e fez o prólogo àquelas páginas. Na segunda capa, lê-se um fragmento duma resenha de

Francisco Carvalho sobre o autor. Em 2000 encontramos 73 peças intituladas *London Gardens And Other Journeys* vertidas ao inglês pela búlgara Donka Mangatcheva e pelo autor.

Naquele ano, tão fértil editorialmente para Catunda e a poesia nordestina na Bulgária, vemos ainda *Crescente*, CD e livro, contendo 14 canções na voz de Juliana Areias, as letras de Márcio Catunda, ao igual que algumas das músicas. O incansável Márcio produziu mais um CD, *Noites Claras*, e agora foram 16 letras e músicas dele, cantadas por Stefka Onikian e Mitko Onikian.

Começando em 2003, a Embaixada Brasileira em Sófia vem apoiando edições de livros bilíngues. Abre a série *Sete Contos Brasileiros*. A seleção, introdução e notas sobre os autores são do Embaixador José Augusto Lindgren Alves. O Nordeste está representado por Clarice Lispector com "Feliz Aniversário". Coloco-a aqui porque a escritora viveu a infância em Alagoas e Pernambuco e deu os primeiros passos literários no Nordeste. A tradutora foi Iordanka do Nascimento.

Dois anos mais tarde temos *Outros Contos Brasileiros*, igualmente escolhidos, prefaciados e anotados por Lindgren Alves. Desta vez os narradores são doze, traduzidos por Vera Kirkova. Rachei de Queiroz figura com "Tangeriene-Girl".

Novamente com a ajuda da Embaixada, é publicada a antologia *Poesia Contemporânea Brasileira* (2006), selecionada por Lindgren Alves, Flora Kleiman e Rumen Stoyanov, que fez a tradução e um dos prefácios; o outro é de Lindgren Alves. Entre os doze escolhidos, dois são nordestinos: Manuel Bandeira, que abre a lista, e João Cabral de Melo Neto, respetivamente, com 9 e 5 textos.

Maria da Guia Silva Lima, cearense, professora aposentada da UFC, casada com o búlgaro Zahari Krivochiev, escreveu a nota "O Ciclo Brasileiro de Elissaveta Bagriana" e traduziu os poemas dessa poetisa: "Whisky com Gelo e Lágrimas" e "Punhado de Neve", dedicados a Pedro Rousseff, pai da Presidenta Dilma (Rio de Janeiro, 2011).

Graças à iniciativa da Universidade Federal do Ceará, o livro *Poemas do Nordeste*, de Dimas Macedo e Francisco Carvalho, sai com

o selo da Universidade de Sófia, em 2012. Fundada em 1888, ela leva o nome de São Clemente de Ojrid (840-916), razão pela qual o rastro dele figura na sua logomarca. O santo foi o discípulo mais importante de São Cirilo e São Metódio, criadores da escrita glagolítica (glagolati significa falar), tradutores (do grego ao búlgaro) da Bíblia e de escritores. Os dois irmãos e monges, junto com São Benedito, foram proclamados pelo Vaticano Padroeiros Celestes da Europa. São Clemente é um dos escritores de maior relevo na literatura búlgara antiga (ela nasce em 852) e personagem central na difusão do cristianismo na Bulgária e entre os demais povos eslavos. A segunda escrita búlgara, chamada de cirílica, em homenagem a São Cirilo, é atribuída pela paleoeslavística à autoria de São Clemente de Ojrid.

Com *Poemas do Nordeste*, quer dizer, com os versos de Dimas Macedo e Francisco Carvalho, a literatura do Nordeste dá um passo diferente na Bulgária, já que pela primeira vez trata-se duma colaboração entre duas universidades. Tomara que ele seja o início dum labor sistemático e mutuamente proveitoso.

in **Стихотворения от Североизтока**

Poemas do Nordeste (Sófia, 2012)

A presença de Giselda Medeiros nos periódicos cearenses

Gizela Nunes da Costa

Giselda de Medeiros Albuquerque nasceu em Prata, Acaraú – Ceará no dia 14 de julho. Formada em Letras pela Universidade Federal do Ceará (UFC), com especialização em Língua Portuguesa e Literatura Brasileira. No meio cultural, é conhecida por Giselda Medeiros. O magistério, mediante concurso público, foi o seu campo de trabalho.

Estreou na literatura em 1986, com o livro de poesia *Alma Libertada*, prefaciado pelo imortal Artur Eduardo Benevides. Publicou 9 (nove) livros, enfocando poesia, trovas, ensaio, contos e crítica literária:

- 1986 *Alma Libertada* – Poesia
- 1989 *Transparências* – Poemas e Trovas
- 1996 *Cantos Circunstanciais* - Poesia
- 1997 *A Trova: estrutura e linguagem* - Ensaio
- 2000 *Tempo de Esperas* - Poesia
- 2002 *Sob Eros e Thanatos* - Contos
- 2007 *Crítica Reunida*
- 2010 *Ânfora de Sol* - Poesia
- 2015 *Caminho de Sol* – Centenário de nascimento de Raimunda de Sousa Fernandes (1915-2015).

Pertence às seguintes associações culturais: Academia Cearense de Letras – ACL; Academia Cearense da Língua Portuguesa – ACLP; Academia Fortalezaense de Letras – AFL; Academia de Letras e Artes do Nordeste – ALANE; Sociedade Amigas do Livro – SAL; Associação de Jornalistas e Escritoras do Brasil – AJEB; Ala Feminina da Casa de Juvenal Galeno e União Brasileira de Trovadores – UBT/CE. É Sócia Emérita da Academia Feminina de Letras do Ceará – AFELCE. Sócia Correspondente da Academia Literária Feminina do Rio Grande do

Sul, da Academia Irajaense de Letras (RJ) e da Associação dos Escritores da Amazônia (AM).

Em 2001, recebeu o Diploma de *Princesa dos Poetas do Ceará*, concedido pelo escritor Alberto Santiago Galeno e subscrito por todas as entidades literárias que fazem parte da referida casa. Além disso, participa de 19 (dezenove) entidades culturais. Foi coautora em 34 (trinta e quatro) publicações. Organizou 14 (catorze) coletâneas. Recebeu prêmios em sete concursos. Integrou a Comissão Julgadora do Prêmio Osmundo Pontes e Prêmio Ideal Clube de Literatura. Dirigiu o 1º Sarau de Poesia, o concurso de Poesia professora Edith Braga, em nível nacional, e o concurso Estadual de Poesia Professora Nila Gomes Soárez em parceria com o Colégio 7 de Setembro. Todos foram executados sob a sua responsabilidade.

Recebeu os seguintes prêmios: V Prêmio Cidade de Fortaleza; II Prêmio Cearense de Literatura; XV Prêmio de Poesia Falada do Norte e Nordeste (Sergipe); Prêmio Osmundo Pontes de Literatura – Categoria Poesia – 1999; Prêmio Henriqueta Lisboa pela Academia Mineira de Letras; Prêmio Domingos Olímpio de Literatura; Prêmio Lacyr Schettino pela Academia Municipalista de Letras de Minas Gerais e Prêmio Lúcia Martins de Poesia – Academia Cearense de Letras.

Foi agraciada com as seguintes medalhas: E. D’Almeida Vitor (Brasília-DF); Medalha do Centenário da Academia Paraense de Letras (Belém); Carlos Drummond de Andrade (Natal/RN); Barão de Studart, pelo sesquicentenário de seu nascimento, outorgada pela Academia Cearense de Ciências, Letras e Artes do Rio de Janeiro; e Medalha de Bronze no Concurso de Contos em Brasília. Além disso, ainda detém muitos diplomas de Honra ao Mérito, Moção de Louvor, Placas, Troféus, Diploma de Sócio Emérito, Diploma de Sócio Benemérito, Presidente de Honra, totalizando 37 prêmios.

Na seara das trovas, participou de 9 Jogos Florais, 23 concursos e 1 Mutirão de Trovas, perfazendo 33 participações com muitos prêmios e medalhas de ouro, prata e bronze.

Seu nome consta dos seguintes verbetes:

Dicionário de Literatura Cearense, de autoria de Raimundo Girão e Maria Conceição Sousa (1987); Dicionário de Mulheres, organizado por Hilda Hubner Flores (RS, 1999); Dicionário Crítico de Escritoras (1711-2001), organização de Nelly Novaes Coelho (SP/2002); e Enciclopédia da Literatura Brasileira (v.VII), de Reis de Sousa (Brasília/DF – 1996). Personalidades 2000 – Biografias – de Franco Barreto e Ernani Machado.

A produção literária de Giselda Medeiros foi estudada por uma plêiade de intelectuais, tais como: Beatriz Alcântara, Batista de Lima, Regine Limaverde, Geraldina Amaral, Artur Eduardo Benevides, Carlos Augusto Viana, Dias da Silva, Dimas Macedo, Francisco Ferreira Nobre, Genuíno Sales, José Alves Fernandes, José Telles, Linhares Filho, Neide Azevedo, Nilto Maciel. Emitiram opinião sobre os trabalhos da escritora: Vasques Filho, Sânzio de Azevedo, Desenka Vukasovic (Chile), Dimas Macedo, Maria Thereza Cavalheiro (SP), Padre Osvaldo Chaves (Sobral-CE), Raimundo Araújo (RJ), Rafael Sánchez (Argentina), Abdias Lima (CE), Elmo Gomes (RJ), Lindemberg de Aquino (Cariri-CE), entre outros.

Giselda Medeiros ingressou na Associação de Jornalistas e Escritoras do Brasil (AJEB), Coordenadoria do Ceará, em 1998. Desenvolve, até hoje, um excelente trabalho que pode ser visualizado nos 9 (nove) volumes da Revista Policromias, carro chefe da vida intelectual da entidade. São vinte anos de dedicação à causa ajebiana. Presidiu a associação nacional, por dois mandatos consecutivos: 2002/2004; 2004/2006 e, em nível estadual, de 1998/2008. Até hoje é responsável pela elaboração, impressão e distribuição do informativo “O Ajebiano”. Na gestão 2016/2018, a presidente, Gizela Nunes da Costa, procedeu a um levantamento dos artigos, depoimentos, entrevistas e questionários sobre a produção literária de Giselda Medeiros, acrescido de todos os verbetes dos periódicos onde constam trabalhos da autora. O resultado foi a edição do livro “A Saga Lírica de Giselda Medeiros”, organizado por Gizela Nunes da Costa, constando, inclusive com a produção intelectual dos cearenses e acrescido pelos artigos da lavra das Ajebianas: Elinalva Alves de Oliveira, Evan Bessa, Maria Argentina Austregésilo de

Andrade, Maria do Carmo Fontenelle, Maria Helena do Amaral Macedo, Maria Luisa Bomfim, Maria Nirvanda Medeiros, Rejane Costa Barros, Rosa Virgínia Carneiro de Castro e Zenaide Braga Marçal. No livro podemos aquilatar o valor intelectual, a inteligência aguçada, o que revelam os seus escritos e o conteúdo de seus poemas, aliados à conviência mansa e pacífica com todos, harmoniosa como os seus versos, e generosa com os principiantes que buscam as suas luzes.

Em dezembro de 1949, circulou o primeiro número da Revista Jangada, da Ala Feminina da Casa de Juvenal Galeno, sob a direção de Cândida Maria Santiago Galeno e Maria de Lourdes Vasconcelos Pinto. Nessa primeira etapa, foram editadas 18 revistas. A 2ª fase se inicia com o nº 19, publicado em 1994, após 34 anos de paralisação. A direção é de Neide Freire (a então presidente da entidade), Giselda Medeiros (Vice) e Zênith Feitosa. Dos números 19 até o 36º, Giselda foi responsável pela redação do editorial e pela organização da revista. Fancinete Azevedo, Leda Costa Lima e Viviane Fernandes, também, colaboraram na edição da revista. Ornamentada, diversificadamente, com poemas, prosa, crítica, entrevista, filosofia, charadas e trovas, a “Jangada” corria, afoita, mundo afora, com sua branca vela.

Para finalizar, consoante assevera o poeta Artur Eduardo Benevides “Giselda Medeiros tem a consciência do fazer poético. A linguagem bem trabalhada oferece agradável **tônus** lírico e por vezes filosófico, sem qualquer comprometimento, porém, a não ser com a própria essência da poesia. Nos poemas líricos, bem assim nos sonetos, tudo é simples e autêntico, como água da fonte, na construção de metáforas e imagens singelas e puras. Deve-se isso, contudo, à alma generosa que ela possui, capaz de visualizar com grandeza os caminhos e momentos da vida, nas andanças do sonho”.

A seguir, a relação dos verbetes de todos os trabalhos de Giselda Medeiros, nos periódicos cearenses, produzidos e publicados entre 1994 a 2017.

1 - Academia Cearense de Letras

MEDEIROS, Giselda

_____. Artur Eduardo Benevides: um artista humano e divino. RACL, Fortaleza, v.96, n. 52, p. 95 – 97, 1997.

_____. Poema para quem amo. RACL, Fortaleza, v. 98, n. 53, p. 131, 1998.

_____. Ânfora de sol. Homenagem à mais antiga Academia do Brasil. RACL, Fortaleza, v. 99, n. 54, p.108; 229-231, 1999.

_____. O fio e a meada, de Batista de Lima. Para um poeta- poema. Discurso de posse. RACL, Fortaleza, v. 100, n. 55, p. 35-37; 123; 165-181,2000.

_____. Dimas Macedo – um poeta órfico. Espaço vermelho. RACL, Fortaleza, v. 101/102, n.56/57, p. 44-45; 149, 2001/2002.

_____. Poemas: Se tu me queres... Sonata ao luar. Passado azul. Discurso de apresentação do livro: O poeta do Ceará: Artur Eduardo Benevides. RACL, Fortaleza, v. 103, n. 58, p. 95-96; 115-117; 160-165, 2003.

_____. Sina. Mar absoluto. RACL, Fortaleza, v. 104, n. 59, p. 119; 144-145, 2004.

_____. Motivos. RACL, Fortaleza, v. 105, n. 60, p. 123-124, 2005.

_____. Instabilidade. Sem palavras. Mar absoluto. Saudação a Genuíno Sales. Diretrizes da linguagem poética. RACL, Fortaleza, v. 106, n. 61, p.154, 155; 190-191; 216-223; 246-249, 2006.

_____. Uma poesia feita de esperas. O encontro das mãos. Lançamento de *Crítica reunida*. RACL, Fortaleza, v. 112, n. 68, p. 66-68; 139; 170-173, 2007.

_____. O Mundo de Flora. Em linho e sedas. RACL, Fortaleza, v. 113, n. 69, p. 83-88; 118, 2008.

_____. Quisera. Mar interior. João Jacques Ferreira Lopes e seu

apostolado literário. RACL, Fortaleza, v. 114, n. 70, p. 120; 121; 213-223, 2009.

_____. Entre anseios e devaneios. Visões. A Estrutura desmontada. RACL, Fortaleza, v. 115, n. 71, p. 158; 159; 253-257, 2010.

_____. Mulheres... mulheres. A Estrela d'Alva. Miragem. Canção extraviada. RACL, Fortaleza, v. 116, n. 72, p. 89-91; 155, 156, 157, 2011.

_____. A ti mãe. Acróstico para Suzana Ribeiro. A casinha da esquina. RACL, Fortaleza, v. 117, n. 73, p. 104; 105; 133-136, 2012.

_____. Estórias hilárias de esculápios. Acendendo estrelas. Nossos motivos. Natal de contrastes – Slides Salvador dali. RACL, Fortaleza, v. 118, n. 74, p. 99-101; 128; 129-130; 345-350, 2013.

_____. Diante do príncipe adormecido. Paisagem. Determinismo. Lua, vento, espuma e flor. RACL, Fortaleza, v. 119, n. 75, p. 25-26; 158; 169-170; 233-253, 2014.

_____. O mundo de Flora. Canção da Espera. O passeio de Ana Amélia. RACL, Fortaleza, v.120, n.76, p.65-72; 137-138; 155-156, 2015.

2 - Academia Cearense da Língua Portuguesa

MEDEIROS, Giselda

_____. Artur Eduardo Benevides – Um artista humano e divino. *Revista da Academia Cearense da Língua Portuguesa*, Fortaleza, ano 26 a 37, n.11, p.29-32, 2014.

_____. A ficção de Hélio Melo. *Revista da Academia Cearense da Língua Portuguesa*, Fortaleza, ano 38, n.12, p.28-29, 2015.

_____. Regine Limaverde: poeta e contista. *Revista da Academia Cearense da Língua Portuguesa*, Fortaleza, n.13, p.104-108, 2017.

3 - Academia Fortalezense de Letras

3.1 – Revista Contemporânea

MEDEIROS, Giselda

_____. Visão. Não mais te buscarei. *Contemporânea* – Revista da AFL, Fortaleza, v.1, n.1, p.28-29, 2006.

_____. Confissões. Visões. *Contemporânea* – Revista da AFL, Fortaleza, v.2, n.2, p.48-50, 2007.

_____. Martinho Rodrigues e sua “casa de palavra”. *Contemporânea* – Revista da AFL, Fortaleza, v.3, n.3, p.37-42, 2012.

_____. Se tu me queres... O encontro das mãos. Miragem. Entre anseios e desvelos. *Contemporânea* – Revista da AFL, Fortaleza, v.4, n.4, p.62-65, 2015.

3.2 – ACTA Literária

MEDEIROS, Giselda

_____. Gilka Machado, La Cigarra de Fuego. *ACTA Literária*. Fortaleza: Academia Fortalezense de Letras, 2005. p.57-63.

_____. O Mundo de Flora. *ACTA Literária*. Fortaleza: Academia Fortalezense de Letras, 2008. p.67-74.

_____. O Encontro recidivo. *ACTA Literária*. Fortaleza: Academia Fortalezense de Letras, 2009. p.45-47.

_____. João Jacques Ferreira Lopes. *ACTA Literária*. Fortaleza: Academia Fortalezense de Letras, 2014. p.87-91.

4 - Academia de Letras e Artes do Nordeste

MEDEIROS, Giselda

_____. Se tu me queres... Sonata ao luar. *Urupema*, Fortaleza, v.2, n.1, p. 23, 2007.

_____. Canção extraviada. Instabilidade. *Urupema*, Fortaleza, v.3, n.1, p. 23-24, 2009.

_____. Nossos motivos. Instabilidade. *Urupema*, Fortaleza, v.4, p. 25, fev., 2017.

5 – Sociedade Amigas do Livro

MEDEIROS, Giselda

_____. Se tu me queres. *Revista SAL*, Fortaleza, n.1, p. 17, abril, 2004.

_____. Indecifrável. Nuvem de sândalo. *Revista SAL*, Fortaleza, n.2, p. 22-23, outubro, 2009.

_____. Entre anseios e desvelos. Miragem. *Revista SAL*, Fortaleza, n.3, p. 27-28, fevereiro, 2012.

_____. Sérgio Macedo – o Mercador de Sonhos. *Revista SAL*, Fortaleza, n.4, p. 40-41, dezembro, 2014.

_____. Ao meu amigo – poeta José Telles. *Revista SAL*, Fortaleza, n.5, p. 34, dezembro, 2016.

6 – Associação de Jornalistas e Escritoras do Brasil

6.1 Antologia Nacional

MEDEIROS, Giselda

_____. Extravasamento. *Antologia Nacional – AJEB*. Porto Alegre: Nova Dimensão, 1996. p.61.

_____. Se tu me queres... Natureza viva. Estranho beduíno. Poema da renascença. Leitura – mais que um lazer. *Antologia Nacional – AJEB Letras*. Fortaleza: RBS, 2003. p.17-22.

_____. Visões. Soneto para meu pai. *Palavras 2012 – AJEB*. Porto Alegre: Evangraf, 2012. p.101-102.

_____. Barco de papel. Trovas com sabor de saudade. *Palavras 2016 – AJEB*. Porto Alegre: Evangraf, 2016. p.77-82.

6.2 Policromias

MEDEIROS, Giselda

_____. Ainda é permitido se falar de amor. Rota. Ao Poeta e à poesia. *Policromias V.I – AJEB*. Fortaleza: Multigraf, 1999. p.9-14.

_____. A mais antiga Academia de Letras do Brasil. A geometria ao adeus. Eu e meu ofício. Motivos. *Policromias V.II – AJEB*. Fortaleza: RBS, 2005. p.15-20.

_____. O passeio de Ana Amélia. Infinitude. Aprendizagem. *Policromias V.III – AJEB*. Fortaleza: RDS, 2006. p.11-13.

_____. Nem da terra nem do mar. Visões. *Policromias V.IV – AJEB*. Fortaleza: RDS, 2007. p.25-29.

_____. O encontro das mãos. Contemplação. Solo de flautas. Em linho e sedas. *Policromias V.V – AJEB*. Fortaleza: RDS, 2009. p.31-34.

_____. Caminhos. Nuvem de sândalo. “Em suas mãos”, a trova. *Policromias V.VI – AJEB*. Fortaleza: RDS, 2010. p.25-30.

_____. Redescoberta. O poema e a emoção. Preciso de ti. Madrugadas sangrentas. *Policromias V.VII – AJEB*. Fortaleza: RDS, 2013. p.35-38.

_____. Cruz e Sousa: o poeta simbolista. *Policromias V.VIII – AJEB*. Fortaleza: RDS, 2015. p.124-130.

_____. Yolanda Gadelha Theophilo, em *Os Náufragos*. *Policromias V.IX – AJEB*. Fortaleza: RDS, 2017. p.89-94.

7 – Ala da Casa de Juvenal Galeno

MEDEIROS, Giselda

_____. Quem sou? *Revista Jangada*, Fortaleza, v.7, n.19, p. 12, 1994.

_____. Embriaguez. *Revista Jangada*, Fortaleza, v.8, n.20, p. 12, 1995.

_____. Zênith Feitosa e seu buquê de poesia. Extravasamento. *Revista Jangada*, Fortaleza, v.9, n.21, p. 7-8; 23-24, 1996.

_____. Alayde de Souza Lima – um exemplo de tenacidade. Caminho do eterno. Ao poeta de “Carmina Effigies”. *Revista Jangada*, Fortaleza, v.9, n.22, p. 1-2; 13-14; 31-32, 1996.

_____. Leda Costa Lima, em “Um toque no intangível”. *Revista Jangada*, Fortaleza, v.10, n.23, p. 12-13, 1997.

_____. 78º Aniversário da Casa de Juvenal Galeno. Atonia. *Revista Jangada*, Fortaleza, v.10, n.24, p. 14-17; 32, 1997.

_____. Um século sem Cruz e Sousa – o poeta da dor. Elegia para um menino adormecido. *Revista Jangada*, Fortaleza, v.11, n.25, p. 12-14; 39, 1998.

_____. Uma homenagem à mais antiga academia do Brasil. Uma poetisa e seu vasto mundo poético. A um aviador. *Revista Jangada*, Fortaleza, v.11, n.26, p. 25-27; 37-38; 43, 1998.

_____. Trova. Apresentando “Seleta Familiar”. Mulher. *Revista Jangada*, Fortaleza, v.12, n.27, p.31; 39-40; 64, 1999.

_____. Uma prisão especial. Trova. Sempre guerreira. Um verdadeiro painel de emoções. *Revista Jangada*, Fortaleza, v.12, n.28, p.19-20; 38; 44; 53-54, 1999.

_____. Saudação à Leda Costa Lima. Trova. Os retratos na sala. “Aurora Escassa”. *Revista Jangada*, Fortaleza, v.13, n.29, p.12-13; 26; 34; 43-44, 2000.

_____. Oração à amizade. Trova. Os retratos na sala. Mulheres do Brasil – 5º volume. *Revista Jangada*, Fortaleza, v.13, n.30, p.10-11; 27; 34; 44-46, 2000.

_____. Editorial. Ezequiel – um poeta que se fez estrela. Trova. Acendendo estrelas. O poço das almas. *Revista Jangada*, Fortaleza, v.14, n.31, p.3; 13-17; 39; 48; 57-58, 2001.

_____. Editorial. A visita. Trova. O cortejo do amor. Na esplanada da história. *Revista Jangada*, Fortaleza, v.14, n.32, p.3; 11-12; 29; 39; 47-48, 2001.

_____. Editorial. A crônica sonhada. Trova. Rio azul. Vivências de uma poetisa. *Revista Jangada*, Fortaleza, v.15, n.33, p.3; 11-13; 28; 37; 46, 2002.

_____. Editorial. Passado azul. Trova. Busca. “Rastros do silêncio”. *Revista Jangada*, Fortaleza, v.16, n.34, p.3; 15-16; 32; 45-46; 52-54, 2002.

_____. Editorial. A casa dos saudosos saraus literários. Trova. Intermedidades. O que estou lendo. Um olhar sobre “Mosaicos”. *Revista Jangada*, Fortaleza, v.17, n.35, p.3; 19-20; 27; 40; 45; 46-47, 2003.

_____. Editorial. Trova. O tecedor de horas. Outono azul. Réquiem para Manuela. *Revista Jangada*, Fortaleza, v.17, n.36, p.3; 37; 47; 54-55; 57-58, 2003.

A ESPESSURA ENIGMÁTICA DO SILÊNCIO, no livro *O silêncio da penteadeira* de Angela Gutiérrez

Vera Lucia Albuquerque de Moraes¹

“Eu sou uma pergunta”, disse Clarice Lispector de si mesma, e é essa pergunta que atormenta seus leitores, aqueles a quem foi dada a graça do encontro com a obra de Clarice e que, desde então, habitou seu universo, atravessou seus desertos, até confrontar-se com essa esfinge que se anuncia como uma pergunta.

Uma pergunta que impulsiona o leitor em direção ao passado e o faz atravessar a espessura silenciosa de mistérios, de nomes trocados, de depoimentos contraditórios, a subjetividade de documentos perdidos e reencontrados.

Bem que o livro que ora apresentamos – *O silêncio da penteadeira*, de Angela Gutiérrez – poder-se-ia chamar: *Eu sou uma pergunta*, contrapondo o universo ficcional de Clarice ao universo de Angela – mais especificamente, ao universo da personagem Pequena, que atormenta o avô, a madrinha e a babá com perguntas sobre sua origem.

As evasivas do avô sobre a história das mulheres da família – Moça Bela, Mocinha e Menina (bisavó, avó e mãe) – deixam Pequena muito perturbada, pois precisa preencher lacunas e encadear laços que se romperam sem explicações. Tudo é mistério guardado a sete chaves, o que aumenta, cada vez mais, sua ansiedade e aflição, e, na ausência de informações continuamente suplicadas às pessoas de sua casa, Pequena passa a interrogar o espelho da penteadeira de seu quarto que se apresenta, nessa narrativa, como interlocutor silencioso da protagonista.

O narrador explica ao leitor a simbologia dessa peça do mobiliário, que atravessa gerações, uma vez que passa de mãe para filha, na ocasião do casamento. Segundo o ritual, a penteadeira, contendo o

1 Mestre em Teoria da Literatura (UFRJ). Doutora em Sociologia (UFC). Pós-Doutora em Literatura Comparada(USP).

enxoval da noiva, muda-se para a casa do noivo, sendo transportada por fortes homens que a carregam, cuidadosamente, pela rua, à vista de toda a vizinhança.

Podemos afirmar ser a busca da identidade o motivo central e também o motivo condutor do enredo, uma vez que esse tema perpassa a narrativa de ponta a ponta: uma adolescente que perdeu a mãe ao nascer e convive também com o fato de seu pai ter desaparecido, sendo criada e educada por um pequeno clã que lhe sonega, por ordem do avô, qualquer informação a respeito da história das mulheres de sua família. Urge reconstruir o passado e resgatar sua biografia, mas essa conversa fecha-se na esfera de graves e inexplicáveis interditos.

Depois de assediar até sua professora, sem sucesso, a vida de Pequena passa a ser um constante monólogo ou um pretense solilóquio, questionando o espelho da penteadeira, na esperança de algum sinal revelador.

Segundo a escritora e professora Fernanda Coutinho, no belo posfácio que fez para esse livro, “A voz de Pequena, repetida à exaustão, configura uma fala que tem paralelo na litania”. Essa voz configura-se, de fato, como uma lamentação, uma súplica pela resposta que não vem, uma ladainha que evidencia, cada vez mais, a tristeza e a solidão da mocinha.

Observamos que a revolta desse corpo até então dócil, disciplinado, submisso, por vezes, imobilizado, segundo classificação que Elódia Xavier apresenta no livro *Que corpo é esse? O corpo no imaginário feminino*, começa a experimentar súbita mudança, no sentido de alterar padrões de comportamento regidos pela autoridade do avô e conseguir explicações ou, pelo menos, alguma pista que alivie sua angústia e possa desvendar essa trama tão pesada para a sensibilidade da garota, em busca de um corpo liberado.

Resolve, então, iniciar uma investigação por conta própria, conseguindo, com destreza, abrir as gavetas da escrivaninha à procura de cartas, bilhetes, um diário ou algum outro tipo de revelação. Acha umas fotos que trazem elementos inovadores aos fatos e mais indaga-

ções: quem seria esse moço louro que aparece numa foto desbotada? Investigando mais ainda, encontra outra foto intrigante: sua bisavó, Moça Bela, de linda cabeleira escura, ao lado de uma irmã, morta prematuramente, dona de anelados cabelos louros!

Como não é mais criança e, sim, uma mocinha bem esperta, Pequena agora se vê enredada por duas possibilidades: os cabelos louros de sua mãe e os seus teriam origem bem antes, no tempo de sua bisavó Moça Bela e de sua irmã? Ou – dúvida mais grave – a separação dos avós teria como causa um adultério envolvendo sua avó Mocinha e o moço louro da foto?

Podemos dizer que *O silêncio da penteadeira* é uma obra aberta, cíclica, o final reafirmando a pergunta do início, uma vez que a resposta não se concretiza, embora as descobertas de Pequena tenham gerado outros tipos de inquietação.

Bachelard considera em *O ar e os sonhos*, que se fizéssemos o duplo balanço das metáforas de **queda** e das metáforas de **ascensão** que preenchem as páginas literárias, não nos deixaria de surpreender o número muito maior das primeiras. O medo de cair é um medo primitivo e, à menor regressão, trememos com esse medo infantil. Nossos próprios sonhos, enfim, conhecem quedas vertiginosas em abismos profundos. A realidade da queda imaginária é uma realidade que se deve buscar na substância sofredora do nosso ser. Associados a essa sensação de queda, aparecem os esforços para tornar a subir e esses esforços conferem uma espécie de ondulação à queda em que as contradições do real e do imaginário se permutam indefinidamente, se reforçam e se induzem por um jogo de contrários.

Em *A ordem do discurso*, Foucault fala da relação direta entre os interditos e o silêncio, principalmente na esfera da sexualidade, relacionada ao universo feminino. Uma transgressão às normas e leis vigentes, apesar da vigilância a que as moças eram submetidas, teria como conseqüência severa punição. No livro de Angela, insinua-se que houve uma grave transgressão na conduta de Mocinha, avó de Pequena, que desaparece da casa e da vida da família.

Em conseqüência, criou-se esse grande vácuo que entristece a vida da protagonista, cercada de dúvidas e perguntas, evasivas e desvios, perpassando um grande silêncio que obedece, rigorosamente, a um pacto irreversível, firmado nas esferas do passado.

Em *A retórica do silêncio*, Gilberto Mendonça Teles considera que a saída do silêncio é um ato difícil: representa, na maioria das vezes, aquilo que, por ser mais denso, não pôde subir à superfície do rio da linguagem. O silêncio constitui um espaço de possibilidades e sua eficácia constitui-se numa não-palavra evocadora de efeitos de suspense: não exteriorizando o pensamento, interrompendo-o no momento adequado, substituindo a frase pelo efeito inesperado, cria-se um espaço de hesitação e emoção que envolve afetivamente e efetivamente o leitor.

Muitas vezes a melhor maneira de dizer menos é não dizer absolutamente nada. A proibição de falar desperta o interesse pela linguagem, que passa a ser sentida como instrumento de poder. O medo de falar se torna igual à necessidade de falar. O silêncio é, de certo modo, o tempo da dúvida.

A obra literária tem a tendência de constituir-se como um monumento de reticências e de ambigüidade, mas esse objeto silencioso, ela o fabrica com palavras e o trabalho de anulação do sentido é um processo tipicamente semiológico, passível, portanto, de uma análise da mesma ordem.

A Literatura é uma Retórica do Silêncio, principalmente quando a língua parece afastar-se de suas finalidades práticas de veículo de comunicação entre os homens, para apresentar-se apenas como manifestação de si mesma, autocriadora, atingindo, nesse contexto, a mais alta revelação do espírito humano.

O pós-modernismo acrescenta à Literatura uma feição rarefeita, transmitindo ao leitor a impressão de que a história não avança, girando ao redor do mesmo eixo temático. Ao narrador cabe a difícil tarefa de tentar encadear fios aparentemente desconectados, sugerindo caminhos e indícios que apontem possibilidades de leitura, em universos carentes de informação, silenciosos e enigmáticos.

Em *O silêncio da penteadeira*, as letras são enriquecidas por belas e expressivas imagens, um trabalho de singulares ilustrações forjadas na imaginação e experiência do artista plástico Descartes Gadelha, reconhecidamente um dos nossos mais ilustres mestres dos traços e das formas. Essa leitura pictórica agregará outras emoções e impressões ao conteúdo do livro, ensejando ao leitor novos caminhos, em direção a essa saudável aventura que é desvendar as múltiplas leituras contidas no texto literário.

Bibliografia

XAVIER, Elódia. *Que corpo é esse? O corpo no imaginário feminino*. Pref. de Antonio Carlos Secchin. Santa Catarina: Editora Mulheres, 2007.

TELES, Gilberto Mendonça. *Retórica do silêncio*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1989.

GUTIÉRREZ, Angela. *O silêncio da penteadeira*. Il. Descartes Gadelha. Fortaleza: Edições UFC, 2016.

BACHELARD, Gaston. *O ar e os sonhos: ensaio sobre a imaginação do movimento*. Trad. de Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

FERREIRA, Teresa Cristina Montero. *Eu sou uma pergunta: uma biografia de Clarice Lispector*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

MORAES, Vera Lucia Albuquerque de. *Imaginário dos afetos femininos na Literatura*. Fortaleza: Ed. UFC, 2015.

2ª PARTE

POESIA

De *Marly Vasconcelos*

Cetim

Um pedaço de solidão é o que tenho esta noite.
Um pedaço de pano onde deito o corpo palpitante.

No retângulo de seda, a letra em alto relevo
me acaricia o pé direito
e nua de lágrimas
eu me descobro clara e calma.
Cristal que reflete bíblico cântico.

Esta noite a solidão é um lençol
onde meu corpo ternamente se derrama.

De *Marly Vasconcelos*

Aláude

Blasfêmias arranham a cor mais secreta.
Não existe socorro
no mergulho dourado da pastorela.

De *Marly Vasconcelos*

Vida

Todos os sapatinhos de vidro foram quebrados,
papéis sangram,
espelhos não mais refletem
o velame da viagem.
Viver é uma expiação.
Lâmina
avidez
e mácula.

Esmeralda

Algumas tardes os cinco meninos
abandonam o galope dos cavalos
e escondidos no quintal da velhinha
seguem a voz que canta melodias
que vieram de ondas distantes,
espumas do passado.
No quintal da velhinha
poderosa é a voz que canta sem intervalo
e no poço de águas pequeninas
sonolentos são os olhos da fábula.

O céu aberto

Há muitas coisas erradas
E outras que não dão certo
Há muitas portas fechadas
Mas o céu está aberto

Há gigantes intrigantes
E anãozinhos poetas
Há muitas fadas errantes
E muitas bruxas inquietas

Historinhas recontadas
De macacos amestrados
E papagaios falantes

Há poeminhas cantantes
No ninho dos passarinhos
Na tromba dos elefantes

Os habitantes do Espaço

O Sol a lua as estrelas
A terra e os outros planetas
As galáxias mais distantes
Asteroides e cometas

São todos seres dançantes
Cuja coreografia
Começou no big bang
E se expande cada dia

Como habitantes do espaço
Estão sempre gravitando
Nas elipses orbitais

Que vão também se afastando
No fio dos anos luz
Das viagens siderais

De *Horácio Dídimo*

O castelo

Os portões estão fechados
As torres são muito altas
Há tartarugas aladas
E muitas aves pernaltas

Os sonhos passam voando
Sobre areias movediças
Há camelos trafegando
Sobre pontes levadiças

Há vigias nas ameias
E fantasmas que passeiam
Na lua acesa lá fora

Há raízes de tubérculos
Onde os séculos dos séculos
Esperavam sua hora

Asas

Com asas de ouro
Voa o besouro
Voo ultraleve
Mas duradouro

Asas de prata
Como uma esteira
Voa a cascata
Na ribanceira

Asas de vento
A nuvem voa
Soprando o tempo

Asas de luz
A estrela voa
Num voo azul

De *Horácio Dídimo*

O segredo do guajara¹

Para Henrique Dídimo
No Reino da literatura Infantil

I
Lá vai Zito
Com o seu pai
Para a visita
Aos Tremembé

Em Almofala
Ouve um zumbido
Como se fosse
Som de maré

Mas o Pajé
Depois lhe fala
De seu segredo

É o Guajara
O rei do mangue
Não tenha medo

1 Dídimo, Henrique. *O Segredo do Guajara*. Ilustrações de Suzana Paz. Fortaleza: SEDUC, 2013.

II
Os cururmins
Bira e Maiara
São protegidos
Pelo Guajara

E com certeza
Todos os índios
Por serem amigos
Da natureza

Canta o Cacique
Toca a maraca
Marca o compasso

A lua vem
E todo mundo
Dança o torém

De *Regine Limaverde*

O pensamento é o ladrão da felicidade

O tempo para
e me ensina caminhos
onde o sofrimento
não entra.
Risos, guisos
sacodem minha alma
mas a lembrança
de fatos reais
mergulham em minha mente.

O pensamento é
o ladrão da felicidade.

Reencontro

Deslembro a estação gelada
que senti na tua ausência.
Sei que poucas primaveras
ainda hão de ser percorridas
pelos meus olhos.

Deslembro palavras trocadas
entre nós, causando nós
para nós dois.

Deslembro tudo. E sinto
as luas beijando meu
rosto, saboreando o
mel das minhas entranhas
e lambendo o salgado
dos meus olhos
que agora são de alegria.

Sertão

Plantas mirradas,
tortuosas, braços
desnudos, levantadas
do chão rogam
chuva ao céu.
O cinza monótono
adormece o verde à
espreita do inverno.
Arbustos incertos deitam
frágeis raízes que beijam
cedo a face de pedra
do lajedo.

A rês indolente
abriga as carnes murchas
à sombra rara do juazeiro.
O olho do sol abusado de
luz aspira sedento a linfa
dos açudes minguentes.
Rios de seixos nus
escondem avaros a água
no ventre da terra.

Em meio ao mormaço
vento quente assobia,
alçado do chão
um torvelinho de pó.
Alegres cabrinhas
no terreiro da casa
saltam espertas,
notas de vida
no desolado cenário.

O retrato

Para onde for
levarei teu retrato.
Espelho de nossa história,
guarda ele indiferente
desviadas trajetórias.

De teus olhos, quase apagados,
ilusões de madrugada saltam
e vêm mirar-se
à luz de nossa história.

Da face um fiapo de ruga
em fina melancolia
mostra-me o tempo salubre
que te roubou a alegria.
E flocos leves como anjos
brancos nos teus cabelos
sussurram em meu descanso
inacabados poemas.

A Nossa Senhora Aparecida, Padroeira do Brasil

Virgem Mãe Aparecida,
se, sendo irmãos de Jesus
desde as águas do batismo,
somos teus filhos na vida
da graça. Livres do abismo
tenha-nos, pois, tua luz.
Também a ti como filhos,
dados em João, junto à Cruz,
queremos andar nos trilhos
por que tua mão nos conduz.
Ante esses trezentos anos
da pesca no Paraíba,
tange de nós desenganos,
é o que te roga este escriba.
Com o teu manto cor de anil,
grande como a esfera azul,
Padroeira do Brasil,
cobre-nos do norte ao sul
e opera uma nova pesca
milagrosa em nossas águas.
Afasta de nós as mágoas
e as nossas mentes refresca.
A coroa de tua imagem
lembre-te amor verdadeiro,
e o olhar teu lembre a mensagem
tua a cada brasileiro.
Dessa imagem a cor da pele
privilegia uma raça

que aqui encontrou desgraça,
mas a incluí-la nos impele
em nossa acolhida humana.
Os desvalidos conforta
e os desafetos irmana.
Abre a todos nós a porta
celeste de que promana
o dom da sabedoria,
para que doce alegria
revisite o nosso povo,
dando-lhe um ânimo novo.
E essa régia proteção
cubra os dias que virão.

Despedida do Grupo Sin a Pedro Lyra

Vivemos tempo de fatal colheita,
do nosso jubileu já no limiar.
Mas deixas um legado sem suspeita:
teus verso e prosa irão te eternizar.

Sentir-te-emos a falta pela estreita
união intelectual, a te lembrar
como cantor da geração que espreita
glória iminente, a vir-lhe pelo ar.

A existência fruístes intensamente,
com mensagem social, refeita e nua,
privilegiando os signos da mente.

Elegemos-te *Sombras, Doramor*.
E, bem mais que as teorias, vibra e atua,
em nosso adeus, o teu inquieto amor.

Após a cirurgia ocular

Ao Dr. Marcelo Cunha e sua equipe

Dos olhos extraída a catarata,
de novo o mundo esplende para mim.
De tudo a imagem surge bela e exata,
a visão embaçada tem seu fim.

O rosto da mulher amada, assim,
melhor se me apresenta e se retrata
com doçura maior, como o jardim,
e mais nítida vejo a Lua de prata.

Senhor, rogo-vos que, com minha vista,
mais vos enxergue em mim e vos abrace
como ponto supremo de conquista.

E, com estes olhos, quando daqui for,
possa-vos contemplar a eterna Face
com o vosso encanto e o vosso resplendor.

Reflexões

Noite – a mãe cósmica do sonho e do mistério
Jardim – símbolo do coração do paraíso
Mito – uma das formas mais profundas de Verdade
Paixão – o dom da intensidade de ser
Tarde – o fruto maduro do ciclo diuturno
Círculo – a forma infinitamente perfeita
Maré – alta e baixa, duração aquática massiva do ondulatório
Dor – mola mestra de aprendizado e evolução humana
Estrela – figuração por onde passa a luz do céu
Presente – disfarce temporal da eternidade
Futuro – “buraco-branco” donde jorra o tempo
Glória – áurica luz a nimbar o que é divino
Serra – o que realça a consistência poética da distância
Árvore – acenante síntese de céu e terra
Brisa – sopro telúrico ameno da respiração de Deus
Louco – o que vivencia outras realidades que não a prosaica
Eremita – o que escolheu a plenitude interior da contemplação
Abismo – o polo inferno dum superno píncaro
Infância – a idade em que vivíamos o paraíso
Beleza – o primeiro grande ímã da ascensão da alma
Vinho – dionisiaca porta para outros estados de consciência

Perfil

Assim me olharão melancólica ou espontânea,
som e silêncio, sol e lua, perfil anacrônico
no caos desigual desses dias sem gênero,
nas vias do não que convida e assombra.

Sou noite suando dia, esperança desmedida.
Num ser só, sou inúmeras, plural, mesmo idêntica.
Derrotado de guerra entoando canções. Flor nascida
e colhida por mão mutilada! Haste anêmica

que aponta a estrela do céu da nova tarde.
Êxtase, anseio, imprudência, dor que arde,
substância viva anunciando o *ethos* e o mais

da poesia urdida pela mão que tece infância,
enternecido rosto, inclinando-se em irradiância,
entre boninas e girassóis, voo de nuvem. Paz!

De Luciano Dídimo

Em minhas veias

Para Horácio Dídimo

Estou assim
"impossível"
Fazendo versos
Criando rimas

Estou assim
Impulsivo
Querendo abrir
Essas cortinas

Vou escrevendo
Naturalmente
Como as aranhas
Tecem as teias

Não tenho culpa
Está no sangue
Tenho poesia
Em minhas veias

O poeta aos oitenta

O poeta aos oitenta
Sente o Sol que esquenta
O amor que nos sustenta

Se a noite é cinzenta
A Estrela Azul ostenta
Uma paz que movimenta

Essa fé que nos alenta
Vem do Pão que alimenta
Vem da Graça que fermenta

O poeta aos oitenta
Já não dorme, só inventa
Poesia que atenta

O sapãozinho comenta
A lagartixa assenta
O passarinho fomenta

Cada bicho se contenta
Cada verso cumprimenta
O poeta aos oitenta

De *Luciano Dídimo*

Um pai poeta

Um pai poeta
sabe que a tartaruga
é na verdade
um passarinho

Um pai poeta
sabe que o Sol
está escondido
no escurinho

Um pai poeta
quando vê
a Estrela Azul
vira anãozinho

Um pai poeta
reza com rimas
polindo preces
devagarinho

Um pai poeta
contempla a Face
harmonizando
o Pai Nosso de todo dia

Um pai poeta
não faz poesia
ele a encontra
pelo caminho

Um pai poeta
afina as palavras
e vai cantando
no seu versinho

Quando

Quando a última luz se apagar
a noite eterna será meu sol
as estrelas piscarão no atol
e eu lá, pequena, a cismar.

Quando a última voz se calar
ouvirei o silêncio dos ressentidos
soltarei o grito engasgado dos contidos
em meio à solidão do mar.

Quando o último perfume se esvair
buscarei a fragrância das flores
com o cheiro de mil amores
e me porei, surpresa, a sorrir.

Quando o último sabor se perder
encontrarei o gosto da vida
no doce aceno da partida
e degustarei as delícias do ser.

Quando o último toque se findar
sentirei a chama que me consome
apalparei a frágua da minha fome
e descobrirei o verdadeiro lar.

Quando a última porta se fechar
daquele parapeito da janela do tempo
verei a vida passar em contratempo
e me olvidarei nas asas do sonhar.

2 Titular da Academia Maranhense de Letras e correspondente da Academia Cearense de Letras.

3ª PARTE

PROSA DE FICÇÃO

A arte da boemia

Juarez Leitão

Os franceses chamavam genericamente de *bohemiens* aos ciganos, por acreditar que se originavam da Boêmia (atual República Tcheca), na Europa Central. Na verdade os ciganos só chegaram à Boêmia no século 14, quando ocuparam também a Moldávia e a Hungria. Sua origem provável é o Egito e em alguns lugares são conhecidos como *gitanos* (*egiptanos*).

O comportamento cultural dos ciganos, um povo alegre e festivo, sua esperteza nos negócios e a alegada capacidade de prever o futuro através da leitura das mãos, contribuíram para formar sobre eles, entre os outros povos, a fama de charlatães e embusteiros. Um povo sem pátria, que perambula por todos os países, morando em tendas e sobrevivendo de trocas e da prática da adivinhação e da quiromancia. Contra eles voltou-se o preconceito ocidental, não lhes oferecendo outra opção se não a vida peregrina, para a qual são de origem inclinados.

Os dicionaristas são implacáveis com os ciganos. Antônio de Moraes e Silva os define assim: “Raça de gente vagabunda que pretende conhecer o futuro pelas raias e linhas da mão; tropilhas vagabundas que invadiram a Alemanha no século 15 e que, em 1422, chegaram a Paris vindas da Boêmia”.

Por analogia à vida errante e incerta dos ciganos, assim são denominados de BOÊMIOS os que têm vida alegre e despreocupada, amam a pândega e a estroinice, saindo pela noite em pequenos grupos para beber, conversar e praticar arte. A Enciclopédia Larousse afirma que a denominação BOÊMIOS qualifica melhor a uma classe de literatos ou de artistas que vivem despreocupadamente.

A *boêmia* é, antes de tudo, uma vocação. Não é qualquer um que pode exercê-la. Compreende certos requisitos, algumas posturas e meia dúzia de princípios que somente os *puros de coração* podem praticar.

Os moralistas confundem *boêmia* (ou **boemia**) com a vadiagem torpe, por absoluta desinformação ou inveja dos simples pecadores.

O boêmio tem como religião o bom humor. Mesmo quando se queixa da vida, através de um poema ou de uma música, está apenas sendo caviloso, armando uma cilada amorosa, engendrando a conquista.

O boêmio nunca será um calhorda, um mau caráter, um sujeito de alma suja. O verdadeiro boêmio é leve, boa praça. É solidário e sabe perdoar.

O bom boêmio é um ganhador. É altivo e resoluto na conquista. Mas sabe perder, admiravelmente. E dilui as mágoas no verso, no impropério ou no copo de sua predileção. E sempre acorda sem débito de rancor.

Cultiva o nobre sentimento da gratidão. Não esquece a mão benfazeja que o apoiou na hora do vexame, num momento cinzento da vida. Mas tem critérios na sua gratidão: não se converterá, jamais, num bajulador submisso nem no defensor irresponsável das cretinices de seu benfeitor.

Sua inteligência está a serviço das coisas interessantes. Não segue necessariamente parâmetros lógicos: guia-se pela sensibilidade e a emoção de seus parceiros. Uma boa sacada salva uma noite.

Sabe contar histórias. Mas nunca faz conferências na mesa de bar.

Sabe contar piadas. E as conta, com graça e impacto, quando aparece um tema. Uma coisa incidental. Não pode, imprudentemente, ficar desfiando um rosário interminável de piadas.

Quando não tem o dom da palavra, quando não é um narrador natural, não vai martirizar os companheiros gaguejando ou pondo reticências intermináveis em cada frase. Contenta-se muito bem ouvindo os outros e aparteando-os quando lhe acode uma boa ideia. Ouvir com inteligência é uma arte também.

Tem boa memória e excelentes desculpas. Sabe mentir, saborosamente. Não é um mentiroso.

Tem uma sensualidade refinada, não quer ser *sex simbol*. Vencer

pelo físico fica fácil: o boêmio autêntico ganha pelo que diz e até pelo que não diz.

Sabe ligar o desconfiômetro, a hora em que está se tornando chato ou inconveniente com aquela piada longa, uma história doméstica repetida à exaustão, a eterna amargura, a conversa do *coitadinho*, do vitimado, a usina de complexos.

Quando não tem dinheiro (e geralmente não tem) deve ter outros bons predicados para se tornar necessário à roda de amigos, à mesa do bar. Mas tem que ter dignidade: não pode ficar aceitando sobejos ou tomando dinheiro emprestado. Isso nunca.

Tem consciência cívica, defende a justiça e ama a liberdade e a democracia. Está sempre do lado mais universal do homem, das grandes causas, das razões fundamentais da espécie. Dificilmente é um radical intransigente. É capaz de escutar as ideias opostas à sua e de conviver no mesmo grupo com adversários ideológicos.

É devoto do talento. Admira os que sabem traduzir a vida pelas palavras, pelas cores, pelos sons, pelo sentimento. E não é invejoso. Quando admira a arte de alguém, proclama esta admiração sem restrição, sem tirar nacos da conquista alheia. Prefere somar-se aos que aplaudem, nunca aos que se ofendem com o brilho dos outros.

Veste sem queixas a roupa que o destino lhe deu. Não se acha feio nem pobre, nem pecador. Não se defende da vida, torna-se cúmplice dela. Por isso não tem complexo. Viver longe do laço da mesquinhez, da fraqueza de espírito, da *parvoíce* e do moralismo vertical já são graças soberbas na raça humana.

O bom boêmio se distingue dos demais mortais pela emoção, solidariedade, desprendimento, percepção para a ironia e capacidade de fazer a *segunda leitura* de uma notícia, de um poema ou de uma canção.

Pode ser um bom *gourmet*, mas na turma, come de tudo: de sarrabulho a lagosta ao termidor.

Se necessário for ou por força das circunstâncias, deve saber fazer um peixe decente, uma farofinha lírica e um café com o mínimo

de dignidade. Do ovo frito, nesses casos, deve se encarregar o menos criativo da roda boêmia. Sem que perceba o porquê de sua tarefa.

Quando o boêmio sabe cantar, tudo se lhe facilita. Os memoráveis sujeitos da noite são os poetas seresteiros e os que batem bem um violão. Bem-aventurados os que tocam, os que têm voz e sabem usá-la numa boa canção, num verso lírico, bem-feito, redondo.

Fortaleza deu às suas noites grandes vozes boêmias e exímios violões: Ramos Cotoco, Raimundo Nonato (pai), Xavier de Castro, Carlos Severo, Fernando Weyne, Moacir Weyne, Lauro Maia, Murici, Luiz Assunção, José Jathaí, Guilherme Neto, Moreira Filho, Otávio Santiago, João Lima, Rubens Sucupira, Carlos Patriolino, Maurício Benevides, Zivaldo Maia, Raimundo Arrais, Nonato Luís, entre outros. Além do novo time que conta com nomes como Fausto Nilo, Manassés, Milton Nunes, Tom Barros, Joãozinho do Violão, Deuzimar, César Barreto, Calé Alencar e tantos, tantos...

A arte de boemar evoluiu com os costumes e a mudança de valores. No passado havia a dificuldade da abordagem romântica, e o assédio à pretendida poderia até resultar em morte. Hoje não tem mais pai sisudo, respondendo a versos melífluos com tiro de bacamar-te. O inimigo da sensibilidade boêmia é a invasão dos pagodes, dos sertanejos se esgoelando, das músicas de letra infame, a ruína dos versos e a estridência do som nos bares, impossibilitando a conversa maneira, o papo inteligente. Mas a resistência dos afilhados da noite tem sido heroica.

O bom boêmio paira acima da mediocridade musical e da imbecilidade comum.

E é capaz de ouvir estrelas, como fazia Bilac em suas melhores noites de inspiração.

O aniversário de Cecília

Giselda Medeiros

Aquela noite ficara marcada para sempre no calendário da família Diogo Malta. No casarão, havia luzes contrastando com a penumbra aflita que vestia a alma de Cecília.

Durante dois anos, ela estivera presa aos leitos de hospitais. O câncer a consumia lenta e devastadoramente. Mas, nem uma palavra de revolta, jamais, maculara-lhe a boca sorridente de dor. Santificava-se pelo sofrimento. Porém, naquela noite, havia uma penumbra aflitivamente feliz na alma e nos olhos de Cecília, que completava 20 anos.

Dali, de sua cadeira de rodas, Cecília via a todos. Os tios, os primos eram a sua família. Os pais, vítimas de um desastre, deixaram-na com eles. Acolhida, fora amada por todos. Isso, agora, vinha-lhe à mente. E ela ergue os olhos por alguns instantes em direção aos tios, Júlia e Bernardo. Uma grossa lágrima lava-lhe as faces magras. Lágrima de reconhecimento e de saudade. Quantas dores houvera lhes dado. E uma outra maior, ainda por vir! Pende a cabeça sobre o peito, desoladamente.

- Que há, Ceci?! - acorre Júlia, assustada.

- Nada, não, tia. Apenas uma leve tontura. Já vai passar.

- Está gostando da festa? Podemos cantar os parabéns, agora, querida?

Cecília nada responde. Só pensa. Imagens de sua primeira infância descem sobre ela em cenas desordenadas. Jorram como cascatas, descendo dos penhascos do inconsciente, para a corrida célere nas várzeas do presente. Revê a mãe a oferecer-lhe o seio intumescido de leite. Flagra-se sugando-o avidamente. À frente dela, o pai, semblante iluminado pela emoção do momento. Não compreendia por que aquela imagem viera-lhe, agora, tão nítida. Jamais lembrara-se dela. Por quê, somente aos vinte anos?

Assustou-lhe a presença de alguém. Sentiu a cadeira empurrada para o centro da sala. E um coro de vozes cantando, cantando, mais

perto, mais longe, mais longe, mais perto. Seus olhos sonolentos iam sendo sequestrados por uma tênue luz, cortando a escuridão longínqua. E ela fitava, fitava aquela luz mortiça, que serpenteava diante dela, lacrimejante, lúgubre, como aquelas vozes distantes que ensaiavam uma nota triste num canto alegre.

Novamente, os seios fartos da mãe. E Cecília tem fome e sono. Fome de vida eterna. E sono de liberdade. Na languidez dos olhos, o tênue fio de luz assoberba-se como o infinito. E o que é o ser ante o infinito? Apenas um sopro desintegra-o. No entanto, esse mesmo sopro pode reanimá-lo. Sabia. Ela sabia verdadeiro o pensamento de Pascal: *“O homem é nada comparado ao infinito; é tudo, comparado ao nada”*.

Era assim que se sentia. Nada e tudo. Tudo e nada. Uma dimensão. Um ponto somente. Mas, o seio lácteo da mãe ali estava. Ao seu alcance. Tinha fome, não tinha? Sorver-lhe o conteúdo era imperioso.

Um rojão de aplausos e de vivas pareceu-lhe soar distante. Tão distante! O que seria? Que importância poderiam ter as vozes e os aplausos tão distantes? Não. Não. Nada agora lhe agradaria mais do que o peito rijo de sua mãe, jorrando leite. Leite que ia sugando silenciosamente, olhos fechados, no gozo de um prazer inextinguível.

4ª PARTE

DISCURSOS

Flavio Leitão na Academia Cearense de Letras

Pedro Paulo Montenegro

Permitam-me um momento de reflexão e ternura com a leitura de um poema:

Queixa

Sei de um lugar onde vivi feliz,
Onde passei, contente, a infância toda.
Esse lugar é paraíso em festa.
Tem árvores, tem céus e tem montanhas
E eu era felizardo nisso tudo.
Tinha nas mãos bucólicos luares...
Na casa grande sempre calma e amiga,
Vivia o som de minha voz cantando...
E o rio manso, e o canavial tão verde...
E os frutos que dormiam pelo chão...
E as tardes todas de ouro pelas serras...
Por que não me deixaram como eu era?
Menino e ave, riso e madrugada,
Olhos cheios de azul e primavera!...

Senhoras e senhores, o poema de José Valdivino de Carvalho, pai do homenageado de hoje, me traz também muita alegria e saudade, somos os três Valdivino, Flavio Leitão e eu irmanados pela mesma formação básica no Seminário da Prainha, dirigido pelos padres lazaristas.

Escreveu Horácio, grande poeta latino da era clássica de Roma, na Ode XXX: *Exegi monumentum aere perennius* – Erigi monumento mais perene que o bronze. E mais adiante, na mesma Ode: *Non omnis morior* – Não morrerei de todo. Eis o dístico que cabe às obras imortais, a seus autores e às Academias de Letras.

“O espírito acadêmico, como definiu Joaquim Nabuco, é uma espécie de instinto de conservação ou um convite à fraternidade das inteligências pela alegria do convívio intelectual e compreensão dos espíritos, fundindo cérebros e corações, para a comunhão das ideias.”

Flávio Leitão de Carvalho, que hoje recebemos na Academia Cearense de Letras, tem a paixão pela literatura, herança genética do pai. Como médico e professor na Faculdade de Medicina publicou vários trabalhos dentro de sua especialidade. Significativo sua *História da Neurologia e da Neurocirurgia no Ceará*, publicado em parceria com seu irmão Dr. Vicente Leitão.

Destaco as obras publicadas no campo de literatura: *Retórica de circunstâncias e A Ventura de Gamalielzinho e outros contos*.

O conto é uma estória breve, de enredo simples e linear, com forte concentração de ação, tempo e espaço.

O conto não representa o fluir do destino humano nem a formação de um personagem, porque sua concentração estrutural não comporta este tipo de análise, que seria própria do romance. Por isso ele mostra um episódio curto, pontual, momentâneo, onde avulta o poder de sugestão – daí seu lirismo. Eventualmente contém elementos fantásticos, como em E. Allan Poe.

Araripe Júnior assegura: “O conto não é um gênero arbitrário; nem é, como muita gente pretende, um extrato, um esboço, um romance resumido”. E continua: “Este gênero nasce da disposição particular do espírito de quem o produz e tem uma força imposta pela natureza da própria concepção”.

Depois de distinguir lendas ou estórias, muito primitivas, que se difundiram através de raças e de povos, delimita o gênero, para apontar-lhe as características: “O conto é sintético e monocrônico. O conto desenvolve-se no espírito como um fato pretérito, consumado; o romance como a atualidade dramática e representativa. No primeiro os fatos filiam-se e percorrem uma direção linear; no segundo apresentam-se no tempo e no espaço, reagem uns sobre os outros, constituindo trama mais ou menos complicada. A forma do conto é narrativa, a do romance é figurativa”.

Os elementos essenciais da Ficção Narrativa são: personagem, enredo e ideias.

Os teóricos do conto insistem em que só podem escrever boas histórias os que realmente têm o que contar. E ter o que contar não significa apenas capacidade de imaginar, mas também de observar e de saber transmitir as observações em termos literários.

O grande escritor norte-americano, prêmio Nobel de Literatura, William Faulkner escreveu: “Quando seriamente explorada, a história curta é a mais difícil e a mais disciplinada forma de escrever prosa”. Ele, que como Machado de Assis, trabalhou contos e romances, proclama “ser bem mais fácil escrever um romance do que um conto”.

Toda literatura, como todo diálogo na vida real, é confessional, sente-se a presença do autor em cada atitude e fala dos personagens. Escrever é um gesto profundamente humano.

De outra parte, a criação literária exige conhecimento e dedicação ao estudo, à pesquisa, exige capacidade de sentir o presente na interpretação do passado, como escreve nosso confrade Genuíno Sales.

Toda a obra literária de Flávio Leitão, seja crônica ou conto, revela essa realidade.

Elegi para alguns comentários *A Ventura de Gamalielzinho e outros contos*.

O primeiro conto, que aliás dá o nome ao livro, é bem logrado e oferece um sentido sensual e sexual de vida.

Continua nos demais, ora em tom jocoso e prazeroso, ora com suspense e surpresa.

No conto *A Felicidade*, apresenta a vida de miséria e sofrimento, mesclada com felicidade pela maternidade de uma pobre órfã.

Flávio Leitão revela-se autor com intensa vida de leitor, comprovando que não há escritor que não tenha sido um grande leitor, o que demonstra sua formação e seu embasamento.

Isso se depreende sobretudo de seu conto *Eu Pensei que fosse...* Aqui é o leitor da Bíblia, fonte de inspiração e modelo literário. O personagem do conto, o Dr. Abraão, avança pelo estudo e a

jocosidade com alusão a Sara, esposa do bíblico Abraão, de quem concebeu aos noventa anos.

O contista continua em sua erudição através de leitura de Dante Alighieri, com alusão “ao barqueiro do Inferno, Caronte, que nos transporta para a margem oposta para nos igualarmos ao mais insignificante dos homens, virando pó, já que viemos do pó e a ele teremos de tornar, *memento, homo, quia pulvis es et in pulverem reverteris!*”

Continua Flavio Leitão pelos demais contos, que deixo de comentar para não privar seus leitores do prazer, que senti, ao ler e meditar.

Ler um poema ou um conto é uma maneira de remontarmos à nascente, à questão essencial da obra de arte, à essência do Ser, pelo desejo da persuasão e recusa ao entrave ao exercício da beleza e à liberdade de espírito.

Uma boa leitura reconhece o primado e a prioridade da obra sobre o comentário.

Somos responsáveis perante o texto num sentido muito particular, que é ao mesmo tempo moral, espiritual e psicológico.

Parabenizo a Flávio Leitão e a sua distinta esposa Marimília por mais esta vitória.

Na Academia Cearense de Letras estamos todos felizes.

Discurso de posse

Flávio Leitão

Já se havia passado pouco mais de um século que a inteligência explosiva de Jean-Jacques Rousseau (1712 – 1778) premiara o mundo com inquietantes questionamentos em suas três obras: *Discursos Sobre as Ciências e as Artes*, (1750), *Sobre a Origem da Desigualdade* (1755), e o *Contrato Social* (1762) que, aparentemente, conflitava com suas ideias primevas;

Já distávamos da criação, no dizer de Otacílio Colares, da juvenilmente pedante *Academia Francesa do Ceará* (1872);

Já se havia esquecido a glória efêmera do Gabinete Cearense de Leitura (1875).

Já se haviam decorrido dez anos que a magnanimidade da alma cearense, violentada pela dolorosa e humilhante chaga da escravidão, libertara seus escravos do infame sofrimento (1884);

Já se haviam passado mais de sete anos que o espírito irrequieto de Guilherme Studart – o Barão pela Santa Sé – criara o Instituto Histórico (1887);

Já funcionavam a pleno vapor, com exuberante e alvissareira produção, ha dois profícuos anos, os sagrados fornos da Padaria Espiritual (1892);

Era, portanto, tempo para que, no dia 15 de agosto de 1894, vinte e sete privilegiados cérebros, valorosos homens de letras e de prestígio, fizessem eclodir, com a pujança que a acompanharia para sempre, a mais antiga Academia de Letras do Brasil: a Academia Cearense de Letras, sob o dístico *Forti Nihil Difficile* (aos fortes nada é difícil). Vinte e dois eram cearenses, dois piauienses, dois pernambucanos e um paraibano.

Para confirmar um liame indissolúvel entre medicina e literatura, essa estreita e curiosa afinidade entre médicos e o mundo das letras em todo o orbe terrestre, dos 27 fundadores, Adolfo Luna, Eduardo

Salgado e Guilherme Studart eram médicos e Henrique Théberge era filho de médico.

Governava o Estado do Ceará José Freire Bizerril Fontenelle, eleito várias vezes deputado federal, uma vez senador, e Fortaleza, então pacata vila, tinha apenas 40.902 almas.

Desde então passou a ser o sonho maior de todos os aspirantes à intelectualidade cearense assentar-se numa das honoráveis quarenta cadeiras que compõem este sodalício.

“Estava eu posto em sossego” - como disse o grande vate lusitano, referindo-se a Inês -, no exercício tranquilo da minha aposentadoria de neurocirurgião e de professor da Faculdade de Medicina, quando amigo de coração, movido tão somente pela força do sentimento fraterno, acende-me a poderosa e inextinguível chama da vaidade humana, soprando-me no ouvido a possibilidade de concorrer a uma vaga desta centenária casa.

Ao aceitar o enorme desafio, logo se me assomaram sentimentos maniqueístas, de oposição, de conflito.

De um lado, a volúpia ansiosa da imortalidade, a possibilidade admirável do gozo de ombrear-me a meu pai – o professor e poeta José Valdivino de Carvalho; a esperança dionisíaca de ter a glória de ser par de meu tio-bisavô, o Padre Francisco Valdivino Nogueira, maior orador sacro de todos os tempos.

De outro lado, sentimento antagônico, qual seja o reconhecimento que minha alegria é fruto da viagem que um amigo de profissão, médico como eu e superior a mim por ser poeta, fizera com Caronte, pelo rio Estige, após a terceira Parca – Átropos - ter-lhe cortado o fio da vida, em momento tão rico de sua produção acadêmica.

Assim, pelo determinismo inexorável do ciclo vital, impõe-se que se rasgue o crepe que enluta a cadeira 34 para que eu, como um demiurgo, goze do prazer de alimentar-me da intelectualidade, de ter direito a comungar, neste sacrossanto templo do pensamento, neste altar do saber – a Academia Cearense de Letras -, a hóstia inestimável da literatura.

Assumindo a cadeira 34, passo a gozar do invejável sentimento da imortalidade, na salutar, amena e tranquila convivência de trinta e nove árcaes que enobrecem esta Academia e que me estimulam a propugnar pelo desenvolvimento da luminosidade do saber literário.

Para que eu, já me acostumando ao outono como estagio último do viver humano, transmudasse minha vida em alvissareira e radiante primavera, foi, lamentavelmente, necessário que perdesse a Academia o expressivo vulto do poeta José Telles da Silva.

Para o Homem é questão de vida ou morte a felicidade, tanto que o próprio Cristo afirmou: “ Eu vim para que todos tenham vida e a tenham plenamente”.

Assim, mostro a exuberância de minha felicidade, a alegria pela posse da Cadeira 34, cumprindo, orgulhoso, a imposição a que o rito acadêmico me obriga: tecer algumas considerações sobre o patrono da cadeira que assumo, bem como sobre os que a possuíram, tracejando, em pinceladas rápidas, o perfil desses nobres ocupantes.

Agradeço com a alma prenhe de alegria, tão prestigioso encargo.

Essa determinação do rito acadêmico é para que se registrem, na História, os fatos da vida desta Academia.

Pois a História, como genialmente definiu a expressão maior da literatura hispânica - o insuplantável Miguel de Cervantes Saavedra -, é “*êmulo do tempo, depósito de ações, testemunha do passado, exemplo e aviso do presente, advertência do porvir*”. (Livro II, Cap. IX).

Início, lembrando o patrono da Cadeira 34, a excelsa figura de Samuel Felipe de Sousa Uchôa, nascido em Riacho do Sangue, atual Jaguaretama, em 21 de dezembro de 1843, falecendo aos 59 anos de idade.

Nessa curta e transitória vida, foi magistrado de nomeada, apaziguador de querelas, elogiado pela imprensa estrangeira por suas justas posições, grande jornalista.

Em seguida, recorde-lhes o vulto agigantado de humanidade e saber de **Dolor Uchoa Barreira**, o primeiro a assentar-se na cadeira 34. Nascido em Solonópole, em 13/04/1893, advogado atuante e pro-

fessor de Direito Civil da Faculdade de Direito da Universidade Federal do Ceará, por concurso, obteve o dignificante título de Professor Emérito daquela Universidade.

É autor de inúmeras obras jurídicas, bem como de obras literárias, das quais sobressai a *História da Literatura Cearense*, trabalho de profundo valor literário, cujos quatro volumes ornaram minha biblioteca, como presente de seu neto, o Desembargador Ernani Barreira.

Por sobre o valor literário do primeiro ocupante da Cadeira 34, obriga-se meu espírito a venerá-lo e honrá-lo, genuflexo, depositando em sua memória uma coroa de louros e toda minha gratidão pela atitude corajosa que tomou com referência a um episódio na vida de meu irmão, o advogado trabalhista Tarcísio Leitão.

Nos idos de 1961, reuniu-se a Congregação da nossa Salamanca, como num areópago, para discutir a expulsão de Tarcísio Leitão, pela crítica ácida que fizera ao conhecimento teórico de eminente professor daquela instituição.

Metade da Congregação, como as sanguinárias Erínias, queria a expulsão do jovem estudante de Direito.

A outra metade, como um oráculo de Delfos, perdoara a franca ousadia e verdadeira afirmação do jovem concludente de Direito.

Como no julgamento de Orestes, o matricida, o Prof. Dolor Barreira deu o Voto de Minerva, afirmando: “Estou velho demais para prejudicar a carreira de tão talentoso jovem”.

Ganhou o Ceará, com a coragem do democrata Dolor Barreira, uma das maiores expressões trabalhistas a favor dos menos validos.

Lembra-me, perfeitamente, que tão agradável alvíssara foi dada a meu pai, pessoalmente, pelo Prof. José Amorim Sobreira, catedrático, por concurso, de Direito Romano.

Ao recebê-la, meu pai franziu o cenho, olhou para os céus, persignou-se solenemente, contraiu a face, chorou e, em seguida, desabrochou num sorriso de felicidade.

Seguiu-se a Dolor Barreira o farmacêutico **José de Figueiredo Filho**, nasceu em Crato e, nessa cidade, terminou seus dias como pro-

fessor de várias instituições de ensino e professor-fundador da Faculdade de Filosofia do Crato.

Contou em sua extensa obra literária, a história da glória e do sofrimento do povo cratense.

O terceiro a assumir a Cadeira 34 foi **José Denizard Macedo de Alcântara**.

Alto, lazarino, sempre de paletó e gravata, com os óculos de míope, devorador de livros, conhecedor profundo de História e de Filosofia, porte fidalgo, principesco.

Vejo-o, como se fora hoje, adentrando a nossa sala de visitas e ser recebido esfuziantemente pelo meu pai, seu amigo de ideal político.

Passavam longo tempo discutindo o Integralismo no Brasil e, posteriormente, a Monarquia.

Quantas vezes os vi redigindo cartas de cunho político para o sucessor de Dom Pedro II, o príncipe Dom Pedro Henrique de Orleans e Bragança, falecido em 1981.

Tenho a firme convicção de que eram dois idealistas, dois homens probos, preocupados com o destino do País, com o domínio da Fé cristã, com a paz social.

O penúltimo a assumir a Cadeira 34 – **Vinicius Antonius Holanda de Barros Leal** – nasceu em 16 de outubro de 1922 e faleceu há seis anos.

Foi meu professor de pediatria.

Um tipo fidalgo, o riso franco a baloiçar em seus lábios, homem culto, historiador competente e respeitado, cidadão de fé inquebrantável e escritor de rara qualidade.

O último a assentar-se na Cadeira de Samuel Uchoa foi o nosso dileto amigo e poeta de grande maturidade estética – **José Telles da Silva**.

Nasceu o poeta no dia 12 de março de 1943, quarto rebento numa prole de quatro homens (Adauto, Paulo, Antonio) e duas mulheres (Maria e Fransquinha).

Todos possuidores de grau acadêmico, traduzindo uma visão privilegiadíssima de seus pais.

Bitupitá, sua cidade natal, era uma vila de pescadores, então com 800 habitantes, caracterizada pela presença de dunas movediças e ricos manguezais.

A casa, distando menos de 200 metros do mar, deu-lhe inspiração para inúmeros de seus sonetos, dos quais sobressai *Sintonia das Marés e Areias Semoventes ou Poema de Bitupitá*, onde conclui saudoso:

*Oh, BITUPITÁ!
Há um silêncio em tua areia,
Uma emoção no quebra-mar
E a maré cheia de saudade!*

Descobriu as primeiras letras com a Professora Helena Demétrio, por quem sempre nutriu grande admiração e respeito.

O pai – Pedro Teles da Silva -, pequeno comerciante, e a mãe - Almerinda Roque da Silva –, com sábia atitude, trouxeram o Prof. Nilo Rocha e Silva do Piauí para ensinar aos filhos Português, História e Geografia.

Fez o ensino médio no Piauí, onde terminou em primeiro lugar, tendo as casas comerciais Roland Jacob, Casa Inglesa e Morais Correia lhe oferecido emprego, posição almejada pela mocidade de Bitupitá, daquela época.

Contudo, a genialidade nata do poeta fez-lhe ver que outros céus lhe estavam destinados.

Fez, assim, concurso para a Escola de Cadetes da Polícia Militar do Ceará, onde obtém mais uma vez o 1º. Lugar.

A Providência Divina protegeu-o, dando-lhe, nesse período, uma doença pulmonar que o incapacitou para o exercício das armas.

Destarte, abandonou a carreira militar e fez vestibular para a Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Ceará, quando tirou o 2º. lugar, concluindo o curso em 1970.

Os irmãos fizeram empréstimo na Caixa Econômica, o que lhe permitiu fazer Residência Médica em Anestesia no Hospital dos Ser-

vidores do Estado, curso de Especialização na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, e o curso *Post Graduating in Anesthesiology*, em New York, nos anos de 2000 e 2001.

Autodidata obsessivo, aprendera a falar fluentemente o inglês.

Tomando-se de amores por Paris, resolveu dedicar-se à língua francesa.

Visitou a França por dezessete vezes, tendo morado por mais de três meses em Paris, onde visitava museus, universidades e vivia a vida boêmia da Cidade Luz.

O domínio do espanhol foi a terceira aquisição linguística, tendo, nos seus últimos anos, se dedicado à língua de Goethe.

Fez-se, finalmente, poeta, *enfermidade incurável e pegadiça*, como disse a sobrinha de Dom Quixote.

Publicou as seguintes obras: *Conversando* (1996); *Poemas Estivais* (1997); *Sermões de Pradaria* (2001); *O Lacre do Silêncio* (2004); *O Solo das chuvas* (2007); *Canto itinerante* (2014); *A Palavra descalça* (2013); *A Silhueta das areias* (2014).

Um dos exegetas da obra do Poeta José Telles – o também poeta Carlos Augusto Viana - que perlustra este sodalício, vislumbra em *Sermões de Pradaria* o início do discurso poético de José Telles.

Admite que n' *O Lacre do Silêncio* se descortina significativa e gradativa evolução de sua escritura poética: a lapidação do discurso, a multiplicidade de temas, o refinamento do humor e da ironia.

Por outro lado, o confrade Juarez Leitão ao apresentar trabalho literário de José Telles afirma: *a obra deste poeta, construiu-se como um edifício que vai ganhando altura e bom acabamento a cada andar, com janelas e varandas vastas e belas a receber as brisas do tempo, os ecos da memória e os sopros oscilantes das circunstâncias.*

Com a primeira mulher – a médica Francimeire – teve quatro filhos: **Milena**, Doutora em Endocrinologia, Professora da PUC; **Guilherme**, doutorado em Cirurgia Plástica – figura importante no hospital da Face de São Paulo; **Germano**, dedicado à engenharia eletrônica, fazendo doutorado em Lisboa, a serviço do BNB; **Mirela**, Profa.

de Historia Universal na Universidade de OHIO. Não foram seus filhos traídos pela transmissão genética.

No segundo casamento com Ana Karena teve trigêmeos, tendo a infelicidade de perder um deles.

Diretor de arte e cultura do Ideal Clube, transformou esta entidade um órgão dedicado exclusivamente às atividades sociais, em notório centro de desenvolvimento de cultura e arte.

Juntamente com seus irmãos, foi o responsável pela instalação de rica biblioteca em Bitupitá, de uma radio FM e de um polo de laser para os jovens carentes.

Detentor de vários prêmios de literatura, pertenceu a várias academias, tendo ingressado na ACL em 11 de novembro de 2010 e partido no dia 02 de junho de 2016.

Foi, para a Academia Cearense de Letras, uma perda dolorosa e irreparável.

Minhas Senhoras, Meus Senhores, Caríssimas Confreiras e prezados Confrades, o momento agora é de agradecimento a todos que contribuíram para que me fosse outorgado tão significativo encômio: a conquista da Cadeira 34 desta arcádia.

Agradeço a todos acadêmicos, e acadêmicas, que me deram um voto de confiança, admitindo que, um dia, poderei ombrear-me a Vossas Senhorias.

Abraço carinhosamente a todos os confrades, na pessoa do decano desta Academia – o confrade Pedro Paulo Montenegro, que na sua largueza de coração, na vastidão de seu conhecimento literário, na enorme abrangência de sua bondade, soube tecer palavras tão doces sobre meu pai, estendendo essa magnanimidade a mim, recipiendário deste nobre título de Acadêmico da ACL. Dou-lhe meu afetuoso abraço de agradecimento e de parabéns pelo seu natalício transcorrido ontem.

Amplexo mais afetuoso dou às minhas respeitáveis confreriras, na pessoa da filha de meu mestre de Pediatria – o Prof. Aluysio Soriano Aderaldo: a Acadêmica Noemi Elisa Costa de Soriano Aderaldo.

Agradeço emocionado a meu pai, que me estimulou o amor à literatura; à minha mãe, que destilou em meu espírito o encanto pelas artes, e que amanhã aniversaria, nos páramos celestiais; a meus oito irmãos, pela convivência salutar, por toda uma vida; à minha mulher Marimilia, heroína silenciosa, apascentadora de meus sofrimentos, acalentadora de meus sonhos, companheira resoluta; a meus filhos pela alegria que me dão como verdadeiros cidadãos e cidadãs de escola; a meus três netos, pela esperança que me deslumbram com um viver digno. Agradeço, igualmente, a todos os colegas de profissão, aos meus parentes, aos meus amigos que me honram com sua presença e, por fim, a Deus, essência maior da transcendência, por ter-me dado tanto e, praticamente, nada ter-me pedido em troca.

Senhora e Senhores acadêmicos, por mais argutos que sejam os vossos cérebros, por mais perspicazes que sejam os vossos espíritos, por mais discernimento que tenha a vossa razão, jamais aquilatareis com precisão a imensidão da minha alegria, o estado de graça e de êxtase que invade minh'alma ao assumir a Cadeira 34, em substituição ao imortal poeta José Telles da Silva.

Ante tão grande alegria, ante a responsabilidade de cultivar o saber literário, ante a obrigação de difundir a produção literária, minha e dos meus pares, com a finalidade de abrir os horizontes da paz e do convívio harmônico entre os povos, termino com a *Queixa* do Poeta José Valdivino de Carvalho, dizendo:

Porque não me deixaram como eu era!...
Menino e ave, riso e madrugada,
Olhos cheios de azul e primavera!....

Muito obrigado!

Reinauguração do Palácio da Luz¹

José Augusto Bezerra²

Autoridades aqui presentes, as quais saúdo em nome do nosso Governador, Camilo Santana, que, de fato e de direito, representa todos os cearenses. Homenageados e familiares, Acadêmicos e familiares, convidados, enfim, saúdo todos, os que esmaltam esta ilustre plateia. De um modo especial relevo as mulheres cearenses, conhecidas em todo o mundo, seja pelas letras de uma Rachel de Queiroz, seja por suas artes, cujos bordados são tão finos que semelham as espumas brancas que beijam as areias das nossas praias. Saúdo-as em nome de alguém, que, do alto dos seus cem anos, vem nos prestigiar e até fez questão de enviar estas flores que ornaram o frontal da mesa diretora, a nossa querida Suzana Ribeiro.

Hoje é uma noite festiva. Como se, em nosso imaginário, revivêssemos, hipoteticamente, também as festividades da noite de inauguração deste prédio, acredita-se que para residência do capitão-mor Antônio de Castro Viana, seu primeiro morador, no ano de 1781. Daí o título do convite que lhes enviamos.

Certamente era uma noite diferente. Uma fortaleza com alguns 3.000 habitantes. Canções indígenas e portuguesas, saudosas, comidas exóticas, roupas simples, talvez fogueiras e um céu com muitas estrelas. A partir daquela noite perdida nas dobras do tempo, faremos um passeio espiritual, para entendermos melhor a lenda desse casarão, tão desconhecida da maioria dos Fortalezenses.

Saberemos que foi construído antes da chegada da família real ao Brasil; da Independência do nosso País; da abdicação de d. Pedro I; da criação do Instituto do Ceará, da Padaria Espiritual e da Academia Cearense de Letras; da libertação dos escravos no Ceará; da proclama-

1 Palácio da Luz, Fortaleza, 6 fev2017.

2 Palavras do Presidente

ção da Lei Áurea; de todo o longo reinado de D. Pedro II, até o exílio da família Imperial e respectiva proclamação da República. Continuou de pé à época do 14 Bis, de Santos Dumont; do primeiro Código Civil Brasileiro, do cearense Clóvis Bevilacqua; da semana de Arte Moderna; das duas guerras mundiais; da fundação de Brasília; das épocas de democracia e ditadura; acompanhou a ascensão do carnaval, do futebol e o surgimento da era virtual.

Enfim este prédio, é um monumento ao Ceará e ao Brasil. Nasceu mais de um século antes do hino nacional e do Cristo Redentor. Ao seu redor está a Igreja do Rosário, primeira de Fortaleza; a primeira estátua do Ceará, a do General Tibúrcio; a primeira praça planejada, com o nome dele, também conhecida como Praça dos Leões; e a antiga sede da Assembleia Legislativa, atual Museu do Estado do Ceará. O Palácio da Luz, Foi sede do Governo do Ceará, por 162 anos e hoje é a sede da primeira Academia de Letras do País, a Academia Cearense de Letras. Cumpre-nos preservar contra vândalos esse quadrilátero sagrado onde está encravado, pois neste sítio histórico pode-se ver, também imaginariamente, a própria alma de Fortaleza.

Estamos entregando-o restaurado e preparado para qualquer encontro cultural, em nível estadual e nacional. Além da recuperação de toda a rede elétrica e hidráulica, da recuperação de todas as rachaduras, pinturas e de todas as madeiras e dos mezaninos do teto, recuperação do piso, do refazimento do Portal de entrada e dos seus Grandes degraus, da recriação da biblioteca em nível de excelência, da criação da sala para secretaria, da recriação de uma copa, da criação de uma subestação elétrica, da criação do Jardim dos Poetas, da criação de um auditório grande para solenidades, de um médio para reuniões de até 50 pessoas e de uma sala de reuniões para até 20 membros, na sala da Presidência, de um salão de honra, de um depósito, da recuperação de estantes e outros móveis antigos, da introdução de novas pinturas de artistas cearenses, alinhando-as às antigas já existentes, da recuperação e realocação das galerias de membros atuais e outras, do recolhimento de antigos móveis de governadores que

moraram no prédio, de colocação de bustos e outras peças menores, com as devidas plaquetes, da substituição de algumas portas frontais, da recuperação da escadaria para o piso inferior, do refazimento da pintura externa, e da entrada pela Sena Madureira, onde se pode ver, ao alto o nome da Academia Cearense de Letras iluminada noturnamente. É importante registrar que essas coisas foram feitas sem esquecer nenhuma das suas atividades culturais.

Tudo isso só poderia ser feito com a ajuda de muitas pessoas. Primeiramente dos queridos Acadêmicos, dos incansáveis funcionários e dos antigos presidentes. De voluntários de outras Entidades, da nossa arquiteta Andréa Alencar e, especialmente, das autoridades hoje homenageadas, apoiadoras e parceiras, abaixo nomeadas:

Governador Camillo Santana, um reconhecido amante da cultura, mormente através da SECULT; do Presidente da Assembleia Legislativa, Zezinho Albuquerque, que representa aquela Casa, a qual nos apoiou em momentos marcantes da nossa trajetória. Do presidente atual do Poder Judiciário, cuja Instituição sempre teve um carinho especial pela Cultura, em exposições, palestras etc, e tem até um dos seus membros entre os nossos imortais. Do nosso estimado Prefeito, Roberto Cláudio, que nunca nos faltou, remodelou toda a Praça General Tibúrcio, e nela fez uma cabine para dar 24h de segurança a este local. Do comandante da valorosa 10ª RM, General de Divisão Estevam Cals Theophilo Gaspar de Oliveira, cuja Praça tem o nome de um dos filhos mais ilustres e que nunca nos faltou. Hoje mesmo está com a banda de música da 10ª RM e com a guarda de honra da Instituição, prestigiando a cultura; Presidente do BNB, um dos nossos maiores apoiadores e cujo Presidente atual, Dr. Marcos Holanda, recebe hoje a mesma medalha do mérito, folheada a ouro, que o seu antecessor. Não poderá receber a comenda Uma Lenda do Ceará, por ser destinada a pessoas físicas, mas por isso dedicamos ao BNB uma placa de aço, que fica na entrada, para dizer para sempre da nossa gratidão.

Queridos membros da imprensa, aqui representada por dois verdadeiros guardiões desta maravilhosa classe. A imprensa falada e tele-

visada foi uma das locomotivas do nosso trabalho. Começo por Pádua Lopes, este homem afável e ético, de reconhecida cultura jurídica, jornalística e agora das letras da nossa terra. Depois, Lúcio Brasileiro, para quem fiz uma orelha de um dos seus livros e ali disse tudo que penso dele. Termino por ele, pois hoje nos dá a honra de estar encerrando as festividades de 60 anos de sua coluna social, o que é um recorde brasileiro e quiçá, mundial.

Finalmente falo das pessoas físicas que patrocinaram a realização da obra que hoje entregamos. Não receberam uma placa como o BNB, mas de acordo com os nossos estatutos receberão a mais alta honraria cultural dada a uma pessoa física, na cultura cearense. Leio o que é dito no histórico do diploma desta comenda, que tudo resume: Durante o período de recuperação do Palácio da Luz, ocorreu o sesquicentenário do livro *Iracema* - Uma Lenda do Ceará. A Academia Cearense de Letras, a mais antiga do Brasil, decidiu homenagear os 150 anos da criação do romance nacional mostrando que o sonho de José de Alencar continuou vivo, por cearenses ilustres, que têm feito de suas vidas, histórias épicas, transmitidas de geração em geração. Assim surgiu a Comenda Uma Lenda do Ceará.

Por ordem alfabética, será condecorado o Chanceler Airton Queiroz. Teve a honra de ser filho de duas glórias da terra de Iracema, Edson Queiroz e D. Yolanda Queiroz e esteve sempre à altura dessas figuras imortais e da odisséia da sua família, é um dos mecenas brasileiros e consolidou a UNIFOR como a maior Universidade do Nordeste.. O segundo, Beto Studart, dá continuidade à Saga do seu bisavô, o Barão de Studart, um dos maiores cearenses de todos os tempos, que foi membro desta Academia e seu primeiro Presidente, ainda que provisoriamente. Ivens Dias Branco, um gênio na arte de ganhar dinheiro e de fazer amigos. Ele vinha ver, pessoalmente, a recuperação deste prédio. Era como se fosse uma obra sua, e D. Consuelo e Geraldo Luciano sabem do carinho que tinha por ela, pois era sempre quem nos telefonava para fazer a doação. Deu continuidade à epopeia dos Dias Branco e criou um Império que orgulha o Ceará. Sendo último

por ordem alfabética, o Senador Tasso Jereissati, bisneto de um literato que foi padeiro mor da Padaria espiritual e membro desta Academia Cearense de Letras, José Carlos da Costa Ribeiro Junior. Empresário e homem público bem sucedido, foi quem doou o Palácio da Luz para sede da ACL, pois, sem isto, nada do que falamos, sequer esta noite, teria acontecido.

Quero registrar ainda que, além dos nomes mencionados, há alguns que não falamos agora, por questão protocolar de tempo, mas não estamos esquecidos e faremos o registro no momento oportuno.

Creemos que, por tudo o que foi falado, o Palácio da Luz é uma lenda também, e o povo cearense é abençoado por ter o prédio remanescente das suas origens, belo e charmoso, para lhes servir de referência.

Finalmente, acredito que esta é a maior reunião de celebridades do Ceará já ocorrida numa só noite e que só a Academia Cearense de Letras poderia conseguir isto. Por esta magnânima deferência, a ACL fica humildemente agradecida.

Despedida da Presidência

José Augusto Bezerra

Prezado Acadêmico, novo Presidente da ACL, Ubiratan Aguiar; Prefeito da Cidade de Fortaleza, Roberto Cláudio; Representante do TCU, Ministro Augusto Sherman Cavalcante; Presidente de Honra Perpétuo da Academia de Letras de Brasília - José Carlos Gentili; Vice-Presidente do Tribunal de Contas do Estado – Rholden Queiroz; Presidente do Tribunal de Contas dos Municípios - Domingos Filho; demais autoridades ilustres, membros da Diretoria 2017/2018 da ACL, confrades, esposas, e convidados:

É com emoção que hoje deixo algumas palavras, especialmente para os nobres confrades, que testemunham o último momento dessa jornada que fizemos juntos.

No meu discurso de posse como Presidente falei que na antiguidade, as comunidades se reuniam nos portos para desejar boa sorte às tripulações que embarcavam para viagens importantes. Pediam às Divindades que abençoassem os que iam navegar por mares desconhecidos. Foi o que fizemos. Sequer olhamos para saber se havia nuvens carregadas no horizonte. Pedimos ajuda a Deus e trabalhamos, incessantemente, com as mãos e o coração.

Quando os navios voltavam, aquelas mesmas pessoas agradeciam por terem os homens vencido desafios e voltado ao porto seguro. É a hora, portanto, da nossa gratidão. Não importa hoje o que tenhamos feito. Poder entregar, com o dever cumprido, o leme desta nau a uma nova tripulação, briosa, honrada e cheia de talentos, é a nossa maior vitória.

Subo ao alto do convés desse navio imaginário e, lá de cima, olho para o passado. Descortino, por entre as brumas, os homens que lutaram por nossa Academia. Especialmente, posso ver melhor, porque estão mais próximos, os dois últimos Presidentes. Na realidade,

estão aqui, entre nós... Murilo Martins, nosso Presidente de Honra, e Pedro Henrique Saraiva Leão, que me convenceu a aceitar a missão que hoje concluo, grandes intelectuais e amigos, em nome dos quais reverencio todo o passado desta gloriosa Instituição.

Na presente gestão, demos prioridade à harmonia entre os Acadêmicos e à transparência nas nossas ações. Fizemos alguns jantares só para conversar e nos conhecermos melhor. Providenciamos relatórios mensais para manter todos a par do nosso dia a dia. Realizamos solenidades como a dos 120 anos e a da Reinauguração do Palácio da Luz. Inaugurações da Biblioteca, do Jardim dos Poetas e entrega da Medalha de Benemérito a todos os confrades. Aniversários da entidade, posse de novos Acadêmicos, distintivos da ACL, lançamentos da importante *Revista da Academia Cearense de Letras*, livros inéditos publicados e realizações de magníficos *Ciclos de Conferências*. Tantas outras coisas para recordar! Não arbitrei nenhuma divergência neste período e a união foi nossa marca, demonstrada pela escolha do Novo Príncipe dos Poetas, *Linhares Filho*, entre tantos nomes de escol, sem divisões e por unanimidade. Alguns não puderam aqui chegar, mas semelhantemente aos cometas deixaram rastros luminosos. Nesse caso, uma poeira incandescente, de saudade e poesia: *Barros Pinho*, *Francisco Carvalho*, *Artur Eduardo Benevides* e *José Telles*. Deram-nos de presente, ao partirem, seus sucessores, os novos imortais e amigos: *Ernando Uchôa*, *Lourdinha Leite Barbosa*, *Durval Ayres Filho* e *Flávio Leitão*. Assim, como reverenciamos o legado do passado, agora nos inclinamos ante a responsabilidade do presente, nas figuras dos atuais Acadêmicos, guardiões de mais de um século de história deste radiante Templo da Cultura.

O projeto de reforma do Palácio da Luz está realizado e entregamos de volta à sociedade esta significativa obra, com auditórios climatizados; salão de honra; Secretaria; Presidência com sala de reuniões; iluminação excelente; magnífica biblioteca; o artístico piso, em antiga marchetaria, restaurado e reavivado; cinco banheiros, inclusive com acessibilidade aos deficientes; entradas, uma recriada pela Sena

Madureira e outra, reformada, pela Rua do Rosário; um Jardim dos poetas; uma importante subestação elétrica; o nome externo, acendendo à noite, e muito mais. Tudo mantendo as linhas originais deste prédio, um dos ícones da nossa história. A Praça, onde habitavam muitas famílias desabrigadas e era um local de risco, foi reformada pela Prefeitura. As famílias deslocadas para abrigos, o quadrilátero iluminado, e implantada uma cabine de segurança 24 horas. Placas alusivas, no interior do Palácio, registram nossa gratidão aos que nos apoiaram. Lembramos também o apoio de voluntários, empresas e pessoas que chegaram em boa hora, inclusive Acadêmicos. Tudo foi pago em dia. As prestações de contas já feitas, algumas aprovadas com elogio, e um razoável saldo em caixa. Os quadros históricos e peças coloniais que pertenciam ao Palácio estão restaurados, alguns antes de nós. Outros quadros e peças novas foram doados por terceiros, conforme plaquetes ao lado deles. Tudo isto foi feito, embora com sacrifício, sem se deixar de cumprir nenhuma das atividades culturais tradicionais da instituição e, havendo sido muitas outras acrescentadas, conforme relatório cultural (2013/2017) enviado aos Acadêmicos. Agradeço às instituições culturais congêneres, tanto as mais antigas como as mais novas, que muito nos ajudaram, aos arquitetos e engenheiros que nos orientaram, pois tudo aqui foi feito profissionalmente. Agradeço ao Olímpio Rocha, administrador dos projetos da ACL junto aos órgãos oficiais e especialmente agradeço aos nossos diletos funcionários, que se desdobraram por todos esses quatro anos, sem medir esforços, para atingirmos cada etapa dos objetivos previstos. Agradeço infinitamente a minha esposa Bernadete e a minha família, pois vocês são o alfa e o ômega na minha existência.

Finalmente, podemos entender que estamos no instante da chegada, mas também no da partida. Até este ponto, do alto daquele convés, podíamos olhar para trás, mas agora precisamos vislumbrar o adiante. Ao nos virarmos para bem observar, sentimos a brisa batendo nas costas e compreendemos que o mesmo vento que nos empurrou até aqui, continua a soprar, inexoravelmente, para frente.

Ao lado deste famoso painel de Raimundo Cela, em que pintou a liberdade e o amor, posso ver a nova Diretoria da ACL, novamente escolhida por unanimidade, liderada pelo insigne Confrade Ubiratan Aguiar, um poeta, advogado e homem público, que saindo da cidade de Cedro, em nosso interior, chegou aos mais altos cargos no Brasil, por seus próprios méritos. Um verdadeiro líder, muito respeitado nos mais longínquos recantos do país, tem como forte colaboradora a primeira mulher Vice-Presidente da ACL, gestora e literata completa, Angela Gutiérrez, e toda uma diretoria carinhosamente escolhida para essa viagem no tempo. Não esquecendo de registrar que ao lado de um grande Presidente há sempre uma grande Primeira Dama e aqui não sendo diferente, devemos dar relevo à sua querida e carismática esposa, Terezita Aguiar.

Por entre as brumas dos tempos que entreolhamos, vimos, mesmo dentro do navio, as pegadas dos que já passaram e os pés dos que estão passando, mas não conseguimos ver as marcas dos que irão passar.

Estes caminhos, os que assumem ainda terão, eles mesmos, de construir, pois estarão em locais e situações que hoje só podemos visitar em nossas imaginações.

Porém, o olhar do adeus é sempre o mais profundo e penetrado. Ainda vê no passado as nossas pegadas e no presente os nossos pés. No futuro, com os olhos da alma, consegue enxergar os nossos sonhos e sabe que se não os abandonarmos, eles nunca nos abandonarão!

Queridos confrades novos dirigentes, é uma honra passar a administração da ACL as suas mãos. Contem sempre conosco, boa sorte e que Deus os abençoe!

Obrigado.

Discurso de posse da diretoria da Academia Cearense de Letras – Biênio 2017/2018

Ubiratan Aguiar

Vivo a intensidade da hora, vendo ser escrito, em minh'alma, a serenata dos sonhos, no altar dos intelectuais cearenses.

Assumo a Presidência da Academia Cearense de Letras, a mais antiga do Brasil, com a certeza de que o faço amparado pelo apoio de quantos integram e abrilhantam este sodalício.

Sozinhos, pouco representamos. A força criativa e realizadora concentra-se no mosaico da solidariedade, mãos estendidas ao fazer coletivo, olhos fechados ao egoísmo e às vaidades, ervas daninhas das melhores sementes.

Sinto-me, senhoras e senhores Acadêmicos, convidados, sob os eflúvios que emanam da Arcádia, na presença das palavras da escritora norteamericana Susan Sontag: "A literatura nos educa sobre a vida, alarga o sentido das possibilidades, do que é a natureza humana, do que acontece no mundo. É criadora de vida interior".

O tempo passa por mim e não o vejo ante o muito que tenho a dizer em poucas palavras. Sei que a síntese, por certo, encolhe a análise. Espero que o conteúdo possa dar uma ideia do continente que a missão impõe, em vestir de poesia e humanismo uma sociedade amedrontada com a violência decorrente do pragmatismo que cultiva na valoração materialista do TER.

Não se enganem: o trabalho será coletivo! Sozinho, repito, ninguém consegue edificar amanhã, nem abrir as portas de um novo tempo. A caminhada, portanto, será de mãos dadas, interiorizando a Academia através dos debates literários, culturais, nas diversas regiões do Estado e dando continuidade ao processo de integração dos jovens das escolas públicas e particulares aos nossos trabalhos, bem como estímulo, para que constituam Academias em seus estabelecimentos de

ensino, desenvolvendo o gosto pela leitura e escrita. Será procurada a interface com as Academias existentes no Estado, firmando parcerias, objetivando o debate acerca dos valores culturais constitutivos da Nação. Estas serão prioridades que colocaremos na mesa de discussão.

Buscaremos o diálogo amplo, para levarmos à Academia mais antiga do país, o enlaçamento de todos os elos do saber, por intermédio da experiência que adquirimos, especialmente, com a cultura jurídica, ciência das mais remotas e determinantes para o convívio harmônico da sociedade.

Procuraremos o apoio do Poder Público nos três níveis, com ênfase na Administração de Fortaleza, cidade-sede de nossa entidade, promovendo eventos que resgatem a cultura popular, apanhados dos costumes e tradições de nosso povo, mostruário da história vivenciada entre jangadas e bilros, festas religiosas, reproduzindo, no folclore, a atividade do homem do campo e do litoral. Suas angústias são cantadas no cordel, repentes que exteriorizam o sofrimento, oriundo da injustiça social, mas, também, a capacidade renovadora de energias no enfrentamento dos desafios. Sua linguagem, recheada de expressões, fruto da vivência diária, são dialetos de sabedoria.

Herbert de Souza, o “Betinho”, consagrava de forma lapidar: “É através da educação e da cultura que a sociedade se faz, que a humanidade se constrói e a democracia se consolida”.

Dediquei às fontes formadoras da cidadania, alicerçadas na educação e na cultura, a melhor atenção, fosse em sala de aula, em funções executivas ou parlamentares, havendo contribuído na Presidência do Fórum de Secretários de Educação do país, na Assembleia Nacional Constituinte, na Presidência da Comissão de Educação e Cultura da Câmara dos Deputados, através de propostas, projetos de lei, emendas, integrando hoje a legislação ordinária e constitucional brasileira.

A Lei de Diretrizes e Bases de Educação Nacional foi por mim posta em debate com a comunidade, quando no exercício da Presidência da Comissão de Educação e Cultura. Atuei como relator da lei que instituiu o FUNDEF, atual FUNDEB; sou o autor da lei que destinou

3% da premiação de loterias e jogos para o Fundo Nacional e Cultural, entre tantos outros momentos que vivenciei.

1 Dediquei-me por inteiro a essa causa por entendê-la basilar, fundamento da formação de nosso povo, hoje, mais do que nunca, carente de um banho de cidadania, lavando a vergonha que nos é mostrada por meio da corrupção e do desperdício.

Cultura e educação, missa rezada em todos os palanques e integrante dos programas político-partidários, ainda, mendiga recursos para dar ao povo brasileiro formação, profissionalização e ensino.

A cultura permanece nos últimos lugares dos orçamentos públicos. Os latinistas, ao se debruçarem sobre os números da Lei Orçamentária, por certo, dirão que nossos dirigentes a consideram *Res derelicta*.

Quanto à Educação, nosso povo genuflexo deve, todos os dias, rezar para João Calmon, bandeirante e missionário da causa que fixou na Constituição percentuais mínimos a serem obedecidos pela União, Estados e Municípios. Certa vez, falei, em reunião, com educadores, logo após a aprovação da Emenda Calmon: Estou alegre e triste. Alegre por ver consagrado um percentual mínimo a ser cumprido em favor da Educação; triste por ver ser necessário escrever essa norma constitucional quando ela deveria ser um imperativo de consciência.

Essa é a realidade nacional. Estou convicto do que me espera ao lado da Diretoria e dos Acadêmicos que a integram, no enfrentar esses desafios. Meu antecessor, Presidente José Augusto Bezerra, vencendo obstáculos, saiu a bater nas portas dos mecenas cearenses, do Governo do Estado, Prefeitura de Fortaleza e Banco do Nordeste, a fim de angariar recursos para recuperação do Palácio da Luz, próprio do Estado, cedido à nossa entidade que abriga outras organizações congêneres.

Colocou suas atividades empresariais em segundo plano; doou-se por inteiro. Esse bibliófilo que, com a partida de Mindlin, é, hoje, considerado o maior amante de livros, realizou uma administração merecedora do aplauso e reconhecimento dos cearenses.

Praza aos céus, a Diretoria que, agora, assume, possa, ao final de seu mandato, haver realizado um trabalho à altura do que hoje, nos é entregue.

Quando mergulho dentro de mim, e olho no retrovisor do carro da vida, vejo aquele menino do Cedro, aluno da Escola Pública Gabriel Diniz, sentado ao lado dos luminares das Letras, professores universitários, romancistas, contistas, poetas, e só encontro uma resposta: fui buscar a poesia para humanizar o espírito e escrevê-la como expressão de vida.

O escritor Ruy Câmara, prefaciador de meu livro “Estação da Palavra”, resgatou trecho em que traduzo meu sentir nas luzes de meu interior: “Na foz onde o rio da poesia despeja emoções no mar da literatura, quero ser o afluente, tributário das águas existenciais, correndo cristalino na expressão do que o melhor de mim possa oferecer”.

Sinto-me feliz com a presença de tantos amigos, alguns vindo de longe, para comungarem comigo os pensamentos norteadores de minha caminhada.

Que a poesia seja bálsamo para as feridas da violência; esperança nos dias cinzas de desalento; encontro da pessoa com a divindade!

Que a poesia faça a diferença entre o SER máquina e seus comandos, e o SER gente, movida pelos sonhos!

Que a poesia, o romance, o conto, as mais diversas formas de expressão cultural sejam essência e *substratum* da existência e não apenas o verniz da intelectualidade!

Agradeço a cada um dos presentes na beleza da poesia de Mário Quintana: “Existe somente uma idade para a gente ser feliz, somente uma época na vida de cada pessoa em que é possível sonhar e fazer planos e ter energia bastante para realiza-los. Essa idade tão fugaz na vida da gente chama-se presente e tem a duração do instante que passa”.

Permitam-me que a emoção traga de volta a este plenário, e povoando nosso cenário, tantos vultos que a engrandeceram. Em memória dos que partiram, reverencio Barros Pinho e José Teles nos versos

que escrevi: “se queres saber a verdade, / não peças à cabeça licença, / deixes que te invada a saudade / certeza da eterna presença”.

Dos atuais Acadêmicos, recolho, de sua produção literária, a busca da vida na poesia de Marly Vasconcelos: “Que venham os pavões e substâncias diáfanas, livres nas areias, sejam fatos de vida”.

A exaltação da família expressa por Dimas Macedo ao evocar: “Lembro o meu pai apascentando estrelas e solidões em tardes duradouras”.

Renascido pelo amor, vem cantando nas asas do pássaro Juarez Leitão: “Quando o doutor abriu o peito dele / escapou-se da fenda uma aurora outonal / e foram vistos coisas e guardados de toda uma vida / rios de sonhos, campinas de saudade / caminhos e veredas palmilhados de muita esperança / e num galho bem alto do lado verde do peito do poeta / uma ave canora, um pássaro chamado Maria / gorjeava uma canção de amor”.

Assim falam nossos intelectuais, na prosa e no verso, vestindo de espiritualidade a matéria sedenta de paz, de amor e crença nos semelhantes.

Que a poesia escreva as palavras com as quais externo meu amor para minha família, mulher, filhas, netos e bisneto, bem como para minha mãe, irmãos e familiares nos versos de Vinícius: “De tudo, ao meu amor, serei atento / antes, e com tal zelo, e sempre, e tanto / que mesmo em face do maior encanto / dele se encante mais meu pensamento”.

Antes que o cansaço contamine a plateia, o pedido derradeiro dirijo aos Acadêmicos desta e de outras Academias: sintam nas palavras do magistral poeta Carlos Drummond de Andrade a afinidade que nos une na elevação dos espíritos. “Uma pessoa que tem hábitos intelectuais ou artísticos, uma pessoa que gosta de música, uma pessoa que gosta de ler nunca está sozinha. Ela terá sempre uma companhia: a companhia imensa de todos os artistas, todos os escritores que ela ama, ao longo dos séculos”.

Com humildade, vontade de fazer e acertar, contribuir para a humanização da sociedade através das Letras, é que, nesta noite, concito todos para uma reflexão proposta por Oscar Niemeyer: “É preciso olhar

para o céu e perceber o quanto se é pequeno diante da sua imensidão. Só assim o ser humano pode ser mais digno diante do outro”.

Responderei à escolha unânime de meus confrades para esta empreitada, evocando a assertiva de Mahatma Gandhi: “Se me acho capaz, terei a capacidade, mesmo que não a tenha ao começar”.

A emoção me pede para encerrar, dizendo aos amigos e familiares: “A luz da noite ilumina os versos de meu poema Vagão da Estrela. “Minh’alma transcende, é algo que se acende diante de mim sem começo, sem fim”.

Fortaleza, 16 de fevereiro de 2017.

Celebração pelos 123 anos de fundação da Academia Cearense de Letras e homenagem póstuma a Ivens Dias Branco e Aírton Queiroz, dois de seus notáveis benfeitores³

Beatriz Alcântara

Patrono Franklin Távora, Cadeira 16.

ILUSTRE PRESIDENTE UBIRATAN DINIZ DE AGUIAR, DISTINTA MESA SOLENEMENTE CONSTITUÍDA, SENHORAS E SENHORES CONVIDADOS, CONFREIRAS E CONFRADES.

Quando recebi, em Julho recente, a solicitação e o encargo do Presidente Ubiratan Aguiar, da Academia Cearense de Letras, para que eu proferisse a oração solene quando do decurso pelos 123 anos de Fundação de nossa árca no Ceará, sem relutar aceitei a honrosa missão.

A história e o conhecimento, dois absolutos organismos, em conjunto e cada um por si, sempre interdependendo, ensejaram origem à estrutura do saber universal, um corpo de dados único, ocasionado pela acumulação de informações a regerem a obra amalgamada do insondável saber humano.

A partir dos registros chegados até este tempo de agora, festejamos a Fundação da Academia Cearense de Letras, que nasceu acolhida no salão magno da prestigiada agremiação em Fortaleza, a Fênix Caixerai, no dia 15 de agosto de 1894, sob a designação de Academia Cearense.

A feição primeira da nossa Academia seguiu os moldes da Academia Real das Ciências de Lisboa (1779), congregando, inicialmente, 27 membros efetivos. Posteriormente, no ano de 1922, procurando assemelhar-se à Academia Brasileira de Letras que, por sua vez, inspirou-se na *Académie Française*, passou a funcionar com 40 integrantes vitalícios.

3 Discurso pronunciado na sede da Academia Cearense de Letras, em 16 de agosto de 2017.

Um aparte: para melhor nos inteirarmos da Academia Cearense, voltemo-nos para a congênere na França que regeu e serviu de réplica para grande parte das academias surgidas no pós-Renascimento.

Recuemos até o Cardeal Richelieu, entre os anos de 1629 e 1634, quando a Academia, antes tida como *une assemblée de gens de lettres que si trouvent régulièrement toutes les semaines en un certain endroit pour y parler de belles-lettres* (definição do lexicógrafo Richelet, 1690) evoluiu para uma academia oficial, ou seja, um corpo social de pessoas convocadas para assembleia, por solicitação de uma autoridade pública. Evidenciou-se, desse modo, a transferência do privado para o público, fixando-se, assim, o recrutamento de seus membros, as funções e as competências, excluindo, no entanto, uma abordagem regimental de assuntos relacionados à religião, à política e à moral, tendo como cerne a divisa acadêmica de “Imortalidade”, *Ad immortalitatem*, ou seja, uma visão atemporal para além da história formal.

Discussões e pendências ocorreram de pronto. Todavia, superando a mais forte entre tantas a “Querela dos Antigos e dos Modernos” (1687), por fim, e tão somente, em torno de 1696, a *Académie Française* veio a converter-se na morada provocadora do vigor e da atividade criativa, da unificação linguística, também difusora do saber e da filosofia, fonte da eloquência e da crítica, definindo enquanto assegurava normas ao revezamento do mecenato. Havia desde logo alguns indícios de uma reconhecida vocação enciclopédica.

Finalmente, estava instituído um academicismo de suporte, testemunho e permanência da atividade literária que viria a justificar a imortalidade para além da existência comum.

Dos fundadores da Academia Cearense, figuras exponenciais da primeiríssima fase e na inconveniência de aqui todos 27 serem mencionados, ressaltem-se: Alcântara Bilhar, Farias Brito, Franco Rabelo, Justiniano de Serpa, Guilherme Studart, Henrique Théberge e Tomás Pompeu.

Muito atuante nas suas duas primeiras décadas, louvável por tão vivo empenho academicista, contudo, por motivos diversos, irrelevantes, a Academia Cearense deixou que o ímpeto primeiro, lentamente,

esmorecesse até que, depois de 1902, nenhuma sessão foi realizada, mantendo-se, todavia, a publicação da *Revista da Academia Cearense*, em sua periodicidade anual até 1914.

Tudo o mais parecia ter cessado.

Foram estes os dados que ensejaram a fundação e o regime de funcionamento desta Academia, no decorrer de sua primeira fase, ou seja, da fundação em 1894, à sua reorganização em 1922.

Era o ano de 1922. O acadêmico Justiniano de Serpa, Presidente do Estado do Ceará, conduzido por certo, pelos antigos brios acadêmicos e a contar com o apoio essencial do escritor, jornalista e advogado Leonardo Mota, levou a efeito o reerguimento da Academia Cearense, sustentados e firmados pelo auxílio de Tomás Pompeu de Sousa Brasil, Soares Bulcão, Quintino Cunha, Alba Valdez e Fernandes Távora, para que se citem alguns, especialmente, a escritora Alba Valdez, primeira mulher a integrar o colegiado.

A reorganização primeira ocorreu entre 1922 e 1930. Nessa fase, algumas decisões relevantes foram levadas a efeito.

A mais notória ateve-se à mudança da denominação da arcádia para Academia Cearense de Letras. O número de membros passou a ser efetivado de 40 titulares.

Às cadeiras dos acadêmicos foram-lhes atribuídas numerações individuais a partir de seus patronos, todas figuras destacadas nas letras do Ceará.

Saliente-se que essas três alterações, advindas da primeira reorganização, integram, ainda, o regimento interno de nossos dias. Os estatutos da fundação, ou seja, desde 1894 foram modificados, o que viria a ocorrer na subsequência.

Com o falecimento do Presidente do Estado, o acadêmico Justiniano de Serpa (1923), mola mestre na manutenção da atividade institucional do sodalício, uma duradoura crise estabeleceu-se, vindo a chegar ao ano de 1930.

Por disposição de um outro Presidente do Estado, Matos Peixoto, assessorado pelo acadêmico Valter Pompeu, ocorreu a retomada do funcionamento normal.

Da herança acadêmica anterior, permaneceram as eleições por escrutínio secreto, igual número de 40 acadêmicos titulares e perpétuos, e os estatutos foram revisados sem maiores alterações.

Na segunda reorganização, a Academia Cearense de Letras passou por uma fase buliçosa, aguerrida, com grande disparidade entre os acadêmicos, a mais forte causa, a dessemelhança etária, oitenta por cento dos ocupantes achavam-se abaixo dos 40 anos, o mais jovem entre todos Mozart Firmeza de vinte e quatro anos, em tudo contrastando com os respeitáveis, Padre Tomas, já septuagenário, além de Soares Bulcão, Fernandes Távora e Quintino Cunha, todos três sexagenários.

Como seria previsível acontecer, surgiram ações precipitadas, ocorreram constrangimentos, injustiças vieram com o afastamento, sem causa séria, de 16 acadêmicos titulares desde 1922, entre outros mais, a escritora Alba Valdez e, o mais grave dos desacertos, a exclusão dos fundadores Guilherme Studart e Antonino Fontenele.

Porém as atas entre 1930 e 1937 registraram reuniões e assembleias de grande atividade com apresentações de trabalhos literários dos imortais tanto quanto de convidados, discursos vigorosos, declamação de poemas inéditos ou de conhecimento geral, traduções ocasionais de obras mais recentes, mais ainda, atividades outras de cunho cultural.

A diretoria da segunda reestruturação da ACL, a dos “Moços”, em 1930, foi constituída por:

Presidente de Honra: Matos Peixoto (Presidente do Estado)

Presidente: Antônio Sales

Vice-Presidente: Martinz de Aguiar

Secretário Geral: Valter Pompeu (29 anos e líder da reestruturação)

Primeiro Secretário: Luís Sucupira

Segundo Secretário: Elias Mallmann

Tesoureiro: Euclides César

Bibliotecário: Joel Linhares

Um fato inesperado veio a ensejar uma modificação considerável no estatuto, regimento e funcionamento da instituição mais antiga do Brasil.

Em um artigo de autoria de Martins d'Alvarez, poeta cearense radicado no Rio de Janeiro, é comentada uma duplicidade de academias no Ceará professando e seguindo idênticas diretrizes, a Academia de Letras do Ceará e a anterior a todas, a Academia Cearense de Letras. Alvarez escreveu: "É pena que as duas Academias não se fundam numa só".

De pronto, a observação ecoou entre a intelectualidade do Estado, capitaneada por Mário Linhares, seguida por outros mais. Dili-gências apontadas para tal efeito foram acatadas. Constituiu-se uma comissão mesclada por sócios oriundos das duas entidades, com o fim de viabilizar e institucionalizar a fusão em um só ordenamento, um só corpo estrutural.

Cuidadoso relatório foi apresentado, lido e aprovado por unanimidade.

Estava-se a 10 de maio de 1951 quando uma versão dos estatutos adequados à renovada entidade foram submetidos. A 15 de agosto do referido ano de 1951, deu-se o início da quarta e última etapa da Academia Cearense de Letras, ainda vigente, resguardada e mantida em moldes idênticos, que se desejam muito mais duradouros.

A *Revista da Academia Cearense* que havia deixado de ser publicada desde 1914 voltou a circular em 1937 com nova denominação *Revista da Academia Cearense de Letras*, designação que perdurou até à atualidade.

Ao longo dos 123 anos, decorridos entre a Fundação e esse ano em exercício de 2017, vários foram os locais onde transcorreu o real funcionamento da ACL.

1894 - 15 de agosto, Fundação da Academia Cearense, como aqui já sobreveio, realizou-se no salão nobre da Fênix Caixerai.

1951- a meta primeira da diretoria presidida por Dolor Barreira consistiu em dotar o sodalício de uma "sede própria, independente e

condigna”, nos dizeres da ata. Por vários anos, a Academia Cearense de Letras funcionou à Rua 24 de maio, número 436, morada cedida pelo Instituto do Ceará a qual fora, anteriormente, doada pela família de Tomás Pompeu.

1958 - Saliente-se que a partir dessa data, a designação “Casa de Tomás Pompeu” passou a ser indicação/homenagem a referendar a Academia Cearense de Letras, tal como “Casa de Machado de Assis” para a Academia Brasileira de Letras e ao Instituto do Ceará, Histórico, Geográfico e Antropológico, a denominação “Casa do Barão de Studart”.

1974 - Apesar do relacionamento cordial entre as entidades de cultura no Ceará, ainda não se tinha conseguido uma solução para a sede permanente da Academia Cearense de Letras.

Com o esforço da diretoria e dos membros vitalícios capitaneados pelo dinâmico Eduardo Campos, empreenderam-se novas medidas para que uma sede própria fosse ultimada. Em um edifício comercial, recente à época, o Palácio Progresso, no 12º andar, oito salas com auditório foram adquiridas para que a transferência se consumasse.

Embora a maioria dos confrades apoiasse a segurança de uma sede própria e definitiva, houve certa discordância, como a queixa de Raimundo Girão: “No entanto, o que melhor se evidencia é que suas instalações, de mistura com escritórios comerciais que enchem todo o edifício, não se ajustam ao sentido mais nobre de uma instituição de caráter cultural e mais austera personalidade empenhada no cultivo e no culto espiritual das Belas Letras.”

Aceitou-se porque, enfim, surgia uma solução, mas o convívio não foi bem aceito. A biblioteca, alguns documentos e registros da burocracia foram deteriorados pela alteração de domicílio e grande demora na transferência.

1978 - Quando a presidência foi transmitida para Cláudio Martins, seguiram-se medidas e atitudes visando à condução da sede para um local mais sereno, formal e oportuno ao funcionamento do universo único da leitura, da escrita, do diálogo e troca de livre expressão.

Assessorado por seu vice, Artur Eduardo Benevides, todo empenho foi envidado. Finalmente, em 1986, conseguiu-se um comodato assente por 20 anos para o Palacete Senador Alencar, erigido para a Assembléia Provincial, no Centro Histórico de Fortaleza.

1986 - O palacete tinha efetivamente uma maior achega social e artística, porém o tempo havia lhe atribuído estragos profundos a necessitarem reparos substanciais para os quais a instituição acadêmica não possuía recursos adequados. Apesar das queixas, do rumor e da agitação no entorno, foi necessário regressar às salas da edificação no Palácio Progresso.

O empenho para a obtenção de uma sede mais adequada não esmoreceu. Todos tinham consciência de que, ali, não se encontrava a casa definitiva. Os confrades Cláudio Martins e Artur Eduardo Benevides persistiram na determinação de uma sede que justificasse, em breve, um século de existência da instituição.

- Por fim, no dia 21 de novembro, em sessão solene, a “Casa de Tomás Pompeu” recebeu a tutela e a sede do Palácio da Luz, possivelmente o mais antigo prédio público do Ceará, datado por volta de 1781, no decurso do qual, sua existência física, foi morada de várias famílias de governadores em exercício no Governo do Ceará.

- A 10 de janeiro de 1990, na nova sede do Palácio da Luz, veio a acontecer a sessão inaugural acadêmica, tendo como primeiros membros titulares empossados, Marly Vasconcelos, Geraldo Fontenelle e José Murilo Martins.

A Academia Cearense de Letras encetou, conheceu e persistiu em um período de estabilidade e de diretrizes normativas fixas até o presente.

Como nos foi dado conhecer, a disponibilidade para uma sede e o funcionamento regular acadêmico, apresentou-se sempre como a maior dificuldade da arcádia no Ceará. Assim parece oportuno serem citados outros espaços, ocasionais, generosamente cedidos para reuniões ou festividades de nosso sodalício, a exemplo, a morada de Walter Pompeu; o Clube Euterpe; a sede social do Clube Iracema; o Instituto Epitácio Pessoa; além do solar de Dolor Barreira e a casa de

Martinz de Aguiar, todos mencionados em atas, que se mantiveram mesmo sujeitas a tantas e variadas mudanças entre sedes.

Deslocamentos seguidos, como os sobrevividos à Academia Cearense de Letras, foram transtornos comuns, inconstâncias idênticas a um sem número de entidades culturais, mundo afora, logo uma circunstância habitual, um fluxo constante, “nada permanece o mesmo para sempre”, reza um provérbio beirão e celta, de meus ancestrais lusitanos.

Senhor presidente Ubiratan Diniz de Aguiar, familiares dos homenageados

Acresça-se, à cerimônia solene e festejo dos 123 anos de Fundação da Academia Cearense de Letras, duas louvações. Elas surgem em uma noite em que nossa instituição compraz-se em homenagear, ainda que com pesar, dois ilustres filhos desta terra dourada de sol.

Francisco Ivens de Sá Dias Branco e Airton José Vidal Queiroz, que depassaram, com inquestionáveis sabedoria, competência, inteligência aguçada e determinismo, a mediana condição humana, os dois sempre voltados e sensíveis às artes, à cultura e ao desenvolvimento tecnológico, tanto quanto se mantiveram atentos e empreenderam crescimento e bem-estar a beneficiarem muitos de seus conterrâneos.

Ambos os homenageados, até pouco tempo, eram nossos convidados, partícipes de nossas cerimônias públicas a compartilhar, quase em idênticos moldes, da cultura, da arte, da oratória e, de igual modo o conhecimento das imensas dificuldades na manutenção das Belas Artes em seus prédios imponentes e centenários.

Louvemos homens como Ivens Dias Branco e Airton Queiroz! Homens, como se dizia no passado, “quem conosco viveu, rezou e cantou, passou a ser um dos nossos”, homens assim permanecerão eternos na História da terra onde nasceram.

Digna família Dias Branco

Há poucos dias, uma frase de Ivens Dias Branco chegou a minhas mãos. Transmito-a, leal ao sentir e ao modo de ser e estar como foi em vida Ivens Dias Branco.

“Amanhã, serei o que sou hoje.
O que sempre fui.
Fiel a mim mesmo.”
(datada de julho de 2016)

Quanta segurança e afirmação.

Ivens, como geralmente a ele se referiam, era desse modo que se achava, determinado, firme e verdadeiro.

Em duas palavras, pessoa ímpar. Um *Self made man* que ao vencer, não se cobriu de arrogância.

A 3 de agosto de 1934, na cidade de Cedro, sertão central do Ceará, nasceu Francisco Ivens de Sá Dias Branco, filho do português Manuel Dias Branco, emigrado das margens na Ria de Aveiro, Beira Litoral lusitana e, de Maria Vidal de Sá.

O jovem casal, Maria e Manuel Dias Branco, transferindo-se para Fortaleza, instalou uma panificadora, a Padaria Imperial, sob uma insígnia que viria a se tornar símbolo de qualidade e prosperidade, a marca M. Dias Branco.

Aos 19 anos, Ivens, preferindo e optando pela ação empresarial, desistiu dos estudos regulares e aliando-se ao pai, empreendeu outras alternativas à panificação: o fabrico de bolachas e biscoitos em escala industrial.

A Fábrica Fortaleza de M. Dias Branco, então já acrescida das massas alimentícias, obteve um sucesso desenvolvimentista e veio a alojar-se nas instalações onde depois foi construído, funcionando até nossos dias o Hotel Praia Centro, na Avenida Monsenhor Tabosa.

Com pouco tempo, as instalações fabris ficaram exíguas.

Em 1980, um grande e arrojado complexo manufatureiro foi erigido e equipado às margens da BR-116, no metropolitano município de Eusébio, um parque industrial com 62.000 metros quadrados de área coberta.

A expansão estava consolidada.

Casado com Maria Consuelo Saraiva Leão Dias Branco, o casal foi enriquecido por cinco filhos, Francisco Ivens, Francisco Marcos, Francisco Cláudio, Maria Regina e Maria das Graças, todos eles voltados e devotados à dinâmica dos negócios e das atividades empresariais do Grupo M. Dias Branco.

Pai, filhos e agora já alguns netos, permaneceram unidos por uma única visão de grupo familiar.

Ivens, além da liderança no mercado de massas e biscoitos nas regiões, Sul, Sudeste, Norte e Nordeste do Brasil, legou hotéis, fábrica de cimento, moinhos de trigo, indústria de gordura vegetal e, na Bahia, um porto para movimentação e escoamento de soja e outros grãos produzidos por estados vizinhos.

Cidadão de Fortaleza, Ivens jamais se esquivou ao incentivo e apoio às mais variadas manifestações culturais de sua terra e, quando a agenda de trabalho permitia, ele próprio gostava de atender às propostas e solicitações.

Uma pessoa que vivia de peito aberto e coração atento.

Concomitante ao período empreendedor de sucesso das Organizações M. Dias Branco, a Academia Cearense de Letras foi contemplada e centro de atenções com a presença física e solidária de Ivens, acompanhado da esposa Consuelo e, em outras ocasiões, na companhia de filho ou filha.

Com gratidão, foram-lhe concedidas diversas honrarias acadêmicas.

1996 - **Acadêmico Honorário**, outorga concedida por significativo apoio prestado à instituição.

1988 - **Diploma de Sócio Benemérito**, em decorrência do mecenato às ações desenvolvidas pela Academia Cearense de Letras.

2014 - **Medalha Comemorativa de 120 Anos da Academia Cearense de Letras**, importante honraria atribuída a pessoas intima-

mente vinculadas à Academia Cearense de Letras, quando das comemorações dos 120 anos de sua fundação.

2017 - Comenda **Uma Lenda do Ceará**, recém-criada para festejar os 150 anos de publicação do livro “Iracema, lenda do Ceará” do romancista José de Alencar.

Francisco Ivens de Sá Dias Branco:

— ícone da cearensidade bem sucedida, um empreendedor determinado, afoito sem arrogância, simples na sua educada e polida maneira de ser e manifestar-se;

— ícone do português-cearense, trabalhador tenaz, discreto, atuante, amigo de vínculos fortes e seguros, sem alardes. Uma saudade sentida de toda a comunidade portuguesa no Ceará.

Ivens Dias Branco, o homem destemido que aprendemos a admirar, oriundo dos dois lados do grande mar, um homem corajoso e atlântico que honrou suas duas origens.

Digna família Queiroz

Que minhas palavras, a partir de agora, e as recordações dos presentes rememorem a personalidade vigorosa, realizadora e inigualável de Airton José Vidal Queiroz.

Fortalezense como poucos de seus filhos bem-nascidos e envoltos em sucesso, Airton Queiroz viveu e permaneceu em sua cidade, berço equatorial de luz e calor, banhada pelas águas verdes, tépidas e bravias, envolta por uma certa aragem suave e vespertina, todavia, terra crestada pelo sol e escassez de chuvas, povoada pela alegria desenvolvida de seus habitantes, numa hospitalidade comum a todas as camadas sociais, gente, às vezes, dura pelas secas seguidas que lhe batem à porta, mas sempre gente brava, altaneira e gentil na acolhida, a sorrir.

Airton Queiroz era a inteireza do caráter cearense.

Primogênito de Yolanda e Edson Queiroz nasceu em 1946, no dia 14 de agosto. Ganhou cinco irmãos, Edson Filho, Myra Eliane, Renata, Lenise e Paula.

Para casar, apaixonou-se pela graciosa Celina Leal, com quem teve um casal de filhos, Edson Neto e Patrícia, dos quais veio a ganhar seis netos.

A vida trouxe muitos desafios a Airton José Vidal Queiroz.

Em São Paulo, graduou-se em Ciências Econômicas, por certo com a intenção de colaborar com as atividades empresariais do pai, Edson Queiroz.

Contudo, muito rara é uma vida que não seja apanhada pelo insondável.

Numa madrugada de junho em 1982, um avião embateu na Serra da Aratanha nas proximidades de Fortaleza. Ninguém sobreviveu. Edson Queiroz, com 51 anos, achava-se entre os passageiros.

Solidária, a população fortalezense emudeceu de perplexidade e emoção contrita. Fui testemunha ocular na Missa da Catedral sufragada para todos quantos pereceram na tragédia. Na Sé e em todo seu entorno, familiares, conhecidos, desconhecidos, enlutaram-se de tristeza. Espaços na praça e nas ruas estreitas tudo se fechou de gente que passava, perguntava, permanecia, benzendo-se ou não, acabando por se acrescentar à multidão, pessoas condoídas, chorosas, por tanto sofrimento, dor e perda.

A natureza cumpriu o momento de luto.

Nuvens baixas cobriram o firmamento e ensombraram as almas nesse dia em que o sol se escondeu de triste. Céus e terra, em uníssono, conheceram o silêncio imponente e respeitoso, solidariedade ao infortúnio alheio. Comoção igual, raramente foi vista em Fortaleza, assim disseram os mais antigos que se achegaram.

Airton estaria, à época, completando trinta e seis anos. O mundo lhe caiu sobre os ombros, mas o desafio e a responsabilidade de um primogênito não foram esquecidos.

A mãe, D. Yolanda, apoio inteligente, parceira e vínculo recíproco do marido, necessitava ser amparada pelo filho mais velho para suplantar a incredulidade face à tragédia, mitigar a dor conjugal e levar o projeto de Edson Queiroz em frente.

A crença na vida permaneceu, e a família, todos juntos, em união se acharam. Conheceram a superação.

Contam que o Pai para festejar os 18 anos de Airton ofereceu-lhe um carro novo, só dele. Mas a resposta do filho não veio como Edson esperava: “Prefiro antes um quadro de Antonio Bandeira.”

Hoje se tem como certo, esta obra não constar como a mais valiosa de seu tão vasto acervo de 2.300 peças de arte, mas, por certo, o “Bandeira” foi o mais decisivo, impulsionador e definitivo trabalho artístico da coleção “Airton Queiroz”, coletânea reconhecida de grande valor, muito além das fronteiras brasileiras.

Airton, um admirável homem de família, condutor de vasto conglomerado empresarial, artífice e impulsionador da maior universidade privada do Ceará, legado de seu pai Edson Queiroz, quando esta firmava os passos, tinha a Universidade de Fortaleza - UNIFOR apenas nove anos. Na atualidade a UNIFOR é uma referência no ensino superior do Brasil.

Vale ressaltar, com tantas e diversas formas de atuação, para o Chanceler Airton Queiroz, o caráter prioritário sempre contemplou o universo das artes, tal como o do meio-ambiente.

Salientem-se dois por sua excelência: Festival de Música Eleazar de Carvalho, certame anual de música erudita gratuita, e o Teatro Celine Queiroz.

Com tantos e diferentes modos de empreender, bem sucedidos, Airton Queiroz, foi reconhecido e agraciado por distintas e respeitáveis entidades.

A Academia Cearense de Letras, grata pela consideração e apoio, homenageou-o.

2012 - **Medalha Barão de Studart**, insígnia outorgada em homenagem ao idealizador e fundador da Academia Cearense de Letras.

2014 - **Medalha de Sócio Benemérito**, atribuída a concessão a mecenas que colaboraram com ações levadas a efeito pela arcádia cearense.

2014 - **Medalha Comemorativa de 120 anos da Academia Cearense de Letras**, quando da data comemorativa dos cento e vinte anos de fundação do sodalício.

2017 - **Comenda “Uma lenda do Ceará”**, importante honraria recém-criada, recordando os 150 anos de publicação do romance “Iracema, lenda do Ceará”, do escritor cearense José Martiniano de Alencar.

Muito mais haveria para se narrar da vida que Airton fez com determinação, sempre voltado para o universo do saber, das artes, do desenvolvimento científico e das tecnologias de ponta.

Tudo quanto se propunha a fazer e realizar, ele levava a efeito com apreço, sem descuido de uma visão contemporânea do saber e dos cuidados especiais com o entorno na preservação ambiental.

Agora, só apenas curtas linhas para Airton, que conheci colega de meu irmão José Augusto Rosário, nos descuidados e alegres tempos de juventude numa república de rapazes, todos estudantes em universidades paulistas.

A ele, Airton, *in memoriam*, apresento minha sentida admiração pelo empenho e tenacidade de fazer o bem pelo Ceará, sem que pelo feito esperasse gratidão advinda.

Em Fortaleza, terra noiva do mar, Airton José Vidal Queiroz recebeu sua própria hora, faleceu a 03 de julho de 2017.

INSIGNE PRESIDENTE UBIRATAN DINIZ DE AGUIAR, ILUSTRES CONVIDADOS, CONFREIRAS E CONFRADES

Enseja-se agora que este discurso se aproxime do final. Ocasião de reconhecer, palavras e gestos de saudade que os companheiros acadêmicos nos legaram à medida que foram partindo. E foram tantos no decurso desses meus 23 anos de Academia Cearense de Letras!

Citam-se três, não escolhidos pela razão, antes e talvez, reconheço, por um murmúrio anímico de convívio compartilhado.

Natércia Campos, cadeira Nº 6, patrono Antônio Pompeu de Sousa Brasil.

Uma geração de flor na mão, de rock desafiador, *Woodstock-make love not war*, um modo próprio e novo de estar e contestar a vida entre sonhos e enlevos.

Na convivência acadêmica, harmonia vivaz sem pressa de chegar à fama. Os romances vieram, as palavras e a narrativa trouxeram o seu reconhecimento literário.

Natércia Campos, sentida e solidária amizade.

Antônio Martins Filho, cadeira N° 3, patrono Antônio Augusto de Vasconcelos.

Mestre fundador das Universidades públicas do Ceará, a quem muitos de nós aqui reunidos agradecemos a oportunidade de graduação, mestrado e doutoramento, pisando nossa própria terra gentil, enquanto nos era dada a chance de firmarmos raízes onde nascemos.

Dr. Martins, ou “Magnífico”, como era chamado por muitos, possuía figura memorável. Seu caminhar, passo largo e firme, por si só, transmitia um rasto de elegância sóbria e altivez.

Nosso primeiro Reitor, um herói demiurgo.

Artur Eduardo Benevides, cadeira N° 40, patrono Visconde de Sabóia.

Professor jovial a conduzir os primeiros tempos de Literatura na Universidade Federal do Ceará.

Estou a ver, ainda hoje, o Presidente deste sodalício que a mim estreante, ensinou a construção de um discurso acadêmico.

Um príncipe e um poeta, os dois em simultâneo a presidirem a mesa solene desta Academia Cearense de Letras, voz de barítono, ilustração e conhecimento eruditos a não se saber até onde e tão longe poderíamos inquirir sobre tão vasta e variada sabedoria.

Desculpem se lhes falo com emoção incontida,

Ab imo pectore - Ovídio.

Agradeco

A missão prazerosa que o Digníssimo Presidente Ubiratan Diniz de Aguiar me conferiu.

Revivi um passado que se mantinha comigo pelo que me foi dado ler, ou ouvir, mas que se não o vivi, e só agora penetrei o seu decorrer. Sei, presentemente, conhecê-lo e, emocionada, manifesto gratidão pela oportunidade.

Cerca de 140 acadêmicos, desde os dias remotos de 1894, me precederam. Números e distância, até à atualidade, nunca por mim medidos, desconhecimento assustador a nos ligar, como se os dias vindos do ontem fossem mero passado vencido.

As lutas, sim, foram vencidas, mas o conhecimento, a sabedoria, as ações profícuas, as discussões e os debates ideológicos e culturais, vitórias da determinação dos predecessores, conduziram a Academia Cearense de Letras para um novo século, não cibernético como se supunha viesse a ser, mas uma era tecnológica onde tudo ficou para ser recolhido e cotejado, apresentado às escancaras, *digital influencers*, filmado e gravado por sobre a transposição do instante, *Drones* a desmontarem e invadirem lugares irrelatados ao conhecimento humano, um viver que por si só vai tomando e desarmando o privado.

A velocidade na pesquisa e documentação, uma atualidade narrada e comentada entre idas e vindas, tudo em simultâneo, certo açodamento, muitas conquistas, algumas injustiças e imprecisões. Valores alterados.

Será um dia, essa a nossa história coletiva?

Entre na Casa de Tomás Pompeu no ano de seu centenário, a 30 de novembro de 1994.

Recepcionada pela congreira e amiga Marly Vasconcelos, passei a ocupar a vaga do ilustríssimo médico cirurgião, tocado pela literatura, Newton Teófilo Gonçalves, cadeira de número 16, tendo por patrono o romancista Franklin Távora.

Vinte e três anos de enriquecimento humano e acadêmico, de treino em saber mais ouvir opiniões alheias, quantas vezes discordantes, mas entender que numa livre expressão de convívio, há sempre um aparte desconhecido a defender e, acima do muito mais, aceitar que no universo

da cultura e das artes, as verdades, decididamente, não são reais, menos ainda definitivas e nós, humanos, sob o olhar do escritor, não temos como resistir à condição de personagens.

Mas hoje aqui estamos, todos nós vencedores. Conquistamos com satisfação o direito de comemorar o centésimo, vigésimo terceiro ano do existir e a permanência, em consonância, na Casa de Tomás Pompeu, a Academia Cearense de Letras, matriarca gentil de todas as Academias no Brasil..

Dia 15 de agosto de 2017, celebração do culto à arte de escrever para que a muitos sejam oferecidas condições de leitura, estudo, pesquisa e cada vez mais se acrescente ao conhecer a autonomia do livre pensar.

Bem haja!

Bibliografia

- AMORA, Manoel Albano. *A Academia Cearense de Letras: síntese histórica*, 1894 -1956. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1957. 133 p.
- BARREIRA, Dolor. *História da literatura cearense*. Fortaleza: Imprensa Oficial do Ceará, 1987. 334 p. (História do Ceará, monografia, n. 18, v. 1).
- DIDIER, Béatrice. *Dictionnaire universel des littératures: Volume I - A~F*. Paris: Presses Universitaires de France, 1994. v.1, (A-F), 1268 p.
- GIRÃO, Raimundo. *A Academia de 1894*. Fortaleza: Academia Cearense de Letras, 1975. 263 p.
- LOLIÉE, Frédéric. *Dictionnaire des écrivains et des littératures*. Paris: Librairie Armand Colin, 1911,923 p.
- MAGALHÃES, Antonio Pereira Dias (Secretário Geral). VERBO: enciclopédia luso brasileira de cultura: volume I. Lisboa: Editorial VERBO Ltda, 1963. 1870 p.
- MARTINS, José Murilo. *Academia Cearense de Letras: história e acadêmicos*. Fortaleza: Edições ACL, 2013. 233 p.
- MARTINS, José Murilo; FIÚZA, Regina Pamplona. *A Academia Cearense de Letras e o Palácio da Luz*. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2011. 96 p.

Celebração do centenário de acadêmicos

Linhares Filho

Escondendo a qualidade de maior orador desta Casa, o estimado confrade, poeta, historiador e professor Juarez Leitão lembrou, em sessão ordinária, o meu nome para discursar neste evento, o que foi acatado pelo plenário e aprovado pelo preclaro Presidente Ubiratan Diniz de Aguiar. Pela distinção, desde já externo meu reconhecimento.

Sabemos que a ânsia de imortalidade é uma das funções da Literatura, e isso corresponde a um dos anseios mais fortes do ser humano, sendo esse sonho acalentado e a sua realização prometida em geral pelas religiões. Não admira que a Arte e a Ciência, identificadoras da humanidade e frutos mais profundos da natureza humana, trabalhem ininterruptamente na busca dessa imortalidade, pelo menos na maior dilatação da existência.

Detentoras maiores da missão dessa busca, as Academias de Letras, embora de modo precário ou ilusório, atribuem a si esse mister; por isso, eis-nos a desempenhar essa missão, quando, como agora, cumprimos o ritual do culto, muito caro para todos nós, acadêmicos, à memória centenária de quatro de nossos confrades, que honraram os quadros desta Casa e cujas obras, pelo seu valor artístico e/ou científico, enfim cultural, os imortalizaram.

Assim é que, nesta noite festiva, irmanamo-nos aos seus familiares e ao povo em geral desta terra para relembrar e celebrar os nomes de Mozart Soriano Aderaldo, José Rebouças Macambira, Newton Teófilo Gonçalves e Itamar de Santiago Espíndola numa forma de estabelecer, entre os que se foram, mas ainda aqui estão pelo seu valor, e os que ainda aqui mourejam, uma cadeia de reverência e de afeto, para que assim se fortaleça e se glorifique entre nós o que é belo e sublime, puro e comovente em detrimento do que é desprezível, desumano, corrupto e reprovável; em detrimento dos que rejeitam a ética, a moral, o humanismo, a ciência, a cultura, enfim dos que vendem a Pátria ou querem destruir o mundo.

Pensando na imortalidade dos membros desta Casa de respeito e tradição, a que pertenceram os homenageados e onde ainda nos visita pelas suas obras o espírito deles, é que a ela me dirigi com estes versos:

*Nada é difícil para o forte -
reza o teu lema de combate,
no qual se evoca toda a coorte
dos que o empecilho não abate.*

Do herói sem nome e do que porte
uma alta fama e que se acate
herda o valor o que em ti aporte,
seja escritor, cientista ou vate.

Assim, às veias nos passou
do homem do mar, da urbe ou caatinga
a honra que ignora Waterloo.

Cronos em ti ódio não pinga.
Podes alçar bem alto o voo,
sem que tua raça um dia se extinga.

Raça de bravos, de estudiosos, de letrados, de intelectuais, de cientistas, de construtores de uma cearensidade e de uma brasilidade dignas, a raça desses quatro confrades centenários, que a nossa saúde e o nosso culto presentificam.

Focalizemos, pois, os confrades acadêmicos nascidos há 100 anos, portanto em 1917. Começemos pelo perfil de Mozart Soriano Aderaldo. Vindo à luz em Brejo, no Maranhão, cedo se transferiu para Fortaleza, dada a origem cearense de sua família, precisamente provinda de Mombaça. Completamente integrado nesta cidade, onde se formou em Direito, exerceu funções políticas, administrativas, jornalísticas, históricas e literárias, é a ela que dirige dois dos seus princi-

pais livros: *História Abreviada de Fortaleza e Crônicas sobre a Cidade Amada* (1974) e *A Praça* (1989), este se referindo à Praça do Ferreira e cuja 3ª edição lançou-se este ano, com apresentação magnífica do Acadêmico Juarez Leitão.

Distinguindo-se no âmbito da Literatura como poeta, autor do livro *Apoemas* (1949), escrito, em parceria, com José Stênio Lopes, mas sobretudo se destacando como ensaísta e crítico literário com a obra *Livros e Idéias*, que em sua segunda série recebeu o Prêmio Estado do Ceará de 1987, de Ensaio e Crítica, (que o de Poesia, por coincidência, este que vos fala recebeu), Mozart Soriano Aderaldo pôde ser um dos mais atuantes membros do grupo Clã, do Instituto do Ceará e da Academia Cearense de Letras. Nesta, foi diretor entusiasta de nossa Revista, cargo herdado por sua sobrinha, a Acadêmica Noemi Elisa Aderaldo, que o ocupa com brilho e competência, honrando a memória do tio ilustre.

No campo universitário, Mozart integrou o magistério da Faculdade de Ciências Econômicas e Administrativas da Universidade Federal do Ceará, o Conselho Universitário dessa instituição e foi fundador e primeiro Diretor da Escola de Administração do Ceará.

Com o belo título *No Mar de Tiberíades*, Mozart Soriano Aderaldo testemunha o seu desempenho de líder religioso, cristão, católico. Além dos citados, vários outros livros escreveu Mozart.

Nesta Casa foi saudado com imponente discurso pelo Acadêmico João Clímaco Bezerra.

E permitam-me que relembre haver sido mestre Mozart quem após em minha lapela o distintivo acadêmico na noite de minha posse nesta Academia e por convite do Presidente Cláudio Martins.

Honrarias recebidas pelo Acadêmico: Medalha José de Alencar, Medalha Barão de Studart, Medalha Boticário Ferreira, Troféu Sereia de Ouro e o título de Professor Emérito da Universidade Federal do Ceará.

José Rebouças Macambira nasceu em Palmácia, Ceará. Era um espírito inteiramente votado ao estudo, à pesquisa linguística e às lides do magistério. Licenciado em Letras Neolatinas pela Faculdade

Católica de Filosofia do Ceará, dedicou-se, com maior afinco, dentro da Linguística, à Fonética, havendo participado de seminários de sua especialidade no Brasil e na Alemanha. Foi professor de Linguística na Universidade Federal do Ceará, professor auxiliar de Grego, Latim e Francês no Liceu do Ceará e professor titular de Latim no Colégio Municipal Filgueiras Lima.

Sabe-se que a comprovada erudição do Prof. Macambira não se atinha apenas ao conhecimento profundo e especulativo da Linguística, mas ao das línguas clássicas, Grego, Latim, Sânscrito, e ao de alguns idiomas modernos e suas respectivas literaturas: Francês, Inglês, Alemão, Italiano, Espanhol, Russo, pelo que era considerado um poliglota.

Recebido nesta Casa pelo poeta e crítico Otacílio Colares, lê-se no discurso de recepção: “É preciso verificar [...] que, quando o professor Rebouças Macambira pesquisa e analisa o fenômeno formal da Poesia, não o faz somente como um estudioso puro e simples, sim, como artista, que a arte do verso não lhe é defesa; antes ele a domina com donaire, comportando-se nas medidas tradicionais”. De fato, o professor Macambira cultivava, ao lado dos estudos linguísticos, a arte do verso, havendo enfeixado no livro *Musa de Aquém e de Além* (1981) os seus poemas de feição neoparnasiana, perfeitos na forma e imbuídos de lirismo sentimental, junto com traduções de importantes poetas do mundo.

Estas as suas principais obras no campo da Linguística: *A Estrutura da Oração Reduzida* (1971); *Português Estrutural* (1974, 2ª edição 1978); *Estrutura Musical do Verso* (1977); *A Estrutura Morfo-sintática do Português* (1978); e *Diátese Verbal* (1979). Como tese de Livre Docência escreveu *A Estrutura do Polifôno*.

Antes mesmo de pertencer a esta Casa, integrou a Academia Cearense da Língua Portuguesa.

Honro-me de haver sido seu aluno no Curso de Letras da UFC e, como tal, testemunho a sua competência magisterial, cheio, que ele era, de um devotamento invulgar ao ensino como poucos, a transmitir suas teorias e conhecimentos de sua especialidade com uma convicção

exemplar. Ao aposentar-se, recebeu o título de Professor Emérito da Universidade Federal do Ceará.

Newton Teófilo Gonçalves nasceu em Fortaleza e formou-se pela Faculdade de Medicina da Bahia em 1939. Especializou-se em Clínica Cirúrgica e Anatomia Patológica no Rio de Janeiro e em Administração Universitária em Michigan, Estados Unidos. Exerceu vários cargos administrativos ligados à Medicina, distinguindo-se o de médico do Ministério da Marinha, chefe dos Serviços de Cirurgia da Santa Casa de Misericórdia de Fortaleza e do Sanatório de Messejana. Foi um dos cinco fundadores da Faculdade de Medicina do Ceará, onde pontificou como titular e diretor. Na Universidade Federal do Ceará, exerceu importantes cargos, sobressaindo o de Vice-reitor.

Entre as honrarias recebidas, excelem a Medalha do Mérito Naval da Espanha, a Medalha da República Federal da Alemanha, a Medalha da Abolição e o título de Professor Emérito da Universidade Federal do Ceará.

Foi sócio fundador da Academia Cearense de Medicina e membro do Colégio Internacional de Cirurgiões.

Não era afeito à publicação de livros, mas Newton Gonçalves escreveu numerosos trabalhos em jornais e revistas sobre temas humanistas, ocorrências do cotidiano e assuntos de sua especialidade médica, e foi sempre considerado um escritor erudito e senhor dos casos e questões que focalizava ou discutia.

Citado pela poetisa e Acadêmica Beatriz Alcântara em recente palestra, o confrade Murilo Martins, em pronunciamento definitivo, assim se expressa: “Newton Gonçalves como médico e escritor [...] manejava o bisturi nas cirurgias da mesma forma que empunhava a pena na feitura de seus trabalhos: com destreza, elegância e saber”.

Na verdade, Newton Gonçalves emitia lúcidas e fundamentadas opiniões sobre escritos que lia. A conferência “Ciência e Literatura”, pronunciada como aula inaugural no Curso de Aperfeiçoamento em Análise e Interpretação Literárias da UFC, registra toda a capacidade do nosso confrade na compreensão do científico e do literário. Recebi de

sua pena, por gentil correspondência, algumas dessas opiniões sobre escritos de minha autoria, e até citou-me em seu discurso de posse nesta Casa, quando se ocupava de Joel Linhares, a quem sucedeu neste sodalício e aproveitando o pronunciamento de minha lavra sobre esse meu tio. Ao seu prestígio de Vice-reitor devo também a impressão do meu livro *Voz das Coisas* pela Imprensa Universitária.

Recebido nesta Casa pelo confrade e Ex-governador Lúcio Alcântara, seu ex-aluno, e sucedido pela confreira Beatriz Alcântara, Newton Gonçalves recebeu dos dois, em seus respectivos e magníficos discursos, as mais autorizadas e convincentes homenagens.

Itamar de Santiago Espíndola era fortalezense e bacharelou-se pela Faculdade de Direito do Ceará em 1939. Espírito inquieto pela busca incessante de conhecimentos em profundidade e abrangência, não se conformou só com o saber jurídico, próprio de sua formação profissional, mas empreendeu uma ininterrupta jornada de estudos e pesquisas no âmbito dos mais variados saberes: na Psicologia, na Literatura, na Medicina, na Filologia, na Parapsicologia, na História e na Religião.

Emitiu como escritor e jornalista, em ensaios de numerosos livros e em muitos artigos e crônicas de jornais, suas ideias, alicerçadas em acuradas leituras e elucubrações.

Como advogado, chegou a presidente da Ordem dos Advogados do Brasil, secção estadual, e do Instituto dos Advogados do Ceará. Foi fundador e presidente da Academia Cearense de Retórica e da Academia Cearense da Língua Portuguesa, além de haver pertencido ao Instituto do Ceará, Histórico, Geográfico e Antropológico.

Destaquem-se estas obras da diversificada bibliografia de Itamar: *A Formosura e a Beleza Feminina* (1958); *Escolha Bem o Nome de Seu Filho* (1974); *No Mundo das Excentricidades* (1977); *João Paulo II à Luz da Psicognomia e dos Gestos* (1979); *Três Santos Populares no Ceará* (1979).

Como acadêmico, foi o principal articulador da escolha de Artur Eduardo Benevides para Príncipe dos Poetas Cearenses e, na qualidade de Secretário Geral da entidade, dinamizou-a em consonância com o

Presidente, sobretudo quanto à instituição de, em cada reunião ordinária, assistir-se à apresentação de uma conferência a cargo de um dos confrades, prática que o Presidente Ubiratan Aguiar reinstituiu em muito boa hora.

Itamar Espíndola recebeu de Artur Eduardo Benevides a saudação acadêmica em comovente peça oratória.

Distinguiram-no as seguintes honrarias: Medalha da Abolição, Medalha do Centenário do Instituto do Ceará, Medalha Advogado Padrão e Medalha de Bons Serviços do INPS.

Foi de bom alvitre fazer-se incidir a presente solenidade com a comemoração da árvore. É que a Academia possui muito do caráter desta. A reciprocidade dos nossos intuitos e interesses forma o ser da entidade, que se assemelha à árvore. Como esta, o sodalício oferece-nos raízes, seiva, sombra, oxigênio e frutos. As raízes figuram o fundamento de sua tradição; a seiva, razão cultural, artística e científica de sua existência, é a força que nos faz criar, produzir; a sombra constitui o espírito comunitário que nos abriga; o oxigênio oferece-nos a condição vital e exultante, que nos energiza os anseios mais legítimos para as nossas realizações intelectivas, catárticas, edificadoras; os frutos representam o resultado do que nos propomos individual e comunitariamente. E quanto mais nos impregnarmos da consciência de assemelhar-nos ao vegetal, tanto mais colaboraremos com o motivo ecológico do culto à árvore, o qual ensejou a criação do dia consagrado a ela.

E, se elastecermos aos confrades centenários a concepção de a Academia semelhar-se à árvore, veremos cristalizada a imortalidade deles com uma como que transcendental natureza arbórea.

E agora, o momento da apoteose. Porque pressinto, como poeta espiritualista, que a nossa saudade e o nosso culto admirativo fazem reviver diante de nós, mercê da importância de suas obras e de suas vidas, as quatro personalidades centenárias que homenageamos. E eis os antigos Acadêmicos adentrando, um a um, este recinto sagrado, surpresos com a magnificência em que o Presidente José Augusto Be-

zerra transformou esta Casa para a renovação intelectual a que a está levando o Presidente Ubiratan Diniz Aguiar. Eis que surgem com as suas feições renovadas, para receber o nosso abraço: Mozart Soriano Aderaldo, portando o seu livro *A Praça* e talvez determinado a recolocar em minha lapela o distintivo acadêmico que aí colocara por ocasião de minha posse nesta Academia; José Rebouças Macambira trazendo o seu livro *A Estrutura Morfo-sintática do Português* e com o mesmo ar risonho com que recebeu o prêmio de melhor dançarino do Ideal Clube; Newton Teófilo Gonçalves, na sua elegante austeridade de erudito, empunhando o seu bisturi de cirurgião e sobraçando sua conferência “Ciência e Literatura”; Itamar de Santiago Espíndola, de caneta em punho e trazendo o seu livro *No Mundo das Excentricidades*.

Ei-los redivivos no nosso meio, ratificando a imortalidade, e receptivos ao carinho do nosso culto. Aplaudamo-los com veemência!

Espaços e inespços na memória da infância em Itinerário: Trinta anos de poesia, de Linhares Filho⁴

Angela Gutiérrez

Homenagem

Início minha participação nessa mesa-redonda sobre o Grupo SIN com homenagem a um membro do Grupo que logo todos saberão quem é. O pequeno texto que lerei foi publicado na coluna Opinião d'O POVO, em março de 2015.

“A estrela azul e o momento verde

No mundo atribulado por preconceitos e injustiças, manchado com o sangue da violência contra criança e gente grande, no planeta que abomina a delicadeza e respira os ares do ódio, nem tudo são trevas: existe um lugar em ‘que uma estrela azul brilhou no céu’ e onde ‘ainda que tranquem o nosso quarto/e apaguem a luz/o sol existe’; e um tempo em que ‘nosso momento é verde/ como as cantigas do mar!’.”

Antes que mensagens inundem minhas caixas de correio virtual, whatsapp e telefone e me mandem recados pelas redes sociais da internet, perguntando onde e quando é possível chegar ao espaço da estrela azul e ao tempo do momento verde, já vou oferecendo mapa e cronologia: na obra do poeta Horácio Dídimo, ontem, hoje e sempre.

Dizem que Horácio nasceu há oitenta anos, mas gosto de imaginá-lo com apenas oito - menino de coração tão grande que nele cabe toda a humanidade e os seres do mundo que criou: passarinho carrancudo, dona carochinha enfezadinha, dragão mansinho (“que usava laço de fita na cabeça”, mas “ai de quem chegasse perto dele”), sapãozinho, dona Aranha e suas aranhinhas...

4 Participação da acadêmica Angela Gutiérrez em mesa-redonda sobre Grupo SIN, em 24 de novembro de 2017, no Auditório José Albano da Universidade Federal do Ceará.

No entanto, Horácio chega à idade em que se costuma, como dá exemplo o Casmurro de Machado, “atar as duas pontas da vida”. Se Casmurro, ao rever suas contas da existência, encontrou saldo negativo, Horácio, se as fizer, encontrará grandes créditos: o amor de Evendina, com quem viaja pela vida em nave de ouro e prata, na doce companhia de filhos e netos; a presença constante das *Harmonias do Pai Nosso* nos incontáveis gestos de doação aos irmãos em Cristo, cada vez que sorri, escreve, fala; o rico legado à literatura, que vem construindo desde muito jovem, em especial, à literatura infantil, através de sua obra de poeta e professor; a grande roda de amigos e leitores que cativa, com simplicidade franciscana, desde que abriu os olhos para a luz da vida.

- Horácio, sei que sua modéstia vai reclamar, mas uma verdade tenho que bradar: “Quem nasceu e o poeta Horácio e seus poemas não conheceu, ainda não viveu!”

Itinerário: Trinta anos de poesia

Nessa mesa sobre membros do Grupo SIN, recordarei a coletânea de poesia *Itinerário: Trinta anos de poesia*, publicada em 1999, por Linhares Filho, membro da Academia Cearense de Letras e Príncipe dos Poetas Cearenses, e nela buscarei salientar sua memória poética da infância.

A fortuna crítica de Linhares Filho é excepcionalmente rica. Poetas e críticos como Carlos Drummond de Andrade, Jacinto do Prado Coelho, Afranio Coutinho, Assis Brasil, Cassiano Ricardo, Pedro Lyra, recentemente falecido, Moreira Campos, Sânzio de Azevedo, Braga Montenegro, Artur Eduardo Benevides, Francisco Carvalho, Pedro Paulo Montenegro, Luiz Tavares Jr., citados sem ordem, apenas acompanhando a vinda à memória, manifestaram-se sobre sua obra. Vale salientar que muitos coincidem em apontar o traço universalizante como marca mais sensível da poesia de Linhares Filho.

No prefácio da obra de estreia de Linhares Filho, *Sumos do tempo*, de 68, Braga Montenegro já identificara o que chamou de “defi-

nição da atitude poética” do escritor, em dois versos do poema “Entre nuvens”, que abrem o livro: “Escolhi a melhor parte,/ o utilitarismo não me convence.” Realmente, ao longo da trajetória de sua poesia, o poeta mantém-se fiel a essa “melhor parte”, ou seja, à busca da transcendência dos sentimentos do homem no mundo.

No intuito de bem dividir o tempo dessa mesa com as duas escritoras, amigas e colegas acadêmicas, Lourdinha Leite Barbosa e Marly Vasconcelos, a quem saúdo com carinho, opto por deter-me somente em um ângulo da tão multifacetada poesia de Linhares Filho, querido colega, por muitos anos, no Departamento de Literatura e no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Ceará. Escolhi rever a coletânea *Itinerário: Trinta anos de poesia 1968-1998*, em que Linhares comemora seus trinta anos de poesia, oferecendo-nos um presente: a possibilidade de visualizarmos em um só volume toda sua obra poética até a data de publicação desse livro, acompanhada de comentários críticos de escritores e ensaístas de grande sensibilidade. Entre tantas vertentes de sua poesia nessa coletânea: a lírico-amorosa, a de admiração e louvor, a de viagens ou, ainda, a vertente cívica e outras mais, comentarei uma que me toca especialmente o coração: a do passeio de sua memória pelos espaços-inespaços da infância.

Desde *Sumos do Tempo*, passando por *Voz das coisas*, *Frutos da noite de trégua*, *Tempo de Colheita*, *Andanças e marinhagens*, até *Rebuscas e reencontros*, Linhares Filho é o poeta que revê o passado que, pela força evocatória de sua linguagem, presentifica-se e, ao mesmo tempo, distancia-se como tempo mítico. Senão vejamos no poema “Retrospecto”, que traz a bela epígrafe de Drummond:

Mas as coisas findas,
muito mais que lindas,
essas ficarão.
Escreve Linhares:
Guardei a minha infância
como o mágico guarda sua bola de vidro

e o tocador de flauta, o seu instrumento.
O menino que se salvou de naufrágios
e ainda trago em mim, espreita nos meus olhos
com seu olhar tímido e suas calças curtas.
Posso então descobrir segredos de outros mundos
e ouvir a música de outros tempos...

Se a presentificação do passado realiza-se pela incorporação do menino tímido de calças curtas que o adulto traz dentro de si e com quem divide o olhar-o-mundo, a mitificação do passado acontece na possibilidade de o poeta descobrir outros mundos vedados ao adulto, através de seu olhar infantil.

A memória também aparece em *Sumos do Tempo* pela angústia bandeiriana do poema “Profundamente”, a sensação *du temps perdu*:

Onde estão meus coiós, minhas chuinhas,
meus balões...?
Que vento mau soprou as cinzas da última fogueira?

Ou, ainda, na “Elegia do cavalo da infância”, ao constatar que seu cavalo

De vento sob os açoites
preto que era, - para sempre
ter-se-á fundido na noite...

Em *Voz das coisas*, de 79, na “Canção equina”, o poeta retoma o motivo do cavalo, agora mitificado - “Talvez seja ele o zumbi/ do bom cavalo da infância” -, transformado em uma espécie de entidade divina, ou como diz, com uma entonação que lembra o acento de Jorge de Lima:

Meu cavalo tem o pelo
de luar como o de São Jorge.

Porém, mais do que zumbi, seu cavalo representa a própria imaginação e a poesia, pois:

Fita-me com olhos de espera,
enquanto pasta no tempo:
seu brando olhar me convida
para os galopes de vento.

Diferentemente do personagem de Jorge Luís Borges, “Funes el memorioso”, cuja “implacable memoria” nada podia esquecer, Linhares recorda, ou seja, traz de volta ao coração, os fragmentos de vida que mais fortemente feriram sua memória. Assim, como quem recolhe os objetos de valor de um sótão, o poeta constrói o seu passado poético:

Eu dormindo e, sobre o meu
sono de menino,
fantasmas passeando
o seu mundo antigo.

Os temas que o poeta recolhe da matéria de sua memória infantil referem-se, sobretudo, ao ver-o-mundo do menino tímido em Lavras da Mangabeira: a casa, os pais, o rio, o cavalo.

Em *Frutos da noite de trégua*, de 83, o tom memorialístico até surpreende Almeida Fischer, por ver uma poesia outonal na pena de um jovem de 40 anos. Nesse livro, destaco, na linha da memória, sobretudo “Lavras da Mangabeira revisitada” e os poemas “Escritura metafísica” e “Projeto de casa”.

No primeiro, o poeta, como um bardo romântico, convoca seus fantasmas:

Chegam-me ao aposento qual fumaça
que entrasse em espiral pela janela,

por onde comecei a olhar o mundo,
e por onde emiti grandes anelos.
Sinto os meus mortos, não os ouça embora:
são sombras que se alastram pela noite,
esvoaçam no aposento e se evaporam.

A evanescência dessas recordações traduz-se na dificuldade de apreender os mortos, embora possa senti-los e percebê-los. Dois poemas, que considero irmãos, parecem demarcar mais firmemente os limites da memória do poeta: “Escritura metafísica”, que anuncia a venda da casa paterna, mas insiste:

Só não vendi os segredos
de certo modo de morar,
espalhados pelos cantos;
de inserir nos espaços o inespço.
Nem tampouco vendi os meus fantasmas
que surgiam ali com seus enpantos.

E “Projeto de casa”, que sugere uma certa predominância do presente sobre o passado, com a construção da nova casa, como diz o poeta “ambiente para o amor e o sonho” ou seu “bateau ivre”. No entanto, mesmo na nova casa, o poeta não esquece sua herança recolhida no sótão da memória:

Pelos vãos espargirei
todo o peso do passado,

Em *Tempo de colheita*, de 87, a memória se apresenta sob a forma de elegias: “Elegia na tarde” e “Elegia da casa”. Na primeira, o entardecer propício para recordações faz o poeta lembrar um quadro de harmonia familiar:

o jardim trescalava amor
e era tudo tão belo e doce,
qual se do céu um arremedo fosse

Ao relebrá-lo, o adulto entende o que é a transitoriedade do tempo, percepção que o menino não pudera ter:

Indo-se pelo vento aquele doce abrigo
e evanescentes tons só ficando comigo,
vi claro o que era ser por pouco tempo.

Na “Elegia da casa” , mais uma vez, transporta-se o poeta a seu velho mundo, que agora já não consegue fazer reviver, nele só encontrando aura sepulcral, sombra, vento frio, e uma pitombeira que murmura tristonha: “que a vida é vã, desfaz-se na poeira...”

Em *Andanças e Marinhagens*, de 93, livro do conhecimento do mundo, das experiências de passado recente, restam, no entanto, notas de reminiscência em alguns poemas, como no soneto “Lavras da Mangabeira, lembranças”, que surge em contraponto aos novos lugares onde o poeta aporta. Esse poema mais canta o orgulho da terra do que o sentimento dos tempos pretéritos aí vividos:

Vale mais do que o ouro, que se ostenta,
aquele ouro ideal, que jaz eterno
nas jazidas que ocultam teu primor

No último livro coligido no *Itinerário* de Linhares Filho, *Rebuscas e reencontros*, de 96, Dimas Macedo salienta “poemas de buscas e reencontros do passado, de revisita de lugares perdidos e achados” - de que consideramos representativos os poemas de “Postais lavrenses, Flamboyants”, “Tamarindos do mercado”, “São Vicente Ferrer, Orago da Matriz”, “Rio Salgado”, “Rua Monsenhor Meceno” e o anterior a esses, “Canção para Lavras”. Neles, como se o poeta já tivesse expiado seu passado, os lugares da infância são pintados como postais do título geral de alguns poemas.

No entanto, diferente vertente da memória, aquela que remete à desilusão com seu poder evocatório, apresenta-se no poema “Em vão”, na constatação da impossibilidade de reviver o passado:

Trago comigo o mugido dos bois...
Andorinhas, porém, levaram a primavera,
e triste aqui fiquei em longa e absorta espera,
sem poder transformar no antes o depois.

Tendo, pois, buscado reintegrar o passado no presente em seus primeiros livros, Linhares Filho, em obras subseqüentes, parece substituir o tema por outros, como o da descoberta de novos espaços - novas terras ou nova casa -, como se, exaurido pela impossibilidade de reter o passado no presente, aceitasse, maduramente, apenas espargi-lo (usando sua própria expressão) sobre sua obra poética e sua vida.

O poeta, por também ter buscado e reencontrado seu tempo, parte, em suas obras seguintes, agora coligidas na coletânea *Itinerário: 45 anos de Poesia*, publicada em 2015, para a conquista de novos tempos e nos presenteia com delicadas joias poéticas do passado recente.

TEOLINDA GERSÃO: Breve notícia de seu percurso na literatura⁵

Angela Gutiérrez⁶

É com imensa honra e grande prazer que abro essa sessão em que nós, membros da Academia Cearense de Letras, e nossos convidados – membros de outras entidades culturais, professores, alunos, intelectuais, leitores – recebemos, nessa noite amiga, a prestigiada escritora portuguesa Teolinda Gersão para lançamento de seu premiado livro *A Cidade de Ulisses* e para ouvir seu depoimento sobre essa bela obra que acaba de ser publicada em edição brasileira pela Editora Oficina Raquel.

Nesse momento triste e acabrunhador que o Brasil sofre, ouvir a palavra forte, equilibrada e delicada de uma mulher tão consciente da relevância da literatura e das outras artes em um mundo em crise de valores e tão sensível aos problemas da civilização contemporânea, será um momento mágico de alegria.

Agradecendo a presença de nossos convidados, amigos e amigas da Casa de Thomaz Pompeu e admiradores de Teolinda Gersão e sua obra, passo à breve apresentação da escritora.

Ao vislumbrar Coimbra, pela primeira vez, sua bela silhueta, ao longe, debuxada sobre intenso azul, meu olhar fez-se música, e retornei às noites de minha infância, quando meu pai cantava - “Coimbra onde uma vez/ Com lágrimas se fez/A história dessa Inês tão linda...” - , a doce canção que levou Coimbra a passear em Paris, Roma, Madri, em toda a Europa, atravessar mares, vir para as Américas, e descansar sob a imensa copa de uma centenária mangueira, no sítio de minha avó, em noites estreladas, de sonhos acordados, com reis, rainhas, príncipes, princesas e um amor mais forte que a morte.

5 Apresentação da escritora Teolinda Gersão, no lançamento de seu romance *A Cidade de Ulisses*, no Palácio da Luz, sede da Academia Cearense de Letras, em sessão da ACL, no dia 5 de outubro de 2017.

6 Angela Gutiérrez, Vice-Presidente da Academia Cearense de Letras, no exercício da Presidência

Quando me chegou do passado a voz de meu pai cantando Coimbra, eu me encontrava no outro lado do Rio Mondego, a caminho da Quinta das Lágrimas. Depois de visitar as obras de arte que trazem Inês de volta à Quinta, e de conhecer os jardins em que, conta a lenda, Inês passeava com seu amado Pedro, atravessei o rio, entrei na cidade medieval e Coimbra entrou, para sempre, em meu coração.

Nessa cidade tão linda como a Inês que Camões cantou em sua imperecível epopeia do povo português, nasceu Teolinda Gersão que, hoje, visita nossa cidade de sol e mar, onde, nascida da imaginação de Alencar e de outras lendas e mitos de nosso povo mestiço, Iracema viveu o amor e por ele deixou-se morrer. Na famosa Universidade de Coimbra, nossa convidada Teolinda estudou Letras, como também em Tübingen e Berlim, tendo alcançado o auge de sua carreira no magistério universitário ao tornar-se catedrática da Universidade Nova de Lisboa, onde lecionava Literatura Alemã e Literatura Comparada.

Aqui paro para expressar uma dúvida. Faz sentido apresentar Teolinda Gersão, escritora internacionalmente conhecida e aplaudida, autora de dezessete livros de ficção narrativa, respeitada pela crítica e por instituições que a reconheceram com a outorga de relevantes prêmios literários, com obra estudada em dezenas de teses de mestrado e doutorado, defendidas em universidades de Portugal e de outros países da Europa – Inglaterra, França, Itália, Espanha e tantos mais -, e, também, de países das Américas - Brasil, Estados Unidos, México... entre outros; escritora cuja voz não ecoa somente no meio acadêmico, pois o acesso à leitura de seus livros chega, por traduções em pelo menos doze línguas, a grande número de leitores que falam inglês, francês, italiano, espanhol, alemão, holandês, romeno, croata, árabe, eslovaco, tcheco e búlgaro... Faz sentido, repito, apresentar Teolinda Gersão? Pode parecer totalmente desnecessário, mas, infelizmente, sim, ainda é preciso apresentar Teolinda porque, como poucos dentre seus livros foram publicados no Brasil, a *A Árvore das Palavras*, em 2004, pela Editora Planeta, e agora, em 2017, *A Cidade de Ulisses*, pela Editora Oficina Rachel, o conhecimento sobre a extraordinária

escritora e sua obra concentra-se, em algumas cidades de nosso país, intramuros das universidades, e ainda não enriqueceu o grande conjunto de leitores do Brasil.

Em breves pinceladas, pois os convidados aqui vieram para escutar o depoimento de Teolinda sobre seu romance *A Cidade de Ulisses*, que hoje é lançado no Palácio da Luz, sede da Academia Cearense de Letras, comento alguns passos de Teolinda em seu percurso literário e algumas passagens de sua fortuna crítica. Estreando na literatura com *O Silêncio*, em 1981, a escritora logo foi considerada pela crítica como uma nova e potente voz na literatura portuguesa. Ao comentar o livro de estreia da escritora coimbrã, Eduardo Prado Coelho, que, infelizmente, hoje já não vive entre nós, inicia seu artigo, "A seda do lenço", com longo trecho de *Perto do Coração Selvagem*, de Clarice Lispector e explica: "Mobilizo o nome de Clarice, neste primeiro lance de aproximação de um livro, por vários motivos. Em primeiro lugar, porque Clarice Lispector é um nome que ocorre ao longo da leitura do livro de que falo. Mas também porque, na citação feita, se esboça uma teoria da narração de que a narrativa de Teolinda Gersão se torna exemplo: cada experiência, cada acontecimento, forma seu círculo, o espaço de sua verdade evidente." Ao descrever a técnica narrativa do primeiro livro de Teolinda, que é constituído de três blocos, como círculos que se alargam, o crítico evoca o exemplo dos círculos que se formam ao impacto de uma pedra que cai na água. Essa descrição do modo gersiano de narrar será largamente discutida e retomada em estudos sobre a obra de Teolinda.

Em artigo a respeito do segundo romance da escritora portuguesa, "Paisagem com mulher e mar ao fundo: A positividade e a afirmação da diferença", José N. Ornelas, da Universidade de Massachusetts-Amherst, encontra um ponto essencial na interpretação da escrita de Teolinda Gersão: "afirmá-la como radical e subversiva de paradigmas e de visões ontológicas do sujeito clássico" (p.147).

Estava posto em evidência um dentre os traços que se revelariam mais marcantes na trajetória ficcional de Teolinda - a subversão de modelos: de gênero literário, de elementos da narrativa, de papéis

tradicionais do masculino e do feminino na narrativa, de escrita ficcional, de relação com outras artes e muito mais; a que se acrescenta outra linha: a corajosa atitude narrativa de enfrentar temas políticos, como as guerras coloniais, a revolução e o período salazarista, inclusive criando, em *Paisagem...*, um personagem, O.S., identificado como uma sombra ou duplo do ditador português Oliveira Salazar.

Nesse romance, como já indica o título de seu artigo, uma importante questão é realçada pelo crítico Ornelas: a “afirmação e valorização da diferença vista como um processo constante e múltiplo de transformação...”. O autor contrapõe essa marca na obra de Teolinda ao que chama de “retórica da universalidade e da transcendência da causa e da missão portuguesas”, que “não é nada mais do que uma forma de ocultação dos modos como as estruturas opressivas e discriminatórias de poder se perpetuam e se mantêm” (p.149).

Se Ornelas realça a afirmação e a valorização da diferença como uma marca que perpassa toda a obra de Teolinda, Lilian Jacoto, professora da USP, no texto “A pena da galhofa de Teolinda Gersão: A Casa da Cabeça de Cavaló”, concentra em poucas linhas o teor da diversidade nas obras da escritora: “Parece haver tantas teolindas quantos os romances que ela escreveu e, ainda, felizmente escreve. A sua intimidade com o gênero – prática e teórica – é o que fomenta, certamente, tanta diversidade. Intimidade de quem pensa, faz, ensina e aprecia a prosa de ficção, dotando-a sempre, para além do prazer, de uma boa dose de reflexibilidade (p.1).

Essa ideia da relação entre a vida real (os conhecimentos teóricos e práticos da escritora enquanto professora) e sua criação literária são, de certa forma, retomados e ampliados na fortuna crítica de Teolinda pela polonesa Agnieszka Jastrzêbska, no ensaio “Os Guardas-Chuvas Cintilantes de Teolinda Gersão – um curioso jogo entre a vida e a escrita”, em que a crítica analisa o terceiro romance de Teolinda, que se apresenta como um diário, mas um diário que subverte o gênero, pois suas anotações não guardam sequência temporal nem lógica e nem o mesmo tipo de discurso.

Entre tantas obras de Teolinda, uma novela de menos de cem páginas, que nos apresenta a menina Ilda a olhar seu pequeno mundo, merece especial atenção: *Os anjos*. O jornalista francês Christophe Tison encanta-se com a poeticidade do livro e declara: “Este pequeno livro é um grande romance. Muito tempo depois de tê-lo fechado, ainda ouvimos a voz de Ilda [...] Isso é a marca das obras-primas”.

Dentre a rica bibliografia ficcional de nossa convidada, destaca, ainda, o romance escrito depois de uma visita da autora a Moçambique, *A Árvore das Palavras*, de 1997, em que a autora imerge no universo feminino de outra cultura que não aquela em que vive e trata com especial sutileza os dilemas da narradora Gita, entre a Casa Branca e a Casa Preta. Aliás, Raquel Laurino Almeida (FURG) analisou esse romance como a criação de um entrelugar entre as Literaturas Portuguesa e Africana.

Nesse “vol d’oiseau” sobre a bela, original e profunda ficção de Teolinda Gersão, pouco direi sobre o livro *A Cidade de Ulisses*, publicado em 2011, e aqui hoje lançado, pois uma voz mais alta se alevanta: sua própria autora o comentará. Ressalto que, ao escolher como porta de entrada a seu romance a epígrafe “De minha língua vê-se o mar”, extraída do texto “A voz do mar”, de Vergílio Ferreira, Teolinda muito nos diz: integra-se a uma longa vocação marítima de Portugal, assumida e cantada por escritores portugueses – “Navegar é preciso”, dizia Fernando Pessoa -; e inclui-se entre os que mantêm fortes laços de amor à língua portuguesa – “Minha língua é minha pátria”, como também dizia o grande poeta lusitano, aliás, as duas frases passaram a fazer parte do acervo de expressões dos falantes de nossa língua. Mas, se Teolinda une-se a seus antecessores pelo apego ao mar e à língua, cria modos bem pessoais de ressignificar essas duas entidades de identificação nacional. Entre esses, o humor, como o usa nesse romance sobre a poesia e a figura do próprio Fernando Pessoa.

Poderia tocar em tantos pontos instigantes do livro: na bem construída trama amorosa; no narrador, Paulo Vaz, que pode ver mais do que o clássico narrador de primeira pessoa, ao penetrar, pela ima-

ginação, no íntimo da protagonista Cecília Branco e intuir o que ela pensava e sentia ou, pela memória infantil, no íntimo de sua mãe; na passagem do tempo em Lisboa, dos romanos aos tempos da Inquisição, aos dias atuais; no espaço multifacetado da cidade, em diferentes tempos e visto por diferentes olhares, como se um arqueólogo nos mostrasse camadas e mais camadas de Lisboa em larga e profunda escavação da cidade; na criação de uma outra Lisboa através da exposição “A Cidade de Ulisses” ...

Saliento um pontinho, no meio do universo da obra, que em nós, brasileiros, tenderá a doer - a angústia de conviver com a corrupção institucionalizada e os males dela decorrentes, que os habitantes de Portugal já viveram e nós, hoje, vivemos. Resta-nos a esperança de que se houve solução para o problema em Portugal, com retorno à democracia plena, aqui poderá acontecer o mesmo.

Depois de ler *A Cidade de Ulisses*, nossa imagem da cidade de Lisboa se enriquece, não só porque conhecemos melhor seu passado e seus diferentes espaços do presente, como porque à visão da cidade real, acrescentamos a cidade imaginária, a cidade nas artes, a cidade desejada, que o livro nos instiga a descobrir.

Bom, é hora de terminar essa breve notícia sobre o percurso literário de nossa convidada, para que tenhamos o prazer de ouvir Teolinda.

Universalidade e Literatura⁷

Maria Beatriz Rosário de Alcântara

Corre o ano do centenário desta Casa, Academia Cearense de Letras, e por tal acontecimento, Senhores Acadêmicos, a honra que me conferis ao me elegerdes um de vós desperta-me sentimentos de associação inusitada: humildade, orgulho e temor.

A humildade procede de quem acha-se, *ad semper*, a aluna incipiente de valorosos mestres que terão presença constante neste Sodalício, ainda que encantados, na mineiridade das palavras imagéticas de Guimarães Rosa, tais como Milton Dias, Rebouças Macambira e Moreira Campos, ou na manifesta presidência desta sessão, o Príncipe dos Poetas Cearenses, Artur Eduardo Benevides.

Orgulho-me de ter sido eleita acadêmica pelo mérito e constância da minha palavra escrita ao longo de duas décadas. Iniciei meu percurso literário em junho de 1973, ao publicar um pequeno ensaio crítico, *La Revolte Positive de Simone de Beauvoir* onde, buscando apoio em *Mémoires d'une Jeune Filie Rangée* e *Le Deuxième Sexe*, duas obras da escritora francesa, companheira de Sartre, observei aspectos da condição feminina de uma mulher que se havia determinado a possuir um lugar próprio no universo da Literatura.

A esta estreia ensaística seguiram-se várias outras publicações que evoluíram desde as experiências na Poesia Marginal com Boletim de Poesia, um regresso ao ensaio com *Fernando Pessoa e o Momento Futurista de Álvaro de Campos* e *Academia Brasília dos Esquecidos*, depois o ingresso na ficção curta com *Daquém e Dalém-Mar*, afora vários outros trabalhos publicados em antologias, revistas, jornais e suplementos literários.

Quanto ao temor, ele advém-me da certeza de que sou ainda pequena, no "engenho e na arte", para estar entre tantos doutos; no entanto, comprometo-me a partir deste momento e com a vossa sábia

7 Discurso de posse na cadeira 16, Patrono Franklin Távora. Em novembro de 1994.

ajuda, cumprir um destino acadêmico que, somando-se aos vossos, possa vir a contribuir para a continuidade e o engrandecimento desta tão prestigiada Casa, que hoje me acolhe e perfilha.

SENHORAS E SENHORES, devo-lhes confessar que nesta noite minha alma emigrante está posta em floração aos olhos de todos. Nasci no Brasil, muito pequena cruzei o mar e fui-me encontrar no aconchego dos avós paternos. Adquiri lusa nacionalidade, aprendi a leitura e a escrita de Portugal. O fado quis que meu pensar, minha emoção e meu agir se moldassem sob severos pórticos de cantaria lavrada, rios caudalosos a correrem sôfregos para o mar, outonos dourados, invernos sombreados de chuva, conversas sussurradas pelos mais velhos e atrevidamente espreitadas atrás de pesados reposteiros, senhoras eternamente viúvas do preto, os uivos distantes de alguma matilha de lobos acossada pelo frio e fome, os cantares e os folguedos das colheitas.

Falo-vos, senhores acadêmicos e amigos presentes, de uma mulher dalém mar, peninsular, beirã, de uma Beira para tantos distante ou mesmo desconhecida, mas que se orgulha de ter sido o berço da nacionalidade lusitana com Viriato, pastor dos Hermínios. Beira de Arganil, Benfeita e Coimbra, monumentos construídos na minha alma entre pedras, pinheiros e povoados, lendas, sinos de campanário, sorrisos e sermões dominicais, gente simples e gente erudita, rostos que não se apagam, fontes a surgirem mansas nas curvas da serra, rios e ribeiras correndo por entre xistos limosos, incêndios estivais, lágrimas, refugio ao frio na mesa do braseiro, histórias, valentias e fidalguices da família contadas para espaçar a tarde que teima em fazer-se noite, amigos sem tempo nem amor a ser medido.

Eis o substrato de quem nem imaginava vir a tornar-se escritora, pois que não era aos olhos dos que a cercavam, senão que uma garota doentia e pálida, resposta na ponta da língua, desastrada no convívio e com uma obstinada mania de ler.

Pela mente imaginosa e as palavras encantatórias dos irmãos Grimm, Jakob e Wilhelm aprendi a amar o que lia, pois que era através daqueles contos tão singelos de *Kinder-und Hausmärchen* que meu ser fantasioso achava guarida.

Nos livros da *Condessa de Ségur*, acreditei-me como uma possível heroína sobretudo em *Os Desastres de Sofia*, já que não havia como incluir-me entre *As Meninas Exemplares*, embora encontrasse em minhas longas folgas escolares elementos que se assemelhassem aos do livro *As Férias*.

Viajei por toda a França acompanhando, em regozijo ou no sofrimento, o pequeno órfão Remy e os cãesinhos amestrados da trupe de Monsieur Vitalis, de Hector Malot.

Como esquecer as histórias que pareciam sair de uma cestinha mágica, onde Sherazade as encontrava cada noite para entreter o rei Chariar e assim escapar à morte?

E o que não cresci e diminuí de tamanho com o gigante Gargântua e seu filho, o príncipe Pantagruel, criados pela inventividade literária de Rabelais?

A última leitura infanto-juvenil contudo, foi diferente. Encontrei-me aturdida, enquanto encantada, com o universo onde se moviam *Alice no País das Maravilhas* e os mais alucinados personagens da minha infância, o Chapeleiro Louco, a Lagarta, a Lebre de Março, a Rainha de Copas e o Gato Cheshire, tudo a reger-se pelo espelho distorcido da genialidade de Lewis Carrol, ou melhor, o pseudônimo sob o qual se escondia o senhor Charles Lutwidge Dodgson. Alice introduziu-me, sem que eu mesma o soubesse, no absurdo, no mundo dos símbolos.

O amor fez-se tempo e, pelas palavras de Júlio Dinis em *A Morgadinha dos Canaviais* e *As Pupilas do Senhor Reitor*, chorei os primeiros desencontros entre amados. Na ocasião, também não escapei de Charlotte Brontê, com sua *Jane Eyre*.

Menina-moça, às escondidas, apossei-me a par e passo de alguns romances de Eça de Queiroz, todos eles cuidadosamente encaipitados no alto de uma estante de meu tio Ângelo, o único ainda solteiro e morando em casa dos meus avós. Infelizmente, a mania que adquiri à época de utilizar o mesmo vocabulário dos livros denunciou-me, quando, imitando o personagem Carlos referindo-se a João da

Ega saí-me com a expressão -*Ah, um Mephistopheles de Celorico* - o que valeu o reconhecimento - *Com que então andas a ler Os Maias!* - e, uma boa reprimenda valeu-me a ousadia.

Com os livros, descobri também que a humildade não se prende tão só ao modo de se ater como pessoa. Ela é imprescindível no campo do saber e par a par com a determinação de não parar, nunca, de estudar e ler tudo, sem preconceitos, até o último sopro. Como ganhei a experiência do ser pouco? Vejamos, eu tinha por certo uns quatorze anos quando, sob a orientação de Mrs. Murphy, li *A Tale of Two Cities* de Dickens e alguns extratos de *King Lear* de Shakespeare, no original. Pensando ter, com estas leituras, adquirido acesso à Literatura, comprei na Livraria Sá da Costa, a dos intelectuais no Chiado, um livro que vi ser solicitado por uma senhora ainda jovem, a quem trataram de senhora dona doutora. *O Lobo da Estepe*, de Herman Hesse, foi o livro. Tudo revelou-se impenetrável da primeira à última página. Como saber qual o caminho de Harry, um labirinto ou o caos? Por que Hesse terminava a última linha com o grito -- *Mozart espera por mim?*

Muitas lágrimas de vergonha correram-me escondidas numa alma que pensava possuir alguma cultura e que, no entanto, revelava-se tão sem graça quanto o corpo adolescente.

Só muito mais tarde, quando foi-me dado ler *O Apanhador no Campo de Centeio*, de Jerome David Salinger, é que reconheci que o herói de Hesse, tal como Holden, de Salinger, peregrinava, rebelde e frustrado, na alienação dos tempos modernos.

Afastando-me do regaço familiar por dois anos para estudos internos em La Neuveville, saí do domínio de Gil Vicente, Bernardim Ribeiro e Camões - Já a vista, pouco e pouco, se desterra / Daqueles pátrios montes, que ficavam; / Ficava o caro Tejo e a fresca serra/ De Sintra, e nela os olhos se alongavam. / Ficava-nos também na amada terra/ O coração, que as mágoas lá deixavam. / E já depois que toda se escondeu, / Não vimos mais, enfim, que mar e céu. (Canto Quinto de *Os Lusíadas*), como também distanciava-me de Almeida Garrett, Alexandre Herculano, Cesário Verde, Camilo Castelo Branco, Antero

de Quental, Guerra Junqueiro, Aquilino Ribeiro e José Régio - Forças da terra e anjos do céu! valei-me, / Que eu sou medida, e vi a Vida imensa! / Peso que sou, roubai-me ao peso!, erguei-me/ Sobre a matéria própria minha, densa! / Eu ouvi-te, meu Deus! e continuei-me/ Em confusões, em dúvida, em descrença.../ Mas para além do que é em mim limite, / Não há um só poro meu que te não grite!, autores que me ocorrem nesta menção.

Iniciei-me na Literatura de língua francesa. Mlle. Sullvant conduziu-me através obras e autores de que já ouvira falar vez por outra, mas que só então me era dado apreciar. Aprendi a reconhecer o encanto rítmico da poesia, como em Ronsard, - *Minhonne, allons voir si la rose / Qui ce matin avait déclose / Sa robe de pourpre au soleil / A point perdu cette vesprée, / Le plis de sa robe pourprée, / Et son teint au vôtre pareil*. Tomei conhecimento da antagonia clássica - paixão, versus, razão - com os heróis do teatro de Corneille e Racine, enquanto Molière levava-me à compreensão não só das unidades teatrais como ainda à percepção e ao reconhecimento de que a genialidade tal qual a condição humana transcendem o tempo.

A leitura de Voltaire, Montesquieu, Diderot e Rousseau introduziu-me no pensamento filosófico, seja, racionalismo - versus - pré-romântica.

Os escritores do Romantismo, quando eu os entendi claramente, *ne m'attiraient plus tellement*, senão por um poema de Alfred de Vigny, *La Mort du Loup*, que se coadunava com a minha alma no esforçar-se para romper com a emoção fácil, *Seul le silence est grand; tout le reste est faiblesse. / ... Gémir, pleurer, prier, est également lâche. / Fais énergiquement ta longue et lourde tâche / Dans la voie ou le sort a voulu t'appeler, / Plus, après, comme moi, souffre et meurs sans parler*.

Quando os estudos me levaram a George Sand, Balzac, Stendhal e Zola, por conseguinte ao romance, apercebi-me de que havia como que uma sombra dentro de mim mesma, inquietante, a prender-me o olhar atento em tudo e a todos à minha volta. Comecei a rabiscar, num caderninho fechado à chave, o mais que me era dado observar. Chamei

a estas anotações secretas de *O Livro dos Outros*. Impiedosa, como só alguns adolescentes sabem ser, anotei tanto ridículo observado, tanta mentira depois desmentida, tanta verdade pela metade, que, um dia, tomada pela impressão de que as anotações para o romance haviam sido violadas e, temendo a ira dos muitos que por ali se veriam desnudos, lancei tudo às chamas da fornalha que aquecia a nossa casa naquele inverno. Contudo, antes que surgissem as primeiras folhas primaveris, um chá permitido na sala dos professores deu-me ocasião de presenciar uma discussão sobre a verossimilhança preconizada por Aristóteles,... *não é ofício de poeta narrar o que realmente acontece; é, sim, o de representar o que poderia acontecer, quer dizer: o que é possível, verossímil e necessariamente* (Poética) e por estes sábios ensinamentos dei graças ao frio e à fornalha que tão oportunamente ofereceram um fim ao que pretendi, de forma tão errônea, escrever como se romance fosse.

Retornando a Portugal, às sete colinas lisboetas, às avenidas pombalinas, à modernidade do Arieiro e ao término dos estudos regulares, resolvi cursar o Instituto Superior de Línguas e Administração.

Já estava no fim do segundo ano quando surgiu-me o imediatismo de voltar a cruzar os mares e retornar à terra-berço.

Adaptar-me ao Brasil foi processo de tal modo sedutor que tornou-se impossível, para mim àquela época, voltar a Portugal para sempre. Duas Pátrias, um enigma? Não, tenho consciência, qual Fernando Pessoa, de que *minha Pátria é a língua portuguesa*.

No exame de equiparação de estudos no Liceu do Ceará, tomei conhecimento, de algum modo, da civilização brasileira que, até então, era guardada em mim como cenário tropical fantasioso. Logo depois, trabalhando como pesquisadora, tradutora e intérprete para Ralph De la Cava, tomei conhecimento, dentre outros aspectos da cultura nordestina, do cangaço. Posteriormente, durante o Curso de Letras da Universidade Federal do Ceará, coube-me a leitura, entre tantas mais que iniciaram meu processo de aculturação à civilização brasileira, do livro *O Cabeleira* de Franklin Távora.

Hoje, Senhoras e Senhores, quando tomo posse da cadeira 16 na Academia Cearense de Letras, tenho como dever acadêmico ressaltar a importância de seu Patrono, João Franklin da Silveira Távora, um dos pioneiros do ciclo nordestino na Literatura Brasileira.

Controvertidas e, por vezes, depreciativas têm-se mostrado as opiniões críticas sobre o posicionamento de Franklin Távora ao que se convencionou chamar de Literatura do Norte. Antes, porém, gostaria de registrar dois aspectos que considero oportuno, diante do julgamento crítico de que foi alvo este escritor cearense citado em quase todos os compêndios literários do Brasil, com frequência, de modo depreciativo, conforme será dado observar pelas citações que arrolei para estas páginas.

A primeira opinião que desejo expressar prende-se ao fato de que um acontecimento literário necessita de um certo distanciamento temporal do fenômeno original. Alguns estudiosos estabelecem cinquenta anos, para que se possa fazer um juízo crítico com isenção.

Depois, há que frisar-se o fato de a crítica literária, exercida pelos contemporâneos de Franklin Távora, julgar, com muito rigor, os dotes literários emergentes, enquanto era possuidora de uma grande repercussão, quer em jornais, panfletos ou opúsculos. Assim, pois, de passar uma crítica adversa, era tarefa de Sísifo para um jovem nortista que, não possuindo uma obra ficcional de expressão, posicionara-se contra José de Alencar e subida audácia, propunha-se a pensar numa supremacia e purismo literário nordestinos, com a questão de uma Literatura do Norte.

José Veríssimo, na 5ª série da publicação *Estudos de Literatura Brasileira*, inicia seu estudo crítico dedicado a Franklin Távora afirmando que, *Franklin Távora é uma das mais queridas e saudosas recordações da minha vida literária* mas, ao longo do ensaio de seis páginas, explicita seu posicionamento: *Franklin Távora parece ter conservado sempre os seus preconceitos provincianos, nos quais de regra se misturam, procurando aliás esconder-se, uma admiração ou gosto exagerado da nossa Capital e a desconfiança do matuto.*

Eu não saberia dizer se não foi deste sentimento, feito de duas impressões desencontradas, que se gerou na mente de Távora a sua

ideia da Literatura do Norte... Na concepção de Franklin Távora, ...a preponderância que na primeira colonização e organização do Brasil teve o norte, as lutas e guerras que, nos Séculos XVI e XVII, sustentou,... a preponderância aí do elemento indígena... a diferença em que Franklin Távora assentou o seu conceito do fracionamento da literatura brasileira em setentrional e meridional, além daquelas razões de ordem histórica e social, há a razão geográfica, ... Norte e Sul são distintos... Não quero negar entre o Norte e o Sul, isto é, entre a gente do Norte e a do Sul, haja diferenças notáveis... Mas diferenças idênticas existem, verificam-nas todos os viajantes, assentam-nas nos seus romances todos os romancistas, nos mais unos dos velhos países europeus, como a França, apesar de quinze vezes menor que o Brasil, de quatorze séculos de trabalho de unificação e da extrema facilidade intercurso dos seus habitantes,... Quem... pensa em dividir a Literatura Francesa consoante o diferente viver, costume ou paisagem que ela representa?

Consultando Nelson Werneck Sodré em sua *História da literatura brasileira*, registrei algumas considerações acerca do determinismo literário de Franklin Távora em busca de uma Literatura Regional do Norte, que segundo o romancista, seria mais nacional porquanto distante das influências externas da colonização que ainda se processava no sul do Brasil. Escreve Sodré: *A ilusão do ficcionista cearense esteve em julgar a possibilidade de conferir caráter nacional a uma literatura por um ato de vontade, alheio a todas as condições do meio e do tempo.*

Faltando-lhe os dotes pessoais para uma tarefa tão ampla, embora não lhe faltasse capacidade para narrar, como ficou expresso em muitas de suas páginas, e particularmente naquelas de *Um Casamento de Arrabalde*, errou os caminhos e, procurando veracidade na cor local, desviou-se para as tramas históricas que constituíam justamente o antídoto para as suas intenções. Nelas se perdeu, e de tal sorte que considerava o que havia de melhor como ruim, e punha esperanças na falsidade de suas personagens e de seus quadros.

No entanto, é a Wilson Martins, no volume IV da *História da Inteligência Brasileira*, que deve-se uma das mais severas críticas, quando

alude à novela *Sacrifício* de Franklin Távora, publicada em capítulos na famosa *Revista Brasileira*. A simples evocação do nosso patrono da cadeira n.º 16 às *Viagens na Minha Terra* de Almeida Garrett nas primeiras passagens de *Sacrifício* suscitou de Wilson Martins esta observação: *Infelizmente, não se pode imaginar nada mais oposto ao estilo da prosa garrettiana que o de Franklin Távora. Em Sacrifício, particularmente, o diálogo é falso e empedrado, fazendo corpo com um texto escrito no estilo da descrição jornalística, repleto de tiradas pomposas. É uma novela romântica em que se percebe a contaminação de Paulo e Virgínia; fria e retórica, tem os defeitos do velho folhetim, já então anacrônico, sem apresentar-lhe as qualidades de interesse e movimento.*

Por outro lado, no volume referente à Era Modernista da coletânea *A Literatura no Brasil*, sob a direção do conceituado pesquisador Afrânio Coutinho, a corrente literária defendida e encetada por Franklin Távora é tida como um legado ficcional que ao desdobrar-se, aperfeiçoando-se, originou a vertente regional no romance brasileiro, cerne do ciclo nordestino modernista: ... ao romper-se a aurora modernista, em 1922, o romance brasileiro já havia fixado a sua fisionomia estética e temática. O modernismo, nisto como em tudo o mais, não foi um começo absoluto. É a continuação das tradições que se haviam formado através dos séculos de evolução literária. É claro que renovou, nas formas e nas técnicas. Mas a sua contribuição tomou-se mais válida precisamente porque já encontrou o caminho aberto por experiências anteriores. Do contrário não teria tido o ímpeto e a capacidade realizadora. E, mais adiante, no mesmo volume de *A Literatura no Brasil*, o escritor cearense continua a ser mencionado: Franklin Távora, nos limites entre Romantismo e Naturalismo, foi o primeiro a usar o tema da seca e da saga do jagunço em *O Cabeleira* (1876). Além disso, foi quem lançou a ideia da Literatura do Norte (prefácio de *O Cabeleira*, primeiro portanto a levantar a bandeira do regionalismo e das regiões literárias com suas características próprias.

Sílvio Romero, também faz registro do nosso Patrono no tomo quinto da *História da Literatura Brasileira*, dedicando palavras elogio-

sas à contribuição que Franklin Távora emprestou ao cenário literário no Brasil: Alta é a importância que toca a Franklin Távora, pois que lhe cabe um posto notável entre os mais distintos romancistas do Brasil até aos dias de hoje.

Ele deve figurar como o chefe do naturalismo tradicionalista e campesino na novelística brasileira; naturalismo, porque seus tipos e cenas são estudados do natural, nas observações diretas do escritor e não meros filhos da imaginativa; tradicionalista, porque o romancista deu quase sempre preferência aos assuntos do passado, nomeadamente do século XVIII, que estudou com carinho; campesino, porque escolhia seus atores entre as gentes da roça, do mato, do campo.

José Veríssimo, no texto adverso que mencionei anteriormente e cuja crítica destinava-se a assinalar a republicação em 1977 dos romances *O Cabeleira*, *O Matuto* e *Lourenço*, pela Livraria Garnier, contudo tece elogios ao referir-se à obra ficcional de Franklin Távora, senão observe-se como a análise introdutória foi concluída: *Se a sua teoria apenas contém uma parte mínima e muito relativa de verdade, os três livros com que a exemplificou são das mais exatas e mais belas representações em nossa literatura do velho Brasil, do Brasil tradicional, daquele que, sem embargo da bruteza da terra e da gente, e não obstante todas as razões acima, me parece, à minha alma apesar de tudo ainda romântica, enamorada do passado, o mais interessante, o mais pitoresco, o mais encantador.*

Quando em 1984 o Acadêmico Otacílio Colares foi designado para realizar uma apresentação crítica à reedição de *Os Índios do Jaguaribe*: história do século XVII, assim reportou-se a Franklin Távora num trecho que achei oportuno transcrever: *É preciso, porém, por ser de justiça, sobretudo com vistas aos futuros interessados em nosso evoluir literário, que antes de dizer-se (ou ser dado como tal) criador de uma ficção peculiar, que mestre Tristão de Ataíde enquadrou como de pruridos sertanistas, foi Távora, com seu *Os Índios do Jaguaribe*, um escritor jovem, que se inclinara, antes, para o indianismo e que, logo compreendendo o falso caminho que trilhava, desviar-se-ia para*

a corrente roceira com *Um Casamento no Arrabalde* e os três romances históricos, onde, segundo o grande crítico, há páginas de sabor local, com que pretendeu criar, como Adolfo Caminha, uma *Literatura do Norte* – *O Cabeleira*, *O Matuto* e *Lourenço*.

Voltemo-nos agora, tão somente, ao patrono da cadeira 16 da Academia Cearense de Letras, João Franklin da Silveira Távora. Sua origem situa-se no maciço de Baturité, precisamente em Montemor-o-Novo, tendo permanecido no Ceará até que para seguir o curso de Direito, transferiu-se para o Estado de Pernambuco onde passou a residir. Por volta dos trinta e dois anos mudou-se para o Rio de Janeiro, ali permanecendo até que um aneurisma o levasse à morte em 1888.

O que teria escrito este cearense que viesse a despertar tão grande número de críticas pejorativas, ocasionando que tantas palavras fossem vertidas nos mais diversos livros de crítica literária no Brasil? O prefácio de Franklin Távora em *O Cabeleira* traz uma longa carta a um amigo. Após comentários não pertinentes ao que o autor defende como *Literatura do Norte*, ao final da sexta página, assim escreve: Venhamos ao assunto desta carta. Em *O Cabeleira* ofereço-te um tímido ensaio do romance histórico, segundo eu entendo este gênero da literatura... As letras têm, como a política, um certo caráter geográfico; mais no Norte, porém, do que no Sul abundam os elementos para a formação de uma literatura propriamente brasileira, filha da terra.

A razão é óbvia: o Norte ainda não foi invadido como está sendo o Sul de dia em dia pelo estrangeiro.

A feição primitiva, unicamente modificada pela cultura que as raças, as índoles, e os costumes recebem dos tempos ou do progresso, pode-se afirmar que ainda se conserva ali em sua pureza, em sua genuína expressão.

Mais adiante, seguindo-se a comentários sobre romances e romancistas do Norte e do Sul, com uma velada crítica a José de Alencar, Franklin Távora retoma sua resposta: ... têm os escritores do Norte que verdadeiramente estimam seu torrão o dever de levantar ainda com luta e esforços os nobres foros dessa grande região, exumar seus tipos legendários, fazer

conhecidos seus costumes, suas lendas, sua poesia, máscula, nova, vivida e louçã, tão ignorada no próprio templo onde se sagram as reputações, assim literárias como políticas, que se enviam às províncias.

Não vai nisto, meu amigo, um baixo sentimento de rivalidade que não aninho em meu coração brasileiro. Proclamo uma verdade irrecusável Norte e Sul são irmãos, mas são dois. Cada um há de ter uma literatura sua, porque o gênio de um não se confunde com o do outro. Cada um tem suas aspirações, seus interesses, e há de ter, se já não tem, sua política.

*Enfim não posso dizer tudo... Depois de haveres lido *O Cabeleira*, melhor me poderás entender a respeito da criação da literatura setentrional.*

A verdade é que a obra literária de Franklin Távora poder-se-ia dividir em duas partes. A primeira, que estaria compreendida entre os anos de 1861 e 1867, pertenceriam as obras de cunho nitidamente romântico: *A Trindade Maldita*, *Um Mistério de Família*, *Os índios do Jaguaribe* e *A Casa de Palha*.

A segunda fase, correspondente à proposta de uma Literatura do Norte, iniciar-se-ia com *Um Casamento no Arrabalde* em 1869, seguindo-se de *Três Lágrimas*, *Cartas a Cincinato*, *O Cabeleira*, *O Matuto*, *Lendas e Tradições do Norte*, *Sacrifício* e *Lourenço*, contudo, os romances mais identificados com a proposta de Távora, seriam: *O Cabeleira* (1876); *O Matuto* (1878) e *Lourenço* (1881).

A leitura destes três romances conduz à constatação de que o Autor ao construir-lhes a narrativa enveredou por um enfoque mais histórico do que levava a supor a proposta regionalista dos costumes e usos do Norte, tomando como ponto de apoio o prefácio de *O Cabeleira* e a Literatura do Norte.

O muito ilustre acadêmico, Doutor Newton Teófilo Gonçalves, a quem tenho a grande e talvez não merecedora honra de suceder no assento à cadeira 16 deste Sodalício, em seu esmerado discurso de posse - A Literatura pela Literatura é vazia, como a ciência desumanizada é funesta - escreveu a respeito de nosso Patrono: *Sinceramente, nunca*

me animei a estudar as raízes de um escritor se com ele não me afino, nem pela linguagem, nem pelos temas, nem pela chateza provinciana, que somente uma forma de extraordinária beleza poderia compensar.

Não me foi dado privar de uma simples conversa que fosse, do intelectual, do médico, enfim, dessa pessoa tão envolta pela sabedoria que era Dr. Newton.

Nascido em Fortaleza no ano de 1917, Newton Teófilo Gonçalves fez seus estudos secundários no Liceu do Ceará de onde seguiu para a Faculdade de Medicina da Bahia, vindo a diplomar-se em 1939.

No Rio de Janeiro, seguiu alguns cursos de especialização como *Clínica Cirúrgica*, *Anatomia Patológica* e *Anatomia Patológica da Tuberculose*. Em Fortaleza especializou-se em *Didática do Ensino Médico*, além de um curso na Universidade de Michigan, U.S.A., sobre *Administração Universitária*.

Enumerar todas as funções exercidas por Dr. Newton seria tarefa que não ensinaria ressaltar sua cultura, a universalidade do seu pensamento, o aguçado espírito crítico, além da sensibilidade de um homem, de mente tão elevada que enriquecia todos quanto dele aproximavam ou conviveram.

Pela união e determinismo de um grupo de jovens médicos na década de 40, Walter Cantídio, Jurandir Picanço, Waldemar Alcântara, José Carlos Ribeiro e Newton Gonçalves, a Faculdade de Medicina do Ceará foi fundada em 1948.

Entre os cargos mais elevados que ele veio a ocupar, ressaltem-se: Professor Titular do Departamento de Cirurgia da U.F.C.; Médico Ministério da Marinha; Diretor da Faculdade de Medicina do Ceará; Presidente do Centro Médico Cearense; 1º Presidente do Conselho Regional de Medicina do Ceará; 1º Presidente da Seção Cearense do Colégio Internacional de Cirurgia e Coordenador dos Centros de Cultura da U.F.C.

Portador de várias condecorações, Newton Gonçalves recebeu *Medalha da Abolição*, *Medalha Barca Pelon*, *Medalha do Mérito Naval* concedida pelo Governo da Espanha e *Grã-Cruz do Mérito* pela República Federal da Alemanha.

Ao possuir um bom domínio da língua alemã, traduziu duas obras médicas *Embolia Gordurosa* e *Hérnia de Hiato*, do professor G. BOTTGER.

O acadêmico da cadeira 26, médico Lúcio Gonçalo de Alcântara, ao proferir o discurso de saudação e acolhida à Academia Cearense de Letras de seu antigo mestre, salientou: *A produção cultural de Newton Gonçalves é abundante e de boa qualidade; embora dispersa, pois o autor até então está por condensá-la em livro. Penso que em breve deverá fazê-lo, para que não se perca em páginas de publicações efêmeras tanta coisa de fino gosto, digna de ser preservada, lida e consultada.*

A posse de meu antecessor ocorreu a 19 de novembro de 1979, e quinze anos decorridos, a sugestão do discípulo não chegou a concretizar-se, conquanto o Magnífico Reitor do Ceará, acadêmico Antônio Martins Filho, fundador de quase todas as universidades sediadas em nosso Estado, esteja a trabalhar com afinco no projeto deste livro condensante.

“Páginas esparsas” foram procuradas, copiadas e fraternalmente cedidas a mim por Marly Vasconcelos, Regina Fiúza e Murilo Martins, sem as quais não haveria como cumprir o preceito de louvor ao acadêmico que antecedeu a que se estreia. Estou certa de que muitas e esmeradas palavras nos foram legadas por Dr. Newton. Por isso, desculpo-me se tão pouco lhes houver a falar neste elogio póstumo a um dos mais cultos homens que o Ceará gerou, neste século que se finda.

De *Instantâneos*, transcrevo a quinta passagem: *Eu não sabia a razão de minha tristeza, em dia de festa! Dispensei os analistas seguindo uma advertência de Maranon: o que a natureza levou para o subconsciente, de lá não se deve retirar... / Mas, como a literatura é a mostra da vida, foi em As Farpas de Ramálho Ortigão que encontrei a chave do mistério. / Diz ele: “No meu pobre coração quantos lutos sobrepostos, quantas saudades acumuladas!” / E o poeta Barros Pinho remata o poema A Noite de Natal, com estes versos: “Os mortos são radicais / Só sabem viver com os vivos.” / Por isso é que sinto tanta saudade nos dias de festa!*

Na verdade, nosso homenageado era um humanista que raro olhava a formação médica, ainda que numa simples passagem, como neste exemplo extraído do discurso de agradecimento pronunciado quando da outorga de Sócio Honorário na solenidade comemorativa do 81º aniversário da Academia Cearense de Letras: *É que estamos na época dos **obsoletismos programados**; do supérfluo tomando o lugar do essencial; época em que se transplantam corações negros para corpos brancos; mas não se consegue implantar a cordialidade das raças.*

No opúsculo *Molière* publicado a partir de palestra proferida na Associação Cultural Franco-Brasileira do Ceará em setembro de 1973, o conferencista inicia sua fala pela afirmação de que nada erudito dele se esperasse porque tão somente comentaria impressões de leitura, e em alusão direta a Molière, acrescenta que ... *sou, a partir de agora, mais uma de suas personagens; ridícula como todas, representando o papel de literato à força*, mal tal não poderia ocorrer pois que seu juízo crítico revelava o intelectual arguto, senão observem-se as passagens cotejadas, aqui e ali ao longo de sua preleção: ...*O teatro moliariano é predominantemente ação... o acento tônico da obra de Molière está nos tipos que levou à cena, nos seus hábitos e costumes, fraquezas e virtudes que possuíam, expondo-os sem artificios, sem apelo ao caricatural, só para mostrar o quadro da sociedade em que viveu, da sociedade na qual sobrevivemos... soube divertir o Rei e satisfazer ao Povo, sem trair a sua arte, sem distorcer a comédia que a humanidade representa para si mesma. Molière resistiu ao mais severo e imparcial dos juízes: o gosto do público através dos tempos.*

Na impossibilidade de comentar convosco tudo quanto Dr. Newton escreveu e que foi-me dado coletar, registro aqui alguns títulos publicados, por via de regra, em periódicos: *Vigarices*, *Ciência Desumanizada*; *Fé na Ciência*; *O dever dos intelectuais*; *Confraternização da classe médica*; *Um Médico Vê o Homem*; *Ainda as crianças, Mea Culpa*; *Lamentações de um autodidata*; *O discurso que não foi perfeito*; *Queremos a Universidade do Ceará*; *A Medicina Moderna*,

afogada em Ciência e Tecnologia, perde humanidade e esquece o doente; Esperança; Hospital fecha... e o Diretor não sai...; Como é, sai ou não sai o Diretor?; Uma biblioteca pública para Fortaleza; Buracos, buracos e mais buraco; Ânsia por ter um líder; Londres; A falência do curso secundário; A função do professor; A cultura geral do médico; Dois equívocos; Campanha da Boa Vontade; Uma mensagem esquecida; Mais de 52.000 mulheres e Conversa fiada.

Recolhi, também, algumas aulas e conferências médicas, mesmo quanto não houvesse o menor propósito de comentá-las, apenas consignar por escrito parte da obra de cunho científico: *Clínica Propedêutica Cirúrgica; A Cirurgia Pediátrica; Apontamentos para a História da Cirurgia Pediátrica no Ceará e Ascaridíase Biliar.*

Guardei, por considerá-las de muito sábia observação, um bom número de citações extraídas de Ciência e Literatura, aula inaugural do Curso de Aperfeiçoamento em Análise e Interpretação Literária, promovido pelo Curso de Letras da Universidade Federal do Ceará; e, por tão valorosas as considerações tecidas por Dr. Newton Gonçalves, encerrarei com elas a louvação que por mim lhe é devida. Observe-se a lição: ... *as ciências e as humanidades devem andar de braços dados, para proporcionarem ao homem-indivíduo a cultura total imprescindível à sua missão civilizadora... Literatura e Ciência, ambas se comunicam pela linguagem. A diferença está em que a literatura purifica a linguagem para revelar os estados íntimos do espírito,... A ciência usa uma linguagem de finalidade e de utilidade, expurgada de imagens, perseguindo a precisão dos conceitos... Entre o feitio científico e o dom da expressão artística por meio da palavra não há incompatibilidade: um se prende à necessidade lógica e externa ao espírito que pesquisa e descobre; o outro seria o jogo livre da imaginação... Não há receitas para criação literária... A criação literária transcende a verdade científica e a beleza da forma é, não raro, todo o seu conteúdo... Cientistas e literatos, embora por caminhos e métodos diferentes, ambos procuram interpretar o homem e o seu universo.*

Senhores Acadêmicos: chegou o momento do presente, do presente que só passa a ser verdade para mim, nesta sessão acadêmica, quando agradecer a Deus e aos seres de boa vontade que estiveram à volta de mim, em qualquer época da vida e que aqui estão personificados em cada partícula do meu sentir. Haveria acaso o presente, uma noite tão solene onde encontro-me no centro do olhar de tantos eruditos, se tantos não houvessem me guiado, ensinado, questionado, moldado o caráter, orientado os estudos, apontado os erros, ouvido e conversado nos momentos de dúvida, sugerido nas crises e apontado o novo?

Não, Senhoras e Senhores, muito pouco seria eu sem os outros que, por vezes, sem mesmo se haverem apercebido, contribuíram para esta honraria de passar a integrar a respeitável Academia Cearense de Letras, ocupando a cadeira de número 16.

Todavia, alguns são partícipes em escala tão maior do presente agradecido, nesta minha introdução no circuito dos imortais, do lugar de honra que a partir de agora ocuparei que, por tal modo, a conquista talvez lhes seja mais devida que a mim.

Vejo-me a argila que meus Avós, meu Pai, meus Tios, meus Irmãos e Primos, meus Sogros, sobretudo meus Filhos Daniela e Leonardo, meus Mestres e meus Alunos, todos integrados no mesmo processo, esculpiram-me dando a feição e o feitio com que aqui me acho em vossa presença. Adorados meus, como vos sou grata!

Para sempre, minha gratidão ao Acadêmico da cadeira 26 deste Sodalício, Lúcio Gonçalo de Alcântara, um médico e homem público do qual tantos do seu Estado natal se orgulham e que, por muitos anos, tem sido o meu marido. Lúcio foi meu leitor desde os primeiros e tímidos escritos e, por neles achar algum mérito, não apenas passou a incentivar-me como a cobrar, sempre o melhor, enquanto estabelecia um círculo de isolamento protetor em minha volta para que sua vida pública interferisse o quanto menos com os propósitos literários e por tal modo, as ideias que viessem-me a surgir encontrassem oportunidade de transformarem-se em palavras, em aluminamento sobre o papel branco.

Nosso caminhar não foi suave, mas ao estimular-me, Lúcio e eu progredimos juntos, cobramo-nos posicionamentos, fortalecemo-nos quando a desilusão invadia o outro e hoje aqui estamos, mais uma vez unidos sem rivalizar. Que Deus o proteja, Lúcio, ainda porque antes da imortalidade que neste momento tanto me eleva no universo da cultura, já havíamos juntos ganho a imortalidade humana pela existência de Daniela e Leonardo, nosso sangue pulsando além de nós.

Aparentar-se pelo bem-querer, afinidade e devoção é centelha existencial divina. Marly Vasconcelos é a irmã-poetisa que sempre possuiu o dom de revelar-me o melhor que há em tudo que escrevo. Ah, como quisera estar à altura da minha gratidão para saber manifestar com mestria a emoção genuína de que fui tomada por sua erudita saudação, tão bela e generosa, no momento em que sou acolhida pela vossa nobreza, senhoras e senhores acadêmicos.

Que os anjos brancos *garrettianos* perenizem a graça de suas asas brancas, doce e suave Marly, Marly Vasconcelos, Marly poetisa maior, Marly acadêmica, Marly *amica mia e non della ventura* (adaptação das palavras de Beatriz a Virgílio ao referir-se a Dante em *Inferno*).

O desejo de ver-me grande e sábia como eles o são, deu ocasião a que alguns acadêmicos sugerissem a ousadia de candidatar-me a uma cadeira vaga nesta centenária Casa. O meu mestre, poeta dos maiores do nosso tempo e grande amigo Artur Eduardo Benedites, chamou a si a ideia primeira, que ao encontrar o respaldo do tão ilustre Cláudio Martins, da respeitada e erudita Noemi Elisa Aderaldo, da lírica Marly Vasconcelos, do romancista João Clímaco Bezerra, tomou a forma de um convite concorrendo à vaga aberta para a cadeira de número 16 da Academia Cearense de Letras. Bem haja a vossa benquerença, amigos!

Lembro nesta cerimônia de tanta pompa voltada para mim, os três amigos que ganhei de uma só vez e que me correm nas veias, Cláudio, Glícia e Moraes, pois que por amá-los tanto não há como deles jamais não vir a depender porquanto nos formamos no universo da verdade, do silêncio e da dor.

Il est de la reconnaissance comme la foi aux engagements, il est de l'amitié comme Le respect à nous-même. À chacune de ces personnes, si différemment positionnées chez moi, Mlle. Sulivant, Bernard Loubié, Lena Ommundsen Pessoa et lês Enfants Terribles, je remercie le voisinage de culture, d'espoir, de croyance et d'amitié que vous avez eu auprès de moi. Dieu merci!

Senhores acadêmicos, a vós que haveis sufragado meu valor literário e o ser intelectual que sou, agradeço o reconhecimento, o estímulo e a honraria que atribuíram-me ao quererem que seja uma de vós, O que generosamente haveis feito por mim, agradecimentos não tenho como transmiti-los, senão que pelo prazer de juntos virmos a usufruir, por longo tempo, os sonhos e os encantos que a Literatura nos concede.

A todos presentes a esta sessão, amigos que convidei pensando em cada um, sabendo que meu regozijo por receber tal honraria seria vosso também e agradeço, a Deus, o benefício de haver-vos colocado ao meu alcance para que, usufruindo de vossa amizade, entenda e possa sentir o quanto é prazerosa a empatia, o quanto é doce um olhar marejado em nossa intenção e o quanto é magnificente ter lealdade na alma.

Muito, muito obrigada!

Bem haja!

Revisitar a odisseia e repensar Ulisses

Teolinda Gersão⁸

A Odisseia, que sempre li como o primeiro romance europeu, matriz de todos os outros, tem-me acompanhado ao longo da vida em traduções noutras línguas, porque, literariamente, as portuguesas não me satisfaziam. Até à tradução de Frederico Lourenço que, não por acaso, é também um excelente escritor. (Tenho para mim que só um escritor pode traduzir com felicidade outros escritores).

Será sobre o mito de Ulisses que irei aqui tecer algumas considerações, relacionando-as com o romance *A Cidade de Ulisses* (1), num breve texto que não pretende ter um olhar especializado nem erudito sobre a cultura clássica. Mas talvez seja esse afinal o papel dos escritores e da literatura: sair sempre de todos os contextos.

Num excelente artigo, *Ut pictura poesis*, (2) Rogério Puga refere os principais autores, clássicos e modernos, que referem a ligação de Ulisses a Lisboa, não só em Portugal como noutras línguas. Muitos deles, da Antiguidade e contemporâneos, eram do meu conhecimento, (como por exemplo os brilhantes ensaios sobre o tema de Rosado Fernandes ou Aires Nascimento). De passagem, referi algumas fontes no romance – Estrabão, Solino, Santo Isidoro etc, até aos nossos renascentistas. Igualmente li, por interesse pessoal, ao longo de décadas, alguma da imensa bibliografia sobre Lisboa. No entanto uma das minhas preocupações ao escrever o romance foi manter a focalização estritamente centrada na visão *das personagens*, pondo de lado tudo o que pudesse excedê-la. As personagens que, não inocentemente, defini como artistas plásticos, colocam-se numa perspectiva livre e criativa, que evita qualquer eru-

8 Escritora portuguesa, internacionalmente reconhecida, autora de 17 livros publicados, com traduções para doze línguas, tendo recebido importantes prêmios literários; deixou o magistério superior, como Professora Catedrática na Universidade Nova de Lisboa, para dedicar-se inteiramente à carreira literária. Este texto foi apresentado no lançamento de seu romance *A Cidade de Ulisses*, em 5 de outubro de 2017, no Palácio da Luz, sede da Academia Cearense de Letras. (Nota da ACL)

dição (mesmo quando a integra), e se mantém acima de tudo *visual*, construída a partir de um núcleo reduzido de *imagens* fortes.

O ponto de partida é o mito da fundação de Lisboa por Ulisses, que conta pelo menos dois mil anos e cuja responsabilidade não nos cabe, enquanto portugueses, mas provém de antigas fontes clássicas, difundidas pelos romanos, a quem interessava prestigiar com a aura da cultura helénica uma cidade importante do seu império.

Nas muitas versões do mito de Ulisses, ao longo dos séculos, a moderna versão de Joyce é incontornável. Por isso as personagens a referem, verificando no entanto que Dublin nada tem a ver com Ulisses, a não ser na vontade e na imaginação joycianas. Em comparação, Lisboa surge em considerável vantagem: independentemente da imaginação ou vontade de quem olha, existe uma tradição milenar que liga a cidade à personagem de Homero. Neste ponto Paulo e Cecília não terão portanto de inventar nada, apropriam-se do que já foi inventado e deixam-se conduzir por um imaginário antiquíssimo: Um mito que torna Lisboa uma cidade literária *ab initio*, porque fundada por uma personagem ficcional. Saída de um livro, Lisboa é ela mesma um *texto* (visual e mental) que convida a ser lido/decifrado. A literatura funde-se com as artes plásticas, palavras, imagens, histórias tornam-se matéria *visual* de quadros e esculturas – que por outro lado têm, como os livros, uma dimensão *conceptual*. Estamos em pleno diálogo entre as artes, e vemos construir-se o projecto de uma exposição/instalação que se propõe *ver* e *dar a ver* ao visitante uma Lisboa (re)inventada. O que não será uma aventura inócua, porque entrar numa obra de arte implica um risco: o visitante da exposição não será o mesmo que nela entrou, foi transformado pela travessia. Tal como o leitor de um livro não deverá ser o mesmo antes e depois de o ter lido.

É a esta leitura-travessia da cidade a que se dedicam, de um modo lúdico, os artistas-amantes, que encaram o seu objectivo com ironia, apenas como um “jogo”, conscientes da dificuldade ou impossibilidade de olhar/ interpretar/dar a ver uma cidade a que já Herculano atribuía mais de trinta séculos de História.

No entanto, anterior à História e ultrapassando-a pelo seu poder intemporal e simbólico, o mito mantém-se presente e actuante. Nos passos de ambos, através da cidade, são as pegadas míticas de Ulisses que subjazem. Como a personagem de Homero, também Paulo e Cecília estão em busca de si próprios, um do outro, da intimidade, do amor. E acreditam que uma história de amor bem sucedida termina com um regresso a casa.

Como Ulisses, também eles são “ninguém”, ou seja, “qualquer um” e “toda a gente”, ao mesmo tempo que são eles próprios. Únicos. Se o mito transforma Ulisses em arquétipo do ser humano, em viagem pela vida, qualquer um se pode identificar com ele, sem medo de cair no pecado da *hubris*. Daí a persistência e a ressurreição do mito, nas várias literaturas, em diferentes épocas, até à actualidade (3):

Ulisses é um homem que considera a vida mortal suficientemente atractiva para que não queira trocá-la por nada, nem mesmo pela imortalidade.

É portanto uma figura positiva, de afirmação, e a Odisseia é um romance de amor feliz. Ulisses quer voltar, e volta, para casa. Para a mulher amada.

Viajante, navegador, homem de perigos e situações-limite, conquistador de cidades, (decisivo na tomada de Tróia através do estratagem do cavalo), sabe usar a inteligência e a racionalidade, mas também a intuição e a astúcia, é capaz de recuar e pensar, mas também de rapidamente captar e apreender novas situações a que se adapta.

É também eloquente, tem o dom da palavra, sabe liderar, persuadir e narrar. Desde logo a sua própria história, como faz na corte de Alkinoos, onde, por um golpe de mestre, Homero, que domina com a maior eficácia as artes surpreendentes da narrativa, ainda válidas milénios depois, coloca o aedo Demodokos cantando a história de Ulisses. Ao revelar a sua identidade, Ulisses substitui-se ao aedo e passa a ser o narrador— assumindo ao fazê-lo o lugar de Homero.

Também neste caso será Paulo o narrador, o que tem o dom da palavra, mesmo que a sua narrativa seja apenas para si próprio, um

monólogo que é um diálogo imaginado, portanto impossível, com Cecília, quando ela não está lá para ouvi-lo.

Contar a sua história é conhecer-se, saber quem se é, ter integrado a experiência vivida. O momento em que Ulisses narra/assume a sua história – a sua identidade – é o momento em que chega ao fim da errância, e merece voltar a casa. Como acontece com Paulo, quando volta a Lisboa, onde reencontra Cecília.

Ulisses é aliás o único que volta. Os seus companheiros estão mortos, naufragaram, perderam-se, nada mais sabemos deles. Pois só regressa a casa quem se encontrou a si próprio no caminho.

Ulisses volta porque quer voltar. No vasto mundo exterior das aventuras, é o corpo da mulher amada que o guia, como força centrípeta, para a interioridade da casa, do leito onde a reencontra, numas segundas núpcias que reactualizam as primeiras. A tensão exterioridade-interioridade é o ritmo subterrâneo da narrativa.

Por amor de uma mulher, mortal como ele, Ulisses recusa a imortalidade oferecida por Calipso, vence o canto das sereias, os poderes mágicos de Circe. Regressa a Ítaca, reentra em casa, volta ao papel de rei, de pai, de esposo, e, segundo a profecia de Tirésias, na descida ao lugar dos mortos que também fez parte do seu percurso, terá “uma morte suave” quando chegar a hora.

Assim nos diz a leitura “canónica” da “vulgata” homérica.

No entanto é extremamente interessante verificar que a Antiguidade não considerou esta versão a única possível – e por isso nos deixou outras. Fora da “vulgata” homérica, Paulo e Cecília encontram outras versões, estimulantes porque se abrem a interpretações curiosamente “actuais”:

Penélope ouve rumores sobre a morte de Ulisses e corre a afogar-se no mar. Mas é salva por pássaros, provavelmente gaivotas, que a trazem até à praia;

Penélope cansa-se de esperar por Ulisses e cede aos pretendentes, sobretudo a um deles, Anfínomo. Ulisses regressa e mata-a, ao saber-se atraído;

Ulisses não mata Penélope, mas torna a partir de Ítaca, desolado com a sua infidelidade;

Cansada de esperar, Penélope deita-se com os cento e vinte e nove pretendentes. Desses amores nasce o grande deus Pã – uma criatura híbrida, sobre-humana, ligada à força criativa e bela da natureza, mas também infra-humana, animalesca e lasciva.

Ulisses regressa e é morto por seu filho. Não por Telémaco, mas por Telégono, filho de Ulisses e de Circe. Depois de matar Ulisses, Telégono casa com a sua mulher, Penélope, ligando desse modo a Édipo o mito de Ulisses.

A Antiguidade é portanto pródiga em versões do mito, mostrando que a ficção, como a realidade, pode olhar-se de muitas perspectivas.

No “jogo” de procurar Ulisses, Paulo e Cecília seguem algumas destas pistas: Através da sua ausência, Ulisses roubou a vida a Penélope e a Telémaco, que não cresceu e ficou sempre no papel de filho. Ulisses ocupou todo o espaço, passado e futuro. Só ele foi rei.

Mas vinte anos depois já não seria rei por direito próprio, tornar-se-ia o usurpador, o que viria roubar o trono do seu filho. Telémaco deveria ter libertado a mãe dos pretendentes, ser ele próprio rei, ter por sua vez uma mulher e um filho. Ulisses já não teria lugar quando voltasse, a não ser como súbdito do seu filho.

No entanto na Odisseia, Telémaco não faz mais do que ajudar o pai a recuperar o poder para si próprio. Ulisses exige controlar tudo, ser o senhor de tudo, até do tempo.

Na Odisseia o tempo obedece-lhe. De repente vinte anos não passaram, o leito conjugal e a mulher amada continuam lá, à sua espera, e a deusa Atena faz com que a noite do reencontro não termine antes de Ulisses, através de amor e de palavras, ter de novo ligado os fios quebrados do passado e do presente, como se fosse possível eliminar no meio a ruptura.

Este é o final feliz que já a imaginação da Antiguidade questionava. Tal como hoje nós a questionamos: Não há lugar para deuses que suspendam o tempo, o anulem ou prolonguem, à medida do nos-

so desejo. Não há regresso. Na vida não se pode voltar atrás. Por isso a história não pode ser contada como Homero a contou.

Por outro lado, é possível imaginar que Ulisses encontra na guerra de Tróia não apenas o dever viril de combater, mas também, ou talvez sobretudo, um álibi para deixar Penélope. A mulher, o filho, a ilha de Ítaca tornam-lhe a vida demasiado estreita, está cansado do quotidiano doméstico e anseia por fazer-se ao largo, em busca de aventuras. (Curiosamente, as versões da Antiguidade em que Ulisses se finge louco, para não ter que deixar Ítaca e fazer a guerra, podem ser lidas como tentativas de responder, negando-as, a este tipo de objecções). Na verdade Ulisses é o homem de uma só mulher – mas não renuncia a conhecer todas as outras.

Penélope, noutra versão ou versões da Antiguidade, nem sequer foi aliás a sua primeira escolha, mas sim Helena, a mais bela da Grécia. Mas Ulisses acaba por casar com Penélope, prima de Helena. Uma escolha sensata, porque também ela é filha de rei e oportunidade de um casamento economicamente vantajoso. A beleza de Helena é um risco demasiado grande – como a História provou. Helena é um intenso objecto de desejo para os homens, e não é fácil prendê-la no leito conjugal. Por isso Ulisses recua e prefere escolher Penélope, menos desejável porque menos bela. Porque ele quer a segurança do leito e do lar.

No entanto é a ausência do lar que vai preencher a sua vida (na época vinte anos era praticamente o tempo da vida adulta), e os seus encontros decisivos na viagem serão com outras mulheres. Quase todas perigosas, figuras de sedução e de morte: as sereias, que o seduzem pelo canto – pela palavra cantada, pela música da palavra, a ele que é o herói de um canto, de um poema cantado, em que a dada altura ele próprio cantará/contará, na sua voz.

As sereias são suas irmãs no canto, na vertigem do canto, que tudo engloba – elas sabem o que aconteceu no passado, o seu canto é conhecimento e poder.

Ulisses não cede às suas vozes, sabe que elas devoram quem vai ao seu encontro. E consegue (com ajuda divina) escapar aos sortilégios de Circe e aos braços amorosos de Calipso.

Nausica, pelo contrário, não representa um perigo. É uma adjuvante, uma jovem núbil que se apaixona no primeiro encontro e em algumas versões Ulisses, decepcionado pela traição de Penélope, voltará para desposar; e noutras versões casará com Telémaco e será rainha de Ítaca um dia.

Rodeado de mulheres sedutoras que vai sempre abandonando, Ulisses é, na visão de Pierre Solié, um narcísico “filho-amante” que, em todas as suas viagens, busca a sereia impossível que é o seu próprio reflexo. (4)

Também Paulo busca em Cecília a mulher-todas-as-mulheres. Cecília surgirá como Nausica (na história de ambos e no quadro “A manhã de Nausica”), como Penélope, ou Helena.

Tróia (lugar de Helena) existe também, por uma interessante coincidência geográfica, muito perto de Lisboa; apesar de serem romanas as ruínas da antiga povoação, encontraram-se restos arqueológicos de vasos gregos nas proximidades, e o topónimo Tróia, cuja origem se desconhece, estimula a imaginação. É natural portanto que as personagens se divirtam a desenhar na praia de Tróia o roteiro de Ulisses, e imaginem como sendo deste as pegadas que Paulo deixa na areia, e que Cecília fotografa. E é plausível que Paulo, que amou Cecília na praia, pinte depois o quadro “Em Tróia com Helena” e invente um episódio que não encontrou em nenhuma fonte, mas no seu próprio imaginário faz sentido: Ulisses, cuja primeira escolha não foi Penélope, vive em Tróia conquistada e devastada, uma hora de amor com Helena. Só depois inicia o seu regresso a casa.

Os papéis de homem e mulher, na Odisseia bem definidos e delimitados, são aqui questionáveis e intermutáveis: É Cecília que parte, e Paulo que a espera, como Penélope, na casa aonde ela não regressa. E onde ele, finalmente, cansado de esperar, queima em imaginação o leito de oliveira onde se deitaram.

E é problemático, e não um dado evidente e adquirido, o papel e o lugar de um filho e o papel e o lugar de um pai, como o papel e o lugar de uma mulher e de uma mãe.

A vida troca depois as voltas a Paulo e Cecília e afasta-os, em histórias pessoais que aparentemente se desligaram do mito de Ulisses. Mas a exposição/instalação que imaginavam acaba por acontecer e, ao mesmo tempo que se mantém fruto da sua imaginação, usa-os também a eles como *objecto* e como *material*, forçando-os a exporem-se, quando julgam expor apenas a sua visão de Lisboa. Cecília, cuja viagem pelo mundo foi sobretudo para si própria, encarna, também ela, o papel de Ulisses: também ela regressa, e é ela que tem pronta a exposição que Paulo hesita em levar a cabo.

É aliás ao realizar a exposição de Cecília que Paulo verdadeiramente a reencontra. E ao mesmo tempo a perde, como Orfeu a Eurídice. Porque na vida não há regresso, nem voltar atrás.

No entanto o romance escolhe reactualizar o final feliz da Odisseia. Penélope, contudo, já não é Cecília, mas Sara. Paulo libertou-se de Cecília e deixou-a partir, dentro de si, do seu imaginário onde ela se tinha *instalado* (a instalação/exposição tem mais do que um sentido. Ou é ainda Cecília que Paulo reencontra em Sara?)

Nada é linear, e através dos milénios as relações humanas permanecem complexas e questionáveis. Entre homens e mulheres, como entre países e civilizações.

Paulo termina a exposição em 2010, altura em que se tornou mais patente a incerteza da aventura europeia e a crise de valores do mundo. As histórias individuais das personagens e a História recente do país entrelaçam-se ao longo do romance, a realidade e o tempo surgem em contraponto com a dimensão intemporal do mito.

A viagem à Grécia dos jovens amantes sublinha a feição mediterrânica dos países do sul e assinala os nossos pontos de contacto, apesar da geografia atlântica de Portugal. É em países do norte da Europa que as personagens acabam por viver a maior parte das suas vidas, em histórias pessoais que aparentemente nada têm a ver com os anos passados em Lisboa. No entanto é aqui que se encontram, e que a exposição/instalação tem lugar, reactualizando o projecto da sua juventude: um projecto que a História, passada

e presente, sempre inquietou e abriu a interrogações, que no momento presente se agudizam:

Quem somos, e para onde caminhamos? Como ignorar ou esquecer (como alguns pretendem) que a Grécia foi - é - o berço da Europa, que a Europa não pode caminhar sem ela? E quem somos e para onde vamos, a nível global, enquanto seres humanos? Onde é o lugar a que chamamos casa?

Alguma vez a Terra será o abrigo natural daqueles que a habitam? Ou mantém-se um lugar de luta de exploradores e de explorados, de impérios que caem e renascem, andamos à deriva, num mar revolto, na jangada de Ulisses, e nunca chegaremos a bom porto?

Iremos finalmente interiorizar e alguma vez pôr em prática valores (posteriores a Homero, mas, não esqueçamos: gregos) como a Racionalidade e a Democracia?

Quem sair da exposição/instalação ou fechar a última página do livro não terá certamente respostas. Mas talvez entreveja a urgência de (re)pensar o mundo. E lhe ocorra que, contra a permanente ameaça da barbárie, não temos senão o antídoto da alma: das humanidades, da arte, do amor e dos afectos, da liberdade, da justiça, da cultura.

Notas

- 1 Gersão, Teolinda - *A Cidade de Ulisses*, Lisboa, Sextante Editora, 2011.
- 2 Puga, Rogério Miguel - *Ut Pictura Poesis. O mito da fundação de Lisboa por Ulisses em A cidade de Ulisses de T.G.* Revista *Ágora, Estudos Clássicos em Debate*, 15, (2013) 293-312.
- 3 Poderíamos citar, na Antiguidade, Ovídeo (*Metamorfoses*), Séneca (*As Troianas*), Sófocles (*Filocteto*) e, entre os modernos, para além do já referido Ulisses de Joyce, ainda por ex. Dante (*Inferno*), Shakespeare (*Troilus and Cressida*), Alfred Tennyson (*Ulisses*), Jean Giono (*Naissance de l'Odyssée*), Jean Giraudoux (*La guerre de Troie n'aura pas lieu*), Nikos Kazantzakis (*A Odisseia*), Alberto Moravia (*O Desprezo*), Ezra Pound (*Os Cantos*), George Séféris (*Poemas*), Kavafis (*Poemas*, nomeadamente *Ítaka*).
- 4 Solié, Pierre - *La femme essentielle. Mythanalyse de la Grande Mère et de ses fils-amants*. Paris, Seghers-Laffont (1981), 421.

A escalada de Sísifo

Francisco Marialva Mont'Alverne Frota⁹

La lutte elle-même vers les sommets suffit à remplir un coeur d'homme. Il faut imaginer Sisyphe heureux - Le Mythe de Sisyphe - Albert Camus.

O mundo moderno se apresenta tão dilacerado pelas tensões sociais, tão ferido pelo confisco da liberdade, tão mutilado pelo erotismo insaciável, tão minado por conflitos de ambições desmedidas, que aos poucos a sua face vai-se transformando no áspero cenário urbano do homem desesperançado, do homem fáustico.

Assim, nestes dias de ódios crepitantes, a tragédia de Sísifo me parece um símbolo para o nosso atormentado existir, pelo que encerra de esperança, apesar de tantas confrontações entre as nações, de tanto desamor e desestima entre os homens nas cidades e nas praias.

Para essa servidão humana, a que estamos inexoravelmente acorrentados, a figura lendária de Sísifo traz oportuna mensagem para o homem atormentado, máxime para nós advogados.

Sísifo traz nesta noite sua mensagem.

Sísifo é consciente e cheio de resolutivo pragmatismo. Sua grandeza está em resistir aos desmaios das desesperanças. Resiste, também, em visitar as vinhas da ira. Não é um rebelado, contudo. É, sim, um obstinado. Rola a sua pedra montanha acima, mesmo certo de que não conseguirá imobilizá-la no cume da encosta.

O homem moderno é um novo Sísifo. Como ele, o herói mitológico, deve também rolar sua pedra, a pedra do seu ofício, da sua arte, do seu suor, para a subida do penhasco, mesmo que outros não o façam, mesmo que não encontre recompensa, mesmo que não haja lazer gratificante. Basta, contudo, a consciência. Se isso acontecer, a

⁹ Membro efetivo da Academia Maranhense de Letras. Sócio correspondente da Academia Cearense de Letras e do Instituto do Ceará

vitória não será do rochedo, da pedra, mas de Sísifo. Sísifo é mais forte que o seu suplício, porque o cumpre com a consciência do dever.

O coração do homem tem destino superior. O homem vencerá o rochedo, nem que o pugilato seja eterno. A esperança de cumprir o dever, costeando dificuldades, vale a alegria da eternidade. A luta faz Sísifo feliz. O dever também compraz o homem. Sísifo pode ser feliz. O homem foi criado para ser feliz. Seja o advogado o mensageiro da concórdia do homem, pela missão que tem a desempenhar.

O advogado é o Sísifo do nosso apocalipse cotidiano. Escutai-me. Vede!

Mais que a outros, o Mito de Sísifo se ajusta ao advogado e ao juiz e, também, aos que, de resto, têm como misteres, o fecundo dever de reduzir conflitos individuais, desavenças sociais, sob os inabaláveis princípios da concórdia e da paz entre os homens.

Contra toda adversidade, mesmo sabendo que a pedra rolará do penhasco, subamos ao rochedo do dever, com crescente obstinação, preparando-nos a cada dia para o nosso ofício vocacional.

É no cadinho dessa obstinada luta que se tempera a vida infatigável do advogado. Com tais propósitos é que se busca nos pretórios os deslindes de litígios, carregando montanha acima a pedra áspera de Sísifo. É assim o ideal da Justiça. Outra não é a busca da revelação do Direito. Advogar é o ofício consciente, árduo e generoso.

Não me digam que a luta é desmedida e contínua. Sísifo também não desiste. O advogado é obstinado, tal como Sísifo.

A consciência de resistir e reparar injustiças deve animar a alma do advogado. Sísifo não desiste de subir o seu rochedo, mesmo que a pedra venha a rolar. A consciência do dever é que o torna herói.

Mas a semente do coração do homem é o ideal da concórdia. Seu caminho é o do rochedo, é a busca da Justiça e do Direito no alto da montanha.

Seja o advogado pertinaz no legítimo exercício de seu ofício, seja igualmente obstinado na busca do saber jurídico. Não importa que os filhos de Caim bebam o vinho do desespero, quando cometem injustiças ou laceram o decálogo do direito alheio.

Não importa que haja injustiças, quando existe consciente vontade de repará-la. Essa a grande mensagem de Sísifo. Esse o grande objetivo da Corporação que nos agrupa, preocupada em ministrar, como agora o faz, curso de alta valia para o adestramento ou reciclagem cultural do advogado maranhense.

Nesta noite, com as galas de invulgar contentamento, a Secção Maranhense da Ordem dos Advogados do Brasil, traz, para o Curso de Atualização Jurídica, que ora patrocina, a fascinante personalidade do Ministro Carlos Alberto Madeira, com o escopo de proferir judiciosa lição sobre os polivalentes aspectos do Direito Administrativo, que mais se encadeiam com o Direito Privado, tema de que o ilustre Conferencista tem reconhecido tirocínio.

Os caminhos do Ministro Carlos Madeira se cingem a duas grandes vertentes: o ofício do crítico arguto, aliado à arte do fazer poético e os misteres de jurista.

Ao tomar posse na Cadeira 34 da Academia Maranhense de Letras, fundada por Álvaro Serra de Castro, resumiu o Professor Carlos Madeira os caminhos de sua honrada vida:

Dedicado, já no verão da vida, aos misteres de jurista, concílio, na modéstia do meu gabinete, o estudo do Direito, as tentações de ensiná-lo e o amor pelas letras, o que não configura simplesmente o velho complexo social brasileiro do bacharel e poeta de que falava Gilberto Freyre, mas significa, para mim, a preocupação cada vez mais instantânea com a realidade do homem e do seu inquieto mundo.

Menino desta cidade, o Ministro Carlos Madeira carregou na infância os sonhos de pobre, que a "mãe tornava grandiosos, com a sua coragem e a sua bravura". Não esqueceu aqueles dias difíceis. Ao ingressar na Academia Maranhense de Letras, o novo acadêmico, preso às emoções, recordou a luta dos pais:

Difícil, muito mais difícil, é a ausência que me impõe viver este instante sem o amor e o desprendimento com que ela construía, para nós, um castelo de encantos, inaugurando as manhãs com as suas cantigas, que meu pai,

músico de profissão, talvez repetisse, com mãos brandas, nas notas do teclado.

Jovem, jovem rapaz, Carlos Alberto Madeira, levado pela mão de Benedito Barros, frequenta as rodas literárias da cidade. A *Movelaria* da Rua do Sol é o local onde se reúnem Carlos Madeira, José Sarney e seu irmão Evandro, Luís Carlos Bello Parga, Lucy Teixeira, Reginaldo Teles, Lago Burnett, Ferreira Gullar e Bandeira Tribuzi. Tribuzi trazia a novidade portuguesa da nova medida do verso de Fernando Pessoa e de José Régio. O grupo se completa com o vozeirão de Erasmo Dias e com as tintas de Floriano e Cadmo. O ambiente literário dessa geração se completa com as incursões poéticas alexandrinas e modernas na *Revista Atenas*. Depois foi o tempo do *Salão de Dezembro* e do *Grupo Ilha*.

O compromisso poético do Ministro Carlos Madeira está por ele mesmo bem definido:

A poesia não pode ser definida pelo seu uso, mas sentida pelas periódicas revoluções de sensibilidade que provoca, fazendo com que possamos ver o mundo renovado. É assim que procuro e dela me aproximo, na constante vigília do seu culto.

Bacharel pela Faculdade de Direito do Maranhão, o Ministro Carlos Madeira aqui e no Rio de Janeiro exerceu a advocacia. No *Jornal do Brasil*, cedo entrosou-se, não escondendo as aptidões de revisor, de jornalista, como crítico de monta, sempre esteado no riso dos mestres ingleses, por quem tem confessada predileção.

No Rio ou em Brasília, o Ministro Carlos Madeira não esconde sua contagiante maranhensidade, quando afirma:

Aqui sempre vivi e se daqui por vezes sai, foi para lá fora recriar este quadro de rampa e praia de casario derramado ao sol e ao vento, que faz a nossa cidade incomparável. Sou dos que, a distância, jamais se libertam deste ar e desta luz, deste murmúrio e destes símbolos, que fixam a nossa residência nas origens.

Fundador da Escola de Administração do Estado, com passagem pela sua Direção, o magistério do Professor Carlos Alberto Madeira, na disciplina de Direito Administrativo, foi sempre exemplar, propiciando ao técnico de Administração os vigamentos básicos para o exercício da profissão.

O programa que elaborou e que mantenho tem feição nacional com vastidão panorâmica pelo grande território da disciplina em que é mestre.

Posso dizer, com justificado orgulho, que o último ato do Professor Carlos Alberto Madeira, na Escola de Administração, antes de assumir as elevadas funções de Ministro do Tribunal Federal de Recursos, foi o de compor e presidir banca examinadora para a escolha do seu substituto no magistério da Disciplina que regia. Tenho, pois, Excelentíssimo Senhor Ministro, redobrada alegria em proferir este saudar em nome dos advogados do Maranhão, em nome do seu Conselho.

A atuação do Ministro Carlos Madeira na Justiça Federal do Maranhão ninguém a desconhece. Fez a sua instalação e foi juiz de largo mérito e de brilhante atuação. As sentenças prolatadas ensinavam por muitos modos: pela opção doutrinária, pelo acerto do julgado, pela justiça do decreto sentencial e pela clareza da frase tecida com os fios de quem bem conhece nossa língua.

Eis o Conferencista desta noite: mestre de muitos títulos, professor de alta ciência, sacerdote de infatigável labor pela Justiça e maranhense de inteligência solar.

Dou a Vossa Excelência, Senhor Ministro Carlos Alberto Madeira¹⁰, as boas vindas da Corporação que nos congrega. Mas, por ser esta uma noite marcadamente maranhense, trago, também, nossos aplausos e o fraterno abraço de nossa admiração¹¹.

10 Saudação ao Ministro do Tribunal Federal de Recursos, Carlos Alberto Madeira, proferida no auditório da Associação Comercial do Maranhão, em 06.07.81, durante o Curso de Atualização Jurídica, em nome da Secção Maranhense da Ordem dos Advogados do Brasil.

11 Excerto deste texto foi citado pelo Ministro Celso de Melo, no elogio que fez ao Ministro Carlos Alberto Madeira, em 27 de junho de 1990, por motivo de aposentadoria deste no Supremo Tribunal Federal, conforme Publicação da Corte.

5ª PARTE

TRANSCRIÇÕES

JOSÉ ALBANO: versos de 1906¹

Sânzio de Azevedo

Rodrigo Marques, meu amigo e professor da Uece em Quixadá, presenteou-me com um exemplar do *Almanaque Brasileiro Garnier* de 1908, sob a direção de João Ribeiro. Sabendo-me estudioso da literatura cearense, a razão do presente é o fato de nesse livro haver umas “Redondilhas de José d’Abreu Albano”. Como esta “Esparsa”: “Há no meu peito uma porta / A bater continuamente, / Onde a esperança jaz morta / E o coração jaz doente; / Em toda parte em que eu ando, / Oiço este murmúrio infindo: / São as tristezas entrando / E as alegrias saindo.”

Possuo três opúsculos sob o título geral *Rimas de José Albano*, editados em 1912, em Barcelona, Espanha, nas oficinas de Fidel Giró. Num deles, *Redondilhas*, esta “Esparsa” traz no verso 4º “coraçam” e, no penúltimo, “sam”, em vez de “são”. Houve quem achasse que o poeta queria salientar o caráter arcaico do poema. Mas na *Antologia Poética* publicada em Fortaleza em 1918, deixaram de aparecer essas formas, o que me levou a concluir que se tratava de recurso para contornar o problema tipográfico de não haver na Espanha o til sobre vogais.

Os outros opúsculos são *Alegoria e Cançam a Camoens* e *Ode à língua portuguesa*. Note-se que o nome de Camões está grafado à maneira espanhola.

O menos desconhecido texto de Albano é o soneto que se inicia assim: “Poeta fui e do áspero destino / Senti bem cedo a mão pesada e dura. / Conheci mais tristeza que ventura / E sempre andei errante e peregrino.” Manuel Bandeira, que em 1948 organizou as *Rimas de José Albano*, disse que esse soneto “nos soa em verdade como um soneto póstumo de Camões”. Prefiro ficar com Braga Montenegro, que escreveu: “assim como Camões imitando Petrarca redigiria o soneto camoniano, José Albano imitando Camões comporia o soneto à própria maneira”.

1 O Povo, 23 de maio de 2017.

Desconsiderando os fracos poemas nos jornais de Fortaleza em 1901, creio que essas redondilhas do Almanaque apresentado por Rodrigues Marques são os primeiros poemas de Albano publicados no Rio de Janeiro.

Mesmo escrevendo no século XX à maneira quinhentista, José Albano (1882-1923) foi considerado por Manuel Bandeira “um altíssimo poeta”. E o grande Manuel Bandeira era um vanguardista.

Sem desespero²

Luciano Maia

Daniel Comte-Sponville (Paris, 1952), filósofo francês cuja corrente de pensamento é alinhada à de outros pensadores europeus de séculos precedentes que adotam o humanismo acima do racionalismo, sem prejuízo da lucidez, e com grande proximidade da visão de mundo de Spinoza, fala da desesperança como uma espécie de ferramenta de que se pode valer a humanidade para livrar-se do... desespero. Pode parecer um paradoxo, mas ele explica: não se trata do estado de desespero, que é sem dúvida aterrador, apocalíptico; trata-se antes de um não esperar, ou seja, um estado próximo à beatitude, em que não se anseia por nada. É esta uma das vertentes do ascetismo: as coisas vão acontecer, quer queiramos ou não.

Um parêntese: longe estou de me considerar um asceta. Padeço, como nos confessou Antônio Girão Barroso, do sofrimento, na “própria carne, de toda a dor da Poesia.” Acontece que por vezes algo me transporta daqui, deste “mundo velho sem porteira” e sem solução.

Em conversa com amigos nos últimos dias, vieram-nos à baila algumas questões que povoam o cenário político (e policial) brasileiro desde alguns anos. O que esperarmos, como desfecho dessa situação?

Ocorreu-me, então, a lembrança das leituras do mencionado filósofo francês. Parece-me que, dadas as circunstâncias em que se desenrolam os fatos na esfera da política (e da polícia) atualmente no Brasil, não há que se esperar tal ou qual desfecho: o que tiver de ser, será. Fatalismo? Creio que não. Trata-se, antes, do convencimento de que o rumo dos acontecimentos, naquela seara, independem da vontade dos principais atores da cena política (e policial) da atualidade brasileira. Imaginem, então, o que cabe a um cidadão como eu, desvinculado de qualquer agremiação partidária, sem compromisso com nenhuma

2 *O Povo*, Fortaleza, 30 maio 2017. Opinião.

corrente política ou ideológica! Confesso: o meu único compromisso é com a inteireza das minhas convicções. Parafrazeando um grande poeta, não sou um homem de partido, porque não consigo partir-me.

Certo, devo continuar atento aos acontecimentos que se sucedem incansável e surpreendentemente, porém convencido de que a sua solução, se é que haverá uma solução em curto ou médio prazo, virá cumprir as expectativas que se acumulam nas mentes e nos corações. Melhor, talvez, a desesperança. Sem nutrir ansiedades, assistir às coisas acontecerem. Afinal, quer eu queira, quer não, elas vão acontecer. Do jeito que for. Na desesperança, sem desespero.

Poeta oceânico³

Luciano Maia

A poesia brasileira tem, em seus poetas, gênios criadores, quando antenados com a realidade profunda e, mais ainda, com a realidade absconsa (a mais verdadeira) ou pouco visível aos olhos menos experimentados ou menos atentos, que é a dos mitos ancestrais e da força telúrica que esta Terra Brasilis guarda e engendra.

Um desses gênios criadores é Jorge Tufic, cearense nascido no Acre. Curioso: o Acre, para onde acorreram no passado milhares de cearenses, nos presenteou com este poeta, nas “horas vagas, pastor de ovelhas” das altas constelações do céu da Fenícia, libanês e brasileiro vocacionado ao universo das grandes manifestações da alma; Jorge Tufic é poeta, acima de qualquer outra coisa, ou seja, a sua dedicação à arte de escrever poemas é visceral, essencial, ele é um dos que buscam com paixão consciente o caminho que vai dar no encontro com a inefável palavra-luz da verdadeira poesia. É fulcral, sendo ao mesmo tempo algo que se transpira à vista do leitor-criador que tem a felicidade de se encontrar com a sua leitura, usufruindo desse manancial de sugestões de altíssimo teor, mais do que tudo, humano.

Habitantes de outras línguas já tiveram o prazer de ler Jorge Tufic. E agora, numa oportunidade esplêndida, o poeta será publicado no idioma de Baudelaire, mercê do trabalho de um ourives da recriação, quando o assunto é a transposição de poesia para o francês; digo, sem nenhum temor de proferir um descabro ou uma heresia: Jean-Pierre Rousseau é, definitivamente, o melhor tradutor da poesia brasileira para a sua *langue pleine de prestige*. O francês é isto, especialmente no campo da literatura, em face da inigualável produção poética dos séculos XVIII e XIX, por poetas geniais.

A antologia de poemas de Jorge Tufic em tradução de Jean-

3 O Povo, Fortaleza, 17 nov. 2017. Opinião.

-Pierre Rousseau intitula-se *Qu'advendrá-t-il de toi, Amazonie? / Que será de ti, Amazônia?*, editada por Paradigme, de Orléans, no primeiro semestre de 2018. Tive a subida honra de ser convidado a escrever o prefácio dessa obra magnífica.

Quem conhece a poesia oceânica de Tufic (há os poetas de cabotagem e os poetas oceânicos) e tiver a curiosidade de lê-la em francês, se encantará com esse encontro que semelha desde sempre marcado, tal é a fidelidade do tradutor com os meandros dos igarapés que Tufic fez afluírem ao grande rio para depois lançá-los aos oceanos de todas as latitudes. Grata fica a poesia com esta celebração.

Variações natalinas⁴

Pedro Henrique Saraiva Leão

Quisera escrever uma crônica dezembrina, mas sem os cedijos chavões sazonais. Sem neve, renas ou papai Noel. Sem trenós, apenas carros-pipa. Não havia avelãs, pinheiros, mas xiquexique e mandacarus. Viera encontrar-se com um rio prometido, dele beber, nele banhar-se. Também para transformar o agreste em pomar. Recolher facas e distribuir pão. Vinha de longe... tangendo velhas ovelhas, cavalgando trôpego pangaré. Ambos macérrimos, costelas à mostra. Pendendo de longo cacete de jucá, ostentava puído “lábaro” estrelado (bandeira, estandarte, enunciado na confusa letra do nosso hino nacional, o povo cantando sem entender).

Apresentava profundos vincos no rosto, quais talhados a golpes de faca. Suara muitos sóis, irrigando aquele chão gretado. Muitas luas prateavam seus cabelos. Transpirava o sangue do sofrimento. No gibão de couro tocos de pão, nacos de fumo, pedaços de rapadura e resto de farinha, lembravam o estirão percorrido. Lutara contra seca, aluvião, fome, fauna e flora, enfrentara leões, moinhos de vento, desafiara a sorte, o amor e a morte. Provara até “um certo contato com a lua”, evocando o poeta Antônio Girão Barroso. Escapara de areias movediças. Bárbaros e bérberes. Fora picado por três cobras que criara; indabém que Deus, ao concebê-lo, vedara-lhe o corpo para os vírus, vícios e venenos da vida. Peregrinando por ínvias vias, atravessara rios, vadeara riachos, escalara serras, penedias e noites sem fim.

Certa feita, embora cogitando desistir, descumprir promessas, pedir meças ao homem lá de cima, pensou mais. Carregando sua cruz, preferiu aguardar o último trem. Esperar, ia. Acreditava valer a pena, pois tinha a alma grande. Só, carecia de mais paciência. Tê-la-ia! O tempo não tarda, e tem todo o tempo para esperar. Sabia que vida é véspera. Aliás, a água da chuva não era preta como aparentavam as nuvens.

4 Os versos aspeados são de “meus eus”. Edições UFC, Fortaleza, 1994.

Deste provérbio africano lembrava-se sempre o professor Newton Gonçalves, na Faculdade de Medicina do meu tempo (1958-1963). Cuidava agora fosse nascer de novo, nova mente. Vencidos os demais perigos da existência, as incertezas das esquinas, o desamor dos amigos, os desacertos do destino, domadas as dores da consciência, chegava, afinal.

Não soaram sinos à sua chegada, mas balidos de ovelha, e guizos de cascavel. Bois berravam o contraponto. Não trazia ouro, mas pedaços de mica, e galhos de mirra por incenso. Contudo, trazia esperança. Viera adorar o divino infante Jesus, terno, tenro e eterno ramo de fé, para plantarmos no coração e embalar nos nossos braços cansados. Lembrou-se do retorno dos mortos para a ceia natalina – “e o que lhes iremos dizer? / aos mortos, quando chegarem? / o que, meu Deus! / os teus segredos, os meus?”.⁵ Chorou. Amanhã seria outro dia. Sorriu. Pecaríamos menos e amaríamos mais. E nossos pecados serão perdoados. Aleluia! Feliz Natal!

5 Os versos aspeados são de *meus eus*. Fortaleza: Edições UFC, 1994.

Bíblias médicas⁶

Pedro Henrique Saraiva Leão

Nas faculdades de Medicina, cedo os alunos conhecem os quatro sinais característicos da inflamação aguda: rubor, tumor, calor e dor. É o chamado quadrilátero de Celsus. Cornelius Celsus (530 a.C – 7 d.C), nobre leigo durante o reinado de Tibério, tentou resumir a cultura dessa época em agricultura, leis, filosofia, retórica e medicina. Curiosamente aludiu até aos transplantes de tecidos!

Reuniu suas observações em oito volumes sob o título *De Re medica* (“Das Coisas médicas”). Foi o primeiro autor desta ciência a ser publicado em tipos móveis (1478), estes genialmente concebidos por Gutemberg, em Mainz, Alemanha, 1440. Eclodira, assim, uma vera epidemia, divulgada mundialmente, a pandemia do conhecimento.

Celsus foi o terceiro ícone (pessoa emblemática, representativa) daquele quinteto de notáveis, precursores do saber médico, integrantes do *Corpus Hippocraticum*, alentadíssima antologia produzida no século IV a.C., por escritores de Cós, de Cnidos, e da Sicília.

Hipócrates (“circa” 460-375 a.C.) era ilhéu de Cós, e do que escreveu sobressaíram dois tópicos: os “Aforismos” (máximas, ou sentenças morais), e o “Juramento”. Aquele compêndio heterogêneo de quase mil páginas foi escrito em jônico (dialeto do grego antigo), posteriormente traduzido (e comentado!) pelo francês Émile Littré (+1881). Deste é também o famoso *Dictionnaire de Médecine*, Paris, do qual temos a 21ª edição, 1.842 páginas, de 1908).

Outro demiurgo (criador de obra importante) nessa história foi Galeno, nascido em Pérgano, no ano 130 da nossa era. Galeno integrou a tradição hipocrática criando uma ortodoxia (doutrina verdadeira) da Idade Média, vigente por mais de 1.500 anos, estribada na Fisiologia e na Patologia, versando da etiologia (causas) ao tratamento racional (alopatia) das doenças.

6 O Povo, Fortaleza, 27 abr. 2016.

A ele seguiu-se o persa muçulmano Ibn Sina, Avicena, em 1020, com seu formidando “cânone” (coletânea, catálogo), o *Quantum* (leis, em árabe), o mais importante livro na Europa e no mundo árabe, suplantando mesmo o trabalho de Galeno. Verdadeira bíblia médica, tamanha enciclopédia foi estudada até o século XVII nas universidades cristãs e na Inglaterra. O *Quantum*, de Avicena foi vertido para o latim como “canone medicinae”, por Gerardo de Cremona, no século XII.

Megarrepositório de erudição científica, o *Corpus Hippocraticum* foi completado com *De Humanis Corpora Fabrica*, de Andreas Vesalius em 1543. Em 10 volumes, este monumental conjunto foi doado à Academia Cearense de Medicina, onde veio integrar a Biblioteca Dr. Carlos Ribeiro, como Coleção de História da Medicina Dr. Edisio Tavares, falecido em dezembro último, aos 93 anos.

Tais inestimáveis obras ali quedarão sob a competente curadoria do acadêmico/bibliófilo João Evangelista Bezerra Filho. Destarte, com laivos dourados, encerra-se a gestão do dr. Vladimir Távora, seu operoso presidente. Parabéns!

Morre Zygmunt Bauman

João Soares Neto⁷

Conhecido mundialmente por abordar o conceito de “modernidade líquida”, o sociólogo e filósofo polonês Zygmunt Bauman morreu, aos 91 anos, ontem em Leeds, na Inglaterra. Autor de 35 livros, o intelectual discutiu, entre outros temas, como as relações atuais na sociedade tendem a ser menos duradouras e sólidas. Entre suas publicações, a mais famosa é *Amor Líquido*, de 2003. Até o fechamento desta matéria a causa da morte não havia sido divulgada.

Nos últimos anos, o sociólogo estava debruçado em entender as mudanças nas sociedades a partir de ferramentas como as redes sociais online. Segundo o próprio Bauman, ele era “um pessimista no curto prazo e um otimista no longo prazo”. Em entrevista ao programa Observatório da Imprensa, da TV Brasil, em 2015, pontuou: “A habilidade de focar está muito difícil, está desaparecendo, e requer paciência e atenção. Nosso obstáculo é o excesso de informação”.

Nascido em Poznan, na Polônia, o sociólogo se formou na antiga União Soviética e acabou perseguido, principalmente pelo fato de ser judeu. O mais recente livro do autor, *Estranho a nossa porta*, está em pré-venda no País. A obra discute crises migratórias da história da humanidade.

7 O Povo, Fortaleza, 10 jan. 2017

Um varão de Plutarco⁸

Barros Alves⁹

O mundo acadêmico cearense não fez a devida justiça ao nome de Mozart Soriano Aderaldo, neste 2017, ano do centenário de nascimento desse que é considerado uma das personalidades mais importantes das Letras e do pensamento religioso em terras alencarinas. Nascido na cidade de Brejo, no Maranhão, tinha raízes genealógicas assentadas nos sertões de Mombaça, berço dos ilustres Aderaldos e minha terra natal. Por volta de 1978, aos 21 anos, conheci o poeta Antônio Girão Barroso, que me estimulou a adentrar na seara da literatura. Logo depois fui eleito presidente do Clube dos Poetas Cearenses. Passei a frequentar a Academia Cearense de Letras, onde me demorava a beber a sabedoria de literatos como os Girões, – o Antônio e o Raimundo -, Manoel Albano Amora, Artur Eduardo Benevides, Cláudio Martins, Eduardo Campos, Conceição Sousa e tantos outros luminares das Letras cearenses.

Afinava-me mais com o vanguardista Girão Barroso. Naqueles tempos de tempestuosa juventude, para mim, o socialismo conduzia ao paraíso. A Academia tinha sede no Palácio Senador Alencar, hoje Museu do Ceará. Ali, certa manhã de bate-papo com o Girão, eis que adentra um senhor simpático, sorridente e conversador: “Está doutrinando este aí, Girão?” E passou, sorrindo. Girão, de logo, me indagou: “Sabe quem é ele?” À minha resposta negativa, emendou: “É o Mozart, uma das mais lúcidas inteligências do Ceará. Foi aluno do Corção. É o católico dos católicos.

Quando ele fala ou escreve, os padrecos tremem...” E deu uma boa gargalhada. Naquele tempo eu não sabia quem era esse tal Corção (Gustavo Corção, brilhante pensador católico) e não conhecia Mozart Soriano Aderaldo, a quem fui apresentado pelo poeta. Ironia do

8 *O Estado*, Fortaleza, 20 dez. 2017

9 Jornalista, Poeta e Assessor Parlamentar

destino! O garoto metido a socialista e o mestre católico conservador deram-se às mãos. Girão Barroso perdeu o posto de doutrinador. Pelas mãos do mestre Mozart ingressei na Sociedade Cearense de Geografia e História-SCGH, pelas mãos dele fui conduzido, diplomaticamente, a me desvencilhar das amarras ideológicas a que me haviam submetido os marxistas, mestres do engano e do engodo, para retornar à tradição religiosa e político-ideológica mais cara ao bom cristão. Mozart Soriano Aderaldo, “*suma cum laude*”, ocupou o lugar de Girão Barroso na arte da doutrinação. Hoje, eis-me aqui a prestar meu preito de gratidão memorial a um homem de fervor e fé, de justiça e de coragem, que soube usar a escritura literária para enfrentar sofistas e desencaminhadores da juventude.

Ideias: academia renovada

Eduardo Fontes¹⁰

A Academia Cearense de Letras (ACL) encontra-se remoçada, com adereços de uma noiva enfeitada de sol e branca de luas, tal o brilho feérico dos lustres e das luzes no ambiente antes sombrio. Tudo recende a coisa nova, sem o cheiro do bolor de antes, como se um jardineiro fizesse reflorir o jardim das Artes e das Letras, ali abrigadas há mais de um século. E a quem se deve este aggiornamento da mais vetusta academia de letras do Brasil, anterior à instalação da Academia Brasileira de Letras?

Um nome se sobressai entre os seus pares, o do então presidente José Augusto Bezerra, escritor e bibliógrafo, o qual soube imprimir a marca do administrador talentoso à sua gestão, e aformosear o rosto desgastado da tradicional Academia. E a maneira de fazê-lo, com o apoio dos seus pares e da Diretoria, foi reformar o antigo Palácio da Luz, patrimônio histórico, como tal tombado. Não foi tarefa fácil a de José Augusto à frente da veneranda e venerável Academia de Letras do Ceará, porquanto a reforma não poderia desfigurar o conjunto da obra histórica, mas reformar o necessário, como instalações elétricas, hidráulicas, ampliação do auditório, iluminação, biblioteca, acessibilidade, além de obras no entorno do sítio histórico, onde se levanta a Igreja do Rosário e a Praça General Tibúrcio, conhecida popularmente por Praça dos Leões, onde se encontra a estátua em bronze de Raquel de Queiroz, sentada em um dos bancos.

A José Augusto Bezerra bem cabe a expressão latina *bis in idem*, pois levou para a ACL o mesmo tino inovador já provado, quando à frente do Instituto Histórico do Ceará.

¹⁰ Jornalista e administrador. <http://diariodonordeste.verdesmares.com.br/cadernos/opiniaou/ideias-academia-renovada-1.1724383>. 22.03.2017

7ª PARTE

O LIVRO DA ACADEMIA

SETE CHUVAS PARA MEU PAI

Virgílio Maia
poemas

Napoleão Torquato Maia
ilustrações

Nas Oficinas de Vladimir Marão

Dizer sobretudo algo a respeito das chuvas.

Pedido de meu pai Napoleão Nunes Maia ao seu irmão caçula José Amirto, que ficara em Limoeiro do Norte, através de carta escrita em Mogi Mirim, aos 7 de fevereiro de 1952.



Era Bratislava,
as claras praças lavradas
nas mais eslavas palavras,
mas choveu.
O chiado da chuva sobre o chão
envelopou minhas lembranças
e veloz me remeteu,
menino magro,
à posta-restante da infância.
De lá me retirou,
disso já faz uma porção de eventos,
o bezerrinho surubim que tive,
escramuçando neblinas.



Ano seco e resseco confirmado
na magreza dos cinzas de novembro
ruminando nos olhos dos bovinos.
Eis que,
para o nascente,
em plena tarde azul,
há um bordado de nuvens,
que vem de longe, hipocóristico,
e se aproxima e chega.
Baixa e escancara,
sobre a mudez dos seixos,
um bafo de mormaço.
E se vai,
retardatariamente inútil.



Na noite morna,
normal em seus silêncios de cícios,
em suas mais noturnas quietudes,
trovão não se ouvira,
nem relâmpago gizara
a onomatopeia visual dos átimos.
Mas sem que se desse fé, chovera,
pois a manhã molhada se espreguiça
na moldura dos caixilhos.
E toda apreensão agora se equilibra,
bisgando na folhagem,
cai, não cai,
abaulada promessa de babugem.



Outra chuva, essa de agora,
solene se despeja e se desmancha,
somente cai,
mussitando vertentes consoantes
e os cinco dedos das vogais agudas.
Mas seus zilhões de gotas
parecem sempre a mesma, iguais.
Tentado a boiar, na tarde colonial
e em suas águas,
o prosiversejado barquinho,
frágil origami de maio,
à deriva nas rimas,
soçobrando em quartetos,
salvei-me do naufrágio,
bêbado, mas livre:
guiou-me Apollinaire.

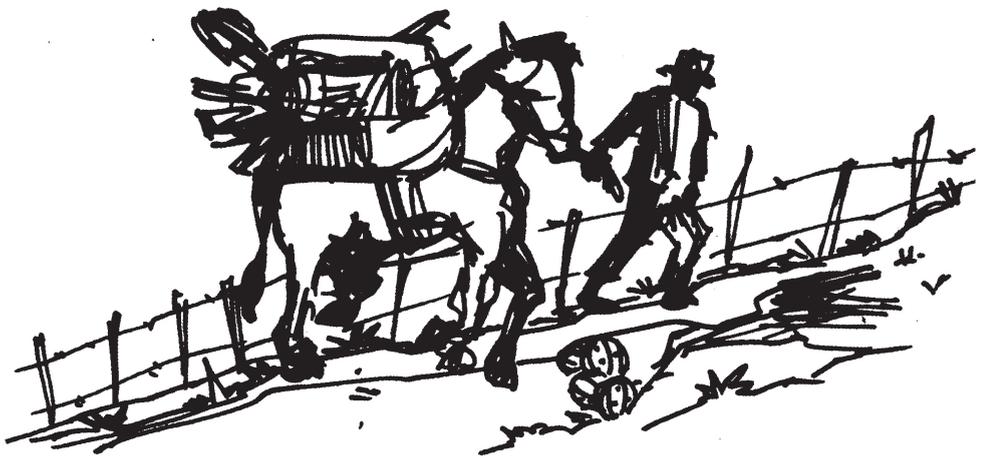


Milênio após milênio,
pingo a pingo,
a chuva escalavrou,
na pele atemporal
da grande pedra,
profunda cicatriz,
crestada e seca,
exposta à sisudez do sol a pino.
Um improbabíllssimo cinzel,
pincel de tempo,
fez e deixou ali,
para sempre, um aceno
aos futuros invernos.



Esta aqui despencou inusitada
e frondosamente tropical,
por mais de dia e meio
abarrotoando barreiros,
ameaçando açudes,
engurujando caprinos,
arrolhando bueiros,
num crescente gerúndio
de milímetros.
Poderosamente caiu,
como costumavam cair
as chuvas literárias de Macondo
e as libertárias águas de Temuco.
Choveu como chove
sobre as anáguas das Anavilhanas.

Não bastassem a rede limpa,
os chocalhos balindo no curral,
e a casa ressonando ao capim santo
dos baús que nem existem mais;
de uma réstia de caibro
o vento vendo e vindo fustigar
as molduras de cem anos atrás.
Não bastasse a memória
passear nos rebocos,
propondo sobre a cal velhos perfis,
baixa, então, uma bênção:
às três horas exatas chega a chuva
e tudo envolve
em papelim de sonho,
num sono antigo de debilha leda.



8ª PARTE

LITERATURA INTERCONTEXTUAL

Técnica mista sobre Canson
Côca Torquato



Soneto do entardecer
Só sei que havia uma pássara
passando,
um minino saltando a sua graça
e vento, muito vento, que me dá
alguém vento é de estar sempre aqui.
Tranquila entardecer de um
muro, sem pressa, o mar que
e vejo, tão bonita,
também essa cor
marinha branca,
vez em quando.
Toda a tarde

Vem lá! agora, não sei
por quais caminhos, de que
antigas veredas através,
um churoz apurte de castanha assada.
Para Teora Júlia V.M.

Pinat Coda



Para Karyolony, de sua tia Cécia

A Regação do Jardim

Novembro se anuncia estorricante
nos meus resuscitados. No jardim,
uma quibléte beirada de um jardim
por aqui clama as águas tão distantes

Amiga mãe, Mãe, Mãe, euclidean
em seu próprio ser, em engastar
e não, planta por planta, de repente
umedecendo e chã, porverante.

Sevi, azul ao joio o joio
do demaisar azul aos meus
agradecendo o líquido carina

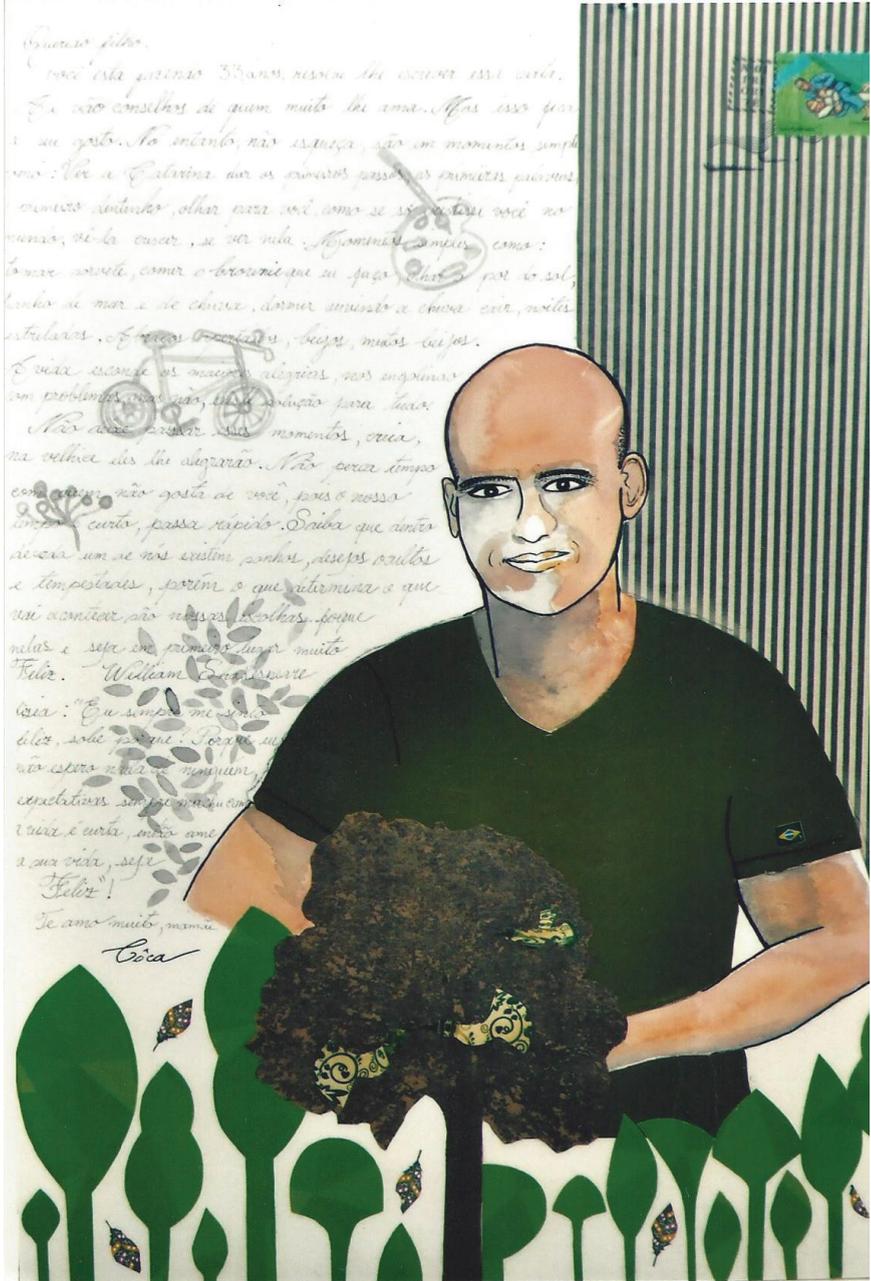
Amplifico de tirar e do pra
que por quez, borraça abri, fo
simi-ovredor de pousar no seu a

V.M.



Yoga,
judeias, que
gras e passadeiras,
ditos sem de comble
palestras, desportadas
dado não comover, o modo
Onde
muito que
a verdade
sabradas
Aproprio
e no seu lado
gloriosa, logo!
Declaro, que
Depois, mais
na sua em
modo e
est

que eu acho
muito, muito
caso em modo
militancia, não
a luz, os dia
siquem, os, um
falta, dia, vida
caso, do, luz, não
na, logo, que, não
com e de de
avento, de
com, e
ado



8ª PARTE

PROGRAMAÇÃO CULTURAL

Prêmio Osmundo Pontes de Literatura

Em sua 18ª edição, o Prêmio Osmundo Pontes de Literatura, idealizado por seu patrono, o acadêmico e amigo das letras, integrante desta Academia, tem como fim específico estimular as produções literárias de escritores cearenses nas áreas do Ensaio, da Poesia e do Conto. Evento já inserido no Calendário Cultural do Estado.

O prêmio ocorre a cada dois anos, sob o patrocínio da família de Osmundo Pontes, com o apoio da Academia Cearense de Letras.

Os agraciados desta edição 2017-2018:

CARLOS AUGUSTO VIANA

Categoria: Ensaio

Título: *A poesia cearense em seis vozes.*

NEIDE AZEVEDO LOPES

Categoria: Poesia

Título: *O silêncio visto por dentro.*

9ª PARTE

Nossos Mortos

Carlos Neves D'Alge

Carlos Neves d'Alge nasceu no dia 24 de julho de 1930, em Chaves, Portugal, ainda em tenra idade veio morar no Brasil. Em 1958, radicou-se no Ceará. Formado em Contabilidade pela Escola de Comércio Padre Champagnat, em Letras Neolatinas pela Faculdade Católica de Filosofia do Ceará, em Direito e Pedagogia pela UFC. Na Universidade Federal do Ceará exerceu as seguintes funções: chefe de gabinete do reitor Martins Filho, professor titular de Literatura Portuguesa, diretor do Centro de Humanidades, pro-reitor de Extensão, diretor da Casa de Cultura Portuguesa. Na Universidade de Fortaleza – UNIFOR, foi professor e diretor do Centro de Humanidades. Em 1973, como professor visitante, ministrou cursos de Literatura Brasileira e Portuguesa na Universidade de Colônia, Alemanha.

Ensaísta, cronista e professor com vasta experiência no campo do ensino e da pesquisa. Iniciou suas atividades como radialista (redator e produtor) e como jornalista. Marcou época na história do rádio cearense nos anos 80. Carlos d'Alge foi apresentador e mediador do programa Debates d'O POVO, na AM d'O POVO 1010, junto com a professora Adísia Sá, prof. Auto Filho e Themístocles de Castro e Silva. Trabalhou no Rio de Janeiro no *Correio da Manhã* e em Fortaleza, em *O Jornal*, *A Fortaleza*, *Ceará Jornal*, *O Povo* e *O Estado*. Principais obras: *Aspectos da nova Literatura Portuguesa*, 1965; *Terra do mar grande*, 1970; *Sintaxe do compromisso* (poesias), 1980; *Exílio imaginário*, 1983; *O Território da palavra*, 1990; *O Talento Cearense em Contos, Breve Ensaio Sobre a Solidão, A Mulher de Passagem*, de 1993; *Em busca da utopia*, 1995; *O sal da escrita*, 1997; *Antologia Terra da luz: poetas*, 1998; *O objeto ausente*, 2003. Personalidade agraciada com o título de Cidadão de Fortaleza e Comendador da Instrução Pública de Portugal.

Titular da Academia Cearense de Letras, onde ocupou a cadeira n. 36, cujo patrono é o Senador Pompeu, tendo sido eleito no dia 30

de setembro de 1980; Também foi membro da Academia Cearense da Língua Portuguesa.

Faleceu em Fortaleza, na noite do dia 20 de dezembro de 2017, vítima de complicações do Alzheimer.

9ª PARTE

ATAS DAS SESSÕES

Ata da reunião da Academia Cearense de Letras de 02/02/2017

Aos dois dias do mês de fevereiro de 2017, às 16h, na sala de reunião, sob a presidência do Acadêmico José Augusto Bezerra, contando com o auxílio das funcionárias Secretária da ACL – Srta. Cláudia Queiroz e Regina Fiúza, Mestre de Cerimônia, bem como com a presença das Acadêmicas Regine Limaverde, Lourdinha Leite Barbosa, Angela Gutiérrez, Giselda Medeiros e Beatriz Alcântara e dos Acadêmicos Ubiratan Aguiar, Lúcio Alcântara, Flávio Leitão e Carlos Augusto Viana realizou-se mais uma sessão preparatória das festividades de reinauguração da sede da ACL.

Com a palavra o Sr. Presidente nomeou o Ac. Flávio Leitão para secretário *ad hoc* e fez as seguintes comunicações:

1. confirmou a presença das autoridades: Governador do Estado do Ceará – Camilo Santana, Presidente da Assembleia Legislativa do Estado do Ceará – Dep. Zezinho Albuquerque, Prefeito de Fortaleza – Roberto Cláudio, Comandante da 10ª Região Militar – Gal. Estevam Cals Theophilo Gaspar de Oliveira e Presidente do TJCe – Desembargador Gladysson Pontes;

2. confirmou que as personalidades acima citadas irão receber a Medalha *120 Anos - Benemérito* e a seguir os que receberão a Comenda - *Uma Lenda do Ceará*, o Chanceler Airton Queiroz, Beto Studart, M. Dias Branco – in memoriam e Tasso Jereissati. Descreveu ambos galardões, dando, inclusive detalhes da arte dos mesmos, assim como do que vem escrito nessas homenagens, informando que a ACL recebera as mesmas com a colaboração de formatação sua;

3. Palestra do Acadêmico Juarez Leitão sobre “Uma lenda do Ceará”, proferida no auditório do BNB;

4. Doação sua de um belíssimo espelho veneziano que ficará na entrada da rua Sena Madureira;

Em seguida fez minudentes comentários sobre a restauração dos quadros que ornaram a ACL, afirmando que dentro em breve a ACL terá uma pinacoteca invejável e que servirá de pesquisas para os

estudantes do Ceará. Citou os quadros de Raimundo Cela, da primeira planta de Fortaleza, datado de 1626, a restauração do bureau de José Tomé de Saboya, bustos dos dois primeiros presidentes da ACL Tomaz Pompeu de Souza Brasil e Barão de Studart.

A seguir passou a descrever como se desenvolverá a sessão de reinauguração do Palácio da Luz: abertura com dois trompetes, Hino Nacional Brasileiro que será tocado pela Camerata da Universidade de Fortaleza, bem como obras de compositores nacionais relacionadas aos negros e libertação dos escravos: “Batuque”, de Alberto Nepomuceno, “O Guarani”, de Carlos Gomes; jogral que encenará poemas de Juvenal Galeno, Pe. Antônio Tomaz, Paula Ney, Artur Eduardo Benevides, Antônio Girão Barroso, Jáder de Carvalho, contemplando assim os românticos e o modernismo, segundo orientação do Acadêmico Carlos Augusto.

A Acadêmica Angela Gutiérrez comentou sobre diploma que o Presidente recebeu de todos os seus pares e sugeriu que fato tão inédito fosse fixado e emoldurado na própria ACL para confirmar a excelência de sua administração. E como nada mais houvesse a ser tratado, foi encerrada a sessão, tendo antes o presidente convidado todos os presentes a fazerem com ele um passeio pelas novas instalações da ACL, e tendo sido lavrada a presente ata, que será assinada após leitura e aprovação da mesma.

Ata da reunião da Academia Cearense de Letras de 13/03/2017

Aos treze dias do mês de março do ano de dois mil e dezessete (13/03/2017), precisamente às dezesseis horas (16h), no salão de reuniões da Academia Cearense de Letras (ACL), sob a presidência do Acadêmico Ubiratan Aguiar, com a presença das Acadêmicas Beatrix Alcântara e Giselda Medeiros, bem como dos Acadêmicos José Augusto Bezerra, Ernando Uchoa Lima, Linhares Filho, Juarez Leitão, Ednilo Soárez e Flávio Leitão realizou-se a primeira sessão ordinária da Diretoria eleita para o biênio 2017 – 2018.

Justificaram a falta àquela sessão as Acadêmicas Regine Limaverde que viajou para comemorar seu aniversário, Angela Gutiérrez que recebia da Câmara Municipal de Quixeramobim a Comenda Antônio Conselheiro, no dia em que se cumpriam 187 anos do seu nascimento e 120 anos de sua morte, e Noemi Elisa, por motivo de doença. Também justificou sua falta o Acadêmico Pedro Henrique Saraiva Leão.

Declarada aberta a sessão, o Presidente solicitou ao Secretário Flávio Leitão que fizesse a leitura da ata da sessão anterior, no que foi prontamente atendido, tendo sido a mesma aprovada por unanimidade, sem reparos.

O Secretário Flávio Leitão sugeriu que as atas fossem previamente enviadas a todas as Acadêmicas e a todos os Acadêmicos, o que permitiria uma análise mais aprofundada dos assuntos registrados, podendo assim ser dispensada sua leitura durante a sessão, ganhando-se com esta medida, mais tempo para discussão dos diversos assuntos trazidos à baila. Sugestão aceita por unanimidade.

Com a palavra o Presidente comunicou que, em audiência em Brasília, com sua Excia. o Ministro da Cultura – Dr. Roberto Freire – teve oportunidade de apresentar diversos projetos desta Arcádia, iniciando pelo projeto Interiorização. Explicou que com este termo quer significar um conjunto de visitas que serão feitas pela ACL, com o maior número possível de seus membros, aos diversos centros culturais do Estado, em datas previamente acertadas. Seria uma tentativa de levar cultura às diversas Academias existentes no interior do Ceará, como a do Crato, de Sobral, do Vale do Jaguaribe. Uma maneira prática de trocar ideais que redundassem na difusão do pensamento dos intelectuais cearenses, com consequente melhora do nível cultural do Estado.

Permanecendo com a palavra, o Presidente disse ser sua intenção Aprofundar o Relacionamento desta Academia com as demais existentes nesta Capital. Nessa ocasião o Acadêmico Juarez Leitão afirmou existirem 25 Academias em Fortaleza. Lembrou que grande número delas utiliza nossas instalações para suas reuniões, que com a finalidade de melhorar o Caixa da ACL, poder-se-ia estudar a possibi-

lidade de as mesmas pagarem uma taxa. Nessa ocasião o Acadêmico Ednilo Soares afirmou estar traumatizado com a pobreza de recursos que teve de administrar quando de sua presidência no Instituto Histórico e Geográfico do Ceará, que acabara de entregar ao confrade Lúcio Alcântara. O Presidente lembrou que as trocas de ideias com as diversas Academias poderiam resultar em um livro, que havia a possibilidade de nos beneficiarmos com a Lei Rouanet, que ele próprio quando Ministro (?), Deputado Federal(?) propusera que 3% do lucro dos grandes jogos fosse destinado à cultura.

Ainda com a palavra, o Presidente comunicou as diversas *démarches* realizadas no sentido de criar um projeto que permita pagar-se aos membros desta Academia pelas palestras apresentadas às diversas organizações culturais do Estado.

Por último lamentou o pequeno número de confrades e confreiras nas sessões da Academia, informando que fará todo esforço possível para reverter este quadro. O Secretário Flavio Leitão lembrou, sem querer com isto desestimular o Presidente, o conhecido fato de que Machado de Assis contou com apenas cinco imortais, quando presidiu sua última sessão na Academia Brasileira de Letras.

Finalmente, o Presidente lembrou a todos os presentes que no dia 15 do corrente mês, às 19h, no Salão Humberto Cavalcante do Ideal Clube, o Acadêmico Luciano Maia lançará seu livro *Os Longes*. Aproveitou para instar com todos os Acadêmicos a se fazerem presentes, prestigiando o nosso confrade. Nessa oportunidade o Acadêmico Juarez Leitão convidou os presentes a comparecerem no mesmo dia, quarta-feira, à sua casa, por ocasião da “Tapioca Literária”, havendo tempo suficiente para o comparecimento ao lançamento do livro do confrade Luciano Maia.

Ainda com a palavra, o Acadêmico Juarez Leitão sugeriu que se criasse a **Sessão Memória Centenária**. Lembrou que este ano teremos o centenário dos imortais Mozart Soriano Aderaldo, Itamar Espíndola, Rebouças Macambira e Newton Gonçalves. Que seria um grande feito para a ACL a comemoração, doravante, do centenário de seus imortais.

Sugeri que nesta primeira sessão solene o Acadêmico Linhares Filho, Príncipe dos Poetas Cearenses, fizesse o panegírico dos imortais, tendo sido aceita por unanimidade a indicação.

O Acadêmico Ernando Uchoa Lima sugere que a data seja escolhida de modo a não conflitar com eventos outros da mesma grandeza. Lembrou que o Instituto do Ceará, por exemplo, estava reunido naquele momento, como primeira reunião da nova Diretoria e vários dos nossos acadêmicos fazem, igualmente, parte daquele sodalício. Lembrou a homenagem que será prestada à Da. Suzana Ribeiro e aproveitou para convidar todos a se fazerem presentes.

Nessa ocasião comentou-se o grande número de personalidades presentes à posse do Acadêmico Lúcio Alcântara, na Presidência do Instituto Histórico, no último sábado pp.

A Acadêmica Beatriz Alcântara afirmou que o segredo do exagerado número de autoridades presentes àquele evento deveu-se à grandeza pessoal do Acadêmico Lúcio Alcântara, que na sua expressiva humildade convidou seu adversário político, sua Ex.^a o Governador do Estado Dr. Camilo Santana que por sua vez respondeu também com magnanimidade, aceitando o convite.

Ainda livre a palavra, o Acadêmico Ednilo Soárez lembrou a grande dificuldade em termos nossas publicações à venda nas diversas livrarias desta cidade. Por isso comunicou ao Presidente que além de falar ao telefone, com os gerentes das grandes livrarias desta capital, ele resolveu ir pessoalmente à sede dessas empresas para discutir *tête-a-tête* com os responsáveis por essas livrarias.

O Acadêmico Flávio Leitão lembrou que atualmente existe, em Fortaleza, uma livraria do Autor Cearense, sob a direção do ex-governador Gonzaga Mota.

O Presidente mostrou cópia de ofício do Ilmo. Sr. Presidente do Tribunal de Contas da União – Raimundo Carreiro - informando ter constado na Ata nº. 5, de 15/02/2017, publicada no DOU de 22/2/2017, voto de congratulações pela posse na presidência da ACL.

E, como nada mais houvesse a ser tratado, eu, Flávio Leitão, Secretário da ACL, lavrei a presente ata que após, discussão, será aprovada.

Ata da reunião da Academia Cearense de Letras de 10/04/2017

Aos dez dias do mês de abril do ano de dois mil e dezessete (10/04/2017), como de costume, na segunda segunda-feira do mês, exatamente às dezesseis horas (16h), no salão de reuniões da Academia Cearense de Letras (ACL), sob a presidência do Acadêmico Ubiratan Aguiar, com a presença das Acadêmicas Marly Vasconcelos, Beatriz Alcântara, Lourdinha Leite Barbosa e dos Acadêmicos Ernando Uchôa, Durval Aires, Linhares Filho, Carlos Augusto Viana, Teoberto Landim, Juarez Leitão e Flávio Leitão realizou-se a segunda sessão ordinária da Diretoria eleita para o biênio 2017-2018.

Assessorando a Presidência encontravam-se a Diretora Adjunta Cláudia Queiroz, a Diretora Administrativa Regina Fiúza e a Bibliotecária Madalena Figueiredo.

Justificou a falta àquela sessão a Acadêmica Angela Gutiérrez, por se encontrar com seu esposo – o médico e professor Dr. Osvaldo Gutiérrez – hospitalizado, tendo-se comprometido, tão logo quanto possível, juntamente, com as Acadêmicas Lourdinha Leite Babosa (Diretora de Cultura) e Regine Limaverde (Diretora de Comunicação) a reativar o Ciclo de Conferências ACL 2017.

Também justificaram as ausências àquela sessão os Acadêmicos José Augusto Bezerra e Luciano Maia, bem como a Acadêmica Giselda Medeiros por motivo de doença.

Com a palavra, o Presidente Ubiratan Aguiar afirmou sua certeza de termos, num futuro próximo, reuniões com um número cada vez maior de árcades, agradeceu as presenças de todos e confirmou a aprovação por parte do Exmo. Sr. Ministro da Cultura – Dr. Roberto Freire – do projeto que prevê pagamento para aqueles que preferirem palestra na ACL.

O Acadêmico Ernando Uchôa Lima solicitou a palavra para discordar do pagamento de palestras a membros desta Arcádia, uma vez que essa é uma atividade inerente ao membro titular da Academia,

permitindo-se tal atitude quando se tratasse de deslocamento do árcade para proferir palestra fora desta Academia. O Secretário Flávio Leitão lembrou que o pagamento seria para justificar os gastos com o projeto, mas que seria elegante, por parte de quem recebesse quaisquer proventos, doá-los à ACL. Houve várias manifestações concordantes com a opinião do Acadêmico Ernando Uchôa Lima que finalmente prevaleceu.

Permanecendo com a palavra, o Presidente afirmou seu desejo de ativar a aproximação com as diversas Academias de Letras existentes no Estado, com reuniões da ACL a serem realizadas nos polos culturais de Crato/Juazeiro/Barbalha, Sobral e região do Vale do Jaguaribe. Essas atividades seriam fruto do desenvolvimento do projeto “Interiorização”.

Lembrou que vários dos nossos confrades têm suas raízes nessas regiões, como os Acadêmicos Linhares Filho, Dimas Macedo, Batista de Lima (sul do Estado), os acadêmicos Napoleão Maia, Luciano Maia, Virgílio Maia e José Augusto Bezerra (vale do Jaguaribe) e a acadêmica Lourdinha Leite Barbosa e o acadêmico Juarez Leitão (com ligações afetivas com Sobral). Esclareceu que embora esses membros titulares da ACL tenham a obrigação natural de comparecer aos locais de suas origens, o ideal seria que todos prestigiassem tais eventos, para comprovar a pujança da ACL.

O Acadêmico Carlos Augusto que é também Diretor de Cultura do Ideal Clube convidou todos a comparecerem àquele clube social, no dia 11 de maio vindouro para a solenidade de outorga do Prêmio de Literatura Ideal Clube – José Telles, quando, possivelmente estará presente o Ministro da Cultura.

O acadêmico Juarez Leitão pediu permissão para ler belíssimo soneto da lavra do Príncipe dos Poetas Cearenses – José Linhares Filho – denominado *Despedida a Artur Eduardo Benevides* e o fez com inigualável retórica e a pujante emoção dos grandes tribunos. Referido soneto faz parte do livro *Consagração à Poesia*, de Linhares Filho. O autor, num ato de gentileza e de amizade fraterna autografou para todos os presentes mais esta sua soberba produção literária.

O Presidente determinou que os Acadêmicos Ernando Uchôa Lima e Durval Aires Filho fossem os relatores da solicitação para Membro Correspondente desta Arcádia, respectivamente, dos senhores: João Paulo Hergesel e Antonio Seixas, entregando-lhes os requerimentos dos mesmos com informações num minicurrículo.

João Paulo Hergesel recebeu parecer favorável, mesmo em se tratando de um jovem de 24 anos, em virtude do rico currículo e da sua expressa vontade de, como cultor das letras, difundir o trabalho literário da nossa Academia.

O segundo mostrou em seu requerimento que é Membro Correspondente de várias Academias do País, relacionou suas dez publicações, bem como comprovou pertencer a várias Entidades Acadêmicas e recebeu igualmente parecer favorável do relator Acadêmico Durval Aires.

E, como nada mais houvesse a ser tratado, eu, Flávio Leitão, Secretário Adjunto, lavrei a presente Ata que, após lida e discutida, será aprovada.

Ata da reunião da Academia Cearense de Letras de 12/06/2017

Aos doze dias do mês de junho do ano de dois mil e dezessete (12/6/2017), às dez horas (10 horas), no salão de reuniões da Academia Cearense de Letras (ACL), foi realizada a quarta sessão ordinária da Diretoria eleita para o biênio 2017/2018. Foi presidida pela confrreira Angela Gutiérrez, Vice-Presidente deste sodalício, em face do impedimento momentâneo do Presidente Ubiratan Aguiar. Encontravam-se presentes as confrreiras Marly Vasconcelos, Lourdinha Leite Barbosa, Giselda Medeiros e Regine Limaverde, bem como os confrades Ernando Uchoa Lima, José Batista de Lima, José Augusto Bezerra, Juarez Leitão, Flávio Leitão, João Soares Neto e Durval Aires Filho. Assessorando a Presidência, encontravam-se a Diretora Adjunta Cláudia Queiroz e a Bibliotecária Madalena Figueiredo. Justificaram as ausências os confrades Teoberto Landim, Pedro Henrique Saraiva Leão, Linhares Filho, Ed-

nilo Gomes de Soárez e Lúcio Alcântara, assim como a confeira Beatriz Alcântara. Declarada aberta a sessão, a Vice-Presidente comunicou que, em discussão com o Presidente Ubiratan Aguiar, ficou resolvido mudar o nome *Projeto de Interiorização* para *Projeto de Encontros Regionais*, que explicita melhor a finalidade do projeto. Informou ainda que o Presidente criou uma Comissão Organizadora para os referidos encontros, constituída pelo próprio Presidente, pela Vice-Presidente Angela Gutiérrez, pela Diretora Cultural Lourdinha Leite Barbosa, pela Diretora de Comunicação Regine Limaverde, pelo Secretário-Geral Juarez Leitão e pelo Secretário Adjunto Flávio Leitão. Confirmou a Vice-Presidente a necessidade de trabalharem com a Comissão Organizadora os confrades Batista de Lima, Linhares Filho e Dimas Macedo, por serem oriundos daquela região. Adiantou, contudo, que o árcaide Linhares Filho lhe comunicara a impossibilidade de participar dessa Comissão em virtude de viagem previamente programada. Sugeriu a Vice-Presidente que referida Comissão deveria se reunir para discutir a logística da realização do evento, tendo ficado acertado, por consenso, o dia dezoito de junho de dois mil e dezessete (19/6/2017), segunda-feira vindoura, às oito horas e trinta minutos (8h30), na ACL. Apresentou ainda a Vice-Presidente uma sugestão do programa a ser desenvolvido por ocasião do Encontro Regional no Cariri, que passou a ler: dia sete de julho (7/7), sexta-feira, às dezoito horas e quarenta e cinco minutos (18h45), saída de Fortaleza para Juazeiro do Norte, pela companhia aérea Avianca, com chegada prevista para as dezoito horas e quarenta e cinco minutos (19h45) e ida imediata para hotel a ser confirmado; dia oito de julho (8/7), sábado, às oito horas e trinta minutos (8h30), Abertura do Encontro com encerramento previsto para as onze horas e trinta minutos (11h30). O Encontro realizar-se-á no auditório do Memorial Padre Cícero. Após o almoço, deslocar-nos-emos para Crato, onde, às quinze horas (15horas), teremos atividade literária no Instituto Cultural de Crato, e, em seguida, retornaremos para Fortaleza. A própria Vice-Presidente achou que a exiguidade de tempo poderia diminuir o brilho do evento e autorizou a Comissão

Organizadora a discutir esses detalhes e a apresentar uma proposta viável. Por último, a Vice-Presidente comunicou o falecimento da senhora Mirian Benevides Pamplona, irmã do imortal Artur Eduardo Benevides e mãe da nossa Diretora Administrativa Regina Fiúza. Nesse momento, o Presidente Ubiratan Aguiar assumiu a Presidência da sessão e exortou, mais uma vez, todos os membros titulares desta Arcádia a se fazerem presentes às reuniões, lembrando que a Academia somos todos nós, que nós a procuramos por entendermos que a imortalidade que a Academia nos confere foi o escopo de nossa atividade literária e, como tal, nos obriga a trabalhar pelo desenvolvimento de todas as atividades que aqui se desenvolvem. Lembrou que nosso segundo projeto, qual seja, o de trazer os estudantes dos ensinos médio e universitário para visitas guiadas à nossa Academia, continua sendo motivo de suas apreensões, e que pleiteia com o Ministro da Cultura verbas que nos permitam oferecer, principalmente aos estudantes de escolas públicas, o transporte e um lanche para tornar mais atrativas essas visitas. Dando-se continuidade à sessão, a Acadêmica Regine Limaverde discorreu durante quinze minutos (15 minutos), de maneira clara e agradável, sobre o Poeta e Pedagogo Filgueiras Lima, um dos que pertenceram à Cadeira 21, atualmente ocupada pela apresentadora desse trabalho. Cumprimentada pela apresentação, a palavra foi facultada, e o confrade Juarez Leitão leu o prefácio que fizera para o livro de autoria da escritora Luiza Helena Amorim, onde se encontra a biografia do Presidente Ubiratan Aguiar. Facultada a palavra, a Acadêmica Regine Limaverde comunicou que, nos dias vinte e oito (28), vinte e nove (29) e trinta (30) do corrente mês, no Campus Multi-Institucional Humberto Teixeira, na cidade de Iguatu/CE, será realizado o II Encontro de Cultura e Literatura Cearense (II ENCLICE), uma promoção da Universidade Estadual do Ceará (UECE), ocasião em que, com a Acadêmica Lourdinha Leite Barbosa, participará com o tema *A Criatividade Literária*. Em seguida, o Acadêmico Durval Aires Filho sugeriu que se incluísse uma palestra no ciclo de palestras a serem apresentadas na ACL, sobre o tema Literatura e Cinema. A sugestão

foi discutida e aceita, considerando-se o polo de desenvolvimento da sétima arte no nosso Estado. Como nada mais houvesse a ser tratado, eu, Flávio Leitão, Secretário Adjunto, lavrei a presente ata que, após discussão, será assinada por todos.

Ata da reunião da Academia Cearense de Letras de 10/07/2017

Aos dez dias do mês de julho do ano de dois mil e dezessete, como de costume, na segunda segunda-feira do mês, exatamente às dezesseis horas, no salão de reuniões da Academia Cearense de Letras (ACL), sob a presidência do Acadêmico Ubiratan Aguiar, com a presença das Acadêmicas Beatriz Alcântara, Angela Gutiérrez, Regine Lima-verde, Giselda Medeiros e Lourdinha Leite Barbosa e dos Acadêmicos José Batista de Lima, Ednilo Soárez, José Augusto Bezerra, Juarez Leitão, Pedro Henrique Saraiva Leão e Lúcio Alcântara realizou-se a quinta sessão ordinária da Diretoria eleita para o biênio 2017/2018. Assessorando a Presidência, encontravam-se a Diretora Adjunta Cláudia Queiroz, a Diretora Administrativa Regina Fiúza e a Bibliotecária Madalena Figueiredo. Justificaram a falta àquela sessão a Acadêmica Marly Vasconcelos, bem como os Acadêmicos Carlos Augusto Viana, José Murilo Martins, Ernando Uchoa, Teoberto Landim, Linhares Filho, Flávio Leitão e Durval Aires Filho. Declarada aberta a sessão, o Presidente solicitou a leitura da ata da sessão anterior, que foi feita pelo Secretário-Geral Juarez Leitão, em virtude do impedimento do Secretário Adjunto Flávio Leitão, por motivo de saúde. Após leitura e discussão, foi aprovada a ata com pequenas correções. Em seguida, o Acadêmico Batista de Lima discorreu brilhantemente sobre a vida e a obra do famoso poeta Álvaro Martins, o Policarpo Estouro da Padaria Espiritual, enaltecendo sua breve vida, assim como sua obra de grande talento, abordando passagens importantes e curiosas do homenageado. Lembrou que Álvaro Martins nasceu em Trairi, em quatro de abril de mil oitocentos e sessenta e oito, vindo a falecer em mil novecentos e seis, com apenas trinta e oito anos. O Conferencista foi vivamente aplaudido pelo desempenho. Nes-

sa ocasião, ficou definido que a próxima conferência ficará a cargo da Acadêmica Beatriz Alcântara, que falará sobre o centenário do Médico e Acadêmico Newton Gonçalves, seu antecessor na Cadeira 16. Em seguida, o confrade Ednilo Soárez usou a palavra para elogiar a iniciativa da Universidade de Fortaleza – Unifor em convidar o Escritor Moçambicano Mía Couto para participação num seminário de Literatura. Foi feita alusão a vários eventos, como o Encontro de Iguatu. Em continuação, o Presidente apresentou o convite para lançamento do livro *A Saga Lírica de Giselda Medeiros*, organizado por Gizela Nunes da Costa, a ser realizado no dia 13 de julho, às 19h, no Náutico Atlético Cearense, devendo a apresentação ser feita pela Acadêmica Angela Gutiérrez. Com a palavra facultada, o Acadêmico Pedro Henrique Saraiva Leão lembrou os encontros regionais, que já haviam sido realizados no passado e agora retornam. O Acadêmico José Augusto convidou todos os presentes para palestra no Ideal Clube, no dia 14 de julho, às 12 horas, a ser proferida pela Escritora Indrid Schwambordn, sobre *Américo Vespúcio e a Origem da Palavra América*, lembrando que o evento é uma promoção da Sociedade Brasileira de Bibliófilos. Ainda facultada a palavra, a Acadêmica Regine Limaverde convidou para a cerimônia de outorga do Título de Professor Emérito, concedido pela Universidade Federal do Ceará – UFC, ao confrade Linhares Filho, Príncipe dos Poetas Cearenses, na quinta-feira vindoura, 13 de julho, às 19 horas. Com a palavra, o Presidente Ubiratan Aguiar teceu comentários sobre o projeto de interiorização da Academia, numa tentativa de identificação cultural e de intercâmbio com as entidades literárias do interior. Falou também sobre as visitas de estudantes à Academia, assim como o Ciclo de Conferências, eventos tradicionais da nossa Instituição. As Acadêmicas Angela Gutiérrez, Lourdinha Leite Barbosa e Beatriz Alcântara usaram da palavra complementando os assuntos abordados. Com a palavra, a Acadêmica Angela Gutierrez falou sobre a colaboração do árcade Murilo Martins para o Memorial da UFC, especialmente com a Sala do Fundador, além de tecer comentários sobre os projetos da Academia. Por fim, o Acadêmico Lúcio Alcântra anunciou que lançará,

proximamente, um livro sobre os Mestres da Cultura do Ceará. Como nada mais houvesse a ser tratado, o Presidente deu por encerrada a sessão, da qual eu, Flávio Leitão, Secretário Adjunto, lavrei a presente ata, com os dados fornecidos pelo Secretário-Geral Juarez Leitão.

Ata da reunião da Academia Cearense de Letras de 09/08/2017

Aos nove dias do mês de agosto do ano de dois mil e dezesse- te, excepcionalmente na segunda quarta-feira do mês, exatamente às dezesseis horas, no salão de reuniões da Academia Cearense de Letras (ACL), sob a presidência do Acadêmico Ubiratan Aguiar, com a presença das Acadêmicas Beatriz Alcântara, Angela Gutiérrez, Regine Limaverde, Giselda Medeiros, Lourdinha Leite Barbosa, Noemi Elisa Soriano Aderaldo e Marly Vasconcelos e dos Acadêmicos José Augusto Bezerra, Lúcio Alcântara, João Soares Neto, Flávio Leitão, Horácio Dídimo, Ernando Uchoa e Linhares Filho realizou-se a sexta sessão ordinária da Diretoria eleita para o biênio 2017/2018. Assessorando a Presidência, encontravam-se a Diretora Adjunta Cláudia Queiroz e a Bibliotecária Madalena Figueiredo. Justificaram a falta àquela sessão os Acadêmicos Carlos Augusto Viana, Cesar Barros Leal, José Murilo Martins, Pedro Paulo Montenegro, Ednilo Soáres e Durval Aires Filho. Antes de iniciada a sessão, o Árcade Pedro Henrique Saraiva Leão recebeu um chamado hospitalar de urgência, tendo, então, se retirado. Declarada aberta a sessão, o Presidente comunicou que havia, por portaria, criado quatro comissões. **A primeira** com a finalidade de estudar o projeto de reforma do Estatuto da ACL, constituída pelos árcades Durval Aires Filho, Ernando Uchoa Lima, Linhares Filho, Virgílio Maia e pela congreira Giselda Medeiros. O Presidente entregou ao confrade Ernando Uchoa algumas propostas de mudança do Estatuto que haviam sido encaminhadas pelo confrade João Soares Neto e esclareceu que referida comissão espera receber sugestões de todos que compõem a ACL. **A segunda** comissão foi destinada a fazer o planejamento das finanças da ACL, constituída pelos confrades Ednilo

Soárez, João Sousa Neto, José Augusto Bezerra, Juarez Leitão e Pedro Henrique Saraiva Leão. **A terceira** comissão, formada pelas confreiras Angela Gutiérrez, Maria de Lourdes Leite Barbosa, Regine Limaverde e pelos confrades Batista de Lima e Flávio Leitão, tem o objetivo de organizar, revisar e desenvolver todas as atividades necessárias à consecução da publicação da Revista da Academia. Por último, **a quarta** comissão foi instituída para providenciar um calendário das atividades literárias da ACL, formada pelas confreiras Noemi Elisa Soriano Aderaldo e Marly Vasconcelos, bem como pelos confrades Horácio Dídimo, Linhares Filho e Sânzio de Azevedo. Informou o Presidente que todas as sugestões propostas às referidas comissões por Acadêmicos e Acadêmicas serão, no devido tempo, submetidas à discussão e à aprovação de uma Assembleia Geral criada para essa finalidade. Ainda com a palavra, o Presidente comentou mais uma vez sua disposição para renunciar ao seu cargo, caso não houvesse a decidida participação de todos os árquades. Nessa ocasião, o confrade Lúcio Alcântara pede a palavra para lembrar que essa dificuldade é inerente a todas as Academias, que não aceitaria essa renúncia, no que foram acordes todos os presentes. Em seguida, o Presidente disse que gostaria que todos estudassem a possibilidade da criação de uma revista ou de um boletim, com notícias sobre a Academia, com a finalidade precípua de promover o conhecimento das atividades desenvolvidas pela Academia junto à comunidade literária do Estado. Por fim, o Presidente designou a confreira Lourdinha Leite Barbosa para fazer a apresentação de um de seus antecessores na Cadeira que vem ocupando. Referido trabalho seria apresentado na próxima reunião ordinária da ACL. Passou, então, o Presidente a palavra para a confreira Beatriz Alcântara que, de maneira concisa, em treze minutos, apresentou rico resumo de dados a respeito do médico e Acadêmico desta Arcádia Newton Teófilo Gonçalves. Findou a expositora, brindando a todos os presentes com uma plaqueta, contendo o trabalho que acabara de apresentar. Esclareceu a confreira Beatriz Alcântara que a plaqueta fora um mimo ofertado por seu marido, o também Acadêmico Lúcio

Alcântara. A seguir, o Presidente solicitou a leitura da ata da sessão anterior, que foi aprovada por unanimidade, após correção do nome da Associação Brasileira de Bibliófilos. Dando continuidade, o Senhor Presidente passou a palavra à Vice-Presidente, a Acadêmica Angela Gutiérrez, que fez um resumo de suas atividades junto à Secretaria da Cultura de Fortaleza (Secultfor). Referia-se à materialização do uso dos recursos que o Ministério da Cultura enviara àquele órgão por interferência do Presidente da ACL junto ao ex-Ministro da Educação, Senhor Roberto Freire. Esclareceu que já se encontra acertado o patrocínio pela Secultfor das visitas guiadas dos estudantes à nossa sede. Informou ainda que os encontros regionais têm que ser realizados em Fortaleza, sob a denominação de Encontros de Fortaleza, uma vez que a Secultfor não pode patrocinar eventos fora da cidade de Fortaleza. Fez questão de registrar o grande interesse de todos os que fazem a Secultfor em prestigiar esses encontros, tanto que um dos funcionários da Secultfor, Senhor Jorge Pieiro, foi, pessoalmente, tratar desse assunto na residência da Acadêmica Angela Gutiérrez, quando estava esta impossibilitada de sair por motivo de saúde. Ainda com a palavra, a Vice-Presidente sugeriu, e foi aceito por unanimidade, que o retrato do confrade José Augusto Bezerra fosse posto na galeria dos ex-presidentes, como parte da sessão solene comemorativa do aniversário da nossa Arcádia. Lembrou que a Fundação Demócrito Rocha continua no firme propósito de continuar publicando a série dos Clássicos de autoria de excelentes, mas esquecidos autores cearenses. Afirmou que o prefácio de responsabilidade do Príncipe dos Poetas Cearenses para um desses livros já fora concluído. Por último, confirmou a presença, no dia cinco de outubro vindouro, da escritora portuguesa Teolinda Gersão. Novamente com a palavra, o Presidente comunicou que, na próxima segunda-feira, irá a Brasília para tratar dos nossos interesses junto ao Ministério da Cultura, principalmente no que concerne às fontes de financiamento dos gastos fixos da nossa Academia. Como nada mais houvesse a ser tratado, foi encerrada a sessão da qual eu, Flávio Leitão, lavrei a presente ata que, após discussão, será aprovada.

Ata da reunião da Academia Cearense de Letras de 10/10/2017

Aos dez dias do mês de outubro do ano de dois mil e dezessete, na segunda terça-feira do mês, pontualmente às dezesseis horas, no salão de reuniões da Academia Cearense de Letras, com a presença das Acadêmicas Marly Vasconcelos, Angela Gutiérrez, Giselda Medeiros e Maria de Lourdes Leite Barbosa, bem como dos Acadêmicos Carlos Augusto Viana, José Augusto Bezerra, Ernando Uchoa Lima, Juarez Leitão, Pedro Henrique Saraiva Leão, César Barros Leal, Flávio Leitão, Teoberto Landim e Durval Aires Filho realizou-se a sétima sessão ordinária do biênio 2017/2018. Assessorando a Presidência, encontravam-se a Diretora Adjunta Cláudia Queiroz, a Diretora Administrativa Regina Fiúza e a Bibliotecária Madalena Figueiredo. Declarada aberta a sessão, o Presidente insistiu mais uma vez na frequência dos titulares da ACL às nossas reuniões e comunicou o resultado do trabalho das seguintes comissões: a Comissão de Revisão dos Estatutos, composta pelos Acadêmicos Linhares Filho como Presidente, Ernando Uchoa Lima, como relator e a Acadêmica Giselda de Medeiros Albuquerque como Membro Efetivo, concluiu serem desnecessárias modificações no Estatuto desta arcádia; a Comissão de Finanças, composta pelos Acadêmicos Ednilo Soárez, João Soares Neto, José Augusto Bezerra, Juarez Leitão e Pedro Henrique Saraiva Leão, apresentou, basicamente, três modalidades de aquisição de fundo financeiro para a ACL: a) ajuda permanente, que seria a luta da ACL pela promulgação de lei, pela Assembleia Legislativa do Estado do Ceará, que destinasse recursos fixos para a ACL e para o Instituto Histórico, Geográfico e Antropológico do Ceará; b) ajuda da iniciativa privada, em que a ACL desenvolveria *démarches* no sentido de manter as doações dos grupos M. Dias Branco, Edson Queiroz e Fundação BSPAR; c) atividades culturais como conferências, cursos, promoção de festividades com o patrocínio da Secretaria Municipal de Cultura de Fortaleza — Secultfor, que redundassem no aporte de algum resultado pecuniário para esta Aca-

demia. Lembrou ainda o Acadêmico José Augusto a necessidade de se fazer um memorial com um projeto bem elaborado por museólogo e um café literário, que seria terceirizado, onde seriam vendidos livros dos escritores cearenses, o que redundaria na melhora da finança da ACL; por último a Comissão de Cultura, composta pelas Acadêmicas Angela Gutierrez, Lourdinha Leite Barbosa, Regine Limaverde e pelos Acadêmicos Batista de Lima e Flávio Leitão, sugeriu: a) que, nas reuniões regulares da Academia, um acadêmico ou acadêmica apresentasse o perfil dos acadêmicos que perlustraram esta Arcádia; b) que fossem realizadas tertúlias literárias nos meses de maio, junho, setembro e outubro, no Jardim dos Poetas ou nos salões e auditórios do Palácio da Luz; c) que fosse realizado grande projeto envolvendo a Secultfor e/ou o Ministério da Cultura em três etapas: visitas de alunos à ACL; realização de conferências na ACL e de encontros denominados Cultura Fortaleza Viva na ACL. Dando continuidade à sessão, o Presidente solicitou que a Acadêmica Maria de Lourdes Leite Barbosa apresentasse o perfil do Patrono da Cadeira 31 – Raymundo de Farias Brito. De maneira clara e concisa, a Acadêmica expôs, em quinze minutos, um resumo dos dados mais importantes desse patrono, referindo-se à sua humilde origem, na cidade de São Benedito, ao seu sofrimento como migrante na seca de 1877, ao Bacharelado em 1884 na Faculdade de Direito em Recife, à Promotoria e ao exercício de Professor de Lógica do Lyceu e de Philosophia da Faculdade Livre de Direito, de Belém, ao concurso que concorreu com Machado de Assis, tendo sido preterido, numa clara injustiça e, finalmente, ao fato de, apesar de ter sido considerado como um dos maiores filósofos do Brasil, estreitar nas letras com um livro de poemas intitulado *Cantos Modernos*, de 1889. Ao término de sua apresentação, foi parabenizada, tendo o confrade Flávio Leitão se referido à passagem de Cervantes em que Dom Quixote, conversando com os filhos do Conde que o hospedava e tendo tomado conhecimento de que o filho mais novo faria concurso para jogral, saiu-se com a afirmação: “Cuide-se para não tirar o primeiro lugar, pois o primeiro lugar é para quem o concurso foi aberto e não para

quem realmente o merece". Como nada mais houvesse a ser tratado, foi encerrada a sessão da qual eu, Flávio Leitão, lavei a presente ata que, após discussão, será aprovada.

Ata da reunião da Academia Cearense de Letras de 10/11/2017

Aos dez dias do mês de novembro do ano de dois mil e dezessete, como de costume, às dezesseis horas, no salão de reuniões da Academia Cearense de Letras, com a presença da Acadêmica Giselda Medeiros, bem como dos Acadêmicos Ednilo Gomes de Soárez, José Augusto Bezerra, João Soares Neto, Linhares Filho e Flávio Leitão, realizou-se a oitava sessão ordinária do biênio 2017/2018. Justificaram a impossibilidade de comparecer à sessão: Angela Gutiérrez, Ernando Uchoa, Carlos Augusto Viana, Lourdinha Leite Barbosa e Regine Lima-verde. Assessorando a Presidência, encontravam-se a Diretora Adjunta Cláudia Queiroz, a Diretora Administrativa Regina Fiúza e a Bibliotecária Madalena Figueiredo. Declarada aberta a sessão, o Presidente demonstrou mais uma vez seu inconformismo com referência à reduzida frequência dos titulares da ACL às reuniões mensais e informou que as sugestões oferecidas pelas quatro comissões: de Revisão dos Estatutos, de Finanças, de Cultura e finalmente de Publicação, não poderiam ser postas em votação pela falta de quorum. Com referência à última Comissão disse que face ao afastamento temporário, por motivo de saúde, de sua presidente – a árcaide Noemi Elisa Aderaldo está cogitando um outro nome para substituí-la, enquanto perdurar seu impedimento. Contudo, mesmo sem número para a tomada de decisões, o Presidente facultou a palavra, tendo o confrade Ednilo Gomes de Soárez informado que, em virtude de suas frequentes estadas em Portugal passou a ter maior entrosamento com a Associação Portuguesa de Escritores que corresponde à nossa Academia Brasileira de Letras. Comunicou que na última ocasião em que lá esteve recebeu

dos árcades portugueses três obras literárias, quais sejam: os números 1 e 2 de *O Escritor* que é a Revista da Associação Portuguesa de Escritores e alentado volume com o título *Eça – Dicionário de Eça de Queiroz*. Relembrou ter sido Eça filho de um relacionamento de uma jovem portuguesa com um brasileiro, sendo, portanto, o que nossos irmãos portugueses chamam de “cedido” que é o correspondente a bastardo no Brasil. Informou ainda que recentemente foi homenageado pela Academia Cearense da Língua Portuguesa, ocasião em que recebeu a Revista no. 13 dessa Academia; que recebeu também a *Revista Acadêmica – Órgão oficial da Academia Brasileira de Estudos e Pesquisas Literárias*, ano 24, de setembro de 2017- número 42. Todas as obras acima referidas foram doadas à Biblioteca deste sodalício. Com a palavra a Acadêmica Giselda Medeiros informou que por ocasião da solenidade comemorativa do quadragésimo quinto aniversário da Academia Cearense da Língua Portuguesa, realizada na Faculdade Sete de Setembro, no dia 27 de outubro pp.foram homenageados vários patronos e fundadores daquela Academia, dentre eles seu ex-professor, membro desta Academia e pai do confrade Flávio Leitão, – o poeta José Valdivino de Carvalho, que foi agraciado com o título de Patrono Emérito da Cadeira 19, sendo a outorga “in memoriam” recebida pelo confrade Flávio Leitão. Lembrou a Acadêmica Giselda Medeiros que a atitude da Academia Cearense de Língua Portuguesa tirou do esquecimento vários outros grandes nomes que pertenceram àquela entidade, como o grande contista cearense Moreira Campos. E como nada mais houvesse a ser tratado, eu, Flávio Leitão, lavrei a presente ata que, após discussão, receberá a assinatura dos presentes.

10ª PARTE

RELAÇÃO DOS ACADÊMICOS E SEUS ENDEREÇOS

Distribuição dos Patronos e Acadêmicos por Ordem de Cadeiras¹

Acadêmicos da primeira fase, sem patronos e sem cadeiras

Farias Brito – Drumond da Costa – José Domingues Fontenele – Benedito Sidou - Franco Rabelo – Pedro de Queirós – F. Alves de Lima – Valdemiro Cavalcante – Álvaro Mendes – José Carlos Júnior – Virgílio de Moraes – José de Barcelos – Antônio Bezerra – Eduardo Studart – Adolfo Luna Freire – Eduardo Salgado – Alcântara Bilhar – Valdivino Nogueira – Henrique Théberge – Rodrigues de Carvalho

OBS - * - Acadêmicos que ocuparam duas ou três cadeiras durante sua vida na Instituição.

Cadeira 1

PATRONOS

- José de Alencar (1922)
- Adolfo Caminha (1930)
- Adolfo Caminha (atual)

OCUPANTES

- Justiniano de Serpa
- Ermínio Araújo
- Sidney Neto

Atual: Sânzio de Azevedo

Rua Leonardo Mota, 1080 - Apto. 501 - CEP 60.170-041 - Fortaleza - Ceará

Cadeira 2

PATRONOS

- Paulino Nogueira (1922)
- Agapito dos Santos (1930)
- Álvaro Martins (atual)

OCUPANTES

- Guilherme Studart
- Amora Maciel
- Luís Sucupira*

Atual: José Batista de Lima

Rua José Alves Cavalcante, 1163 - CEP 60.822-570 - Fortaleza - Ceará

1 Conforme estudo realizado pelo acadêmico José Murilo Martins, titular da cadeira nº 4

Cadeira 3

PATRONOS

- Senador Pompeu (1922)
- Álvaro Martins (1930)
- Antônio Augusto (atual)

OCUPANTES

- Tomás Pompeu
- (Luís Sucupira)
- Martins Filho

Atual: Carlos Augusto Viana

Rua: Manoel Jacaré, 171/1500 - CEP 60.175-110 - Fortaleza - Ceará

Cadeira 4

PATRONOS

- Joaquim Catunda (1922)
- Antônio Augusto (1930)
- Antônio Bezerra (atual)

OCUPANTES

- Antônio Augusto
- J. J. Pontes Vieira
- (Raimundo Girão)
- Milton Dias
- Joaryvar Macedo

Atual: José Murilo de Carvalho Martins

Av. Beira Mar, 3660/401 - CEP 60.165-121 - Fortaleza - Ceará

Cadeira 5

PATRONOS

- Adolfo Caminha (1922)
- Antônio Bezerra (1930)
- Antônio Papi Júnior (atual)

OCUPANTES

- Alf. Castro
- Antônio Furtado
- Fran Martins

Atual: Eduardo Diatahy Bezerra de Meneses

Rua Marlio Fernandes, 140 - Guararapes - CEP 60.810-025 - Fortaleza - Ceará

Cadeira 6

PATRONOS

- Fausto Barreto (1922)
- Antônio Pompeu (1930)
- Antônio Pompeu (atual)

OCUPANTES

- Tomás Pompeu Sobrinho
- F. Alves de Andrade
- Natércia Campos

Atual: Virgílio Maia

Rua Joaquim Nabuco, 250/600 - CEP 60.125-120 - Fortaleza - Ceará

Cadeira 7

PATRONOS

- Liberato Barroso (1922)
- Araripe Júnior (1930)
- Clóvis Beviláqua (atual)

OCUPANTES

- Antonino Fontenele
- (Cruz Filho)
- Mário Linhares
- Nertan Macedo

Atual : Marly Vasconcelos

Rua Martinho Rodrigues, 88 - Fátima - CEP 60.411-280 - Fortaleza - Ceará

Cadeira 8

PATRONOS

- Álvaro Martins (1922)
- Capistrano de Abreu (1930)
- Domingos Olímpio (atual)

OCUPANTES

- (Alba Valdez)
- Valter Pompeu
- Fernandes Távora*
- Aderbal Sales

Atual : Horácio Dídimo

Rua Moreira de Sousa, 525/403 - Parquelândia - CEP 60.450-080 - Fortaleza – Ceará

Cadeira 9

PATRONOS

- Tomás Lopes (1922)
- Domingos Olímpio (1930)
- Fausto Barreto (atual)

OCUPANTES

- Carlos Câmara
- (Fernandes Távora)
- Alencar Matos
- João Clímaco Bezerra

Atual: Genuino Francisco de Sales

Rua Manuel Jesuíno, 728 - Varjota - CEP 60.175-270 – Fortaleza - Ceará

Cadeira 10

PATRONOS

- Lívio Barreto (1922)
- Farias Brito (1930)
- Gonçalo Mororó, padre (atual)

OCUPANTES

- Sales Campos
- Matos Peixoto*
- Abelardo Montenegro

Atual : Ednilo Soárez

Av. Beira Mar, 4777/1500 - CEP 60.165-121 - Fortaleza - Ceará

Cadeira 11

PATRONOS

- Antônio Bezerra (1922)
- Fausto Barreto (1930)
- Guilherme Studart, Barão (atual)

OCUPANTES

- (Otávio Lobo)
- Carvalho Júnior
- Joaquim Alves
- José Valdivino

Atual: Dimas Macedo

Rua Fonseca Lobo, 1355/801-A - CEP 60.175-020 - Fortaleza - Ceará

Cadeira 12

PATRONOS

- Araripe Júnior (1922)
- Franklin Távora (1930)
- Heráclito Graça (atual)

OCUPANTES

- (Cursino Belém)
- (Joel Linhares)
- Natanael Cortez*
- J. C. Alencar Araripe

Atual: José Augusto Bezerra

Av. Rui Barbosa, 748/800 - CEP 60.115-220 - Fortaleza - Ceará

Cadeira 13

PATRONOS

- Martinho Rodrigues (1922)
- Heráclito Graça (1930)
- Jerônimo Tomé, dom (atual)

OCUPANTES

- Soares Bulcão
- (Natanael Cortez)
- Misael Gomes
- Ribeiro Ramos

Atual: Padre Francisco Manfredo Tomás Ramos

Rua Tavares Coutinho, 1736/601-Varjota - CEP 60.155-190 - Fortaleza - Ceará

Cadeira 14

PATRONOS

- Antônio Ibiapina (1922)
- Jerônimo Tomé (1930)
- João Brígido (atual)

OCUPANTES

- Jorge de Sousa
- (Misael Gomes)
- Jáder de Carvalho*
- José Maria Barros de Pinho

Atual: Ernando Uchoa Lima

Av. Beira-Mar, 4320/500 - CEP 60.165-121 - Fortaleza - Ceará

Cadeira 15

PATRONOS

- Antônio Martins (1922)
- João Brígido (1930)
- João Capistrano de Abreu (atual)

OCUPANTES

- José Lino da Justa
- (Jáder de Carvalho)
- Braga Montenegro

Atual: Padre Francisco Sadoc de Araújo

Rua da Ressurreição, 926 - Bairro: Pe. Ibiapina - CEP 62.022-345 - Sobral - Ceará

Cadeira 16

PATRONOS

- Antônio Ibiapina, padre (1922)
- João Moreira (1930)
- João Franklin Távora (atual)

OCUPANTES

- Júlio Ibiapina
- Antônio Teodorico
- Joel Linhares*
- Newton Gonçalves

Atual: Maria Beatriz Rosário de Alcântara

Av. Antônio Justa, 3320/300 - CEP 60.165-090 - Fortaleza - Ceará

Cadeira 17

PATRONOS

- José Avelino (1922)
- Joaquim Catunda (1930)
- Joaquim Catunda (atual)

OCUPANTES

- Álvaro de Alencar
- Renato Braga

Atual: Paulo Bonavides

Rua Manoelito Costa, 281- Lagoa Redonda - CEP 60.831-374 - Fortaleza - Ceará

Cadeira 18

PATRONOS

- Soares Bezerra (1922)
- Joaquim José Vieira, Dom (1930)
- José Cardoso de Moura Brasil (atual)

OCUPANTES

- (Andrade Furtado)
- Otávio Lobo*
- Antônio Girão Barroso
- Geraldo Fontenele

Atual: Angela Gutiérrez

Rua Deputado Moreira da Rocha, 865 - CEP 60.160-060 - Fortaleza - Ceará

Cadeira 19

PATRONOS

- Antônio Tibúrcio, general (1922)
- José Albano (1930)
- José Albano (atual)

OCUPANTES

- Raimundo Arruda
- Martinz de Aguiar
- Mozart Soriano Aderaldo

Atual: Juarez Leitão

Rua Silva Jatahy, 760/1000 - CEP 60.165-070 - Fortaleza - Ceará

Cadeira 20

PATRONOS

- Tristão Araripe (1922)
- José de Alencar (1930)
- José Liberato Barroso (atual)

OCUPANTES

- Antônio Drumond
- Antônio Sales*
- Clodoaldo Pinto*

Atual: Cid Sabóia de Carvalho

Rua Gustavo Sampaio, 1999 - Alagadiço - CEP 60.455-001 - Fortaleza - Ceará

Cadeira 21

PATRONOS

- Oliveira Sobrinho (1922)
- José Liberato Barroso (1930)
- José de Alencar (atual)

OCUPANTES

- Raimundo Ribeiro
- (Clodoaldo Pinto)
- Filgueiras Lima
- Raimundo Girão*
- Osmundo Pontes

Atual: Regine Limaverde

Rua Leonardo Mota, 460/202 - CEP 60.170-040 - Fortaleza - Ceará

Cadeira 22

PATRONOS

- Paula Nei (1922)
- Justiniano de Serpa (1930)
- Justiniano de Serpa (atual)

OCUPANTES

- Quintino Cunha
- Leiria de Andrade*
- Alba Valdez*
- Eduardo Campos

Atual: César Asfor Rocha

Av. Beira Mar, 1400 / 700 - CEP 60.165-121 - Fortaleza - Ceará

Cadeira 23

PATRONOS

- José Sombra (pai) (1922)
- Lívio Barreto (1930)
- Juvenal Galeno (atual)

OCUPANTES

- José Sombra Filho
- Elias Mallmann
- Henriqueta Galeno
- Florival Seraine

Atual: Luciano Maia

Rua Paula Ney, 155/200 - CEP 60.140-020 - Fortaleza - Ceará

Cadeira 24

PATRONOS

- Heráclito Graça (1922)
- Mário da Silveira (1930)
- Lívio Barreto (atual)

OCUPANTES

- Ferreira dos Santos
- (Júlio Maciel)
- Gastão Justa

Atual: Pedro Paulo Montenegro

Rua Visconde de Mauá, 3302 - CEP 60.125-125 - Fortaleza - Ceará

Cadeira 25

PATRONOS

- Valdemiro Cavalcante (1922)
- Gonçalo Mororó, Padre (1930)
- Manuel de Oliveira Paiva (atual)

OCUPANTES

- Francisco Prado
- Demócrito Rocha
- Carlyle Martins

Atual: Pedro Henrique Saraiva Leão

Rua Marcos Macêdo, 1301/301 - CEP 60.150-190 - Fortaleza - Ceará

Cadeira 26

PATRONOS

- Visconde de Sabóia (1922)
- José Cardoso de Moura Brasil (1930)
- Manoel Soares Bezerra (atual)

OCUPANTES

- (Leiria de Andrade)
- (Otávio Lobo)
- Andrade Furtado*
- Otacílio de Azevedo

Atual: Lúcio Gonçalo de Alcântara

Av. Antônio Justa, 3320/300 - CEP 60.165-090 - Fortaleza - Ceará

Cadeira 27

PATRONOS

- Rocha Lima (1922)
- Manuel de Oliveira Paiva (1930)
- Manuel Soriano de Albuquerque (atual)

OCUPANTES

- (Cruz Filho)
- Papi Júnior*
- Epifânio Leite
- Adonias Lima* – Durval Aires

Atual: César Oliveira Barros Leal

Rua José Carneiro da Silveira, 15/301 - CEP 60.150-260 - Fortaleza - Ceará

Cadeira 28

PATRONOS

- João Brígido (1922)
- Oto de Alencar (1930)
- Mário da Silveira (atual)

OCUPANTES

- (Antônio Teodorico)
- José Sombra Filho*
- Leonardo Mota*
- Júlio Maciel
- João Jacques

Atual: Giselda Medeiros

Rua Carlos Vasconcelos, 1847/1203 - CEP 60.115-171 - Fortaleza - Ceará

Cadeira 29

PATRONOS

- Farias Brito (1922)
- Paulino Nogueira (1930)
- Paulino Nogueira (atual)

OCUPANTES

- (Matos Peixoto)
- Carlos Studart Filho
- Itamar Espindola
- José Costa Matos
- José Alves Fernandes

Atual: Ubiratan Diniz Aguiar

Av. Chanceler Edson Queiroz, 200/1301-B - CEP 60. 810-145 - Fortaleza - Ceará

Cadeira 30

PATRONOS

- Alberto Nepomuceno (1922)
- Senador Pompeu (1930)
- Raimundo Rocha Lima (Atual)

OCUPANTES

- (Beni Carvalho)
- Adauto Fernandes
- Josaphat Linhares*

Atual: Linhares Filho

Rua Mário de Alencar Araripe, 185 - CEP 60.833-500 - Fortaleza - Ceará

Cadeira 31

PATRONOS

- Domingos Olímpio (1922)
- Pompílio Cruz (1930)
- Raimundo Farias Brito (atual)

OCUPANTES

- (Fernandes Távora)
- Mozart Damasceno
- Leite Maranhão
- Cursino Belém
- Cláudio Martins – Francisco Carvalho

Atual: Maria de Lourdes Dias Leite Barbosa

Rua Bento Albuquerque, 399/702 - CEP 60.190-080 - Fortaleza - Ceará

Cadeira 32

PATRONOS

- Franklin Távora (1922)
- Raimundo Rocha Lima (1930)
- Raimundo Ulisses Pennafort, cônego (atual)

OCUPANTES

- (Leonardo Mota)
- (Josaphat Linhares)
- J. V. Ribeiro Ramos
- Moreira Campos
- Rachel de Queiroz

Atual: Napoleão Nunes Maia Filho

Rua Cônego Braveza, 475 - CEP 60.822-820 - Fortaleza - Ceará

Cadeira 33

PATRONOS

- Visconde de Sabóia (1930)
- Rodolfo Teófilo (atual)

OCUPANTES

- (Antônio Sales)
- (Tomás Pompeu Filho)
- Perboyre e Silva
- Otacílio Colares

Atual: Noemi Elisa Aderaldo

Rua Andrade Furtado, 333 / Apto 101 - CEP 60.192-070 - Fortaleza - Ceará

Cadeira 34

PATRONOS

- Samuel Uchoa (1930)
- Samuel Uchoa (atual)

OCUPANTES

- (Papi Júnior)
- Dolor Barreira
- J. Figueiredo Filho
- Denizard Macedo
- Vinicius Barros Leal
- José Telles da Silva

Atual: Flávio Leitão

Av. Rui Barbosa, 255/400 - CEP 60.115-220 - Fortaleza - Ceará

Cadeira 35

PATRONOS

- Manuel Soriano Albuquerque (1930)
- Tomás Pompeu (atual)

OCUPANTES

- João Augusto Frota, Padre
- Teodoro Cabral
- Livino de Carvalho
- Cândida Galeno
- Argos Vasconcelos

Atual: João Soares Neto

Av. Beira Mar, 2300/1300 - CEP 60.165-120 - Fortaleza - Ceará

Cadeira 36

PATRONOS

- Tibúrcio Rodrigues (1930)
- Tomás Pompeu, senador (atual)

OCUPANTES

- Rodolfo Teófilo
- J. Martins Rodrigues
- Hugo Catunda

Atual: Carlos Neves d'Alge (+ 20 de dezembro de 2017)

Cadeira 37

PATRONOS

- Tomás Lopes (1930)
- Tomás Lopes (atual)

OCUPANTES

- Adonias Lima
- Mozart Firmeza
- Manoel Albano Amora

Atual: Teoberto Landim

Av. Barão de Studart, 1966/502 - CEP 60.120-001 - Fortaleza - Ceará

Cadeira 38

PATRONOS

- Tomás Pompeu (1930)
- Tibúrcio Rodrigues (atual)

OCUPANTES

- Júlio Maciel
- Monte Arrais
- Menezes Pimentel

Atual: F. S. Nascimento

Rua Prof. Francisco Gonçalves, 1104/202 - CEP 60.135-430 - Fortaleza - Ceará

Cadeira 39

PATRONOS

- Ulisses Pennafort, Cônego (1930)
- Tristão de A. Araripe Júnior (atual)

OCUPANTES

- Moreira Azevedo
- Beni Carvalho*
- Cruz Filho*
- Plácido Aderaldo Castelo
- José Rebouças Macambira

Atual: Mauro Benevides

Rua Tiburcio Cavalcante, 700/21.and. - CEP 60.125-100 - Fortaleza - Ceará

Cadeira 40

PATRONOS

- Luis Miranda (1922)
- Valdemiro Cavalcante (1930)
- Visconde de Saboia (atual)

OCUPANTES

- Antônio Tomás, Padre
- Emídio Barbosa
- Carlos Oliveira Ramos
- Tomás Pompeu Filho*
- Artur Eduardo Benevides

Atual: Durval Aires Filho

Rua Nelson Studart, 227 - CEP 60.811-040 - Fortaleza - Ceará